

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PPGCS**

**NOÉLIA NUNES DA SILVA**

**Entre (des)crer e (des)obecer: uma análise das dinâmicas de construção da norma, do desvio e dos desviantes em comunidades da Assembleia de Deus/Ministério Missão, em Maceió/AL**

**Campina Grande / PB**

**2021**

**NOÉLIA NUNES DA SILVA**

**Entre (des)crer e (des)obecer:** uma análise das dinâmicas de construção da norma, do desvio e dos desviantes em comunidades da Assembleia de Deus/Ministério Missão, em Maceió/AL

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande-PB, como pré-requisito para a obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais.

Orientador: Lemuel Dourado Guerra Sobrinho

Campina Grande / PB

2021

S586e

Silva, Noélia Nunes da.

Entre (des)crer e (des)obecer: uma análise das dinâmicas de construção da norma, do desvio e dos desviantes em comunidades da Assembleia de Deus/Ministério Missão, em Maceió/AL / Noélia Nunes da Silva. - Campina Grande, 2022.

181 f. : il. Color

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação: Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho".

Referências.

1. Assembleia de Deus. 2. Tradição. 3. Desvio. 4. Racionalização.  
5. Modelos Normativos Assembleianos. I. Guerra Sobrinho, Lemuel Dourado. II. Título.

CDU 279.153:3(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS  
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP  
58429-900

## **FOLHA DE ASSINATURA PARA TESES E DISSERTAÇÕES**

**NOÉLIA NUNES DA SILVA**

ENTRE (DES)CRER E  
(DES)OBEDECER: UMA  
ANÁLISE DAS DINÂMICAS DE  
CONSTRUÇÃO DA NORMA, DO  
DESVIO E DOS DESVIANTES  
EM COMUNIDADES DA  
ASSEMBLEIA DE  
DEUS/MINISTÉRIO MISSÃO, EM  
MACEIÓ-AL

Tese apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Ciências  
Sociais como pré-requisito para  
obtenção do título de Doutor em  
Ciências Sociais.

Aprovada em: 16/12/2021

Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho - PPGCS/UFCEG  
Orientador

Prof. Dr. José Maria de Jesus Izquierdo Villota - PPGCS/UFCEG  
Examinador Interno

Prof. Dr. Rodrigo de Azeredo Grunewald - PPGCS/UFCEG

## Examinador Interno

Profa. Dra. Maria da Conceição Mariano Cardoso van Oosterhout - UACS/UFMG

Examinadora Externa

Prof. Dr. José Pereira de Sousa Júnior - UPE

Examinador Externo



Documento assinado eletronicamente por **RODRIGO DE AZEREDO GRUNEWALD, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/12/2021, às 18:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **LEMUEL DOURADO GUERRA SOBRINHO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/12/2021, às 11:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA DA CONCEICAO MARIANO CARDOSO VAN OOSTERHOUT, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/12/2021, às 15:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOSE MARIA DE JESUS IZQUIERDO VILLOTA, PROFESSOR 3 GRAU**, em 20/12/2021, às 16:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOSE PEREIRA DE SOUSA JUNIOR, Usuário Externo**, em 21/12/2021, às 11:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **2024362** e o código CRC **C3976B9E**.

“Poder é toda chance, seja ela qual for, de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra a relutância dos outros”.  
(WEBER)

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho atual figura um momento de maior maturidade acadêmica e pessoal em relação à dissertação anteriormente realizada sobre os assembleianos. É gratificante concluir o trabalho e saber que minha subjetividade sobreviveu aos diversos conflitos potencializados pelo campo de pesquisa, configurado de fato, como “campo de lutas”, após minha ruptura com a igreja. Neste processo de construção de análises, clarificações tornaram-se possíveis e novos questionamentos também, mas o maior marco foi tê-lo encerrado em meio às tensões que eu não sabia serem referidas à AD/MM enquanto “instituição” ou ao próprio cristianismo em geral e ao pentecostalismo especificamente.

Existem múltiplos tipos de experiências assembleianas, rotuladas pelos membros como positivas, negativas, medianas *etc.* A lista é imensa, e isso me abre os olhos para a existência de uma diversidade dentro do que eu chamo de “sistema cultural assembleiano” e sou grata por esta descoberta. Anteriormente à investigação eu só enxergava homogeneidade, e isso me parecia bastante pesado. Sou grata pelo processo vivido até aqui, pela oportunidade de aprofundamento de várias questões, de entender “um pouco” do universo deste “sistema” e contribuir, desta forma, para o campo da sociologia da religião.

São muitas as pessoas envolvidas neste processo. Foram aproximados 5 anos, e dentro deste tempo tantas coisas aconteceram. Para que um ciclo se inicie, se desenvolva e se encerre, sempre temos ao menos algum mecanismo de sustentação. Nela, em meu processo, estão seres humanos ímpares que ocupam a posição de “fontes”, sejam elas vitais ou de perseverança e força. A fonte vital é você, Pamela, minha filha, ainda um bebê de 1 ano e 8 meses, mas que consegue mobilizar minhas energias e colorir de sentido tudo o que me proponho. Desejo que um dia leias este trabalho de tese e te encontres por entre as linhas. Espero conversar com você sobre ele. Você está aqui, em cada parágrafo, como essa energia vital realizadora.

À minha irmã Noemi e também a seu esposo e a sua mãe, que sempre me foram presentes, incondicionalmente, proporcionando de modo humano toda atenção de que precisei na empreitada em curso, na qual ocupei a posição de “pesquisadora” e de “mãe”. Sobretudo no processo de escrita deste trabalho. Aos meus pais que, dentro dos recursos emocionais e objetivos de que dispõem, me auxiliaram com minha bebê no momento em que dei início ao trabalho de campo e leitura do referencial teórico.

Ao meu querido orientador, Lemuel Guerra, pela brilhante orientação, atenção e cuidado humano dispensados. Sem falar na paciência demonstrada a mim em razão da minha nova condição, a de mãe. És incrível. Sou grata por te conhecer!

Sou grata, ainda, pela bolsa que recebi da CAPES Durante o curso de doutorado, a qual me deu possibilidade de dedicação exclusiva às etapas de construção deste trabalho.

E... a “deus”, cuja existência adquiriu menor peso sobre a minha existência após o rompimento com a instituição aqui focalizada e cujo sentido e existência pode-se realizar

plenamente a partir de meu protagonismo. A “Ele” agradeço a saúde e energia possibilitadas para os esforços físicos e intelectuais aqui empreendidos.



**Entre (des)crer e (des)obedecer: uma análise das dinâmicas de construção da norma, do desvio e dos desviantes em comunidades da Assembleia de Deus/Ministério Missão, em Maceió/AL**

**Resumo**

Este trabalho tem o objetivo de compreender como são construídos a norma, o desvio e os desviantes na igreja Assembleia de Deus, Ministério Missão em Maceió (AD/MM) - Alagoas, tomando como referência as dinâmicas de transformação do sistema normativo da referida igreja. Partindo da abordagem compreensiva de Weber, analisamos o funcionamento do que chamamos de “sistema cultural assembleiano”, seu *modus operandi*, discutindo como se tornou possível a modelação tradicional assembleiana e os processos de transformação dos regimes de normatividade e de definição da desviância, para compreender as experiências em relação ao desvio a partir de uma amostra intencional de sujeitos de comunidades religiosas do subcampo supracitado, estratificada por sexo, faixa etária, escolaridade, posição institucional e tipo de congregação de que participam. Como técnicas de coleta de informações usamos a entrevista estruturada e semi-estruturada, a observação direta e participante e a análise de trajetórias dos sujeitos selecionados, além do caso da própria pesquisadora. Para a análise do desvio, utilizamos a abordagem de Becker, realizando um estudo *multivariado* do desvio na AD/MM, focalizando aspectos relacionais, contextuais e situacionais do mesmo. Dentre as principais conclusões, destacamos as seguintes: (1) as relações familiares e religiosas dos fiéis são perpassadas pela construção de percepções relativas à *norma* e ao *desvio*, as quais ativam, por um lado, a rotulação de comportamentos, e, por outro, linhas de fuga da ortodoxia pela afirmação de individualidades que desnaturalizaram modelos de religiosidade entendidos como prejudiciais à vivência do ‘evangelho’, à relação com deus e dos indivíduos consigo mesmos; (2) a valorização da ciência e dos estudos teológicos tem alterado o perfil dos assembleianos no que se refere à produção e recepção das mensagens institucionais em geral e especificamente em relação à *norma* e ao *desvio*.

**Palavras-chave:** Assembleia de Deus; tradição; desvio; racionalização; modelos normativos assembleianos

***Between (dis)Believing and (dis)Obeying: an Analysis of Construction Dynamics of the Norm, Deviation and Deviants in Communities of the Assembly of God/Ministry of Mission, in Maceió (Alagoas State, Brazil)***

***Abstract***

*This work aims to understand how the norm, deviation and deviants are constructed in the Assembly of God church, Mission Ministry in Maceió - Alagoas, taking as reference the transformation dynamics of the church's normative system. Starting from a comprehensive approach of Weber, we analyze the functioning of what we call "Assemblies cultural system", its modus operandi. We discuss how the traditional Assembly modeling became possible and the processes of transformation of normativity and definition regimes of deviance, seeking to understand the experiences related to deviation from an intentional sample of subjects from religious communities in the aforementioned subfield, stratified by sex, age group, education, institutional position and type of congregation in which they participate. As data collection techniques, we used structured and semi-structured interviews, direct and participant observation and the analysis of the selected subjects' trajectories and the researcher's case. For the analysis of the deviation, we used Becker's approach, carrying out a multivariate study of the deviation in AD/MM, focusing on relational, contextual and situational aspects of it. Among the main conclusions, we highlight the following: (1) the family and religious relationships of the faithful are permeated by the construction of perceptions around the deviation, which activate, on the one hand, the labeling of behaviors, and, on the other, lines of escape from orthodoxy through the affirmation of individualities that denaturalized models of religiosity understood as harmful to the experience of the 'gospel', to the relationship with God and of individuals with themselves; (2) the recourse to rationality, the valorization of science and theological studies has changed the profile of the assemblies regarding the production and reception of institutional messages in general and specifically regarding to the norms and deviation.*

***Keywords:*** *Assembly of God; Tradition; Deviation; Rationalization; Assembly of God Normative Models.*

## SUMÁRIO

### **Introdução**

Notas de uma pesquisadora de “dentro” -----	11
Metodologia da pesquisa -----	21
Os objetivos e eixos da ideia da tese -----	28
Elias, a hipertrofia do indivíduo e a balança do ‘eu-nós’ na AD/MM -----	29
A estruturação do texto -----	42

### **CAPÍTULO 1 - ASPECTOS HISTÓRICOS E A FORMATAÇÃO DA IDENTIDADE ASSEMBLEIANA**

1.1 A fundação da Assembleia de Deus Missionária no Brasil e em Alagoas -----	49
1.2 A doutrina assembleiana e a produção de condutas: o “culto” de doutrina -----	52
1.3 A construção da norma a partir das resoluções de 1975 e 1990: uma análise da transformação -----	73
1.4 A construção do desvio e dos desviantes na igreja Assembleia de Deus -----	87

### **CAPÍTULO 2 - A QUESTÃO DE GÊNERO NA ASSEMBLEIA DE DEUS/MM: A DOUTRINA PENTECOSTAL *VERSUS* A EXPERIÊNCIA**

2.1 A dominação masculina na AD/MM -----	103
------------------------------------------	-----

### **CAPÍTULO 3 – DILEMAS DO RETORNO DA EX-NATIVA AO CAMPO, COMO PESQUISADORA**

Revisitando o lugar (des)conhecido -----	123
------------------------------------------	-----

### **CAPÍTULO 4 – TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS SOCIOCULTURAIS RELATIVAS À CONSTRUÇÃO DO “DESVIO” E DA “EXEMPLARIDADE” NA AD/MM**

O paradoxo da “religião” versus “evangelho”: a emergência de um novo perfil assembleiano a partir dos distanciamentos geracionais -----	133
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

<b>Considerações finais</b> -----	175
-----------------------------------	-----

<b>Lista de referências</b> -----	178
-----------------------------------	-----

## Introdução

### Notas de uma pesquisadora de “dentro”

Realizar uma investigação sociológica em um espaço social e físico com o qual a pesquisadora tem um envolvimento e no qual ocupa uma posição implica, em alguns entaves que, para alguém de fora e sem a condição de interno-divergente, associada à trajetória intelectual de inserção nas ciências sociais não se colocariam. A dupla condição - a de participação na comunidade e a de pesquisadora – apontam para o que Novaes (1994) discute como uma espécie de sincretismo entre ciência e religião, o qual potencializa conflitos existenciais e ativam a complexificação da percepção do campo e o estremecimento das convicções que a pesquisadora possuía, enquanto simples nativa, como sucedeu no caso desta pesquisa.

Comecei a me interessar pelo estudo sobre o desvio na igreja Assembleia de Deus Ministério Missão (AD/MM) por incômodos pessoais relativos à minha trajetória pessoal, recentemente marcada pela experiência de adoção de posturas consideradas desviantes pelos ‘irmãos na fé’ e pela instituição.

Ser colocada pelos membros da comunidade da qual participava na categoria de ‘desviante’ foi então o principal motivo da emergência do meu interesse por investigar a construção grupal de práticas definidas como ‘desviantes’, adotando então a perspectiva adotada por Becker (2008), segundo a qual o desvio seria uma categoria que surge a partir da fabricação e hegemonização de modelos de normatividade pelos grupos sociais.

A produção e legitimação de normas, formais e informais, que acontece em qualquer que seja o grupo considerado, produz o que o autor denomina de *outsiders*, sujeitos infratores que mobilizam lógicas distintas e inversas das que são aceitas pelos que plausibilizam ordens vigentes. É, portanto, a legitimação de um sistema de normas que produz a categoria do desvio, da desviância e do desviante.

As práticas classificadas como ‘desviantes’, além de ocasionarem as tensões sobre comportamentos e usos denominados de “certos” e “errados” pelos membros do grupo, e mais especificamente aqui, pela instituição religiosa estudada, não são fixas. Elas atravessam transformações relativas ao curso histórico-processual e geracional.

A princípio, percebi que a minha condição de participante da comunidade religiosa pesquisada era um fator facilitador para a investigação, na medida que me dava acesso a detalhes que seriam importantes na investigação, no sentido de experimentar ‘por dentro’ os sentidos e as lógicas culturais que geralmente o pesquisador aborda ‘de fora’. Por outro lado, a dupla condição de pesquisadora e nativa, pelas dinâmicas da reflexividade, me constituíam como uma participante *sui generis*, na medida que, usando lentes de perspectivas teóricas, e as da metodologia/epistemologia enxergava aquele espaço de modo eventualmente inacessíveis aos nativos comuns.

Nessa situação ambivalente, pode ocorrer o pender da balança hora para uma posição, hora para outra. Foi o que ocorreu comigo durante o processo de pesquisa e analítico. Como resultado de um esforço reflexivo de afastamento das pré-noções, que culminou em uma relativização da subjetividade de nativa, passei a enxergar a igreja de modo familiar e também como exótica (DAMATTA, 1978). A partir da compreensão das relações de dominação masculina, no tocante ao processo político de produção de regras – e de desvios – pela instituição e comunidade, fui forjando um posicionamento político diante de tais questões, de modo que me distanciava progressivamente da adesão aos padrões de significações e de concepções comuns à cultura do grupo analisado.

A posição ‘pesquisadora’ produziu em mim uma sensação de deslocamento, de modo que eu já não sabia mais qual lugar eu ocupava na comunidade e no ‘mundo’, em razão de uma crise de identidade em mim instalada. Tomada muitas vezes por um sentimento forte e angustiante, passei a conviver com muitas dúvidas acerca de como eu poderia equilibrar minha condição de nativa e pesquisadora. Na verdade, eu havia me desterritorializado, passando a ocupar uma zona liminar entre a condição de Noélia-fiel/participante da comunidade e a de Noélia-pesquisadora.

A angústia passou a ser minha companheira cotidiana durante a pesquisa, rendendo-me noites em claro, momentos em que eu não conseguia parar de analisar e experimentar a experiência da produção de um novo ‘eu’. Junto a esse dilema, passei a pensar sobre as possíveis rupturas que uma condição *desviante* poderia ocasionar, uma vez que, ao me desconstruir, enquanto assembleiana, eu já não me privava de determinados comportamentos condenados pela igreja, os quais muitas vezes antes da condição de pesquisadora tinham sido ‘devidamente’ reprimidos.

Busquei na memória o momento em que a sensação de deslocamento teve início. Lembrei-me que, antes mesmo de iniciar a pesquisa no mestrado, já formada em Ciências Sociais, as roupas que eu possuía pareciam não mais corresponder aos meus gostos. Sentia-me desconfortável em vestir roupas que indicavam minha posição anterior de “assembleiana”. Nesse momento, sentia apenas o incômodo, sem perceber que eu já estava ‘indo embora’ da Assembleia de Deus.

Esse não reconhecimento no vestuário durante cerca de 15 anos de participação efetiva na AD usado confortavelmente gerou diversos conflitos com o meu então cônjuge, que era um assembleiano típico. Eu estava mudando. Aos poucos fui compreendendo que a razão do desconforto em usar trajes que usava há tanto tempo não se restringia apenas ao fato de me sentir deslocada da subcultura do grupo, mas também indicava a emergência do questionamento em relação ao “controle” e “repressão” através dele exercido.

A partir de então, passei a me sentir incomodada ao ver, principalmente, as mulheres na rua, no ônibus e em outros espaços, sobretudo na periferia, usando saias (quase sempre jeans) com altura mínima nos joelhos e blusas com mangas, como estabelecido nos usos e costumes assembleianos. Às vezes, para fugir da sensação de angústia e incômodo, desviava o caminho ao encontrá-las, para não ter que me aproximar de um perfil que remetia àquele em que eu durante tanto tempo me enquadrara e que passara a não mais reconhecer. Eu me questionava se aquelas mulheres realmente se sentiam bem em usar aquelas roupas ou se apenas buscavam agradar aos maridos, aos pais, à liderança da igreja e demais membros, visto que eu lembrava que, mesmo antes de identificar em mim a sensação de deslocamento, sentia a força da repressão, como se as roupas e o não poder usar “isto” ou “aquilo” fossem uma materialização da submissão ao poder da comunidade religiosa da qual fazia parte.

Frequentemente pensava que aquelas mulheres estavam, assim como eu havia estado, inseridas em uma figuração cujos códigos são reconhecidos, sustentados e aceitos pela crença em um imaginário forjado no âmbito da AD, em cujo âmbito se produz um estilo de vida considerado legítimo pela maioria de seus participantes. Antes mesmo desta pesquisa, mas com maior força a partir dela, passei por um movimento de desdobramento biográfico que hoje divido em três momentos: o de conflito, o de aceitação e o de ruptura com a cultura do grupo religioso mencionado.

O primeiro momento foi quando eu descobri que estava me distanciando da cultura da AD, passando a me sentir incomodada por viver dentro de padrões restritos, e por longos anos

ter vivido imersa em um estilo de vida que buscava interferir e impor sua lógica nos outros espaços frequentados, intervindo em meu comportamento em outros ambientes.

Tornei-me bastante crítica sobre as razões de não ter conseguido me desprender da esfera religiosa anteriormente. Incomodava-me recordar que a todo instante eu deveria lembrar que eu era assembleiana e, por isso, deveria me policiar constantemente, ao invés de simplesmente viver. O cumprimentar com a “paz do Senhor! todas as vezes que eu encontrava ou falava por telefone com algum “irmão/irmã na fé” também passou a me gerar insatisfação, na medida que considerava desnecessária e cansativa a sequência de vezes com que se deveria cumprimentar (ao telefone, pessoalmente, no início e também na despedida), estando ou não no espaço de realização de atividades religiosas da AD.

Enquanto os assembleianos defendem que o cumprimento é o reflexo da intimidade com o divino, para mim havia ficado claro que fazê-lo era mais um sinal coercitivo de pertença e submissão ao controle institucional. Da mesma forma, o uso do vestuário considerado apropriado pela AD, denotava para mim o desejo institucional e comunitário de controle do comportamento, produzindo em mim um sentimento de desgaste e insatisfação.

Na AD, o fato de não se cumprimentar com ‘a paz do Senhor’ é interpretado como desvio da igreja ou “dos caminhos do Senhor”. A interpretação nativa<sup>1</sup> realizada é a de que o sujeito não é mais “crente”, mesmo quando ocorre que o sujeito apenas migrou de instituição religiosa, permanecendo cristão. Desse modo, por temer represálias, sempre busquei cumprir com esta obrigação, que adquiriu uma conotação de fardo, após um exercício de reflexão existencial e analítica.

Ter me deslocado (subjctivamente e, depois, concretamente) da cultura assembleiana me concedeu a possibilidade de enxergar com maior precisão, no processo de análise, o jogo no qual estão imersos os agentes de dominação e também os dominados na AD. Foi preciso sair da condição de nativa para conseguir - sim, “conseguir” -, realizar a pesquisa mais a contento. A condição de membra me sufocava e me impedia de entender o jogo de disposição dos agentes de modo mais preciso, uma vez que com a pertença eu me sentia imbuída da obrigação de ter que ser, de fato, uma assembleiana. Nesse sentido, eu não conseguia mais negociar, como havia feito, em certa medida, por algum tempo, adotando práticas consideradas desviantes com discrição, como no caso do uso de batons e de joias. Eu não

---

<sup>1</sup> Em sua forma majoritária, porém sem generalizar, considerando a distinção entre os modelos assembleianos evidenciados no campo de pesquisa.

conseguia estar lá de corpo sem estar lá de alma. Esse foi o momento mais difícil, pois embora eu tivesse a ciência de não mais pertencer à cultura, ainda não havia aceitado meu desligamento.

Eu temia que esse dilema pudesse prejudicar a análise, uma vez que a angústia sentida me faria perder tempo a ser aplicado nela. Por outro lado, a condição de deslocamento e a angústia ocasionada por essa condição, fizeram-me pensar em como esse sentimento era nada mais que o reflexo da minha posição desprivilegiada, enquanto jovem e mulher em um campo de disputas eminentemente masculino e em termos etários dominados por adultos de meia idade, no qual a minha função ou papel era apenas o da submissão.

Enquanto nativa “mulher” jovem eu deveria obedecer e não questionar, visto que, conforme defendido por alguns membros homens e em posições de liderança na hierarquia da igreja, inclusive o meu cônjuge na época, eu estaria sendo uma “pedra de tropeço para outros membros”. Em outras palavras, eu estaria potencializando na comunidade, a partir de um “mau exemplo”, um comportamento ‘errôneo’ e ‘desviante’. Além disso, de acordo com eles, eu não estaria sendo uma mulher “sábia” e que “edifica a sua casa”.

A condição de pesquisadora me ajudou, inicialmente, a compreender as razões do conflito que já havia se instalado em minha subjetividade. Adquirida essa compreensão, tornou-se inviável continuar na condição de membro da AD. A dupla condição inviabilizava o meu trabalho de pesquisadora, pois, quanto mais eu compreendia o jogo, mais se ampliava a angústia de ‘pertencer sem me sentir parte’, levando-me a uma situação de paradoxo entre as posições de membra da instituição e também de pesquisadora, o que produzia inquietação e travamentos.

Viver essa dualidade, essa dupla condição, produziu, por um lado, um sentimento de felicidade, por experimentar a sensação de liberdade subjetiva proporcionada pela condição de pesquisadora; por outro, pude sentir uma prévia sensação de desgaste, pelo fato de abandonar tudo o que eu havia construído e estabelecido como projeto para a minha vida, a partir do início do pertencimento à igreja, pois, à medida que eu externalizava as mudanças, eram estabelecidos confrontos e tensões com os atores sociais com os quais eu mantinha laços. Com a sensação de liberdade possibilitada pela desconstrução das lógicas antes consideradas legítimas, já podia sentir claramente um afrouxamento e o esfacelamento do próprio pertencimento em sua condição subjetiva, isto é, na dimensão das ideias, o que se



materializava, por sua vez, em ações “desviantes”, bem como os impactos disso na dimensão familiar-conjugal.

A intensidade da sensação de ruptura interna, que só foi exteriorizada depois da ruptura matrimonial, ganhava forma justamente por temer o que poderia acontecer caso eu viesse a assumir, sem mais negociar, as mudanças de cunho estético-corporal, no uso de trajés considerados pela cultura assembleiana como “mundanos”. Neste sentido, o uso da calça comprida foi marcante na ruptura de relações com alguns atores sociais, as quais já estavam por um fio.

A fragilidade sentida na relação conjugal e também com outros parentes fez com que eu questionasse, enquanto participante da AD, se as possíveis rupturas prestes a ocorrer viriam de minha parte de modo indireto, isto é, se eu estaria, a partir de um não enquadramento, colocando-me fora da cultura e, conseqüentemente, ameaçando um vínculo já estabelecido, ou se seria o próprio espaço simbólico institucional que estaria prestes a me excluir.

Nesse processo de autoanálise, ocorrido durante a ruptura da relação matrimonial e com outras relações estabelecidas no âmbito da comunidade da AD que eu frequentava, descobri, a partir de minha própria experiência, que, na cultura assembleiana, as dimensões familiar e religiosa estão fortemente conectadas, de modo que quaisquer alterações em uma das duas esferas pode impactar a outra. Cada vez mais eu sentia uma fricção entre a condição de membra da AD e a de pesquisadora, de modo que eu nem sempre sabia com clareza identificar os limites entre uma e outra. Por um lado, eu não me sentia mais tão ‘nativa’; por outro, a condição de pesquisadora estava sendo forjada concomitante à análise, ainda em processo.

Os dilemas enfrentados em minha consciência se davam pela transformação do meu *habitus* e pelas dúvidas em saber se as mudanças que estava vivendo seriam aceitas, respeitadas, se haveria a possibilidade de a minha nova condição individual ser compreendida ao menos pela minha família. Por vezes, refleti sobre a visão de Elias (1994) segundo a qual a separação entre “indivíduo e sociedade” é ilusória. Eu estava confrontando a relação de dominação sentida na pele por tantos anos. O resultado eu já poderia prever. A necessidade interna de romper com a igreja ganhou força quando, em conversa com um líder religioso, senti estremecer dentro de mim o quão forçosamente, segundo ele, eu deveria me enquadrar, pois se tratava de uma comunidade com regras, que pune e reage ao ‘desviante’, mesmo que

apenas pelo anonimato e pela invisibilidade impostos. Nesse ponto, já não fazia sentido para mim aceitar regras que passaram a ser percebidas em seu caráter arbitrário.

Após a longa conversa, que se estendeu até cerca de duas horas da manhã, em uma noite de sexta-feira, na presença de sua esposa e do até então meu cônjuge, que se mantiveram à margem durante a mesma, senti-me ainda mais angustiada, por perceber na pele a implacabilidade da relação de dominação da estrutura hierárquico-religiosa sobre os indivíduos. Sobretudo, sobre mim, na condição de mulher.

Outra experiência marcante e decisiva para a ruptura subjetiva em questão se deu em um confronto com outro líder religioso e sua esposa, que tentavam me convencer da “correção” do estabelecido pela AD/MM em relação às vestimentas, argumentando que as práticas vestuárias das outras igrejas cristãs faziam parte de um “arsenal maligno”. Na opinião deles, eu compactuaria com este arsenal, já que, naquele momento, eu mobilizava esforços de “defesa” daquelas práticas, chamando a atenção para o fato de que as comunidades cristãs divergem em costumes e crenças, sem deixarem de ser cristãs. Diante disso, fui definida como uma *outsider* (BECKER, 2008), já que, além de infringir subjetivamente e concretamente as regras assembleianas, estava movida por uma lógica distinta da que é estabelecida pela hierarquia da AD/MM.

No confronto com os representantes da hierarquia e da comunidade religiosa da qual participara durante cerca de 15 anos, eu mobilizava os instrumentos teórico-conceituais socioantropológicos, o que me dava condições para pensar no estilo de vida dos grupos a partir das margens, sem invalidar as minhas crenças e mesmo o meu vínculo com a instituição. Nas duas discussões com os líderes acima citadas, percebi o quanto aquelas ocasiões, muito mais que um esforço sem êxito para fazer com que eles respeitassem o que nesta pesquisa chamo de “desviantes”, entre os quais me incluo, foi uma situação de ‘gafe’ no sentido de Goffman (1989). Talvez eu tivesse movida por uma ingenuidade “progressista” e ilusória. Naqueles momentos ficou ainda mais claro o quão forte a cultura da AD/MM se revelava avessa a estilos heterodoxos de vida, o que é bem perceptível nas relações e contatos entre membros.

Refletindo sobre as ocasiões de embates explícitos com lideranças da ADM supracitadas como nas interações com membros da AD/MM, pude extrair a verdade subjetiva dos sistemas de controle institucionais (BOURDIEU, 2011), chegando ao que não é revelado explicitamente, mas somente identificado no processo de análise.

A partir das situações acima descritas, passei a me questionar sobre a razão de minha permanência em um grupo que claramente expressa uma dificuldade de viver com o diverso, e aceitar quaisquer práticas distintas das institucionalmente estabelecidas, inclusive as observadas entre os seus vizinhos de fé, os cristãos pertencentes a outras igrejas. A essa altura, já me encontrava no segundo momento do meu dilema, que estou chamando aqui de “aceitação”, passando a ter a certeza de que, de fato, não mais me enquadrava na cultura assembleiana. Diante da identificação clara de não enquadramento, senti que precisava tomar a decisão de romper com a instituição. Entretanto, o meu estado civil continuava a me segurar em tal ambiente. O silêncio do meu cônjuge e, em outras ocasiões, algumas críticas, como na situação acima relatada, revelavam o quanto uma ruptura estava por acontecer. “Você mudou!”, disse-me ele em várias ocasiões, antes de romper o matrimônio, “devolvendo-me” ao meu pai sob esta justificativa.

Algumas situações durante o trabalho de campo, através das entrevistas com membros, antes dessa ruptura, já me haviam feito compreender que uma condição “desviante” desperta nos ortodoxos uma sensação de que se está “perdendo” as pessoas com quem se tem um vínculo estabelecido. No caso dos homens assembleianos casados, o desconforto parece aumentar em razão da desnaturalização dos códigos e elementos culturais da igreja referidos aos papéis das esposas, que estabelecem as condições para que a relação de dominação masculina predomine e se reproduza. Conforme ficará claro no decorrer deste texto, a relação de dominação do homem sobre a mulher é um dos pilares em que se sustenta a cultura da AD/MM. Em razão disso, é justificável que ocorram conflitos e, em alguns casos, uma situação de ruptura, quando a mulher demonstra um comportamento de construção de autonomia frente à cultura religiosa institucional, na medida em que isso abala o seu pertencimento à igreja e a aceitação de suas normas, visíveis e invisíveis, da qual se espera um comportamento “submisso” em relação aos homens, visto como base da ‘harmonia entre o casal’.

O fim do casamento definiu o terceiro momento da minha trajetória seguida desde o início do processo de investigação aqui focalizado: o da ruptura com a instituição religiosa. Neste momento, parte das minhas angústias foram sendo sanadas. O casamento era o fio que estava sustentando a minha permanência na igreja. Novamente, não sabia se sentia alívio ou desolação, alegria ou tristeza.

Ao me separar do meu então marido, refleti o quanto a condição de pesquisadora me havia feito compreender que os vínculos, mesmo matrimoniais, são sustentados, em muitos casos, pelo pertencimento, pelo enquadramento, pelo ônus e pelo bônus presentes e devidamente compartilhados em uma representação simbólica partilhada (GOFFMAN, 1989). Com o fim do casamento, pude experienciar com mais completude a crise do *habitus* em que havia sido socializada, as mudanças em relação a uma cultura que eu outrora reconhecia e passava a questionar. Na condição de pesquisadora, um maior deslocamento para o interior da cultura sob uma ótica sociológica fez-me posicionar e ser posicionada para fora dela. Como discute Bourdieu (2004), pude sentir, na prática, a modificação nas estruturas estruturadas, as quais, ameaçadas em seu poder de estruturação abriam espaço para um repertório de ações para fora das relações e vínculos que eu havia estabelecido com a AD/MM.

Através de uma experiência de mim que implicava em um paradoxo existencial, identitário, subjetivo, a condição de pesquisadora e a de assembleiana, passei a partilhar valores de uma “contracultura”, se considerada como matriz a cultura da AD/MM, expressa pelas práticas *desviantes*, não apenas identificadas em mim, mas em muitos outros membros da comunidade de que eu participava.

Acompanhando Bourdieu (2011), entendo que os indivíduos só podem ser compreendidos a partir de suas posições objetivas em um jogo, no campo onde estão situados. É nesse espaço onde se revelam os interesses e as tensões frente a outros campos distintos e outros sistemas de regras (BECKER, 2008).

Cada ator social vive e fala a partir de posições e de referenciais que lhe correspondem. No meu caso, a sensação de deslocamento produzida, primeiro a partir da formação acadêmica em Ciências Sociais e, segundo, por ocasião do mestrado em Sociologia, resultou na experiência de uma condição institucionalmente definida como ‘desviante’, tornando-se um mecanismo de compreensão da experiência de outros jovens e, principalmente, de mulheres que, semelhantemente, vivem uma experiência conflituosa entre elas mesmas, em suas experiências individuais, e a cultura assembleiana, marcadamente avessa à divergência, machista e repressiva.

As múltiplas socializações, bem como o atravessamento por campos diversos e a ocupação de diferentes posições nos campos em que se atua correspondem a potenciais fricções entre *habitués* ou camadas de *habitués*, sob cuja força são moldadas disposições,

ações referenciais adotados pelos indivíduos ao longo de suas trajetórias de vida (BOURDIEU, 2004).

As fricções supracitadas se intensificaram a partir da minha socialização na academia, por ocasião da minha formação em Ciências Sociais, experiência que confrontou a minha experiência religiosa e também a dimensão familiar. Esse confronto revelou, e aqui me apoio nas reflexões de Lahire (2002), que as experiências práticas/ações dos sujeitos não obedecem com precisão ou de modo mecânico a apenas um sistema de disposições primariamente incorporado, sendo este afetado por outros processos de socialização experienciados pelos sujeitos.

Há confronto entre múltiplos esquemas de classificação e significação das coisas e do mundo, constantemente internalizados e externalizados, ao longo dos processos de socialização vividos pelos sujeitos ao longo de suas vidas. Durante uma trajetória biográfica as ações individuais e seus significados são produzidas como resultado de lógicas, reflexividades que atravessam os sujeitos, frequentemente produzindo o encontro entre disposições heterogêneas internalizadas tensionadas com as situações cotidianas, produzindo ações também heterogêneas, uma vez que, tendencialmente, não são, segundo Lahire (2005), orientadas por um único princípio socializador, restrito e engessado nas consciências individuais.

A experiência de ser jovem/mulher assembleiana, mas também com identidades moldadas a partir de outros referenciais, aponta para tensões entre diferentes campos e seus distintos esquemas geradores de *habitués*, os quais, na experiência prática, disponibilizam para os atores sociais novas possibilidades de lógicas e de ação, bem como os expõem à experimentarem classificações como “desviante” ou “convergente”, conforme o campo e o ponto de vista neles adotado, (BECKER, 2008). A AD/MM, como outras religiões ortodoxas, podem funcionar, dependendo do momento biográfico dos indivíduos como a estrutura estruturada dominante sobre todos os demais campos da vida social.

Esta tese é, em grande medida, o resultado da experiência biográfica da pesquisadora, na qual as posições de *convergente* e *divergente* foram sucessivamente ocupadas, desdobrando-se no interesse em entender as dinâmicas de produção dos sistemas de normatização vigentes na AD/MM ao longo do tempo, bem como do *desvio* e da *desviância*. Para construir a abordagem de uma experiência pessoal em interface com os outros casos de

tantos outros indivíduos participantes da comunidade religiosa aqui focalizada, percorremos um complexo percurso metodológico que passamos a apresentar na seção seguinte.

### **Metodologia de pesquisa**

Neste trabalho adotamos uma linguagem declarativa, de modo a contemplar nosso interesse de que os nossos achados se tornem os mais acessíveis possíveis aos seus futuros leitores não especializados, partindo da ideia de escrevermos sobre humanidades e, sobretudo, “para” as humanidades. Adotamos este estilo de escrita por almejar um trabalho mais autoral possível, desprovido de uma exacerbação de um discurso universitário que, em muitos casos, desdobra-se no recurso exacerbado a citações de autores do campo, o que ao nosso ver, decorre de uma certa insegurança produzida e recorrentemente apontada pelos jogadores do campo acadêmico. O estilo aqui exercitado revela particularmente a influência de Becker, uma das principais inspirações deste trabalho.

O leitor observará que estaremos constantemente trazendo ao corpo do texto situações do campo junto das reflexões sobre o mesmo, no intuito de lhe possibilitar o vislumbre o mais de perto possível da situação, do episódio analisados, correspondendo esse traço estilístico à nossa busca de que a paisagem sociocultural assembleiana seja revelada em seus traços constituintes, além de compreendida. Desta forma, são intencionais os nossos investimentos de aproximação do leitor em relação ao campo, para então mobilizar ou fazer emergir o olhar analítico compreensivo que produzimos e que desejamos também possibilitar aos que se encontrarem com este texto. As chaves teóricas utilizadas atravessam a tessitura das análises dos casos citados.

Em termos epistemológicos, a abordagem aqui exercitada teve como base as inspirações no método compreensivo, conforme definido por Weber. Pensamos, por um lado, a igreja Assembleia de Deus como uma instituição religiosa que assim como qualquer outra, possui um *modus operandi*, um sistema de funcionamento próprio, burocrático e organizacional, o qual produz sujeitos e seus modos de significação de suas práticas. Por outro lado, na nossa abordagem consideramos os atores sociais focalizados, os fiéis, como construtores de lógicas e dinamizadores da cultura institucional da AD/MM. Ao nosso ver, nas comunidades do grupo religioso aqui focalizado encontramos sujeitos que constroem, ressignificam e modelam a instituição com base nos elementos culturais internalizados dentro e fora dos muros da igreja. A conjunção de influências externas e internas possibilita uma significativa heterogeneidade nas AD/MM, expressa nos graus diferenciados de adesão aos

*usos e costumes*<sup>2</sup> propostos pela instituição, instalando o conflito entre ortodoxia *versus* heterodoxia.

Como o observado em outras comunidades religiosas em maior ou menor grau, não há apenas uma forma de experienciar a religiosidade na AD/MM. O contexto marcado pela heterogeneidade da experiência aparentemente monolítica indica a complexidade do contexto analisado. Este texto que agora apresentamos significa o resultado de nossa tarefa de enfrentar o desafio de entender como a desuniformidade observada na AD/MM é gerada, constantemente reconfigurada ao longo do tempo, definindo e redefinindo a relação entre ortodoxos e heterodoxos dentro da instituição, observando-se alterações referentes ao sistema normativo assembleiano, com as correspondentes variações nos repertórios de reconfiguração do ‘desvio’, aqui considerado em termos relacionais, situacionais e como um produto das relações de poder ativadas no interior da instituição religiosa.

As transformações dos sistemas normativos da AD/MM e da ‘paleta’ de comportamentos definidos como convergentes e divergentes a eles correspondentes se referem ao processo histórico de burocratização da igreja, às dinâmicas do mercado religioso nacional, e, no nível da experiência dos sujeitos, aos balanços de poder estabelecidos entre os indivíduos participantes das comunidades religiosas, os quais potencializam ou despotencializam a produção de normas “informais”, aquelas que não constam no regimento oficial da igreja, mas que possuem igualmente força imperativa para delinear e classificar comportamentos e posturas socialmente definidas como desejáveis e indesejáveis.

O objetivo central deste trabalho é discutir a construção e dinâmica do desvio relativo aos ‘usos e costumes’ na AD/MM requer um esforço significativo para compreender quais os pontos históricos e tensões que promoveram mudanças nos regimentos institucionalmente estabelecidos, bem como a intensificação ou enfraquecimento da força de algumas normas informais e elementos doutrinários. a exemplo do divórcio, quando experienciados por líderes religiosos<sup>3</sup>.

Para alcançar o objetivo supracitado levantamos informações sobre a história do regimento interno da AD no Brasil, analisando as atas disponíveis relativas às reuniões em que foram tomadas decisões relativas às mudanças aprovadas pela Convenção Geral das

---

<sup>2</sup> Expressão usada no âmbito das AD para se referir ao regulamento que estabelece aos parâmetros do comportamento institucionalmente estabelecido como sendo o desejável em relação aos que se afiliam ao grupo religioso.

<sup>3</sup> A exemplo do caso do divórcio quando ocorre entre líderes religiosos.

Assembleias de Deus do Brasil (CGADB), disponibilizadas no *site* oficial da AD em Alagoas, o [www.adalagoas.com.br](http://www.adalagoas.com.br).

A leitura e análise das atas da GCDBA nos proporcionou um ponto de partida inicial para o entendimento da construção do desvio, uma vez que foi possível comparar as resoluções, que datam respectivamente de 1975 e 1990, tomando como referências autores que se debruçaram sobre os ‘usos e costumes’ da Assembleia de Deus e suas reformulações, a exemplo de Mariano (2017), Fonseca (2010) e Alencar (2010), e assim descobrir que uma suavização de normas é realizada como um reflexo de pressões externas, em um contexto de intensificação do pluralismo e da concorrência dentro do mercado religioso brasileiro.

Além do objetivo de entender as dinâmicas de transformação dos ‘usos e costumes’ na AD/MM, e seus desdobramentos nas definições de convergentes e divergentes, *normais* e desviantes, tivemos também como objetivo neste trabalho transcender o nível das decisões formais, da objetividade da ação institucional, da formalização de documentos. Foi nossa intenção também compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos participantes das comunidades religiosas observadas às suas ações referidas a sua religiosidade, as fontes de moldagem do pensamento deles sobre os parâmetros-guias de sua atuação enquanto membros da AD/MM, os quais geram, formatam as práticas classificatórias de determinados comportamentos como desvio e não desvio, como normais e anormais. Para isso, empreendemos um esforço de análise dos eixos e linhas fundantes da teologia assembleiana, que possui características particulares no campo do pentecostalismo brasileiro.

Nosso mergulho no campo da teologia assembleiana foi feito a partir da leitura de textos definidos institucionalmente como básicos no campo da Teologia e Doutrina da AD, conforme indicação de uma amostra intencional de líderes institucionais.

No que se refere ao objetivo de análise das experiências dos sujeitos no que se refere à classificação do normal e do desviante em termos da religiosidade assembleiana, realizamos trabalho de campo em 4 congregações da Assembleia em Maceió/AL, selecionando comunidades religiosas da AD/MM nos seguintes bairros da cidade supracitada: Benedito Bentes 1 e 2; Santa Lúcia; e Farol. Durante a pesquisa de mestrado já havíamos iniciado nossos estudos sobre o desvio, porém nosso foco não era institucional, como agora este é o caso.



Ainda em referência à consecução do objetivo de compreender a Teologia da AD, seguimos uma rotina de frequência sistemática de cultos nas comunidades selecionadas enunciados como ‘cultos de doutrina’. Neles, os pastores “pregam” sobre teologia e doutrina, também focalizando os sentidos das normas propostas como padrões-guias para os fiéis.

Estes “cultos” têm a função de socialização dos membros, através da modelagem das subjetividades institucionalmente normatizada operacionalizada pelos discursos dos líderes religiosos. Graças a nossa participação nesses cultos fomos construindo gradualmente um entendimento mais amplo dos sentidos de algumas normas, destacando-se a percepção da centralidade dada pela AD à disciplina dos corpos, notadamente dos corpos das mulheres.

Os cultos de doutrinas foram decisivos na compreensão do funcionamento e gerenciamento das ideias que são disseminadas, do modo como a igreja se organiza do ponto de vista simbólico e também das práticas estéticas, como também das estratégias de persuasão, como o é a produção do sentimento de vergonha e medo da perda de salvação, elementos de destaque no imaginário assembleiano.

Além do acompanhamento *on line* durante o confinamento devido à pandemia da CPVID 19 e em algumas ocasiões presencialmente dos cultos de doutrina, participamos sistematicamente de reuniões na casa de uma família de assembleianos, agregados de um parente que me oportunizou esse contato, indiretamente gerado pelas necessidades ligadas ao momento em que eu estava, com uma bebê de três meses.

Esse acesso a uma atividade de uma das comunidades da AD/MM regular me permitiu, durante o período de sete meses em que residi no polo familiar que me acolheu, realizar observação direta e participante, dos momentos para orações no lar, nas conversas e escuta sobre assuntos da doutrina e da fé assembleiana. Nesta experiência específica, lançamos mão da inspiração etnográfica, produzindo descrições e análises aqui apresentadas.

Durante esse período de permanência na casa da família assembleiana que me acolheu pude notar a recorrência como que se falava sobre as normas, principalmente as informais, que descobrimos possuir um peso bastante significativo na vida dos membros da AD/MM, mesmo nos dias em que não havia “cultos”. A experiência religiosa, o compromisso com a “obra de Deus”, eram assuntos que atravessavam o cotidiano da vida familiar, indicando o quanto a ética assembleiana influencia diretamente as outras áreas da vida dos fiéis em

conjunção com outras fontes de significação do mundo, em graus diferenciados, conforme a idade dos sujeitos.

A centralidade da preocupação com as normas e da produção social da conformidade nos fez pensar o *desvio* em relação aos ‘usos e costumes’ como uma categoria de análise das situações de fricção entre indivíduos e instituição, nas quais o fiel que diverge pode ser submetido a diversas operações de descridibilização diante daqueles que mais representam a tradição, os líderes, em especial os mais velhos.

Seguindo a abordagem de Becker (2008), consideramos o desvio a ocorrência de infração de uma regra construída socialmente. Só é desvio o comportamento que foge do exemplar, do esperado. Na AD/MM esse balanço entre o exemplar/o esperado/o socialmente desejado e o *anormal/inesperado/socialmente indesejado* se processa de forma complexa sendo fluida a classificação e polarização dos extremos “desvio” e “não desvio”. Elas não procedem confluencialmente, tendo a linha que separa as duas posições particularidades, nuances e relacionais, como veremos na análise das experiências de alguns assembleianos nos polos ‘convergente’ e ‘divergente’. Veremos como alguns desviantes são construídos enquanto tais, considerando momentos diversos da história da AD/MM, situações e contextos específicos.

Para dar conta do nível da experiência dos fiéis na posição ‘desviante’ e na posição “exemplar” lançamos mão da montagem do perfil de cada membro da amostra de sujeitos assembleianos, constituída conforme a modalidade intencional e sistemática, incluindo membros considerados pela igreja como “desviantes” e “exemplares”, no intuito de investigar como se constroem os distintos modelos de subjetividade assembleianas, em um esforço comparativo de identificar os pontos de transformação, as continuidades, e ainda os sentidos relacionados aos mesmos forjados pelos participantes das comunidades analisadas

Na amostra, pensando na comparabilidade, consideramos a variável idade, para identificar os elementos subjetivos internalizados forjadores de identidades assembleianas advindos da relação temporal dos indivíduos com a instituição e contextos históricos específicos, considerando a interface entre as gerações e a potência de ressignificação das imposições da ortodoxia.

Nossa intenção era colocar sob teste empírico a hipótese de que quanto maior a faixa etária, mais aceitação de imposições institucionais e menor o protagonismo na definição da própria experiência religiosa.

Levantamos informações sobre as trajetórias dos membros da amostra na AD/MM, o que nos possibilitou entender como se observou uma linearidade e constância de pensamento e comportamento no casos dos membros considerados “exemplares”, levando em consideração sua escolaridade, a posição institucional ocupada na igreja, o sexo e o marcador geográfico e econômico da congregação às quais estiveram vinculado, a saber, se a congregação da periferia ou do centro do subcampo religioso assembleiano.

As variáveis associadas à história do membro com a igreja dizem muito sobre a construção de sua experiência religiosa, e sua não inserção no rol de ‘desviantes públicos’ ou mesmo no dos ‘falsos desviantes’, posições liminares em relação aos extremos representados pelos “desviantes” e pelos “não desviantes”. Seguimos a análise multivariada do desvio proposta por Becker (2008), o que nos possibilitou trazer à tona o quão problemático é o “desvio” na Assembleia de Deus, na medida em que ele se manifesta a partir de uma economia da visibilidade, bem como sob aparentes contradições, como, por exemplo, nos casos em que um membro é publicamente visto como ortodoxo e na intimidade heterodoxo, se considerarmos alguns elementos fundantes da teologia pentecostal assembleiana. Para perceber essas nuances relativas à economia da visibilidade do desvio na AD/MM as entrevistas tiveram uma função indispensável, permitindo-nos transcender à realidade aparente.

Realizadas em um momento de muita apreensão e medo em razão da pandemia da COVID-19, as entrevistas foram realizadas no modo presencial e através do aplicativo Skype, sendo todas gravadas, com autorização dos participantes, e transcritas. Mesmo com muitos receios e medos que nos sobrevieram, resolvemos não abrir mão do contato presencial com alguns dos entrevistados. A própria técnica revelou aspectos que não seriam possíveis identificar caso tivessem sido realizadas apenas por via eletrônica. A entonação, a disposição corporal e a expressão facial revelaram por vezes camadas que iam além das construídas através das narrativas

Compreender a construção da desviância a partir das normas e suas transformações exigiu, a partir dos dados, das situações do campo, a necessidade de categorização a fim de representar melhor a paisagem social assembleiana, que se expressa de forma complexa. Para

organizar a análise aqui oferecida categorizamos de modo típico-ideal o sistema cultural assembleiano”, o que nos serviu de parâmetro comparativo útil para entender o emaranhado complexo das dinâmicas de construção da exemplaridade e do desvio nas AD/MM, cheio de camadas passíveis de mutação, que ora influencia, ora é influenciado por sua própria engrenagem e pelos membros. O sistema cultural assembleianos possui pontos de equilíbrio, expresso nas falas dos interlocutores, mas também feixes e linhas de fuga abertos constantemente, cujas transformações se movimentam dialeticamente.

Ele existe e se impõe dialeticamente, movimentando-se para fortalecer a resistência ao novo e o apego à tradicionalidade mesmo quando essa se reveste de novas roupagens, que expressam um tom tradicional, mas se pretendem abertas às transformações no espaço público.

Quando falamos de sistema cultural assembleianos pretendemos focalizar sua composição, suas camadas, suas engrenagem e fluxos, as linhas de força em cujo âmbito as dinâmicas de produção da exemplaridade e do desvio se produzem.

Esse funcionamento sistêmico do espaço constituído e constituinte da AD/MM apontou deste o início da pesquisa para a necessidade de entender sua heterogeneidade. Ao mesmo tempo em que conseguíamos identificar mudanças e rupturas, o tradicionalismo também se apresentava fortemente em algumas situações; de modo inverso, seguindo um registro da ambiguidade, elemento novos se apresentavam dentro do que aparentemente poderia ser facilmente interpretado como uma postura ainda tradicional. Ao longo da análise fomos compreendendo que nem sempre uma ruptura é realizada bruscamente e que nem sempre é aparente, mas às vezes é feita de modo eufemizados, de modo a não perturbar o equilíbrio do sistema, como no caso das mudanças quanto à dominação masculina, revestidas de uma aparência de afirmação da submissão das mulheres, mas configurando certas margens de autonomia da mulher, conforme veremos posteriormente<sup>4</sup>.

Conforme nossas observações o ‘desviante legítimo’ é quase inexistente no quadro de fiéis da AD/MM, quer seja porque esses são expulsos da convivência e impedidos de participar das atividades da comunidade religiosa, quer seja devido à flutuação das fronteiras entre desvio e exemplaridade.

---

<sup>4</sup> Aqui pensamos na concepção de desequilíbrio como equilíbrio, de Leach (1996).

Para dar conta das aproximações nos moldes típico-ideias do observado em relação ao ‘desviante legítimo’, construímos, com referência ao duplo da desviância, a exemplaridade, as categorias de “sujeição mecânica” e “sujeição racional”, oferecendo na análise como as situações de tensão com os modelos ortodoxos se delineiam, como no caso da dominação masculina.

Outras categorias de análise construídas para a compreensão das dinâmicas de construção do desvio/da desviância na AD/MM foram as de “sensualidade positiva” e “sensualidade negativa” também para tornar mais claro o que a igreja tem entendido que deve ser aceito ou não no rol dos usos e costumes. Também se impôs, durante a realização das entrevistas, o par “evangélico” e “religioso (assembleiano)”, referente à cisão citada pelos entrevistados, diretamente relacionada ao elemento ‘racionalidade’, que vem ganhando espaço dentro dos ensinamentos e pregações pastorais a partir da modificação dos modelos assembleianos.

### **Os objetivos e eixos da ideia da tese**

O objetivo central deste trabalho foi compreender como se deram as transformações dos “usos e costumes” na AD/MM, especialmente, a partir da análise de congregações em atividade em Maceió/Alagoas, como também a reformulação ou reconfiguração das dinâmicas de construção do “desvio” em algumas experiências individuais frente aquilo que a igreja entende por ruptura com seu modelo, com sua normalidade, com seu padrão. A modificação nas concepções de “desvio”, de rotulação de membros “exemplares” e “desviantes”, está diretamente relacionada com um processo social em curso na sociedade envolvente, incidindo sobre a esfera da religião em geral e especificamente no subcampo da AD/MM.

Nossa tese mais geral é a de que para pensar as dinâmicas de transformação da normatividade na AD/MM e da construção do “desvio” e do “desviante”, bem como das experiências dos sujeitos em relação às estratégias classificatórias relativas à sua proximidade e afastamento da ortodoxia religiosa, é preciso levar em consideração as mudanças na relação/balança “eu-nós” observada no sistema cultural assembleiano, sobre a qual incidem as reconfigurações do mercado religioso nacional – no sentido da intensificação crescente dos níveis de competição – bem como da sociedade englobante, na qual assistimos a um

movimento de descenso do preço da religião no mercado de instituições socializadoras dos indivíduos.

A balança da relação “eu-nós”, nas décadas em que é fundada a AD pendia para o “nós”, favorecendo uma conexão dos indivíduos com o sistema cultural assembleiano, no qual eles tinham pouco espaço em relação à força da coletividade. Nosso trabalho de campo apontou, em vários momentos, para uma tendência de hipertrofia do eu em relação à coletividade, o que aumenta o poder de barganha dos indivíduos em relação ao núcleo duro institucional, o que se traduz na verbalização saudosa dos ainda sobreviventes das gerações anteriores: o saudosismo do “fervor”, da menor frequência ou ausência de questionamentos, interpretada como obediência a deus e aos líderes, da “simplicidade” das vestes – principalmente das mulheres – ponto que sempre teve um lugar privilegiado na instituição.

### **Elias, a hipertrofia do indivíduo e a balança do ‘eu-nós’ na AD/MM**

Sob inspiração de Elias (1994), pensamos as transformações na normatividade da AD/MM em termos do “nós” que se modifica por razões específicas de ordem externa à igreja, não estando os indivíduos imunes a esta modificação, devido aos distintos processos de socialização que atravessam. Essa interpretação nos leva a considerar a trajetória da igreja e igualmente as de alguns indivíduos para pensar os desdobramentos históricos que moldaram a construção de um modelo ortodoxo e suas posteriores modificações.

De acordo com Elias (*idem*) a noção de “indivíduo” é bastante moderna e tem relação com um processo social não planejado observado nas sociedades cujos Estados foram processualmente instalados em substituição a regimes governamentais anteriores, os quais contribuíram para o fortalecimento da individualidade, inserida num sistema englobante, passando a valorização de “si” a andar de braços dados com a de “pertencer”.

A história do conceito de indivíduo é interessante para pensarmos, comparativamente, o antes e o hoje, no que tange à construção do “eu-nós” ou do “eu”/“nós” em quaisquer das dimensões da vida em geral e especificamente na religiosa. Elias (1991) destaca que o termo *individuum*, durante a idade Média remetia ao que era “indivisível”, não se referindo ao homem, mas à trindade (pai, filho e espírito santo, considerados um só). Não havia necessidade naquele estágio de desenvolvimento de um termo que se debruçasse sobre o

indivíduo em si, pois o eu se confundia com o nós, tornando o primeiro socialmente irrelevante.

Até o final da Idade Média, as posições sociais referentes à hierarquia da corte eram altamente valorizadas. Um sujeito não integrado era considerado uma pessoa “privada” e era marginalizado como “excêntrico”, ignorante ou tolo (ELIAS, 1991). A definição do “eu-nós” suprimia qualquer possibilidade de legitimação de elementos individualizantes, pela incompatibilidade da idiosincrasia com o momento histórico.

As especificidades, singularidades ou a parte em relação ao todo não eram reconhecidas como reais dentro do nível de percepção existente. Esta situação fazia parte de um estágio dentro da linha de desenvolvimento em curso, um momento próprio com configurações sociais específicas, e também dentro do que autor se refere como um processo social não planejado, dinâmico.

Mediante a influência da escolástica, na qual se destacam filósofos vinculados à igreja do medievo, foi produzida a reflexão de que tudo o que acontece no mundo, ocorre de uma forma específica, acarretando essa ideia na gradativa representatividade e valorização daquilo que é singular em termos de “modo” em se tratando de qualquer espécie.

O termo “indivíduo” inclinado às preocupações e modos singulares dos seres humanos só passar a existir e se tornar comum no século XVII em virtude de movimentos intelectuais ocorridos anteriormente como o Renascimento, que contribuiu para o fortalecimento dessa percepção.

Com a modernidade, a idiosincrasia se torna uma dimensão objetiva e já se imprime nas consciências a ideia de um “eu” desvinculado de um nós, colocando-se para os indivíduos a ideia de competição, de autossuficiência, de necessidade de se destacar, de autocontrole e ainda a de responsabilidade quanto a sua própria existência. O sujeito moderno torna-se, mediante o processo social em curso, efetivamente, um “indivíduo”, enxergando-se isolado de todos os outros e fora da *sociedade* (ELIAS, 1991).

Para Elias (*idem*), a modernidade implica na hegemonização do modo de produção capitalista e no campo político na emergência da forma Estados Nacionais, através dos quais essas sociedades tornam-se redes crescentemente complexas de interdependência, tornando necessária e possível uma movimentação mais fluida e suspensa dos indivíduos, que antes eram vinculados a um todo mais coeso como no caso dos clãs, das tribos e mesmo ao que

chamamos de família, cujos papéis e afinidades, pendiam, no passado, para o bem comum, e expressavam de igual forma a presença da coesão e valorização do vínculo social, principalmente para fins de sobrevivência.

A manifestação da progressiva cisão do “eu” em relação ao seu polo “nós” é o resultado de um processo social que se desenrolou “fora” dos sujeitos, legitimado seja na dimensão concreta da vida, como no campo profissional, seja na dimensão subjetiva, no formato dos vínculos, nas relações afetivas. Segundo Elias (1991) o processo de *civilização* tornou ambígua a estrutura de personalidade dos sujeitos, os quais inseridos em um plano complexo, pode se desenvolver de diferentes maneiras, evidenciando distintos processos individuais diretamente afetados e influenciados pelo ambiente macrosocial moderno.

Para Elias (1991), o *habitus* tradicional, definido como uma espécie de enraizamento social preponderante do sujeito no seu grupo matriz, vai perdendo, nas sociedades modernas, a sua força e a sua preponderância. As distinções entre os indivíduos tornam-se quase imperceptíveis, embora em diferentes níveis, segundo o processo de modelação específico a cada indivíduo, no entanto, é importante frisar que isso ocorre em razão do movimento pendular em que o nós inclina-se para o “eu”, e nesse cenário, as individualidades cada vez mais perdem a identificação objetiva e também sensorial do seu polo matriz, do grupo ao qual está vinculado, e embora algumas organizações como a família ainda sejam poderosas, a relação com ela se modifica. Primeiro, porque a noção de sobrevivência é transferida para a esfera individual, tendendo o grupo familiar a não enxergar como sua a responsabilidade sobre todos os membros do mesmo grupo. A partir da modificação no campo profissional, modificam-se a relação com a busca pela subsistência que passa a ser individual. Segundo porque os indivíduos de uma mesma família se fragmentam, dando origem a outros polos familiares. Isto quer dizer que o próprio processo gera, inevitavelmente uma desconexão.

No lugar de uma consciência de responsabilidade grupal em torno de um objetivo comum – a sobrevivência – espera-se agora que cada indivíduo corra atrás de sua própria sobrevivência. Nisto constará a valorização do indivíduo dentro do grupo como alguém independente e resolvido. Ficando a cargo do indivíduo, que é como um arquétipo construído, experimentar as ambiguidades que o contexto lhe impõe

É o caso, por exemplo, do que ocorre nas sociedades modernas no processo de transição da juventude para a vida adulta, quando uma distância é construída socialmente, forjando a necessidade de “preparação”, de uma etapa intermediária na direção da maturidade,



com as obrigações individuais relativas a ela, o que destoava do modo como ocorria nas sociedades pré-estatais. A referida transição fica exclusivamente a cargo dos sujeitos. Não há um mapa, um caminho orientativo. As responsabilidades de autodesenvolvimento ficam a cargo dos sujeitos, que se sentem “separados” da sociedade.

Dentro dessa mesma lógica, o sistema cultural assembleiano, ao longo de sua linha histórica tem apresentado, no plano formal e informal, respectivamente, no seu conteúdo formalizado e nas experiências dos sujeitos membros, dinâmicas que possibilitam diversas camadas de *habituses* religiosos, as quais são vividas como potencialidade de barganha dos indivíduos com o “nós” – da ortodoxia.

Neste trabalho comparamos o modelo do assembleiano mais próximo da figuração original da AD/MM, e alguns modelos que emergem mais recentemente, no intuito de apontarmos algumas evidências da diversidade das camadas de *habituses* religiosos assembleianos disponíveis para a construção da subjetividade do indivíduo assembleiano, colocando em cena um “eu-nós” no qual o eu ganha espaço.

A vivência da pesquisadora na igreja há quase três décadas atrás, desde sua infância também será utilizada aqui como dado/evidência, agregando-se à análise das entrevistas e das informações coletadas através da observação direta e participante.

Vejamos um exemplo da nossa experiência em relação ao campo da hexis corporal assembleiana. Do ponto de vista estético, desde o surgimento da AD no Brasil até os anos de 1990, em algumas comunidades da AD/MM em Maceió, era valorizado em meninas, adolescentes e mulheres o “cocó” ou “coque”.



Fonte: [https://redeconexao.files.wordpress.com/2017/03/img\\_2536-2.jpg](https://redeconexao.files.wordpress.com/2017/03/img_2536-2.jpg)

Isso se dava com tanta intensidade que até as meninas utilizavam. As saias eram costumeiramente longas. Cobrir o corpo era um objetivo primordial. Para isso, a coletividade junto a força de sua consciência mostrava-se vigilante. Até mesmo as crianças, as meninas usavam saias longas. Era como “moda”, era a maneira que nos identificavam como “crentes” da AD/MM.

Sempre nos perguntavam: — *Por que vocês não podem usar calça?* e respondíamos quase sempre — *Por que nossa igreja não permite!* Nem eu nem nenhuma das minhas “irmãs na fé” questionava. As vezes nos encontrávamos no terminal de ônibus na ida à escola. Todas de “coque” e com saias jeans da altura do tornozelo. Chamávamos a atenção e gostávamos disso. Nós éramos a AD/MM, uma representação dela, na verdade. O vínculo com a igreja era tão forte que nossas falas uns para os outros sempre tinham a igreja como referência. Tudo dependia da vontade da igreja, e, logo, de “Deus”. Embora crianças, nos anos 90, a maneira como éramos socializadas era quase que unidimensional, sendo qualquer experiência “fora” da igreja submetida ao filtro da socialização experienciada na instituição. Era um período de baixíssimo ou nenhum questionamento da ortodoxia

A partir dos anos de 1990, em um contexto no qual a pluralidade religiosa passa por um processo de intensificação acentuada, experimentamos um potencial diminuição da força da ortodoxia. Nesse contexto, mesmo os indivíduos socializados no modelo ortodoxo passam ter acesso a outras correntes socializadoras.

Alguns assembleianos ortodoxos entrevistados se narraram como “patrimônio vivo” da “legítima AD”, os que ficaram incólumes à contaminação da heterodoxia. Minha experiência na AD/MM indica que os ortodoxos que atuaram no meu processo de socialização já faziam parte de uma geração posterior à dos ortodoxos “raiz”, já sujeitos de processos socializadores menos unidimensionais, atuando como agentes impeditivo em relação a um sistema claramente em mudança.

Em minha experiência dentro de um sistema religioso ortodoxo, conservador, sempre ouvia, após os cultos, a retomada das falas do pastor local. Os membros do meu convívio as repetiam como lei. A impressão que eu absorvia, na altura dos meus 9 anos de idade, era que o ele era uma autoridade que sabia tudo sobre deus e o caminho para o agradar.

As pessoas da igreja falavam como que expressando um uníssono, uma só voz: “*não pode isso!*”, “*não pode aquilo!*”, “*isso é pecado!*” “*isso é do diabo!*”. O repertório impositivo da AD/MM sempre foi previsível, regular, repetitivo, levando em consideração uma ampla quantidade de comunidades em Maceió por mim visitadas. Era como se quisessem ou precisassem lembrar o tempo da ortodoxia, para que ela ganhasse uma sobrevida em tempos de mudanças necessárias à sobrevivência institucional em um mercado religioso crescentemente plural e competitivo.

Não lembro de alguém da AD/MM esboçar uma fala oposta à doutrina recebida dos pastores assembleianos. Não cairia bem, para a época, dentro do estágio de *desenvolvimento* da instituição. Vivíamos com base em uma “única verdade existente”. Ninguém questionava as normas. Lembro de me pegar pensando em como eu queria usar uma calça comprida, uma maquiagem, mas guardava para mim.

A força da coletividade, do “nós-assembleiano” era forte. As condições objetivas, de socialização, naquele momento, não tornavam possível o desenvolvimento de um senso crítico capaz de me fazer questionar e me desprender objetivamente do que era parte de mim. Eu não era um indivíduo, eu era a coletividade, a representação dela, por imposição, mas uma imposição dotada de sentido representativo, de modo que minha vida, minhas amizades, meu repertório de falas e ideias provinham dessa “fonte”, o “nós-assembleiano”.

Quando criança eu gostava de pertencer. Os anseios destoantes da ortodoxia pareciam-me atraentes, mas eram mantidos pelo controle do grupo que atuava sobre a minha mentalidade para a naturalização do “viver” segundo os princípios da ortodoxia. Eu aceitava bem o coque e a saia jeans longa, dentro e fora da igreja.

Na época, o sentimento e posição dos crentes assembleianos expressavam nitidamente a premissa: “ou é crente ou não é! Por anos, essa frase se fez presente em mim. Eu era sim uma assembleiana e estava integrada. Ser um “eu” desprendido do “nós” naquela época era inimaginável, mas para pessoas da minha idade, já era possível o reconhecimento de “si” dentro do sistema, como também as zonas de entrada de elementos considerados “mundanos”, embora o tempo todo os impulsos de questionamento e divergência eram freados pela coletividade e, extensivamente, pela família.

Por estar inserida, já na juventude, e antes do casamento, no “conjunto” ou “departamento” musical de jovens de uma das comunidades da AD/MM, tínhamos acesso a outras comunidades, por ocasião de muitos convites para apresentações, por sermos, na época, um grupo diferenciado e reconhecido por cantarmos com divisão de vozes<sup>5</sup>. As moças, em geral, preocupavam-se em estar de acordo com a doutrina, até por terem ciência de que os rapazes esperavam exatamente isso, o que significava maiores chances de se casar. Uma postura “desviante” seja nos trajes, seja através de uma postura menos discreta em relação aos

---

<sup>5</sup> No canto coletivo pode-se cantar em uníssono ou com divisão de vozes, através da qual os cantores cantam juntos notas e linhas melódicas diferentes, fazendo a melodia e a harmonia.

rapazes colocaria uma moça no rol das que não servem para “casar”, então, buscávamos nos enquadrar.

As AD/MM em meados dos anos 90 e primeira década dos anos 2000 eram ainda, nas comunidades de Maceió, bastante tradicionais, nos trajés, na interação entre os membros, no nível de valoração da fala do pastor e ainda na atmosfera de efervescência emocional nos “cultos”. Eram comuns, tanto nas congregações-sedes dos bairros, quanto nas subcongregações, a ocorrência de gritos, ‘clamores’, orações em voz alta, fiéis performatizando o serem “tomados” pelo “espírito santo”, expresso por pulos, danças e marchas pela congregação, bem como por desmaios, “por não aguentarem *tanto poder*”.

Eu observava tudo com curiosidade, mas não compreendia muito bem, pois nunca havia sido “tomada” daquela forma, com exceção de um momento em que tive dúvidas se havia sido atingida por uma “efervescência emocional” ou havia sido batizada no “Espírito Santo”.

Era comum, assim como ainda ocorre, serem convidados pregadores renomados para participarem de aniversários dos departamentos que compunham a comunidade religiosa. Pensava-se que com a vinda desses pregadores especiais haveria mais conversões e mais “avivamento” por meio do batismo com o “Espírito Santo”.

Naquela época, era comum os irmãos se “amontoarem” no fim do culto para “clamarem” pelo batismo no Espírito Santo, com “fogo”. Havia uma espécie de força nesse “amontoado”. Ser batizado com o Espírito Santo dotava o fiel da capacidade para falar em ‘línguas estranhas’ (glossolalia) e de performatizar corporalmente, gestualmente o batismo com o ‘fogo do Espírito’.

De acordo com o que lembro, mesmo com a valorização desse momento em que se buscava intensamente o batismo “no Espírito Santo”, já ocorriam críticas do “exageros” dos obreiros que punham as mãos sobre as cabeças dos fiéis e às vezes o batismo esperado não ocorria, somente se observando a intensificação dos gritos e da pressão emocional sobre os indivíduos.

Lembro disso ocorrendo em meados dos anos 2000, quando já havia quem questionasse se “Deus” realmente estava presente naquele modelo de ritual, o que indicava a ascensão e valorização do “eu” dentro do “nós, do sistema que já entrava em *desintegração*.”

Assim como os interditos em alguns tipos de trajes para a mulher, evidenciados também em adereços, maquiagem, cortes de cabelo, e no caso dos homens, cortes modernos e uso de barba e bermuda, havia ainda a proibição de se assistir à TV. Tive a oportunidade de experimentar a força empregada institucionalmente e nas relações pessoais entre os “irmãos na fé”, para reproduzir um “nós-assembleiano” que já mostrava sinais de descenso.

Os então membros das AD/MM de todas as gerações, no espaço público se submetiam a “lei” da AD/MM, evitando questionar a legitimidade das proibições. As eventuais resistências e transgressões eram das normas da igreja se davam no registro do segredo e da invisibilidade.

Mesmo declarando-se contrárias à prática de assistir à programação televisiva, pude testemunhar “irmãs na fé” comentando o quanto uma novela estava “muito boa” e combinando de ir à casa de uma que possuía aparelhos de TV. Lembro também de ter presenciado uma TV “coberta” com um lençol para o caso de receberem a visita de algum líder, ou mesmo um membro que pudesse delatar o que se considerava na época um *desvio*.

Ser assembleiano em Maceió até os anos 2000 era fazer parte de um sistema cultural em grande medida coeso, com um modelo unidimensional de *habitus* religioso, próximo da *figuração*, do modelo observado na gênese assembleiana no Brasil, no qual na balança “eu-nós” o “nós” era claramente definidor das subjetividades

Se falava muito em obediência ainda nos anos de 1990, especialmente em referência aos usos e costumes. Ao encontramos um “irmão” ou “irmã” trajado/trajada conforme o modo assembleiano ortodoxo não havia como duvidar que aquele crente era exemplar, embora ocorressem rumores comparativos, relativos a eventuais discrepâncias entre a exterioridade e interioridade dos sujeitos das comunidades da AD/MM.

A vigilância dos usos e costumes era ambígua. Ora era valorizada, sendo vista no sentido de “proteger e cuidar dos irmãos na fé”, ora vinha com um sentido negativo de “julgamento” e “cuidado” com a vida alheia. Os “irmãos” viviam nessa dinâmica. Mas o fato é que a vigilância tinha um papel social muito forte dentro do sistema: ajudava-o em sua manutenção e preservação, sendo construído como “uma manifestação da vontade divina”.

Os comportamentos construídos como *desvios de conduta* tornavam-se uma espécie de notícia com alta velocidade de circulação e “fofoca” entre membros. Cada infração tornada

pública correspondia a modalidades diversas de “disciplinas”, espécies de sanções para reparação do “pecado cometido”.

O tipo mais comum de sanção era o afastamento do membro das atividades que desempenhava na igreja. Além disso, havia a apresentação do membro praticante do desvio diante de toda a congregação, numa espécie de prestação de contas que fortalecia o “eu-nós assembleiano”, sendo a ocasião um momento de fortalecimento do sistema de regras e sanções, através da ênfase no quanto o ato infracional ferira a moral do grupo.

Isso se expressava como o não dito, estava nas entrelinhas da atmosfera do ambiente eclesial. Lembro-me da força desses momentos, pois o rosto do *desviante* apresentado, aquele que “pecara” e que estaria passando por uma espécie de processo de “purificação”, refletia a mácula. O semblante decaído demonstrava o sofrimento por ferir aquilo que ele mesmo reverenciava. Nesses eventos públicos de enunciação da punição a ser infligida sobre o *desviante* esperava-se que ele/ela confessasse o seu “pecado” e clamasse pela misericórdia divina e da comunidade.

O sentimento predominante era o de aceitação desse tipo de procedimento, mas lembro de ouvir rumores nas saídas dos “cultos” sobre o quanto ele era humilhante, e vergonhosa a situação, alguns o encarando como uma “exposição desnecessária”. Alguns viam esse tipo de ritual expiatório como importante para a manutenção da honra do nós-assembleiano.

Para muitos, “ou se era assembleiano ou não”. A preocupação com as questões individuais dos desviantes só adquiriram maior expressão na comunidade da qual eu participava (uma das que aqui analiso) no final dos anos 2000 em diante, pressionada mediante o aumento da oferta de outros modos de religiosidades possíveis, em um cenário em que ficava patente um crescente pluralismo religioso, conforme discutiremos, o que teve como um efeito mais geral o aumento da plausibilização da alternativa da “desinstitucionalização” da experiência religiosa.

Na nossa experiência e visão, até os anos de 1990, a dinâmica do sistema cultural assembleiano exigia dos afiliados uma definição clara do espaço que se desejava ocupar: ou se era ou não se era assembleiano. No início do século XXI, observo a intensificação das imposições das regras pelos líderes e da vigilância mútua entre os membros da AD/MM, correspondente ao aumento das críticas ao sistema, que passa a ser reconhecido também a

partir de “fora”. Esse último período citado é o momento em que podemos considerar, no recorte histórico que acompanhamos, um pender da balança do “eu-nós assembleiano” para o “eu”, iniciando-se um processo de desintegração do sistema assembleiano ortodoxo, abrindo-se espaço para a construção das individualidades com mais margem de autonomia. Cada vez mais no espaço das comunidades assembleianas os indivíduos passam a experienciar rupturas que convivem com as continuidades. Dentro do referido sistema observam-se vários tipos de indivíduos, cujas trajetórias e marcadores distintos vão influenciar diretamente no tipo de relação com a ortodoxia e com a heterodoxia, as possibilidades de desprendimento ou a tomada de posição na defesa daquela.

Nos depoimentos de indivíduos remanescentes da época anterior à do estremecimento da ortodoxia, destaca-se um significativo saudosismo em relação aos tempos da “pureza” assembleiana<sup>6</sup>. Falam da época como tempos “diferentes”, de “mais fervor” e se narram como os que “resistiram ao mundanismo que entrou na AD/MM”. Considerando o sistema atual como corrompido, criticam as alterações do regimento. Em alguns casos, declaram sentirem-se “excluídos” do sistema por não corresponderem às mudanças realizadas.

De acordo com alguns dos membros mais velos entrevistados, a “era de ouro” da AD/MM, em que se impunha mais veementemente aos membros uma postura disciplinada “perdeu-se e deu lugar a uma espécie de bagunça”, embora tenham afirmado o desejo de se manterem afiliados, por acreditarem que a proposta da AD/MM em relação ao papel da família seja mais legítima que a de outras instituições religiosas evangélicas. Esses têm estado dentro do sistema a vida toda, de modo que assistem às mudanças, mas fazem parte dos que não se desprenderam da camada mais profunda do *habitus* assembleiano originário.

Quando falamos de uma “imposição mais veemente”, entenda-se uma forma ou tipo de imposição que é o “efeito” do núcleo duro da ortodoxia nos membros líderes e membros liderados, já que nesse estágio o “eu” desprendido não se percebia, que é diferente da “imposição” ocorrida no estágio posterior, quando ocorre o desprendimento de uma camada, e depois de outra, num movimento sucessivo, em que esta imposição é a “consequência” resultante do sistema assembleiano em desintegração, na medida em que tenta sobreviver.

---

<sup>6</sup> Um dos elementos expressos na saudade dos membros mais antigos da AD/MM entrevistados, aqueles que têm mais dificuldades de desprendimento do núcleo duro da instituição, destacam-se a realização de ‘visitas’. Nas décadas passadas era mais regular o grau de importância que se dava às visitas aos “afastados” da igreja e mesmo aos enfermos.



Antes a gente via uma moça e dizia: — “essa é crente!” Hoje tá difícil de saber quem é e quem não é. Tá tudo mudado.

A experiência religiosa dos membros mais próximos à *figuração* originária da AD/MM costumeiramente soava como “exata”, como se existisse uma fórmula clara a ser seguida. Para eles não há dificuldade em entender como ser um ‘verdadeiro’ ou ‘legítimo’ crente. Ouvindo membros mais velhos da AD/MM, pensava em como as informações provenientes das entrevistas com eles soavam mais “fáceis” de analisar, pois a linha religiosa construída mostrava uma linearidade quase imperturbável, desprovida de sombreamentos mais densos. A forma como eles constroem seus pensamentos é quase que desprovida de criticidade, não encontrando eles o que se questionar. Defendem que não é o “eu” que deve ditar as regras, mas “Deus”, personalizado no “nós” assembleiano. A verdade em que acreditam parece nítida, dada, como se estivessem sempre prontos para dizer: “Então, vereis outra vez a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus e o que não o serve” (Livro de Malaquias [Bíblia], 3.18).

Os agora “indivíduos convergentes”, que nasceram nas décadas mais recentes, dentro de uma configuração em que se “escolhe” uma igreja, sem enxergá-la como a referência preponderante, fundindo sua existência a ela, cada vez mais deixam claro a partir de posicionamentos o quanto “existem” fora da estrutura da AD/MM. Eles reivindicam sua soberania para efetuar escolhas, nas quais mesclam elementos de múltiplas ofertas religiosas existentes.

Torna-se nítido no discurso nos novos assembleianos ‘convergentes’ a forma mais complexa como elaboram os seus pertencimentos. É recorrente que rompam com alguma norma, não se preocupando em seguir na completude o modelo institucionalmente estabelecido como ‘perfeito’. Eles experimentam a diversidade de camadas de *habituses* religiosos assembleianos, sendo filhos de outra época, marcada pela modernização dos templos, os quais possuem agora portas de vidros, ar condicionado, bancos confortáveis, nos quais é mais modulado o nível sonoro em que se demonstra a efervescência pentecostal, em um volume bem mais baixo em relação ao que ocorria até os anos 90. Eles aproveitam uma *figuração* marcada pelo peso maior do eu na balança do “eu-nós”, na qual as subjetividades passam por uma hipertrofia, tornando-se o autoconhecimento e o autocuidado elementos centrais de uma rede de interdependência em que se encontram.

Esse novo indivíduo assembleianos médio é um constructo da sociedade moderna, aprendendo através da mídia, de instituições educacionais por eles frequentadas, pelos

profissionais do campo da psicologia e outras áreas das ciências humanas que eles têm o direito de “escolher” o que é melhor para “si”, de “se” perceberem no ambiente, que devem respeitar a “si” mesmo e “suas” escolhas. Nessas sociedades, é o estado do “eu” que é elevado a preocupação central, que é evidenciado. Devem ser supridas agora as necessidades internas, que são, como aponta Elias (1991), criadas no âmbito das redes de interdependência contemporâneas.

O indivíduo passa a ser responsável por si e pelo êxito ou fracasso de seus investimentos em qualquer que seja a área. Nessa perspectiva, na AD/MM atual observa-se cada vez mais a adesão a esse modelo de subjetividade individual.

Uma igreja deve agora ser escolhida por um membro pelo *quantum* de “identificação” dele com sua proposta. Muitas das narrativas de alguns revelam o quanto a experiência na igreja tem sido prazerosa por ela ter “mudado”, ou por não estarem sozinhos no embate com as velhas gerações, quando identificadas a presença do “eu-nós” em outros fiéis da mesma comunidade. São fiéis que adotam uma postura progressista, rompendo “claramente” com algumas regras, mas que não abrem mão de sua afiliação à AD/MM por gostarem da abordagem Pentecostal de efervescência, de emoção, que ainda ocorre, afirmando sentirem “frieza” em outros tipos de igreja “cristã”.

Os desvios da norma ocorriam, mas em segredo. Não era notória a presença de fiéis isolados que se posicionassem sobre algo que não concordavam. Assim era nas mais diversas situações. Se quiséssemos infringir qualquer regra, tinha que ser em “segredo”, em “oculto”, pois, principalmente o pastor não podia saber, ou mesmo não podiam chegar ao conhecimento de membros militantes da igreja, pois estes podiam delatar os “desviantes”.

O divisor de águas e o sinal manifestante em que o pêndulo da balança se inclinou, de fato, para a dimensão das individualidades, é quando o *desvio* deixa de ser “segredo” e passa a ser algo incluído no sistema cultural assembleiano. Seus protagonistas se autoafirmam como legítimos, defendendo que a experiência com Deus é particular. Essa postura também é encontrada em pastores, em que já se popularizou a premissa de que cada um deles possui um tipo de ferramenta, alguns sendo mais rígidos, outros mais acolhedores.

A AD/MM tem passado por um processo de *desintegração* do seu sistema, do seu “eu-nós”, nos termos de Elias (1991), o qual podemos chamar de “despadronização” quanto aos usos e costumes, que se tornam relacionais quanto à região da congregação, da localização

dentro do bairro, no quesito institucional, quanto ao sexo, idade e escolaridade dos membros, da posição institucional, apontando para um contexto em que o poder de barganha das individualidades passam a operar, virando ao avesso o modo como a igreja funcionava há cerca de três décadas.

No nível da experiência, a doutrina do dízimo passa a ser questionada; o divórcio passa a ser uma possibilidade (dependendo da posição institucional e do contexto do ocorrido); trajes estão gradativamente cada vez mais avessos à gênese do “nós-assembleiano” de Daniel Berg e Gunnar Vingren (fundadores) e de Samuel Nystron, quanto a unificação e padronização dos usos e costumes relativos ao corpo no Brasil. As pregações são cada vez mais banhadas da explicação racional do “sentido” em prol do proselitismo e persuasão, seguido da demanda de membros cada vez mais críticos acerca dos líderes. Vemos então, que a AD/MM tem funcionado de modo inverso em relação à sua gênese e camadas “secundárias” de *habituses*, mantendo uma linha firme até dos anos 90, quando da urgente necessidade de afrouxamento e suavização de suas normas em um contexto de pluralismo, como discutiremos.

### **A estruturação do texto**

Nesta introdução apresentamos nosso objeto e nossa experiência na época em que fomos nativa na AD/MM, além de nossa construção paulatina como pesquisadora, focando no processo em que vivenciamos tensões e rupturas familiares e religiosas em razão de nos constituir como “desviante” até nos constituirmos como ex-nativa e, enfim, pesquisadora do tema do desvio na mesma igreja. Nossa relação com o desvio imprime ao trabalho um tom biográfico, oferecendo ao leitor as condições de entendimento da problemática a partir do olhar de alguém de dentro e de fora da AD/MM ao mesmo tempo, sendo descritas nuances do que é tornar-se um “desviante” e alguns elementos que nos inserem nesse processo de mutação em que um novo modelo de instituição e de membro se desenha.

Mesmo que esse “novo modelo” de membro não se refira à pesquisadora, já que a mesma não permaneceu na instituição, é possível observar alguns elementos de regularidade, como no plano das emoções, e ainda algumas situações objetivas que são comuns e que nos ajudam a pensar o desvio no plano da experiência. Estamos tratando, neste trabalho, de membros que questionam algumas imposições e constroem seus pertencimentos com base na desviância. Pensar em novos modelos assembleianos reivindica um olhar comparativo, a

reconstrução do passado biográfico e a mobilização de algumas experienciais e teórico-analíticas.

Dentre as questões eu nortearam nosso trabalho de campo, destacamos as seguintes: Que igreja tínhamos antes? Que igreja temos agora? O que esteve e está em jogo neste processo de transformação? Como essa dinâmica influencia os fiéis no mundo contemporâneo, marcado pela fluidez, inconstância, “*liquidez*” (BAUMAN, 2013), forjador de sujeitos que estão em constante transformação, com “*identidades móveis*” (AGIER, 2001)? Como constroem suas experiências religiosas diante da estrutura normativa atual (formal e informal)? Quais as causas dessas transformações mencionadas, ou melhor, o que está presente neste jogo de mutações em que temos cada vez mais nítida a existência da racionalidade em um sistema que por muito a demonizou?

Entendemos que a compreensão do processo de modificação de concepções e transformação nos usos e costumes, como também do movimento em prol da preservação da tradicionalidade assembleiana andam de braços dados. Em muitos casos observados, as rupturas se revestem de continuidades, como uma espécie de “novo” ao tom tradicional.

Se, por um lado, saber como os pontos de transformação foram possíveis a partir da história da igreja, resultando na produção e posterior reformulação do seu regimento interno é indispensável, por outro, entendemos que o desvio é um produto que foge à norma oficial, pois é próprio das dinâmicas locais das congregações e dos processos subjetivos em que o membro pode elaborar e reelaborar de formas distintas suas concepções de acordo com sua própria trajetória e situações que vão para além dos muros da igreja, sem esquecer que o tipo de congregação também influencia o comportamento dos membros. O desvio, portanto, é um produto social que surge a partir do processo de interação entre membros e que estão em constante fricção entre ortodoxia e heterodoxia.

Nesta perspectiva, compreender como são construídas as percepções atuais em torno do que se considera “desvio” se configura como um problema para nós, tendo em vista que as mesmas partem de um processo autoral, intimamente ligado às trajetórias e marcadores presentes em cada indivíduo e que apenas pela investigação se pode acessar. No entanto, entendemos que retornar à história se faz necessário para identificarmos mudanças e causas envolvidas, comparativamente ao tipo / modelo de igreja e membros que temos hoje. Por essa razão, dedicamos o capítulo 1 deste trabalho para resgatar a história da Assembleia de Deus no Brasil e em Alagoas, na tentativa de trazer ao leitor o conhecimento sobre a identidade da

instituição e, ao mesmo tempo, levantar elementos que possam auxiliar na compreensão em torno da necessidade imperiosa de formulação da norma, apresentada nesta mesma seção, em seu segundo subtópico.

Ainda neste capítulo, realizamos um mergulho na teologia pentecostal assembleiana, identificando os sentidos dos ensinamentos sobre os usos e costumes a partir de um culto de doutrina dedicado a este fim, onde pudemos extrair quais os versículos de referência associados ao tipo de leitura que tem sido realizada, além das estratégias de persuasão aos membros que ficaram claras durante o discurso.

Para finalizar este capítulo, nos debruçamos, a partir da abordagem de Becker (2008), na problematização com fins elucidativos sobre a construção do desvio e dos desviantes na AD/MM, utilizando a análise multivariada do desvio, momento em que já trazemos alguns dos dados de campo, mostrando e analisando os processos elaborativos institucionais e individuais (na experiência) de desvio, como também os processos e condições sob as quais a reação e rotulação ocorrem. Para tanto, construímos um quadro sistemático composto por normas formais (regimentais), doutrina e normas informais, separando as proibições que se mantêm estáveis e aquelas que perderam força imperativa nas condutas dos membros.

Deixamos ainda claro, a partir da análise dos nossos dados etnográficos como a situação de desviância flui a partir de uma dinâmica relacional em que um desvio se configura como tal sob condições bem específicas, relativas, por exemplo, à posição institucional e ao tipo de congregação analisada, nas quais os níveis de coerção podem divergir.

No capítulo 2 trazemos uma análise de duas variáveis, que no nosso modo de ver são determinantes do funcionamento do sistema cultural da AD/MM: o gênero e a geração. Historicamente, vemos que as preocupações da igreja relativas ao corpo, principalmente o da mulher formavam pautas de discussões e conflitos na AD/MM, ao ponto de se destacar em três momentos históricos da instituição, quando das reuniões para a criação da resolução e sua subsequente reformulação.

A relação entre gênero e instituição permeia toda história da igreja até o momento atual, quando ainda, mais intensamente pela via informal, nos deparamos com a importância de trazer o tema, principalmente no tocante à dominação masculina ainda predominante, mas perpassada por novos elementos que oferecem à mulher assembleiana atual uma experiência

que destoia, comparativamente, da que teve ou tem uma mulher de cônjuge tradicional, nos moldes originários da igreja.

Descreveremos ainda neste capítulo, como o perfil da mulher assembleiana tem se modificado, mediante o acesso ao ensino superior, acabando por reafirmar ou se somar ao *habitus* assembleiano, garantindo a legitimação do mesmo e ainda da submissão ou sujeição, porém agora repartidas em duas situações classificadas por nós como “sujeição mecânica” e “sujeição racional”, as quais o leitor terá acesso ao entendimento por meio dos elementos etnográficos percorridos em um dos sub-itens deste capítulo.

Ainda neste capítulo, discorreremos sobre a relação atual entre as juventudes e a AD/MM, destacando seu protagonismo na construção do desvio, que resulta no levantamento de tensões e conflitos entre as gerações, desequilibrando o sistema da igreja e, dialeticamente, desenhando uma nova paisagem social assembleiana.

Apresentamos ainda neste capítulo as características peculiares dos jovens assembleianos atuais, como também os elementos que se constituem como ingredientes para a renovação social da igreja, expressando-se em novos modelos que, tendencialmente, impactam o curso da instituição, no que se refere à questão doutrinária dos usos e costumes. Neste sentido, apontamos que existe uma relação direta das juventudes com o “desvio”, apesar de não deixar de considerar a presença ainda marcante da conformidade em muitos jovens.

Não consideramos que o “desvio” é próprio das novas gerações, mas regularmente presente quando consideramos este marcador, sem esquecer da relacionalidade do “desvio” dentro dessa regularidade. Consideramos, neste trabalho, a partir das evidências do campo de pesquisa, os “níveis” ou “tendências” do “desvio”. Não consideramos os comportamentos de forma polarizada em de membro “exemplar” e membro “desviante”, pois a pesquisa mostra que a situação de “desviância” é relacional e é refratada por contextos e situações. A rotulação de alguém como “exemplar” ou como “desviante” é exercitada pelos nativos, segundo as distintas concepções que partilham. Somente por meio da investigação as particularidades e nuances da heterodoxia podem ser compreendidas.

No capítulo 3, discorreremos sobre o conflito existencial instalado ao voltarmos no momento da pesquisa ao “lugar” com o qual vivêramos uma ruptura, focalizando as contradições sentidas ao estar novamente vivenciando as sensações de certo modo

anteriormente experimentadas, sendo reconhecidas e reativadas, e na oportunidade, intensificada pela sua inserção cotidiana em um polo familiar de assembleianos, em uma situação pessoal de alta vulnerabilidade.

Nesse contexto nos chocávamos com o tema dos usos e costumes, que continua em pauta, principalmente na via informal, mediante a vigilância entre os membros ainda ativa. Discutimos como nossos trajés que destoam dos assembleianos provocaram, ativaram e mobilizaram discursos de cunho explicativo para o que consideravam ser insucesso na vida da pesquisadora, considerando que tinham ciência das rupturas ocorridas.

Os conflitos existenciais que se exacerbavam a cada aparecimento da pesquisadora usando "itens desviantes" nos levaram à conclusão de que não era apenas ela quem observava os assembleianos, mas a todo instante ela era objeto da observação dos assembleianos a que tinha acesso, que recorrentemente afirmavam: “-  *você precisa voltar pra Jesus!*”, em razão de interpretarem nosso não pertencimento à igreja e o uso de itens que destoam do ideário doutrinal da instituição como um distanciamento de Jesus e da “salvação”. O leitor terá acesso a nossa narrativa referente a essa “volta” ao lugar conhecido, no capítulo 4 deste texto.

Ainda neste capítulo, relatamos com toques etnográficos este momento da pesquisa, como se sucedeu a convivência com assembleianos, os entraves e os conflitos vivenciados e presenciados, o que nos auxiliou no entendimento das dinâmicas locais e situacionais nas quais atuavam os membros da AD/MM, das suas experiências religiosas e relação deles com o “desvio”, sempre tendo em referência os modos pelos quais os atuais assembleianos se posicionam ou se inserem em relação à normatividade da AD/MM.

O último capítulo, o 4, é dedicado à análise de materiais coletados durante o trabalho de campo. Apresentamos o perfil dos membros da amostra de assembleianos selecionados segundo as variáveis idade, nível de instrução, sexo, posição institucional e tipo de congregação a qual estão vinculados (se de periferia ou do centro urbano e do subcampo da AD), com o intuito de organizar as informações, proporcionando as condições para a comparação dos modelos assembleianos classificados como originários e os atuais, de modo a captar as formas de elaboração em torno das práticas “desviantes” de cada membro.

Em um primeiro momento, analisamos os perfis individualmente, focalizando as trajetórias e os mecanismos exteriores à igreja responsáveis pela construção das lógicas classificatórias ativadas pelos sujeitos pesquisados, tentando identificar de que modo os

elementos provenientes das experiências socializadoras externas ao campo religioso incidem sobre as maneiras pelas quais os membros entrevistados entendem por assembleiano “exemplar” ou “desviante”. Para além disso, buscamos entender como cada membro analisado construiu e constrói a sua experiência com o “desvio”, lembrando aqui a abordagem relacional exercitada.

Na análise das entrevistas, o leitor perceberá o trabalho que buscou identificar os sentidos das narrativas em torno do “desvio” elaboradas por membros aparentemente “exemplares”, o que nos causou em muitos casos, surpresa, ao descobrirmos que a desviância estava também neles, em algumas situações ou em relação a alguns temas. Sobre isso foi muito importante a vivência no polo familiar que nos acolheu.

Por outro lado, nos debruçamos sobre os membros declaradamente desviantes descobrindo neles algumas concepções e práticas conservadoras.

Realizado todo o trabalho de descrição e análise de cada perfil, separadamente, tivemos condições para comparar os perfis em relação ao núcleo duro da instituição, isto é, à ortodoxia, para tornar visível o que se modificou e como, do ponto de vista do funcionamento e organização do sistema cultural da instituição.

Nosso trabalho parte de uma análise micro social para então verificar o que ela expressa para a compreensão macroestrutural da igreja, no nível de “tendências”, já que foi utilizado o critério situacional, contextual e geográfico, sendo limitado nosso poder de generalização. Sobre essa questão, o leitor verá que após o trabalho de cunho descritivo e analítico apontamos para algumas causas do que é narrado pelos sujeitos entrevistados como uma cisão entre “religião” e “evangelho”, presente na atualidade do sistema cultural assembleiano.

É importante dizer que a descrição e análise do comportamento dos membros da amostra em torno do nosso objeto de estudo, o desvio na igreja AD/MM está conectado a cada capítulo trabalhado, uma vez que os mesmos compõem os nossos objetivos específicos, trabalhados um a um e que por fim, auxiliam na compreensão dos perfis assembleianos escolhidos, como também para dar um panorama geral atual do desenho e paisagem sociocultural da instituição analisada, no que tange aos ‘usos e costumes’.

Seguem-se as considerações finais, a lista de referências e os anexos.



|

## CAPÍTULO 1 - ASPECTOS HISTÓRICOS E A FORMATAÇÃO DA IDENTIDADE ASSEMBLEIANA

### 1.1 A fundação da Assembleia de Deus Missionária no Brasil e em Alagoas

A igreja Assembleia de Deus ou Ministério Apostólico e de fé (nome inicial) surge no Brasil em 1911, fundada por dois suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren. Esses missionários, insatisfeitos com uma valorização meramente institucional das ‘experiências de fé’, rompem com o luteranismo e saem dos Estados Unidos, chegando ao Brasil com a proposta de oferecer um modelo de religiosidade no qual aquelas experiências e a produção e gestão dos bens religiosos deveriam estar ‘nas mãos de deus’.

Na perspectiva dos fundadores, a *igreja* teria sua centralidade mais no próprio fiel do que na esfera institucional, na medida em que ele seria o lugar habitado por deus, com quem seria estabelecida uma relação de intimidade não mediada por aspetos institucionais. Berg e Vingren se propunham a inovar fundando uma igreja com baixo nível de institucionalidade.

Em relação à definição Durkheimiana de Igreja, caracterizada como um espaço físico comum onde se reúne uma comunidade partilhante de crenças e ritos comuns, com regras e noções próprias de distinção entre “sagrado e profano”, a proposta dos missionários guarda certa ambiguidade, pois além da noção de espaço físico integram também um significado de comunidade para-territorial, constituída com base na ligação entre sujeitos que partilham uma condição subjetiva, integrados ao ‘corpo místico’ composto por aqueles que se constituem individualmente como templos do ‘espírito santo’.

Um sinalizador da “presença divina” nessa “igreja subjetiva” seria a experiência denominada de *glossolalia*, um dos sinais do ‘batismo no espírito santo’, apregoado a partir do movimento que emerge na Rua Azusa, em Los Angeles, nos Estados Unidos (FREESTON, 1994). A glossolalia – o dom de falar em ‘Línguas espirituais’ – ganha força entre os pregadores pentecostais de várias partes do mundo, que a constituem como evento fundador do pentecostalismo, com base no registrado na Bíblia, no livro de Atos, capítulo 2 como o Pentecostes. O “batismo” no espírito santo, do qual o ‘falar em Línguas estranhas’ é um dos sinais mais legitimados, continua sendo altamente valorizado até os dias de hoje no campo do pentecostalismo.

A glossolalia é definida como um sinal atestador da chegada a um alto nível de ‘comunhão com deus’, de que o indivíduo está cumprindo bem as regras e modelos de subjetividades que o ‘afastam da influência do *mundo*’, a qual impediria a proximidade e

aprovação de deus, produzindo um “esfriamento espiritual” e a suscetibilidade ao risco de ‘perdição eterna’.

No campo das Assembleias de Deus circula a ideia de que o crente que é batizado com o “espírito santo” e que diminui a frequência com que “fala em línguas estranhas”, provavelmente está passando por uma condição de ‘esfriamento’, estado este que necessita ser revertido pela oração, de modo a afastar o risco de perigo e impureza trazidos pelo distanciamento de uma ordem que abriga os símbolos convencionais à cultura e que carregam o status de “santificados” (DOUGLAS, 2010). Em um dos cultos dos quais participei, ouvi, por exemplo: *“Você que nunca mais falou em línguas estranhas venha aqui pra frente que eu vou orar por você!”* (Fala de um Presbítero assembleiano de uma das congregações do conjunto Benedito Bentes I, Maceió/AL).

Os assembleianos ainda não contemplados com a *glossolalia* são orientados a persistirem na busca, pois essa experiência, definida como um ‘batismo espiritual’, representa para os nativos um “revestimento de poder” contra o pecado. É como se o fiel ficasse, em certa medida, mais imune a “falhas”, as construídas pela comunidade como “desvios”, e mais forte para resistir a “tentações”, sendo capaz de manter a força dos símbolos da ordem em suas subjetividades, afastando-se de comportamentos “impuros” e “profanos”.

A oposição entre “igreja” e “mundo” tornou-se basilar nesta igreja desde sua fundação, correspondendo à criação de condições que a distinguissem de outras igrejas já estabelecidas no subcampo das igrejas pentecostais (ALENCAR, 2010). A condenação “ao mundo” se conecta ao que se define na AD como “usos e costumes”, ou seja, a regras relativas a trajés, comportamentos considerados “santos” por sua hierarquia, e em termos correspondentes, ao que se define como “mundano”, “depravado”, “impuro”.

A reconfiguração da leitura do conteúdo biblista é evidente entre assembleianos, os quais demonstram uma predisposição para a interpretação “literal” do texto sagrado, fazendo-a de modo conectado ao cotidiano, prezando, em muitos casos, pela relacionalidade contextual. Embora seja assim, este comportamento agenciador, dinâmico e relativo choca-se constantemente ao núcleo duro institucional, a ortodoxia, que continua desejando a formação de membros tradicionais.

Ancorados no que discute Douglas (2010), consideramos que a evidência da reconfiguração do ordenamento simbólico ou mesmo de ações tradicionais, na terminologia de Weber (2004), da cultura assembleiana, institucionalmente avessa a mudanças, cuja preocupação no presente em relação a esse ordenamento se materializa na vigilância e controle dos comportamentos, conforme observado, necessita tanto de elementos externos à

cultura que tensionam essa ordem, quanto de mecanismos internos que permitam o processamento da transformação interna, para que surjam novos elementos nessa mesma ordem.

Berg e Vingren rompem com o luteranismo justamente em razão do que consideravam um controle institucional excessivo sobre a vida dos fiéis e suas experiências religiosas. Nossa interpretação é a de que esse controle e administração sobre a membresia passa a se instalar na AD no Brasil a partir da força com que se reveste o imaginário mobilizado pela liderança religiosa nacional, do tipo carismática, (WEBER, 2004), o qual se afasta da liberação proposta pelos suecos, que o viam como devendo ser exercido apenas pelo próprio “espírito santo”.

A AD/MM, do subcampo das pentecostais, nasce de uma preocupação com o questionamento da institucionalização da religiosidade, destacando a força da relação de caráter simbólico / místico individual com sua divindade. Ao que parece, a primeira dimensão foi percebida como contraditória e mesmo um empecilho a um desfrutar espiritual pleno.

Nossa hipótese sobre o *ethos* da AD em geral e particularmente da AD/MM é a de que a centralidade de definições ortodoxas dos ‘usos e costumes’ representa uma direção oposta à planejada pelos fundadores dessa denominação, correspondendo a necessidades locais de modelos de religiosidades capazes de funcionar como controle social, em contextos sociais marcados pela frouxidão da partilha de sistemas de moralidades, incapazes de exercer a função de parâmetros guias consistentes para os indivíduos.

Mesmo se caracterizando como uma religião na qual se privilegia a espontaneidade no exercício das práticas religiosas, ocupando a experiência sensorial com deus um lugar privilegiado, nas AD em geral o controle institucional rigoroso do exercício da fé tem se tornado inclusive uma marca diferenciadora do seu modelo de religiosidade, de modo a se constituir em uma diferença marginal no subcampo pentecostal e no campo evangélico no Brasil.

Na plausibilização da experiência sensorial como central na religiosidade assembleiana, destaca-se também a concepção da leitura e interpretação ‘livre’, individual da bíblia, guiada pelo “espírito santo”, não sendo indispensável uma formação teológica para o entendimento das ‘escrituras’. Na visão dos assembleianos, a bíblia é um livro espiritual e, em razão disso, sua interpretação é dada pelo espírito santo àqueles que lha solicitam. Nesta perspectiva, os pastores recorrerem a uma formação teológica é muitas vezes algo desprezado, principalmente pelos membros mais velhos da comunidade (LOPES, 2018), no entanto, neste trabalho apontaremos uma nova tendência.

A história da AD no Brasil nos possibilita o entendimento de como foram fundamentadas as concepções encontradas hoje entre os mais velhos e mesmo em jovens, segmentos nos quais se observa a valorização do rigor dos ‘usos e costumes’ em níveis diferenciados, sendo nossa intenção nesta pesquisa realizada, analisar as dinâmicas diferentes de construção dos comportamentos ‘desviantes’ na instituição, as vias potencializadoras dos mecanismos de construção e agenciamento do ‘desvio’ nas Assembleias de Deus, bem como as condições em que ele é visibilizado e experienciado.

## **1.2 A doutrina assembleiana e a produção de condutas: o “culto de doutrina”**

Neste tópico, dedicamos nossa atenção a compreensão de como são elaborados pela igreja Assembleia de Deus os princípios normativos de usos e costumes relativos ao corpo, tomando como base a noção weberiana de que os indivíduos dão sentido as suas ações. Olhando na direção macro, ao considerarmos a instituição Assembleia de Deus, mediante a noção compreensiva de Weber, estaremos fazendo um esforço de entender o funcionamento desta dimensão, cuja importância ainda é expressiva na atualidade.

O conceito de religião sob a ótica do autor não é homogêneo, em razão da dimensão burocrática, racional e que prefiguram um *modus operandi*, compreendido apenas se focarmos na própria instituição. Para além disso, entendemos que o funcionamento da igreja, em seu curso histórico, é passiva de modificações, influenciando o comportamento dos membros que também mudam de acordo com a dinâmica social fora e dentro da instituição.

Nesta perspectiva, estaremos em busca dos sentidos das ações, que podem ser diversos entre os líderes e membros, considerando a variabilidade que a abordagem microssocial nos propõe e que cabe bem a nossa pesquisa. Estaremos, primordialmente, extraindo os sentidos que dão corpo a estrutura normativa da igreja em torno dos usos e costumes, e faremos isso nos apoiando em um culto de doutrina, onde foi abordado o tema “pudor”. Nos reportaremos aos mesmos de modo respectivo. Esses cultos foram indispensáveis a esta pesquisa, pois por serem de abordagem “doutrinal” sua ênfase recai sobre a condução, construção e mesmo correção de comportamentos pelo meio reflexivo dos ensinamentos.

São nestes cultos em específico em que a instituição igreja revela a sua identidade, o seu pensamento coletivo, o seu ideário, sendo socializadores de condutas, considerando, claro, as especificidades do processo de internalização dos sujeitos, já que esta instituição é apenas uma entre tantas outras as quais são também socializados cotidianamente.

Partimos do pressuposto de que se almejamos a compreensão da identidade da igreja e como ela se constrói historicamente, é preciso entender, em primeiro lugar, como são elaboradas as interpretações e ainda as disponibilizações ou dispensações a seu público, isto é, identificar as estratégias do comportamento eleito ofertado e seus graus de alcance.

Sendo assim, uma pesquisa que gira em torno de polaridades como interditos normativos e liberações baseando-se nas dualidades “sagrado e profano”, no senso comum, sobre aquilo que “pode” ou não pode, sendo esta igreja vista ainda como a igreja do “não pode”, não poderia deixar de evidenciar esta noção tão cara a igreja em questão, já que o “pudor” no sentido aplicado é tão importante.

O primeiro culto de doutrina mencionado e que focalizou o “pudor”, foi realizado em 20 de outubro de 2020 por um dos líderes religiosos de referência nas AD/MM no Estado, de forma remota e com apenas trinta por cento dos membros. Nesta ocasião, o pastor defendeu que “na igreja Assembleia de Deus inexistente uma “doutrina”, no sentido de “criada”, construída, “inventada”, pois a doutrina seguida é a “palavra de deus (a bíblia)”. Neste ponto, destaca-se a união entre crença e costume, desaparecendo a (ou apelando-se ao desaparecimento da) linha teórica impositiva advinda da própria concepção da igreja enquanto instituição física terrena e que como tal, interviria culturalmente na vida dos seus fiéis.

*Nós não temos uma doutrina. A doutrina é a da palavra de Deus. Ninguém pode inventar!*

No sentido usado pelo líder, é fora de lógica que a igreja imponha algo de caráter humano, construído sem base bíblica. Há, portanto, uma fusão dentro do pentecostalismo assembleiano de crença e costume, embora no enunciado do regimento interno haja o esclarecimento de que os “costumes” da instituição são “saudáveis”. A expressão “costumes” aparece, evidenciando uma linha distintiva e própria da instituição, porém no nível da experiência dos sujeitos é pregado e acredita-se que se há um seguimento da bíblia, e os costumes são extraídos de lá, logo, obediência (práticas de usos) a fonte (bíblia) estão intrincadas.

O versículo que o pastor embasa a defesa de legitimidade total da bíblia para o comportamento cristão atual está em I Coríntios 14.37 “*Se alguém cuida ser profeta ou espiritual, reconheça que as coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor*”. Há, neste momento da fala um incômodo pelo pastor acerca de uma ideia surgida no meio cristão de

que a bíblia não seria a palavra de deus, mas “conteria” a mesma, segundo ele, fruto de um liberalismo que tem afetado o meio cristão.

Mais uma vez, a busca pelo sentido das coisas aparece. Não faz sentido ser crente se a bíblia não ser a palavra de deus, mas apenas conter. Ao mencionar o versículo acima, o líder enxerga o desafio proposto por Paulo que daria a prova da legitimidade divina dos seus ensinamentos doutrinários, pois Paulo afirma que os profetas sabiam identificar as verdades contidas nos mesmos, já que recebem mensagens do próprio deus.

*Toda doutrina é divinamente inspirada! eu só sou crente porque as escrituras é divinamente inspirada! Paulo disse que o que escreveu é mandamento do Senhor.*

O papel de pastor exercido, acompanhado das orientações “bíblicas” (usos) por ele defendidos vêm acompanhados de racionalidade. Para executar o papel social e disseminar a crença extraída da fonte bíblia é preciso que isto faça sentido para quem o faz, pois na verdade, para os nativos, não é simplesmente crença, é a verdade a ser seguida, e neste ponto perfaz-se uma ação racional com relação a valores, orientando as condutas.

Durante o sermão do pastor, ou “pregação”, como é comumente chamada, fui afetada pelos ensinamentos, que adentraram a minha subjetividade como uma lança bastante fina, de modo que aquilo que era dito estava muito claro, dado, dotado de sentido. Eu pensava em como não havia possibilidade alguma de o líder estar equivocado sobre a maneira como pensava ser a condução do corpo no que tange aos trajes e uso de cosméticos, orientados por uma lógica racional, bíblica.

*Você vê uma pessoa nua você não enxerga a alma, só vê a carne, a volúpia, desperta a volúpia, desperta os instintos da carne, desperta a sensualidade, então, você vendo uma pessoa nua, jamais você vai pensar em Deus, você só vai pensar em carne, na volúpia que está intrínseca na natureza humana. Você não vai glorificar a Deus.*

Em outro momento, o pastor afirmou ainda que:

*Quando se vê alguém vestido decentemente, essa pessoa não é vista como objeto de volúpia, mas a mente de quem a vê, imediatamente, se voltará para os aspectos morais e espirituais dela.*

Afirmando ainda:

*Quando você vê uma pessoa bem vestida você não vai pensar, dificilmente, em carne, só se você tiver doido! você vai pensar na inteligência, na nobreza das palavras, até na elegância da pessoa. Mas, se você vê uma pessoa mal vestida, vai despertar outros sentimentos. É verdade ou não é, irmão? ou eu*

*estou contando aqui uma fantasia? É uma realidade que todos nós conhecemos, não é uma coisa a toa. O traje enobrece ou vilipendia a pessoa. Até no mundo! me diz uma coisa: vai ter uma entrevista de emprego, aí chega uma moça bem elegante e outra mastigando chiclete, de short e tomara-que-caia. Pela lógica, qual das duas vai ser contratada? já causou má impressão. Já diminuiu a nota.*

A expressão “pessoa nua” na ótica cristã assembleiana e segundo expresso no estudo doutrinal deste dia, refere-se a ausência do pudor, que significa, na língua do novo testamento, “aidos”, sentimento de vergonha, olhar para baixo, cobrir, esconder aquilo que precisa ser escondido. Já as expressões “vestido decentemente” e “bem vestido” referem-se a trajes em concordância com o pudor, como definidos pela igreja.

Para além de trajes, o sentido do pudor disseminado nas pregações também diz respeito ao que é dito e sentido. Vejamos como se pronuncia um dos líderes sobre esse tema:

*O pudor consiste em esconder o que não é lícito mostrar aos outros. Sentimentos e pensamentos, desejos e certos fatos que só nos dizem respeito e a mais ninguém. Tem coisa em nós que não dá pra dizer a ninguém. O pudor manda cobrir. A intimidade do casal, sentimentos e pensamentos que nos vêm a alma. Sonhos eróticos.*

Sobre as consequências:

*Ao expor essas coisas às pessoas que não nos amam com o amor de Deus, você se tornará objeto de cobiça e volúpia e perderá a honra e a dignidade.*

Um comportamento “despudorado”, conforme o leitor pode observar, levaria à desonra, a ausência de respeito, a descrédibilização para o que pratica a conduta. O oposto é o ideal, porém, para que possa ser alcançado, segundo o líder é necessário observar alguns critérios. Segundo a ministração é importante classificar as partes do corpo, para que então se compreenda a melhor forma de trajar-se e para que o critério de pudor seja expresso no comportamento.

Segundo o pastor, há partes no corpo consideradas “honestas”. Trata-se das mãos, pés, pernas, rosto e antebraços. Para o pastor, não há possibilidade de alguém sentir algum desejo sexual ao observar expostas, estas partes. Por esta razão, estas são também chamadas de não pudendas (partes que se pode mostrar, expor).

*Só se alguém tiver uma tara, essas partes jamais despertarão o interesse sexual. A pessoa olhar pra o pé de uma mulher e dizer, “que pé! endoidou! já é bruxaria! ou então, a mão. “que mão! Isso é doença, é fetiche!*



Seguindo a classificação, temos ainda parte “semi-honestas”, as “semi-pudendas”. Também chamadas de partes intermediárias. São as coxas, braços, partes próximas aos seios e o ventre. A orientação é que estas sejam cobertas, por serem próximas das regiões classificadas como “pudendas” tais como seios, genitálias, e regiões adjacentes, pois estas já podem despertar desejos sexuais naqueles que as visualiza. Estas classificações também estão presentes em uma teologia do corpo, dentro do catolicismo.

*As coxas, elas não são partes pudendas, mas elas são próximas. Por que as mulheres cristãs não devem deixar as coxas de fora? porque as coxas elas não são pudendas, mas são semi, elas chegam perto. Então, se elas vão chegando perto, que que cê deve fazer? Cobrir!*

Note o leitor que a igreja se utiliza de critérios racionais, dentro de uma hermenêutica, para modelar condutas, perfazendo, na análise de Weber um desenho racional da condução do corpo. Quanto aos membros, para fins de alcance do objetivo, “utilizar-se do pudor”, devem, portanto, observar as classificações expressas, de modo a obedecer a uma doutrina que “é” a própria palavra de deus. Uma ação, para os não desviantes, racional, com vistas para a finalidade, na abordagem weberiana de análise.

Dentro do sistema assembleiano, portanto, pudemos extrair que o seu funcionamento se desenrola por uma racionalidade, que se baseia em uma teologia cada vez mais preocupada com a busca pelo sentido. Não é mais suficiente, portanto, receber uma mensagem profética, mas compreender o teor da mensagem bíblica veiculada por pregadores, “por que”, “para que”. Se o membro alcança essa compreensão, haverá uma fidelização deste na igreja, já que o que foi proposto faz sentido. Este é um comportamento notado por nós, também nas experiências religiosas dos membros entrevistados.

*Pastor, o senhor está dizendo que eu posso deixar pelo aqui (bigode) e não aqui (barba), é isso? (Jovem assembleiano, 23 anos, solteiro, nível superior, músico na igreja)*

Logo acima, temos a narrativa de um membro que foi advertido por seu líder religioso ao fazer uso da barba. A pergunta apela pela busca do sentido, já que para o membro não faz sentido cobrar uma mudança de conduta se a mesma não representa na sua perspectiva uma conduta pecaminosa. Este é um exemplo da necessidade cada vez mais atual de as pregações objetivarem o esclarecimento de questões.

Diferentemente de como ocorria no período histórico de fundação e desenvolvimento da igreja, onde a revelação, a mensagem verticalizada e hierárquica conseguia a confiança e

aceitação dos membros, a racionalidade tem se apresentado como um diferencial, para essas gerações. Neste sentido, o momento atual aponta para uma tendência a valorização da teologia, antes marginalizada e evitada, o estudo e análise da bíblia e não apenas a interpretação literal e o tipo de mensagem de cunho profético. Discutiremos nossos achados no nosso tópico final de análise.

A bíblia de estudo Pentecostal foi lançada em 1995 pela Casa Publicadora da Assembleia de Deus, e tem como comentador e escritor das linhas de rodapé o pastor estadunidense Donald Stemps, mencionado durante o estudo pelo líder palestrante como um pastor conservador, “um homem de Deus”. Segundo Stemps:

*É vergonhosa a situação de qualquer igreja que desconsidera o padrão bíblico para o modo moderno de vestir-se e que adota passivamente os costumes do mundo.*

Ao ler esta frase para os fiéis durante o estudo sobre o pudor, o pastor concorda que existe uma maneira de vestir-se que se distancia da modernidade, dos usos do “mundo”. Por outro lado, analisamos que o termo “modernidade” adquire um sentido ambíguo, ora positivo, ora negativo. Na frase de Stemps, é possível identificar o sentido negativo que o termo carrega. No entanto, em outro momento, o líder religioso expressa uma espécie de aceitação da modernidade, atribuindo a ela um sentido positivo.

*Não vamos tratar aqui de costume de época, mas de doutrina. Se vocês pegarem fotos dessa igreja de cinquenta anos atrás os costumes eram diferentes. A roupa, irmão, era ‘matadinha’, né? Eu não quero que as irmãs vistam como naquela época. Não estou propondo isto. Tinha umas roupas até meio feias, né? Matadas, né? Não. Não precisa isso não! As roupas mudam, os costumes mudam, os modelos. Não é isso que a palavra de Deus propõe: a, cafonice, a caretice. A palavra de Deus propõe “pudor”! Pode ser uma roupa moderna, da última moda, mas, “pudor”!*

Ao apontar para um antes da igreja no que tange aos trajes, o pastor se inscreve em uma autopercepção da dinâmica social, mesmo para a igreja, à qual foi aplicado por tanto tempo o ideário de estática, colocando-se como crítico dos usos e costumes anteriores, ao se referir à “caretice”, à “cafonice”, negando um tradicionalismo passado para os trajes e propondo a remodelação desse tradicionalismo para o momento presente, valorizando a moda, o cuidado do corpo, embora aplicando a estes algumas medidas de controle.

*A mulher cristã ela pode usar cosmético. Mas não para emperiquitar. Não para afetar, mas para melhorar a aparência, para tampar um burquinho. Pastor, tô com um burquinho no rosto, posso tampar? Pode! Mas Deus ajude que não chova! (risos)*

Segundo o pastor, está nas escrituras a orientação ao embelezamento e autocuidado. Baseando-se no apóstolo Paulo, que em 1 Timóteo 2.9 utiliza a expressão “ataviamento” que quer dizer “beleza, organização e traje honesto, orienta os membros a uma valorização do cuidado e adorno do corpo utilizando a bíblia como fonte dessas orientações, o que torna evidente a mudança de condução de uma instituição que antes evitava o novo, o moderno, mas que agora busca reinventar sua tradicionalidade aglutinando novos elementos.

*Pode ser uma roupa moderna, da última moda, mas “pudor”!* (líder religioso)

O próprio modelo atual proposto destoa da proposta de tradicionalidade originária, visível pelas mudanças nos trajes e no próprio discurso do líder, que traz ambiguidade ao discurso. Nesta perspectiva, um tipo ideal passado de membro assembleiano do sexo feminino, por exemplo, remeteria a imagem de uma mulher com membros superiores e inferiores cobertos com trajes longos, sem demarcação de contornos. O tipo ideal do sexo feminino atual nos remete a uma mulher com saia até o joelho e blusa com manga, ou vestido com as mesmas características, não longos e podendo ajustarem-se ao corpo.

Utilizamos as categorias “sensualidade positiva” e “sensualidade negativa” para dar conta das permissividades e dos interditos relacionados aos trajes femininos. A primeira é aceita pela igreja e se revela em atos de mulheres, em geral, jovens, onde se verifica o uso de decotes, mesmo moderados, saias e vestidos justos, o cabelo em muitos casos “alisados” e em dia com tratamentos de beleza.

A performance do corpo também demonstra uma valorização e inclinação para a moda e sensualidade. É preciso chamar a atenção. É preciso ser vista. No caso dos homens, a visibilidade de trajes ou a valorização da formalidade também ocorre, mas muito mais entre pregadores e jovens. Repetir roupas é mal visto. Dentro das possibilidades, é preciso estar sempre “elegante”, com sapatos de saltos altos, no caso das mulheres de várias idades, especialmente no domingo, onde há, de modo mais intenso, uma atmosfera de observação entre os fiéis em relação aos trajes uns dos outros, principalmente entre as mulheres, que almejam estar “impecáveis”. Mesmo assim, o controle, principalmente em relação ao tamanho das saias e vestidos e transparências nas mesmas é nítido, como também aos tons escuros de pinturas, que prefigurariam uma sensualidade do tipo negativa.

O corpo, portanto, é altamente valorizado no universo assembleiano, tanto que foi e continua sendo objeto alvo de controle, mesmo mediante a mudanças sofridas no curso histórico da igreja. Ao reconhecer essas mudanças, os líderes assembleianos acabam produzindo, baseados na ambiguidade identificada em relação ao termo “modernidade”, duas versões ou modelos da mesma: uma “positiva” e outra “negativa”. O termo é utilizado de forma dual. Algumas comunidades simplesmente rejeitam até o termo, associando-o à profanação do sagrado.

*Tem Assembleia de Deus que você entra e você não sabe se é mesmo uma Assembleia. É preciso você voltar pra porta pra olhar o letreiro de novo. Porque o liberalismo ele não respeita igreja nenhuma. É um vento, e o vento entra! Eu num tô dizendo que a nossa igreja é melhor do que as outras porque o inimigo não respeita placa e a gente deve orar pra manter ele da porta pra fora! Mas eu num tô aqui pra atacar ninguém, mas pregar a santa e gloriosa palavra de Deus! só é igreja de crente, se crê que toda escritura é divinamente inspirada. Do contrário, é um clube, um lugar pra se sentir bem. Não é pra ouvir a palavra, é pra se sentir bem! por que você vai naquela igreja? sei lá... é tão legal! (risos) Eu não venho pra igreja porque é legal! eu venho pra igreja pra adorar a Deus e Deus falar comigo! Uma vez eu encontrei com uma moça e eu disse: “irmã, eu nunca mais lhe vi! Ela: — Pastor, eu tô em outra igreja, é tão legal! eu achei interessante! E lá não era legal, não? Ela: — Lá era chatal! ela foi embora pra igreja do legal, mas nós não somos da igreja do legal, mas da igreja que tem compromisso com as sagradas escrituras. Quem pode dar glória a deus por isso?*

Nesta fala, o pastor demonstra, mais uma vez, o seu incômodo acerca do que dentro da teologia se denomina “liberalismo<sup>7</sup>” que segundo ele tem afetado a igreja, chamando a atenção para uma possível armadilha de se considerar uma legitimidade parcial da bíblia. Conforme redação de 10 de janeiro de 2017 no site adalagoas.com, “o ensino de doutrinas centrais, consideradas verdades inalteráveis “faz com que os visitantes ganhem confiança”. Isto promoveria, segundo a redação, o crescimento da instituição. Notemos que o critério que sustenta uma interpretação literal da bíblia recebe também o critério de racionalidade para uma finalidade específica, a manutenção dos membros a partir da credibilidade das palavras pregadas, as “verdades” constantes na bíblia.

Para o líder de cuja fala alguns trechos são acima citados, a bíblia “não contém a palavra de Deus”, ela é a “própria palavra de Deus”, já que é considerada como ‘divinamente

---

<sup>7</sup> Um comportamento que se inclina a uma maior abertura dos elementos e costumes modernos e que agrega mudanças.

inspirada'. Isto quer dizer que o apóstolo Paulo e tantos outros não incluem em seus ensinamentos algo de si, de sua humanidade, nem tampouco, em nenhum momento se deixaram influenciar por outros dispositivos socializadores quando da construção dos ensinamentos elaborados e constantes na bíblia, alertando os membros, e principalmente as mulheres, a não ficarem “com raiva” de Paulo, por exemplo, pois segundo o pastor, o mesmo apenas orienta ao “pudor”. As palavras de Paulo, segundo o líder, se voltam em maior medida para as mulheres, porque são “mais afetadas”, mas também se direcionam aos homens.

*Essa palavra foi direcionada às mulheres porque as mulheres são mais afetadas, mas o pau que dá em chico dá em Francisco. Irmão, não é só pra mulheres! Paulo falou das mulheres porque as mulheres são mais afetadas, mas hoje em dia os homens tão se feminizando. Hoje em dia tá difícil comprar calça de homem, que só tem calça de mulher. Coladinha! Parecendo carne da Friboi à vácuo. Então, é pra homem também! Olha pra ele como tá! arroxadinho que só track! (risos)*

Nas narrativas acima, principalmente na anterior, outra coisa nos chama a atenção, e que está implícita. Apontamos para uma ética da disciplina, do sacrifício das individualidades, do trabalho voltados a constância aos “cultos” na igreja; uma ética que Weber apontava como intrínseco no protestantismo. Ir a um culto é sinônimo de ir ao “trabalho”, o trabalho do “Senhor”, portanto, existe um peso nesta atividade, um valor que o protestante aplica a mesma, colocando como secundário o seu próprio bem estar e disposição física, muitas vezes. Nesta perspectiva, ir a um culto, e ainda “como” ir a um culto, do ponto de vista da apresentação são duas coisas a que se atribui o peso da ética, do compromisso.

Pudemos observar isso muitas vezes nas mesmas congregações às quais retornamos para realizar nossa investigação para esta tese. Os membros iam para os cultos com sono, com dor em alguma parte do corpo, sem disposição, em muitos casos, tristes por algo de ordem pessoal que lhes haviam ocorrido. Tinham a certeza de que Deus valorizaria este sacrifício e faria um milagre até o término do culto.

Muitos, ao receberem a oportunidade para “dar uma palavra” ou “louvar” narravam as condições em que estavam, de sofrimento, destacando orgulhosamente que mesmo diante das dificuldades estavam ali, “firmes”, “trabalhando” na ‘obra do senhor’. A lógica do sacrifício e mesmo uma valorização do sofrimento, como é comum em vários modelos de religiosidade, faz parte de uma ética do protestante pentecostal atual, embora aqui estejamos falando de um tipo assembleiano mais próximo à figuração da AD tradicional, mas também presente entre os assembleianos de três ou duas gerações para cá.

Já há fiéis, conforme observação, que consideram que não ir a este ou aquele culto em um dia específico em que não estão tão dispostos não é um problema na relação com deus, pois ele compreende que estão cansados / impossibilitados, e neste caso, a consciência do membro não pesa. Faltaram ao trabalho, a obra, mas de modo similar a apresentar um atestado em uma empresa, sabem que suas faltas seriam justificadas, e pelo próprio deus. Há inclusive expressões criadas com o intuito de tecer críticas a crentes ‘não tão fiéis’, mas que supervalorizam o comparecimento à igreja no domingo, chamados de ‘domingueiros’.

Além destas questões, não ser uma igreja do “legal”, conforme defendeu o pastor, significa que a instituição não se volta ao trabalho de conquistar os membros através de suas individualidades e necessidades internas. Cada membro deve, em muitos casos, abrir mão de seus gostos e práticas para enquadrarem-se na proposta da instituição. A diminuição do expressar da individualidade estaria ligada ao aumento da comunhão com deus e já existem premissas criadas / conhecidas nas comunidades como *“que Ele cresça e eu diminua”*.

Destacamos neste ponto o controle de comportamento a que os membros devem se sujeitar, seguindo, portanto, um modelo verticalizado ofertado, que promete “a verdade”. Em muitos cultos, há uma repetição do seguinte versículo encontrado em Lucas 9. 23 “se alguém quiser vir após mim, tome a sua cruz, negue-se a si mesmo e siga-se! “negar-se” se volta a ideia de anulação da própria ideia construída de si, dos gostos e práticas não convergentes com a doutrina da Assembleia de Deus, que desagradaria a divindade. No entanto, notamos que as cobranças pelo cumprimento de exigências doutrinárias e apelo a negação das individualidades para a experiência religiosa na Assembleia de Deus têm convivido com as demandas pessoas das próprias individualidades, de modo que as mesmas acabam por pressionar tais exigências, complexificando o sistema cultural assembleiano.

Tudo ocorre ou se estabelece dentro do universo assembleiano de modo dialético. Como o leitor pode perceber, existem pontos de manutenção e também de rupturas. Momentos em que se percebe um aumento e valorização das individualidades e suas práticas distintas de uso, pela modificação no próprio regimento que veremos mais adiante, como também alguns em que a força da consciência coletiva da antiga tradicionalidade é evocada. Tudo dependerá de qual comunidade estamos falando, como também quem são seus membros.

Um crente conservador tem “seriedade” nas idas aos cultos. A classificação “conservador” é adotada pelo próprio pastor, e considerando o tema abordado por ele, este

modelo seria aquele que se utiliza do pudor nas vestes, nas palavras e nas ações. Na definição seguida pelo pastor, na língua do novo testamento, “pudor” é “*aidos*” e significa sentimento de vergonha, olhar para baixo. Para Stemps:

*O pudor consiste, na doutrina cristã em “esconder o corpo por causa da queda, que a tudo danificou”. Portanto, faz-se necessário ocultar o corpo para revelar a alma.*

Conforme discorrido pelo líder, a queda de Adão e Eva teria levado à necessidade de fabricação de roupas materiais, pois antes os trajes eram a “glória de deus”. A padronização e o modelo de vestes adequadas são justificados pela narrativa bíblica segundo a qual deus ‘cria túnicas para substituir as folhas que cobriam os corpos de Adão e Eva’. As túnicas, provenientes de pele de animais e que cumpriram a função de “cobrir” o corpo, após o desaparecimento da glória de deus e que funcionavam como vestimentas são/representam as roupas honestas e decentes, cumprindo o pudor. Isso implica dizer que as túnicas seriam roupas maiores e que seriam capazes de cobrir as partes pudendas e semi-pudendas, e, portanto, este seria um padrão para inspiração dos trajes atuais exigidos, o que explicaria a razão pela qual há uma preocupação com a altura da saia, decotes, e agora, com o ajustamento do corpo proporcionado pelas calças masculinas, por exemplo.

*Em gênesis 3.21 diz “e fez o senhor Deus a Adão e a sua mulher túnicas de peles e as vestiu! Veja, as que Adão e Eva fizeram foi tangas! Ai deus disse: “não serve! Vou fazer o que irmão? Túnicas! Tem diferença? Tem diferença e muita! Ainda tem gente que tá de tanga! Uma pessoa mal vestida ela não tá vestida, porque Adão se vestiu mal e Deus disse “tem que ser uma roupa completa! ai Deus foi e matou animais, tirou a pele e fez as roupas de pele para o homem. Que Deus maravilhoso! Não ande com a roupa que você inventou, ande com a roupa que Deus inventou. Vamos tirar as tangas e vestir as túnicas! Isso aqui quem vai entender é o povo acima de 60 anos. Pra esse povo mais novo é um mistério.*

Como se pode notar a partir do exposto acima, a apresentação do corpo continua sendo muito importante para a Assembleia de Deus, porém existem dinâmicas que apontam que ao mesmo tempo que existe uma negação da modernidade, com referências negativas ao chamado “liberalismo” ou presença de “liberais” que não pediram licença para o adentramento de novos costumes segundo o pastor, existe simultaneamente a presença, em alguns líderes, de uma consciência de uma necessidade de algumas mudanças. Isso é expresso, por exemplo, quando o líder diz “*Se vocês pegarem fotos dessa igreja de cinquenta anos atrás os costumes eram diferentes. A roupa irmão, era matadinha né? eu não quero que as irmãs vistam como naquela época. Não estou propondo isto*”.

Note que as roupas de padrão antigo já foram superadas no discurso e na prática, principalmente pela via geracional, conforme a postura, por exemplo do jovem que sai em defesa do uso da barba, ou das jovens mulheres, casadas ou solteiras que se utilizam de saias não mais longas, obrigatoriamente. Um novo padrão de tradição é gerado, apelando-se agora, racionalmente para uma “essência” de vestir-se. O membro do sexo masculino atual precisa entender o porquê de não ser autorizado a utilizar uma calça masculina apertada, por exemplo. É esta função que possui um “culto” desta natureza, orientar condutas e trazer a dimensão racional como estratégia para o convencimento de que existe uma “substância” que precisa estar presente em qualquer traje escolhido, mesmo o da última moda. Essa substância se chama “pudor” que objetiva esconder as partes “pudendas” e “semi-pudendas”, evitando desta forma, o despertar do desejo sexual pelos olhos. Através do olhar nasceria o pecado.

Nesta perspectiva, a sensualidade, a sexualidade, o desejo sexual e o próprio sexo seriam pecados, “despertados” pela ótica humana de modo inevitável, como defendido pelo líder. Há abordagens doutrinárias diferentes, que consideram que aquilo que é negado, reprimido se tornaria aquilo que é mais exacerbado no íntimo humano, de modo a afetar a leitura realizada quando de sua oportunidade de visualização. Esta negação e repressão, que sufocaria uma das necessidades mais intrínsecas da natureza humana, o sexo, que ao invés de admitido, reconhecido, é escondido, aplicando-lhe o peso da vergonha. Neste sentido, para que se evite o contato com este impulso da natureza humana, deve-se negar, e, portanto, esconder a própria criação de deus, o corpo, e responsabilizar os que não o fazem pelo despertar de impulsos naturais, vistos como profanos. Essa abordagem é contemplada por líderes religiosos como Caio Fábio, que em algumas ocasiões, critica a Assembleia de Deus, a partir de uma teologia que aplica outra hermenêutica à bíblia.

Encontramos o consumo de abordagens como esta durante uma entrevista e convívio com um nativo, que expressou por vezes o seu pensamento, segundo ele, “liberto” de religiosidade, principalmente no tema da sexualidade.

*Eu sou liberto de religiosidade, Noélia! Antes eu comia, hoje eu não como mais!*

A expressão no infinitivo, “comer”, refere-se ao consumo da bíblia a partir de uma modalidade tendenciosa e enviesada, “bitolada”. Apesar de não concordar totalmente com a doutrina teológica de Caio Fábio, defendeu que seu pensamento é aberto para outras abordagens, e que se utiliza criticamente de uma espécie de filtro para a construção do seu



pensamento. O objetivo de Eliabe, cujo perfil descreveremos posteriormente neste trabalho, é estudar a bíblia a partir de diversas fontes.

Apesar de verificada uma progressividade em relação a temas como este, o leitor verá que do ponto de vista da análise da construção do desvio, Eliabe apresenta contradições que nos apontam que a situação de desviância é relacional, isto é, se desvia em relação a algo ou alguém ou sob certas circunstâncias. Constatação esta que aponta para a racionalidade, inserida tanto dos líderes aos membros, e agora, para a própria possibilidade da condição desviante e / ou existência do desvio. Os assembleianos desviantes não se desviam em geral, por rebeldia, mas esta condição encontra-se cada vez mais relacionada à racionalidade, à própria auto-avaliação da conduta.

No caso da ministração da doutrina Pentecostal pela liderança, versículos bíblicos são a base do discurso, que preza ideia de que “não há dúvida” ou “é uma questão de lógica” que toma forma nas entrelinhas do discurso, e em alguns momentos assume um formato concreto.

*Quando você vê uma pessoa bem vestida você não vai pensar, dificilmente, em carne, só se você tiver doido! você vai pensar na inteligência, na nobreza das palavras, até na elegância da pessoa. Mas, se você vê uma pessoa mal vestida, vai despertar outros sentimentos. É verdade ou não é, irmão? ou eu estou contando aqui uma fantasia? É uma realidade que todos nós conhecemos, não é uma coisa à toa.*

Uma pessoa mal vestida, na ótica mobilizada se refere a alguém que estaria a expor as partes classificadas como pudendas e semi-pudendas. Em geral, os assembleianos sempre tomaram cuidado com tamanhos de saias e decotes de modo geral, mas estas classificações e sistematizações aplicadas ao corpo são recentes. Considerando a história da Assembleia de Deus, as doutrinas eram bastante verticalizadas. Atribuía-se um peso autorizativo muito forte às palavras do pastor, na medida em que ele se define como um porta-voz da própria divindade.

Ainda hoje há a ideia de que o pastor é o “anjo da igreja”, atrelada a uma experiência religiosa mais individualizada, que abre espaço para a avaliação dos membros sobre o pastor. A obediência ao mesmo não segue a lógica inquestionável, mas o critério racional é que vai definir a credibilidade ou não do pastor. Se o membro estiver muito inclinado à valorização do rigor é possível que crie estratégias mentais de resistência ao “jeito” mais “liberal” do pastor. Por outro lado, se o membro se inclinar mais para a progressividade e abertura à modernidade, é possível que ignore muitas dos interditos propostos pelo líder. O que importa dizer sobre este ponto é que a situação de obediência não se realiza “cegamente”, como tendia

anteriormente, no momento histórico de fundação, organização e consolidação da igreja. É tanto que naquele momento, o estudo teológico era marginalizado e a mensagem divina era “revelada” ao profeta / mensageiro ou mesmo ao líder que, por sua vez, transmitiria para a membresia. Não havia, de modo expressivo, uma racionalidade auto-avaliadora, uma tendência que vem sendo desenvolvida nas últimas décadas, conforme também evidenciada pela pesquisadora.

Essa racionalidade que vem sendo desenvolvida convive também com a valorização do poder, e, portanto, também do próprio líder, onde também encontramos o poder carismático, que pode atuar, doutrinariamente, tanto para “fechar” quanto para abrir possibilidades quanto aos usos e costumes, ou tornar “*mais leve*”, o pertencimento a igreja, conforme expressou uma de nossas interlocutoras.

Como já notado por nós, a bíblia, no interior da igreja Assembleia de Deus, tem sido utilizada de forma cada vez racional. A leitura literal parece ceder um lugar, mesmo que ainda pequeno, mas em potencial, para uma leitura que preza pelo embasamento e argumentação. Até mesmo em comunidades da periferia, temos observado a valorização da argumentação, da mobilização histórica<sup>8</sup> para sustentação de ideias conservadoras.

Logo abaixo, reunimos os principais versículos utilizados para delinear as condutas dos membros.

#### 1 Timóteo 2

<sup>9</sup> Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos,

<sup>10</sup> Mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras.

<sup>11</sup> A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição.

<sup>12</sup> Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio.

<sup>13</sup> Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva.

<sup>14</sup> E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão.

---

<sup>8</sup> Presente na própria bíblia, objetivando dar peso e sentido a defesa de condutas específicas de usos, e em alguns casos, há a utilização de elementos provenientes de estudos teológicos nas narrativas dos “pregadores”.

<sup>15</sup> Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação.

Note que no versículo 12, o apóstolo Paulo veda o ensinamento pela via feminina, mas é importante esclarecer que na doutrina Pentecostal da igreja Assembleia de Deus, conforme notas de rodapé, da sua bíblia de estudos, por Donald Stemps, essa proibição só se dá apenas no critério de liderança eclesiástica. É vedado às mulheres qualquer cargo no ministério, seja no diaconato, presbitério, ou pastoreio, porém é aberto a possibilidade de as mesmas atuarem no ensinamento a jovens, de mulheres e até homens, em conjuntos ou departamentos musicais, nas quais elas podem exercer o poder de coordenadoras.

*34 as mulheres estejam caladas nas igrejas; porque lhes não é permitido falar; mas estejam submissas como também ordena a lei.  
35 E, se querem aprender alguma coisa, perguntem em casa a seus próprios maridos;*

Os versículos acima expõem a orientação de Paulo acerca de como deve ser a postura das mulheres na igreja, que devem estar em silêncio. Embora a igreja Assembleia de Deus em seu curso histórico tenha privilegiado uma leitura literal (embora um processo de *racionalização* esteja em curso (WEBER, 2004), como discutiremos mais a frente), considera os textos bíblicos inspirados por deus, e ainda tem Paulo como uma referência forte no quesito “doutrina” presente nesses textos, observa-se que diferentemente do que ele impõe, as mulheres possuem uma certa medida de voz na igreja, expressa no desenvolvimento de alguns trabalhos, embora essa atividade feminina na igreja se assemelhe a um “cuidar”, tarefa naturalizada para a mulher em nossa sociedade, mas fica claro que a leitura literal tem enfraquecido.

O poder decisório, delineador de condutas e de maior peso, continua nas mãos dos membros do sexo masculino, pois há a preservação do pensamento expresso por Paulo<sup>9</sup> de que alguns interditos se devem a ter sido a mulher criada após Adão, e mesmo ter sido a protagonista da entrada do pecado na humanidade, conforme os versículos 13 e 14 do mesmo texto.

Sobre o tema da criação do homem, há versículos de base que a igreja Assembleia de Deus utiliza para fixar as posições entre os gêneros.

---

<sup>9</sup> Os nativos acreditam que este pensamento foi inspirado pela divindade.

*21 Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre o homem, e este adormeceu; tomou-lhe, então, uma das costelas, e fechou a carne em seu lugar;*

*22 e da costela que o Senhor Deus lhe tomara, formou a mulher e a trouxe ao homem.*

*23 Então disse o homem: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; ela será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada.*

A mulher, por ter sido formada de forma posterior a Adão, deveria se submeter a ele, posicionando-se como “ajudadora”, “submissa”, “companheira” ou “auxiliadora”. 8 “Porque o homem não proveio da mulher, mas a mulher do homem; 9 nem foi o homem criado por causa da mulher, mas sim, a mulher por causa do homem”. (I Coríntios 11:8-9)

Na interpretação Pentecostal, esta seria uma posição honrosa, pois ela estaria não “atrás” do homem, mas a seu lado. Entretanto, o desvio cometido por Eva<sup>10</sup> no Jardim do Éden, havia mudado o destino projetado por Deus para a humanidade. O fato de ela ter sido protagonista da infração da ordem estabelecida pela divindade e ter oferecido o fruto proibido a Adão, o pôs também em “ruínas”. Em I Tímóteo 2.14 e 17, Paulo faz referência ao ocorrido:

*14 E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão.*

*17 E ao homem disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei dizendo: Não comerás dela; maldita é a terra por tua causa; em fadiga comerás dela todos os dias da tua vida.*

A mulher, de modo geral, mas de modo específico, a mulher assembleiana, por estar inserida ao seu sistema cultural religioso carrega o peso da culpa e o ônus de sua “ancestralidade”. Mais do que isso, ela reconhece, sente e aceita o ônus, pois seu pensamento é moldado a aceitar as consequências dessa ancestralidade. Em algumas pregações, já há referências de homens que “pecaram” por causa da mulher. Entre eles, Adão, Abrão, Salomão e Sansão.

Além dos argumentos que tornam a mulher impossibilitada de exercer cargo eclesial, a existência de interdições (forma de sanção) estabelecidas e culpa construída e introjetada em toda a descendência e nas consciências individuais, outros versículos corroboram também para a defesa de que apenas homens foram escolhidos para a posição de líder.

---

<sup>10</sup> Eva é vista como ancestral de todas as mulheres, a gênese.

*1 E, chamando a si os seus doze discípulos, deu-lhes autoridade sobre os espíritos imundos, para expulsarem, e para curarem toda sorte de doenças e enfermidades.*

*2 Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, chamado Pedro<sup>1</sup>, e André<sup>2</sup>, seu irmão; Tiago<sup>3</sup>, filho de Zebedeu, e João<sup>4</sup>, seu irmão;*

*3 Felipe<sup>5</sup> e Bartolomeu<sup>6</sup>; Tomé<sup>7</sup> e Mateus<sup>8</sup>, o publicano; Tiago<sup>9</sup>, filho de Alfeu, e Tadeu<sup>10</sup>;*

*4 Simão Cananeu<sup>11</sup>, e Judas Iscariotes<sup>12</sup>, aquele que o traiu.” (Mateus 10:1-4).*

*12 E não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem; esteja, porém, em silêncio. ( )*

*13 Porque, primeiro, foi formado Adão, depois, Eva.*

Os versículos no livro de Mateus descrevem os nomeados para exercer atividades de “autoridade”. Implicitamente, a ideia que é captada pelos assembleianos é que deus não nomeou nenhuma mulher. Desta forma, o funcionamento da instituição deve também seguir este fundamento, perfazendo um tipo funcionamento que coloca o critério de gênero como uma de suas bases principais, seguido do controle do corpo, inerente a este critério, e, para além disso, um *modus operandi* que aponta para uma *dominação masculina*.

A ação “desviante” de Eva criou um estigma para a mulher. Isto é possível identificar em algumas linhas escritas pelo apóstolo Paulo, indicando, possivelmente, uma necessidade de “evitar” as mulheres, por haver nelas algo “intrinsecamente profano”.

*1 Ora, quanto às coisas de que me escrevestes, bom seria que o homem não tocasse em mulher;*

*2 mas, por causa da prostituição, tenha cada homem sua própria mulher e cada mulher seu próprio marido.*

*9 Mas, se não podem conter-se, casem-se. Porque é melhor casar do que abrasar-se.*

*14 E Adão não foi iludido (enganado), mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão.*

*15 Todavia, será preservada através de sua missão de mãe, se ela permanecer em fé, e amor, e santificação, com bom senso. (I Timóteo 2:9-15)*

Apesar de a pregação do pastor em seu culto de doutrina fazer referência a ambos os gêneros no que diz respeito ao pudor, observamos em dois momentos, de forma explícita, que a cobrança daquilo que na interpretação cristã se considera pudor recai em maior medida para a mulher assembleiana, “Paulo se referiu às mulheres, porque as mulheres são mais afetadas!, muito embora os homens passam também a serem observados em razão das mudanças ocasionadas no mercado de vestuário, que acaba afetando / influenciando também os membros.

Diante do exposto, compreendemos a partir do estudo doutrinal realizado que a “essência” relativa ao pudor mobilizada caminha de mãos dadas com uma desnaturalização de trajés que um dia foram oficiais. A medida que o curso histórico avança, há uma reorganização dentro do imaginário assembleiano sobre a conduta aceita, desde o uso de trajés até as questões de visibilidades das mulheres na igreja, situações expressivas de uma tradição que se reinventou mediante as dinâmicas sociais contemporâneas, muito embora as mudanças convivam com as “continuidades”, mas até mesmo estas estão passíveis de um estado em que se caminha para “níveis” dentro das mesmas, se tomarmos para analisar, por exemplo, como as mulheres têm absorvido atualmente a dominação vinda de líderes e cônjuges. Encontramos em campo uma situação em que foi verificada um sentimento de orgulho pela mulher, esposa de um líder religioso, um sentimento ligado à uma espécie de honra, que sensorialmente deixa transparecer ser o *modus operandi* entre casais assembleianos. Há um orgulho nesta relação de dominação e as assembleianas, normalmente, se agradam disto. O homem é visto como o líder, mesmo além do espaço religioso, no lar, e perder esta espécie de “proteção” seria como perder a “marca”, a essência, aquilo que dá sentido a uma relação conjugal dentro do que denominamos de “sistema cultural assembleiano”. O curioso é que mesmo essa situação citada se configurar em uma continuidade foram encontradas evidências de um abrigo progressista no que diz respeito ao impacto dessa dominação masculina, o que torna a mesma ambígua.

Temos então a valorização do poderio masculino pela mulher, mas dentro disso temos também uma abertura para uma maior autonomia pela mulher no quesito “trajés”, de modo que elas mesmas passam a decidir o que vestir, fabricando lógicas do tipo “eu escolho o que vestir, por que sei que ele autoriza que eu escolha. Permito-me ser observada e avaliada nestas escolhas, pois é o natural e legítimo. Ele é o marido, o líder”. Ao mesmo tempo em que presenciamos, durante algumas entrevistas, uma alegria por poder decidir, há incômodo quando se percebem ou as fazem perceber esta autonomia e maior liberdade, o que as fazem reagir dizendo, por exemplo: *“não, mas eu faço tudo tendo o cuidado”*.

Durante uma das entrevistas com uma mulher assembleiana, esposa de pastor, a mesma ao narrar o que se poderia chamar de “excesso” ou “desvio” dentro do “sistema cultural assembleiano”, a mesma exalava uma certa medida de empoderamento, sorria ao descrever o momento em que comprou botas, cortou franja e utilizou trajés modernos no estilo *country* (com franjas), descrevendo ainda o quanto ela permanece criticada por outros assembleianos, até por ter uma postura mais extrovertida, tendo em vista que se espera que

uma assembleiana seja “contida”, “séria”, “discreta”, ainda mais sendo esposa de pastor, porém, em outra via, quando lançamos a ela o quanto sua postura denotava mais liberdade e autonomia dentro das comunidades que transita, a mesma baixou a cabeça e reagiu pela defesa da legitimidade do poderio do seu marido. Uma espécie de desagrado ou incômodo lhe recaiu o rosto, como se naquele momento lhe tivesse chegado a consciência o real significado de poder decidir sobre muito de si. Este momento foi curioso, pois não tínhamos ainda a ciência da existência desta contradição e mesmo ambiguidade, intrínseca na relação de dominação entre casais na igreja.

Diante desse problema, por outro lado, foi possível observar que o próprio perfil dos assembleianos homens, mesmo com cargos de liderança tem mudado, abrindo um ponto de transformação para uma maior liberdade das condutas femininas, o que inclui seus trajés. Atualmente, uma mulher assembleiana que usa “franja” no cabelo, utiliza botas e vestidos justos, estão sob observação dos seus cônjuges, que por sua vez as observa “de longe”, dos “púlpitos da igreja” o quanto ela está “moderninha”, mas por ter ele o conhecimento teológico dispensa intervir sua autorização. Nisto, temos visto que o estudo teológico tem se disseminado, “desconservadorizando” o perfil do assembleiano que por muito tempo cerceou toda e qualquer tentativa de modernidade por parte da companheira. O norte da conduta se dá pela essência, que é o pudor, que deve estar presente em qualquer situação, mas encontrado sob a via racional.

As pregações sobre a conduta e que buscam “pudorizar” os membros também alcançam temas como mídias, divórcio e dízimo, entre outros. Sobre o primeiro, na bíblia em Salmos 101.3 está presente o verso *“não porei coisa mal diante dos meus olhos”*. Assim como na discussão de outros temas, o uso das mídias também deve estar subordinado a uma orientação específica. Na doutrina Pentecostal, acredita-se que o direcionamento do olhar para determinadas cenas, imagens ou situações acabam por “macular a alma”. Dessa forma, abster-se daquilo que é considerado profano garante a edificação de alma e corpo. Há, portanto, de modo objetivo, uma série de “visualizações” a serem evitadas, como o assistir de novelas, por serem classificadas como “mentirosas” por encenarem cenas fictícias e mostrarem, eventualmente cenas de traições e assassinatos, mas não só. O que em outras interpretações a ideia de “reprodução” da realidade é defendida quando o assunto é novela, na AD/MM, os membros se sentem constrangidos diante da mesma, pois não poderiam estar ali, diante de uma cena que além de apenas simulada, poderá disseminar ou mesmo fazer apologias a maus costumes.

Durante o trabalho de campo, pudemos verificar que, de modo habitual, o comportamento dual de retração *versus* atração acontece quando os assembleianos se encontram em um ambiente no qual está sendo exibida uma novela, pois está enraizado o pensamento de que é algo que não poderia estar diante dos olhos. Na reformulação que sofreu a primeira resolução da instituição, ocorrida na década de 1990, conforme veremos mais adiante neste trabalho, passou a vigorar que assistir televisão não era mais um “desvio de conduta”, sendo isso retirado dos itens proibidos. Entretanto, as programações deveriam selecionadas de acordo com os denominados “saudáveis” princípios doutrinários da igreja.

Historicamente, a igreja Assembleia de Deus no Brasil sempre expressou uma relação de negativização e distanciamento com as mídias, por associação delas com o “diabo”, principalmente no caso do rádio e da TV. No entanto, Souza e Matos (2017) lembram que o uso das mídias sempre esteve dentro do “sistema cultural assembleiano”, mas na forma impressa, investindo a instituição no uso de jornais para a circulação de sua doutrina e elementos de identificação de sua religiosidade, os quais ajudaram a espalhá-los por todo o território nacional. No entanto, do ponto de vista da experiência com o sagrado, conforme o verso da bíblia citado, é o que está na frente do fiel que precisa ser analisado. O mesmo precisa perseguir a essência do pudor, no falar, no vestir e também no olhar.

No caso do dízimo, a referência para a sua obrigatoriedade imposta sobre o fiel, norteando sua conduta, estão inscritas no livro de Malaquias, capítulo 3:

*8 Roubará o homem a Deus? Todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas.*

*9 Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me roubais, sim, toda esta nação.*

*10 Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes.*

*11 E por causa de vós repreenderei o devorador, e ele não destruirá os frutos da vossa terra; e a vossa vide no campo não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos.*

A igreja Assembleia de Deus utiliza os versículos para embasar a ideia de que o dízimo, na verdade, não é um pagamento, mas uma devolução, e por esta razão é obrigatória. O não cumprimento deste dever faria sobrevir sobre o desobediente e/ou “desviante” a “ação do maligno”, que “devoraria seus bens” e mesmo destruiria algo de importante em alguma dimensão de sua vida. Nesta linha, ao serem socializados em um sistema que, neste ponto, preza pela interpretação literal do versículo, aplicando-o aos dias atuais, os assembleianos entendem que “devolver” o dízimo coloca o fiel em uma posição



favorável ao bom funcionamento de sua experiência religiosa/com o sagrado, não restando dúvidas sobre o certo a se fazer, o que proporciona o bom funcionamento do sistema da igreja, de seu *modus operandi*, que desde a fundação até hoje institui o dízimo como lei.

Em algumas comunidades da periferia de Maceió, evidenciamos estratégias criadas pelo pastor presidente para controlar e sistematizar o recebimento dos dízimos: uma delas é estendida dos obreiros a toda a membresia, que se trata da distribuição de envelopes contendo espaço para que sejam colocados o nome, o mês e o valor do dízimo, no intuito de diminuir ou evitar a sua não “entrega”. Na contramão disso, há fiéis como Eliabe, que se recusam a acreditar que o dízimo é obrigatório. A partir de um estudo individual da bíblia, associado a outras fontes de cunho teológico, defende ter descoberto que a obrigatoriedade atual do dízimo caracteriza uma “falta” de estudo e distorção da bíblia. Dessa forma, sendo membro, “devolve” o dízimo apenas por vontade e crença da esposa, que atribui legitimidade à obrigação, como ainda a grande maioria de sua comunidade, perpassada por princípios e moldes específicos da doutrina pentecostal assembleiana.

Outro tema que é objeto de preocupação da igreja, sendo objeto de ênfase eclesial é a valorização do casamento indissolúvel e da ideia de família tradicional. Até muito recentemente, o divórcio era algo impensável de ocorrer dentro do sistema cultural assembleiano, e neste ponto, a igreja buscava exigir mais que a interpretação literal de trechos bíblicos que fazem menção a esse assunto.

No livro de Mateus, no capítulo 5 e versículo 32 está escrito: *“Eu, porém, vos digo que todo aquele que repudia sua mulher, a não ser por causa de fornicção, faz que ela cometa adultério; e quem casar com a repudiada, comete adultério”*. O versículo aponta para a proibição do divórcio nos casos em que não houve infidelidade, mas a igreja nunca havia se utilizado do mesmo para abrir margem para a situação em que ele é descrito no trecho bíblico citado como aceitável. As narrativas sempre prezaram por orar a Deus para que o casamento melhore, para a defesa de que “as forças do mal” é que causariam o divórcio.

O divórcio foi, durante muito tempo demonizado na AD/MM. Na verdade, continua carregando um estigma. Atualmente é possível verificar uma diminuição do estigma relativo aos divorciados, uma relativa desassociação com o profano, e ainda a utilização do versículo da bíblia para autorizá-lo em alguns casos. Discutiremos sobre as alterações no que tange ao divórcio mais à frente. Por ora, queremos apontar que o gerenciamento das condutas não se realiza de modo linear, mas é perpassado por uma dinamicidade, presente em qualquer comunidade ou grupo social, já que as identidades coletivas e individuais estão sempre em transformação (AGIER, 2010).

A focalização das maneiras, dos caminhos pelos quais os líderes buscam nortear as condutas dos seus fiéis não significa que só vemos engessamento nas interpretações e fabricações de lógicas, nem dos mecanismos de operação da normatividade na AD/MM. Pensamos que os elementos que dão sustentação às orientações a serem aplicadas aos fiéis podem variar de acordo com o critério situacional, o que implica entender que estão em jogo eventuais necessidades de alteração para ajustamento do sistema cultural assembleiano, mediante necessidades internas (da própria instituição), somado ao fato de que os indivíduos que fazem parte do sistema, isto é, a membresia, atuarem às vezes na pressão para a realização de alterações em algumas orientações relacionadas aos usos e costumes.

Consideramos que as mudanças observadas na forma de liderar, e mesmo as tentativas de manutenção de orientações doutrinárias tradicionais guardam em si já uma relação com a complexidade do “mundo” em que se tenta evitar ou ter uma relação comedida, pois se há tentativas de preservação do sistema e mudanças entraram é porque algo de exterior, do não-sistema foi absorvido.

Discutimos no próximo tópico como algumas mudanças no regimento interno foram possíveis, alterando em certa medida o modelo de usos e costumes original da AD, abrindo caminhos para modelos ético-comportamentais assembleianos diversos.

### **1.3 A construção da norma a partir das resoluções de 1975 e 1990: uma análise da transformação**

Muitas são as abordagens teóricas acerca da problemática da construção de “identidade” e “representação”, mas uma delas nos chamam a atenção por colocá-la numa posição descentralizada no que se refere a fatores de localização e definição. Essa perspectiva e também método propõe um novo olhar, um olhar que rompe com a proposta positivista de investigação, direcionando o pesquisador a vislumbrar outro caminho de análise.

A “nova história cultural”, produzida nos anos de 1960, vem colaborando para o entendimento do movimento pentecostal, no qual se encaixa a AD/MM, no sentido de buscar analisar as transformações institucionais ligadas à norma institucional, informal e nas experiências dos sujeitos, produzidas em referência ao tradicionalismo assembleiano, analisando como se estabelecem as relações de força entre lideranças que buscam promover a aceitação de um modelo de rigidez quanto às noções de “certo” e “errado” e uma membresia nada homogênea, categoricamente fragmentada e múltipla, caracterizando o que Hall (2000)

denomina de sujeitos com identidades culturais móveis, resultantes da inter-relação entre sujeitos distintos.

Neste trabalho de tese consideramos esta nuance, pois ela orienta-nos a perceber que os indivíduos não estão “presos” culturalmente aos grupos e instituições aos quais se filiam, mas transitam em distintos polos, modelando identidades múltiplas e desprendidas de pontos fixos.

Tomando para nossa análise a inspiração da nova história cultural, em se tratando de indivíduos e também de instituições, é problemático definir as identidades. É problemático enxergar o sujeito ou uma instituição contemporânea de modo único, singular e determinado. Na realidade, as identidades não cessam de se transformar.

No nosso caso, considerando como *corpus* de análise algumas congregações da AD/MM, se faz necessário a percepção de que a mesma, enquanto instituição estabelecida, não é monolítica, sendo uma armadilha metodológica constante a tendência homogeneizante no tratamento de distintos fenômenos. Inspirada em Lahire (2002), consideramos a AD/MM como um grupo social não fechado em si mesmo. Os indivíduos que a integram estão em constantes relações de força com elementos identitários divergentes, o que os afasta do modelo de uma identidade assembleiana monolítica e fechada.

Também nos apropriamos das contribuições de Chartier (1990) em sua investigação sobre o movimento Pentecostal. Para ele, a igreja Assembleia de Deus está longe de ter uma estrutura homogênea. Por possuir comunidades /congregações em todos os estados da federação, culmina na consecução de uma estrutura complexa em termos de organização e doutrina. Isto quer dizer que não encontramos nesta igreja um consenso sobre a maneira como a mesma atua internamente, e portanto, se expressa no espaço público.

Sobre esta questão, (1) o perfil do pastor local da comunidade, se “rígido” ou “tolerante”, influencia diretamente nas distintas produções de modelagens assembleianas; (2) o fator geracional media o contato que os membros têm com as normas, observando-se diferentes modos de experiências religiosos relativas às distintas juventudes em relação com os membros mais velhos, modeladas de acordo com critérios mais rígidos; (3) a construção de normas não formalizadas além das presentes em regimento interno, o que também nos coloca de volta à problemática da construção da identidade assembleiana ser um misto das orientações em nível nacional e os funcionamentos dos mecanismos locais de cada

congregação. Essa fricção interna se junta ao tensionamento com vetores externos que, como pontua Chartier (1990), perfaz uma dinâmica de enfrentamento entre a imagem de si para si e também dela em referência ao outro; e (4) o tipo da congregação - o tamanho da mesma, se sede ou subcongregação, se central ou periférica.

Um estudo realizado por Oliveira (2013) revela que, os primeiros templos da igreja Assembleia de Deus foram construídos de forma planejada para que tivessem uma extensão em que não dispersasse tanto os membros, mas que promovesse a união e proximidade entre os mesmos. O propósito do modelo arquitetônico originário da AD/MM era que nem fosse tão grande e nem também o seu oposto.

Na atualidade das congregações da AD/MM em Maceió/AL, em termos de extensão arquitetônica, as aberturas de congregações têm se dado de modo despadronizado. Normalmente, a arquitetura das congregações centrais ou igrejas-mães (OLIVEIRA, 2013) obedecem a um modelo bem definido, porém os das sub-congregações, que são as congregações menores, vinculadas às primeiras, não se obedecem a modelos institucionalmente estruturados. São pequenos salões alugados ou comprados pela igreja, estabelecidos de acordo com a potencialidade do local, considerando a atratividade de fiéis. A Ad/MM tem se expandido em Maceió/AL, principalmente em bairros periféricos.

Como o observado em outros grupos sociais, a imagem de si (da comunidade) das AD/MM é construída em referência aos próprios membros, cujas disposições mentais/o *habitus* são múltiplas e se tensionam a todo momento, como também em referência a agentes externos à igreja, ao espaço público. As identidades assembleianas não se constroem de forma isolada, separada dos contextos socioculturais englobantes. Vetores de força estão presentes neste processo fazendo com que as identidades assembleianas atravessem constantes alterações, perfazendo um processo de também negociação, aceitabilidade e admissibilidade, o que caracteriza uma dinâmica interrelacional entre forças contrárias, inevitavelmente existentes, (POLLACK, 1992).

Mesmo uma instituição como a AD/MM, que se baseia em uma cisão entre igreja e “mundo”, manifesta em uma relação mínima com a sociedade envolvente, com um modelo de religiosidade “privativa”, acaba por encontrar dificuldades para se manter incólume ao espaço externo à igreja, principalmente em razão de o peso social da religião ultrapassar a experiência puramente religiosa, bem como sua necessidade de manter e expandir sua visibilidade no espaço público. Neste, é cada vez mais necessário convencer os

consumidores de religião de que ela é a instituição religiosa mais “recomendada”, mais “legítima”. Em um mercado religioso crescentemente competitivo, o imperativo é a conquista de novos fiéis e a permanência dos que já estão inseridos na comunidade religiosa.

Tendo esse cenário como pano de fundo, passamos a discutir como a AD/MM revisou suas práticas e noções de certo e errado, no intuito de afirmar-se no espaço público e crescer em números como instituição e quantitativo de membros.

Somente no ano de 1975, foi implementada uma resolução normativa sobre “usos e costumes”, isto é, quarenta e cinco anos após a realização da primeira convenção. Nesta época, a Assembleia de Deus já tinha um número bastante considerável de membros, e em razão disso, reclamava um maior controle doutrinário. Wenert (1987) pontua que a demora por uma resolução se deve ao fato de que o tema dos usos e costumes era uma tema considerado delicado entre os líderes, que postergaram um consenso sobre o assunto, porém na medida em que há um crescimento no número de fiéis, tornou-se urgente um estabelecimento de uma estrutura normativa. A resolução de 1975, ficou conhecida como resolução de Santo André, por ter sido formalizada nesta cidade. Logo abaixo, é possível observar as normas criadas e legitimadas para o cumprimento pelos fiéis desta igreja:

E ser-me-eis santos, porque eu, o Senhor, sou santo, e separai-vos dos povos, para serdes meu (LV 20.26)

A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, reunida na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, reafirma o seu ponto de vista no tocante aos sadios princípios estabelecidos como doutrinas na Palavra de Deus – a bíblia sagrada – e conservados como costumes desde o início desta obra no Brasil. Imbuída sempre dos mais altos propósitos, ela, a Convenção Geral, deliberou pela votação unânime dos delegados das igrejas da mesma fé e ordem em nosso país, que as mesmas igrejas se abstenham do seguinte:

1. Uso de cabelos crescidos, pelos membros do sexo masculino;
2. Uso de traje masculino, por parte dos membros ou congregados, do sexo feminino;
3. Uso de pinturas nos olhos, unhas e outros órgãos da face;
4. Corte de cabelos, por parte das irmãs (membros ou congregados);
5. Sobancelhas alteradas;
6. Uso de mini-saias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã;
7. Uso de aparelho de televisão – convindo abster-se tendo em vista a má qualidade da maioria dos seus programas; abstenção essa que se justifica, inclusive, por conduzir a eventuais problemas de saúde;
8. Uso de bebidas alcoólicas.<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Resolução de Santo André. Transcrição integral. In: DANIEL, 2004. p. 438.

Estas foram as normas da resolução de 1975, conhecidas como a “Resolução de Santo André”. Nela, a AD/MM constrói uma posição que prevê uma cisão entre igreja e espaço público, expressando critérios bem demarcados do que seria um *crente* dela participante. Dessa maneira, constrói uma autoimagem, uma identidade que serviria de referência para os “outros”. Todavia, como discutimos neste texto, mesmo em casos como este, em que a identidade da igreja parece de fato expressar um espaço impermeável a outros elementos identitários, ocorre o tensionamento causados por elementos externos, dentre eles a necessidade de se manter no espaço público e se expandir em número de fiéis – a preocupação com sua posição no mercado religioso.

Na década de 1990, conforme relata Fonseca (2010), ocorrem diversas situações que fazem com que os líderes assembleianos repensem suas práticas identitárias e de representação em razão de os até então adotado passarem a ser hegemonicamente vistos como ameaças ao seu crescimento. Dentre os elementos das situações citadas, destacamos as seguintes: (1) o *boom* dos Neopentecostais; (2) a perda de fiéis da igreja Católica e sua atratividade pelos neopentecostais; (3) os movimentos de Nova Era; (4) a tendência macrossocial à desinstitucionalização religiosa; (5) a estagnação dos protestantes históricos e também, segundo dados censitários, das religiões afro-brasileiras; (6) o trânsito religioso de fiéis por variadas formas de cultos, e (7) o próprio tradicionalismo, que passou a ser visto como prejudiciais ao crescimento das AD/MM.

Esses elementos fizeram com que os líderes revisassem a primeira resolução, tornando-a mais flexível e aceitável para garantir a competição em relação a igrejas neopentecostais, nas quais se oferecia mais liberdade litúrgica (cultos-shows), passando a ser institucionalmente considerada a cisão radical entre a igreja e o “mundo” como um empecilho na corrida por melhores posições no *ranking* de igrejas relacionadas à “expressão da religiosidade popular” no Brasil, *status* conquistado pela IURD – Igreja Universal do Reino de Deus, que se consolidou como representante do protestantismo popular.

Os anos de 1990 se configuraram como a década do pluralismo religioso, o que fez com que alguns estudiosos se questionassem sobre como a AD/MM fez com que seu número de fiéis alavancasse e adquirisse destaque, conforme dados do censo do período de 1991 a 2000.

Frente a todos os desafios expressos nos acontecimentos acima relatados, a AD/MM aceitou o desafio encabeçado por esta mesma igreja nos EUA. Desenhou-se no nível

internacional da instituição um programa que objetivava centralmente o crescimento da igreja, o qual ficou conhecido como o “Década da colheita”.

Esse programa propunha que a AD/MM revesse algumas de suas práticas, incluindo a sua própria resolução relativa aos usos e costumes, vigente a partir de 1975, quando foi implantada. As modificações da “Resolução de Santo André” passa a ser vista pelos líderes assembleianos como o fator determinante do êxito em termos do crescimento do números de fiéis alcançado pela instituição.

Esta, sem dúvida, foi uma década em que, claramente, a AD/MM precisou rever o ponto até onde poderia ir seu *aggiornamento*, sua aproximação com o espaço público, de modo a resguardar seus princípios e ao mesmo tempo conquistar mais espaço nele enquanto instituição. A seguir, é possível observar a resolução reformulada e apresentada no 5º Encontro dos líderes das Assembleias de Deus (ELAD) realizado de 23 a 26 de agosto de 1999:

Convém, portanto, atualizar a redação da resolução de Santo André, omitindo a expressão ‘como doutrina’, ficando assim: ‘sadios princípios estabelecidos na Palavra de Deus – a Bíblia sagrada – e conservados como costumes desde o início desta Obra no Brasil. Quanto aos 8 princípios da Resolução [de Santo André], uma maneira de colocar numa linguagem atualizada é:

1. Ter os homens cabelos crescidos, bem como fazer cortes extravagantes;
2. As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias;
3. Uso exagerado de pintura e maquiagem – unhas tatuagens e cabelos;
4. Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica;
5. Mau uso dos meios de comunicação: televisão, Internet, rádio, telefone;
6. Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes.<sup>12</sup>

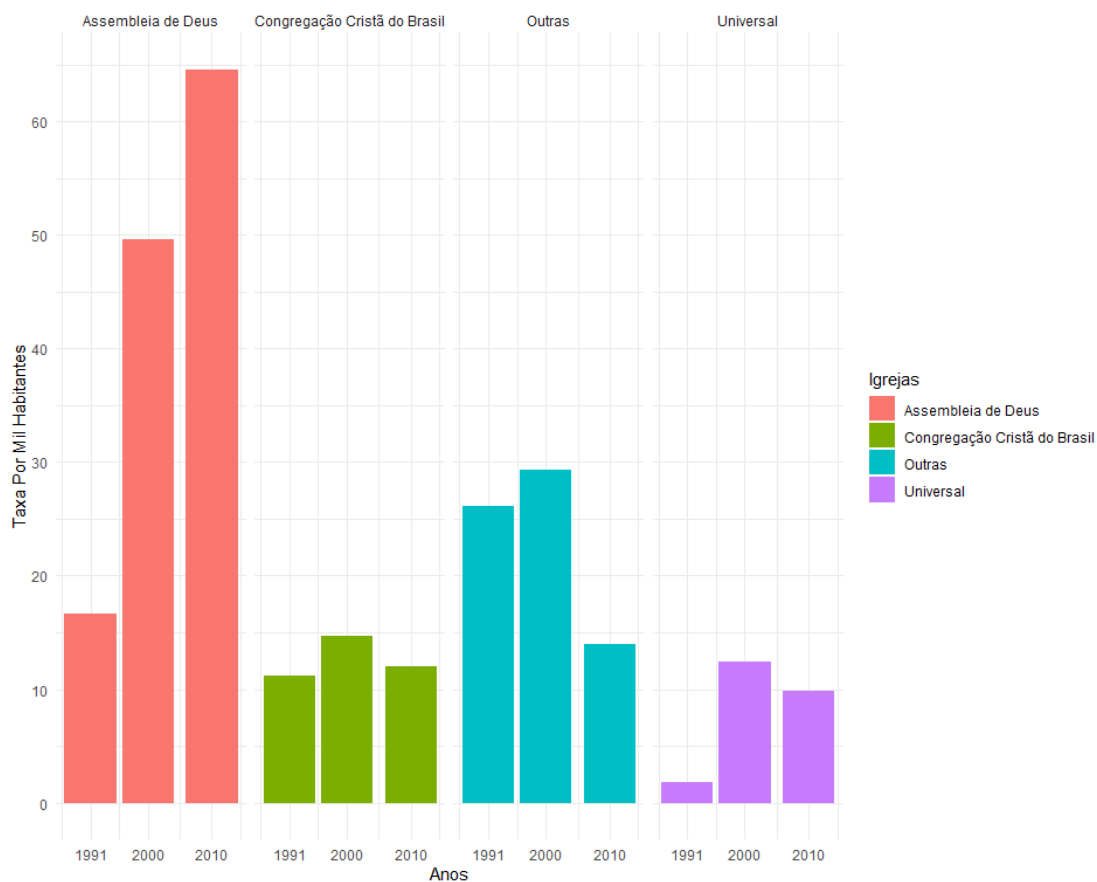
Comparando a resolução de Santo André, antes e depois de sua reformulação, notamos a suavização de alguns itens e ainda um complemento em outros. A maquiagem/pintura deixa de ser proibida, porém seu uso deve ser “discreto”; o traje “masculino” para mulheres permanece inalterado, acrescentando-se desta vez a proibição de roupas consideradas “indecentes”; aos homens, continua sendo proibido ter cabelos crescidos, e agora também não

---

<sup>12</sup> Resolução do 5º ELAD, publicada na revista Obreiro Nº 11 de junho de 2000. Transcrição integral In: DANIEL, 2004. p. 579.

se permite cortes “extravagantes”. Se antes não era permitido assistir à TV, agora o foco são os canais, cabendo o membro a seleção dos mesmos, de acordo com os “sadios princípios” conforme fora denominado. Com relação ao corte de cabelo para mulheres, subentende-se que agora passa a ser permitido, porém é claramente vetado que as mesmas os deixem curtos. As bebidas alcoólicas continuam sendo proibidas.

Nesta década denominada de “Colheita”, mediante a discussão entre os líderes e as alterações feitas na resolução anterior, tem-se no final dela, resultados favoráveis e bastante satisfatórios para a igreja, conforme o gráfico e tabela abaixo apresentados:



**Gráfico 1:** Taxa de crescimento da Igreja Assembleia de Deus entre os anos 1990 a 2010.

**Fonte:** Elaboração própria, com dados do IBGE.

Igreja	Ano	Taxa por 1000 hab.
Assembleia de Deus	1991	17
Assembleia de Deus	2000	50
Assembleia de Deus	2010	64
Congregação Cristã do Brasil	1991	11
Congregação Cristã do Brasil	2000	15
Congregação Cristã do Brasil	2010	12
Outras	1991	26
Outras	2000	29
Outras	2010	14



Universal	1991	2
Universal	2000	12
Universal	2010	10

Acima, os dados expressos no gráfico e na tabela explicativa, construídos com base no censo / IBGE deixam claro o intenso crescimento que a Igreja Assembleia de Deus conquistou a partir dos anos 1990. Nesse período, a cada 1.000 (mil) habitantes, 17 se declararam assembleianos; sucessivamente, a taxa aumenta expressivamente nos anos 2.000 para 50 habitantes em 1.000 e volta a subir para 64 em 2010. As preocupações de perda de seu espaço dão agora lugar para a seguridade de permanência no espaço público. Ela passa a ser, reconhecidamente como uma das igrejas protestantes pentecostais que mais abriga fiéis. Para tanto, como vimos, ela precisou de certo modo a “afrouxar” relativamente seus interditos e práticas, o que lhe rendeu uma posição favorável nos números do censo oficial.

Por meio de um levantamento histórico como o que temos realizado, percebe-se que para além do das preocupações de natureza competitiva dentro do mercado religioso, as preocupações de criação e posterior revisão das normas de usos e costumes se deveu também, conforme recupera Oliveira (2013), à intenção de manter sob controle o corpo feminino (foco central das regras desde o início da fundação da igreja), em detrimento dos acontecimentos e modificações sociais observadas na sociedade brasileira a partir dos anos 60 e com maior força, nos anos 70. Nestas décadas, na sociedade englobante ocorriam campanhas de liberação feminina, a partir do questionamento de padrões eminentemente patriarcais vigentes na sociedade brasileira. Nesse cenário, o movimento feminista eclodia e ganhava força.

Para evitar que as transformações sociais se propagassem no interior da igreja, foram criadas, estrategicamente, as “novas” normas de usos e costumes. Conforme vimos, a primeira resolução, denominada de *Resolução de Santos André*, foi oficializada e posta à público na década de 70, impedindo as fiéis de enveredarem pelos considerados “maus caminhos” ou caminhos denominados “mundanos”. Esta resolução expressa o receio dos líderes religiosos de perderem sua hegemonia predominantemente masculina e de ordem patriarcal como sempre fora desde a gênese da igreja.

Sobre a identidade assembleiana, podemos destacar o nome de um representante, historicamente, considerado responsável pela formatação e caracterização da igreja Assembleia de Deus como uma igreja de caráter predominantemente sexista: Samuel Nyström, um missionário sueco, principal liderança da AD/MM nas convenções de 1932 e 1948. O

mesmo estava no Brasil desde 1916 e fez, na época, imensos esforços para implantar o rigorismo doutrinário na igreja e afastar, decisivamente, as mulheres dos cargos hierárquicos da igreja. A igreja tem como herança até hoje, a condição de somente ser permitido pastores, presbíteros, diáconos e auxiliares homens. Nas palavras de Sousa (2017) “por sua influência, as mulheres não tinham poder de deliberação no tocante às questões de doutrina, ficando restritas apenas a condição de expectadoras<sup>13</sup> como esposas de pastores”.

As discussões acerca dos usos e costumes, nas quais era hegemônica a preocupação com a manutenção da identidade originária da igreja foram acaloradas nas convenções gerais desde 1932. Como resultado dessas discussões, em 1946, em uma Convenção geral realizada em Recife, o pastor José Teixeira Rêgo leu um documento publicado no Jornal *Mensageiros da Paz*, principal jornal da igreja, em que constava em tom impositivo regras de vestimentas para mulheres.

Por ser um contexto de pós-guerra, os líderes da AD da cidade de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, temiam que as mulheres se deixassem levar por um “espírito mundano”. A guerra requisitou, principalmente nos países que dela participaram, a ida dos homens aos campos de batalha. Com isso, abriu-se um campo de oportunidades de trabalho para as mulheres, incluídas para suprir as necessidades do mercado. Com o fim da II Guerra Mundial, a ideologia que valoriza a mulher como aquela que “naturalmente” deve servir ao lar voltou novamente com bastante força.

Se no imaginário social dominante<sup>14</sup> os homens eram em maior medida privilegiados em relação às mulheres, pode-se dizer que para a AD/MM era fundamental conter a maior participação feminina nos diversos espaços sociais, e sua manutenção sob o controle eclesiástico, embasando os argumentos limitadores a leituras e interpretações bíblica machistas.

O regulamento discutido em 1946, impunha uma rigorosa normatização da aparência física das mulheres, incluindo a prescrição de usar vestidos de mangas compridas, sem decotes e que cobrissem a maior área possível do corpo. A prescrição do uso de meias foi

---

<sup>13</sup> Sabemos, com base em Fonseca (2010) que alguns autores da bíblia, como por exemplo, Paulo, escreveram diversos textos que colocavam a mulher à margem da liderança religiosa. Paulo, segundo este autor havia bebido da fonte da filosofia clássica, que associava a mulher ao pecado, à fraqueza carnal, à culpa pelo pecado de Adão, dando a entender que na mesma não pode haver condição para liderar, já que “satanás” age através dela, pelo corpo, seduzindo e ludibriando os homens para o mau.

<sup>14</sup> Compreendemos por imaginário um conjunto de ideias e imagens de representações coletivas, que os indivíduos constroem para si para dar sentido ao mundo (PESAVENTO, 2009, p.43).

rejeitada. Apesar disso, fica claro que a intervenção sobre o corpo feminino sempre esteve no centro da pauta dos usos e costumes assembleianos.

Após este episódio, temos historicamente o retorno dessas preocupações em discussões realizadas em 1960 em razão da eclosão e avanço do movimento feminista, como já comentamos, fazendo com que não mais se adiasse a criação de uma normatização de usos e costumes destinada aos membros com mesmo teor rigoroso do decreto que foi negado/reprovado em 1946.

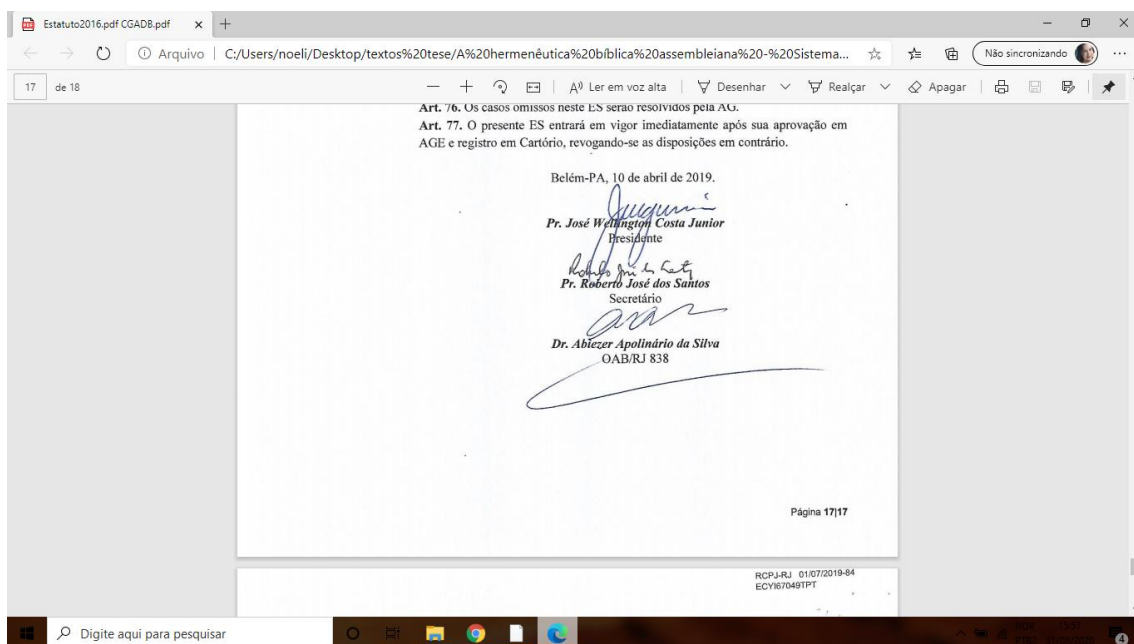
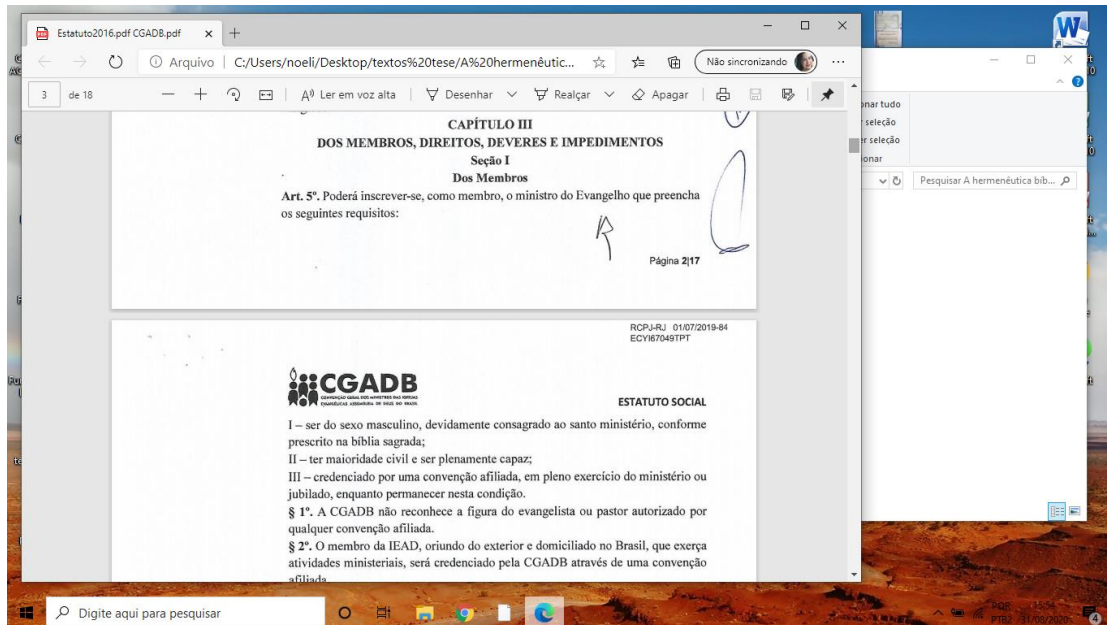
É necessário ressaltar que embora a normatização de usos e costumes seja válida e constituída para todos os membros da igreja, é possível perceber que a maioria das regras aprovadas se refere à mulher. Na Resolução de Santo André, cinco das oito proibições são destinadas às mesmas, uma para os homens e duas para os membros em geral; enquanto que na Resolução do ELAD, que significou uma revisão da primeira resolução em razão do cenário social de pluralismo, três das seis normas são destinadas às mulheres, uma para os homens e duas direcionadas aos membros de forma geral.

A partir do exposto, fica claro, assim como pontuam Sousa (2017), Sousa (2010), Oliveira (2013) Bandini (2009), e tantos outros pesquisadores da AD no Brasil, que o nível de coerção sempre foi mais intenso sobre a mulher. Para além disso, os critérios identitários na AD também se pautaram no alvo do distanciamento dela em relação às outras igrejas classificadas como evangélicas, o que dava a ela uma espécie de marca distintiva e de legitimidade no cenário religioso, tornando-a peculiar.

De onde vem a base das proibições estabelecidas com maior rigorismo sobre as mulheres, sendo o debate em torno da criação dos regulamentos capitaneado por homens, que ocuparam posições de privilégios desde a gênese da AD/MM no Brasil.

A história nos mostra que Gunnar Vingren, um dos fundadores do então do Ministério apostólico e de fé, nome anterior da igreja AD/MM era possivelmente favorável ao interesse e engajamento de sua esposa, Frida Vingren na liderança ministerial/pastoral da instituição, que o ajudou a fundar a instituição no Rio de Janeiro. Porém ocorreram diversas tensões e perseguições a ela, resultando da volta de sua família para a Suécia, onde também venceram os esforços dos líderes para a reserva das posições de poder na instituição apenas para homens.

Logo abaixo, temos um documento atual em que consta a permanência do critério de gênero para o pastoreio das assembleias de Deus, sendo impedidas as mulheres de serem pastoras.



No Brasil, o antagonista de Frida era Samuel Nystron. Na Suécia, era Lewi Pethrus<sup>15</sup> (uma das maiores referências do Pentecostalismo Sueco). Ambos, por cartas, comunicavam-se para tecer comentários sobre Frida, e juntos, empreendiam esforços, cada um em sua

<sup>15</sup> Alguns dos pastores com quem convivi em minha história de nativa da AD/MM comentam que Lewi Pethrus tinha o espírito empreendedor de Edir Macêdo e o caráter incisivo de Silas Malafaia.

localidade, para o fechamento dos caminhos ministeriais para ela. No tópico a seguir, recuperaremos a história de Frida a fim de entendermos melhor como ocorreram as tensões de gênero na instituição, e desta forma, estabelecer um entendimento mais profícuo quanto a questões sobre a produção da “desviância” na igreja Assembleia de Deus.”

A instituição evangélica Assembleiana Missionária que historicamente cerceou a abertura ministerial a mulheres, sendo esta proibição ainda atual; que se preocupou em fundar regimentos que, mesmo suavizados, denotam controle sobre os corpos femininos, baseiam-se numa interpretação literal da bíblia. Em alguns casos, a depender da regionalidade no Brasil, a sanção pode incluir a invisibilidade. No caso das AD/MM as quais fazemos menção neste trabalho, as pressões por submissão ainda ocorrem, embora de modo situacional, principalmente, quando comparamos igrejas sedes e subcongregações, dependendo do tipo de localidade.

Em geral, a grande questão que muitos estudiosos como Alencar (2010), Campos (2011) e outros apontam é justamente uma hermenêutica bíblica, ou mesmo uma teologia Pentecostal que considera os escritos bíblicos como universais e independentes da época ou contexto histórico, o que é motivo para embates e críticas por diversos líderes religiosos de outras instituições religiosas, providos de outros tipos de teologia, como a teologia da libertação, que inclui à sua interpretação a análise da história, em que cenário e para quem era destinado os escritos. Apesar disso, não tem sido raros os casos encontrados de líderes e membros que passam a construir um caminho interpretativo para a bíblia, em que o estudo teológico passa a ser o norte elaborativo de interpretação.

As narrativas de um dos entrevistados desta pesquisa, o qual é membro de uma comunidade sede nos bairros de Benedito Bentes I e II (bairros periféricos), casado, obreiro auxiliar, com curso superior em gestão da tecnologia da informação, mostrou como uma interpretação literal está ainda, em grande medida, em evidência. Os versículos são utilizados no cotidiano, transformando-se em discursos prontos, acabados e fechados em si mesmos para a explicação de fatos.

*Pesquisadora: Me fale sobre o que você pensa sobre os usos e costumes adotados pela igreja a seus membros*

*Eliabe: Bom, é... a mulher deve se vestir com pudor, com modéstia.*

*Pesquisadora: O que significa vestir-se com pudor ou modéstia?*

*Eliabe: Seria ela não se vestir com roupas muito apertadas ou curtas porque vai despertar o pecado no homem, e a mulher é objeto de desejo! Lá no jardim do Éden, Noélia, não foi o que Adão ouviu, mas o que ele viu que fez ele pecar. O problema é ver! no caso do homem. Eva foi conquistada pelo que ouviu da serpente. Palavras bonitas. Então se a mulher sabe que é bonita e ela disser, vou colocar esse vestidinho ou essa sainha, ela sabe que vai despertar olhares.*

Um dos pontos que saltam aos olhos a partir dos fragmentos da entrevista acima citados, foi que quando questionei sobre os usos e costumes, perguntei de modo geral, sem referência ao gênero, porém a resposta obtida inclinou-se prontamente e precisamente à mulher, conferindo evidências de uma internalização de pesos e focos desproporcionais quanto à responsabilidade de “esconder” o corpo.

Outro ponto que nos chamou a atenção e que indica um privilegiar de uma interpretação literal é a citação do momento em que Adão viu o fruto proibido à disposição, não resistindo. Eliabe acredita que se a mulher sabe desta fraqueza do homem, deve evitá-la, tendo cuidado com seus trajes. O pecado do homem, neste sentido é atribuído à mulher, que deve, ao escolher o que vestir, pensar se irá “provocar” qualquer homem, sexualmente.

No novo testamento, em Mateus 5.28, Jesus diz: “Eu, porém, vos digo, que todo aquele que olhar para uma mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela”. Eliabe citou este versículo em um momento onde argumentou sobre responsabilidades. Neste momento, ele atribuiu culpa aos dois, homem e mulher, pois insistiu que o fim do versículo “com ela” sugere culpa aos dois.

Durante o tempo de convivência com Eliabe, principalmente quando conversávamos sobre temas como gênero e sexualidade, e ainda, sobre divórcio, pude observar que o mesmo mostrava-se um aderente da interpretação literal, porém em temas como sexo e dízimo, foi possível ver que o mesmo havia desenvolvido uma concepção que destoava de um assembleianismo tradicional. Conforme expressou muitas vezes, “libertou-se” de uma leitura que não considera o contexto histórico, pois hoje, ele “estuda efetivamente” a bíblia, conforme mencionou.

Em diversas ocasiões, Eliabe me confidenciou um pensamento, por assim dizer, “mais aberto” em torno do sexo, relatando a angústia sentida por considerar que sua esposa teria muitos tabus religiosos ou talvez algum trauma, o que segundo ele inviabilizava o deleitar mais amplo do leito conjugal. Sensações de “nojo”, de ser pecado e da noção do tratamento dado a uma esposa, que dista do comportamento de uma prostituta, segundo Eliabe, são argumentos levantados pela esposa para justificar a negação e fuga das práticas desejadas por ele. Alguns “irmãos” conhecidos seus, também pertencentes à igreja, relataram para ele que vivem uma experiência sexual mais “intensa”, conforme descreveu, com inclusão do sexo oral, utilização de brinquedos eróticos, mas que continuam a “glorificar o nome do senhor”. Fato esse que intrigava ainda mais Eliabe nas conclusões de que sua esposa deveria se permitir mais.

Esse, entre os tantos outros momentos de entrevista, em me questionava sobre o distanciamento entre sujeito / objeto e, para além de questões metodológicas, sobre eu estar em um ambiente onde naturalmente as pessoas não conversam sobre assuntos como esse, e sobre este diálogo ser com um homem me colocavam em uma situação de alerta, pois se encaminhava para o considerado, dentro do universo, “proibido”, e neste ponto, minhas disposições assembleianas que se ativavam na vivência entre assembleianos faziam-me sentir culpa, principalmente por ser mulher, porém resolvi dar continuidade as entrevistas, permitindo que meu interlocutor se sentisse a vontade para falar sobre questões que o incomodavam na igreja, e sobre sua vivência de anos na nela.

Apesar de expressar, por vezes, uma infelicidade nesta área, defendeu o casamento dizendo: *Noélia, eu vou até o fim! Para mim, o casamento é sagrado! Eu não troco o meu casamento por uma mulher mais gostosa e que me satisfaça mais! Isso traz uma maldição muito grande!*, concluiu.

Por vezes eu notava que Eliabe polarizava entre uma postura progressista em relação à tradicionalidade assembleiana, a partir de uma leitura independente da bíblia. Porém em outras ocasiões eu o presenciava assumindo a postura de um assembleiano tradicional nato sobre outros temas, revelando um *habitus* tradicional bastante arraigado, e mesmo algumas *disposições* contraditórias.

Os sentidos são dados pelo próprio agente durante o desenrolar de sua trajetória, (GADEA, 2013), porém de modo contextual e situacional, podendo modificar-se com o tempo. Eliabe dizia claramente, que “antes comia, hoje não come mais!”, referindo-se à interpretação literal da bíblia feita por pastores assembleianos.

Tomando o indivíduo como unidade de análise não é possível classificar um indivíduo como *desviante puro* ou *exemplar puro*. É mais provável acontecer de um mesmo indivíduo englobar os dois *stati*. Em algum dos níveis da experiência, ou mesmo no desenrolar dela, algumas disposições vão sendo desativadas, outras não. Outras sofrerão reestruturações, outras permanecerão.

Quase sempre, além de estudar a bíblia, ele consumia pregações de pastores como Caio Fábio, pastor independente, a fim de, junto às suas leituras bíblicas, construir seu pensamento sobre o tema dos usos e costumes e doutrina da igreja.

*Eles são tão incoerentes que o meu pastor disse que o dizimo tem que ser do salário bruto. Por exemplo, se você é contratada e seu salário é mil reais e você recebe uns oitocentos, você deve tirar dos mil. Não tem nenhuma base bíblica! Nenhuma! A bíblia não fala nem em salário bruto, nem em salário líquido! e o povo, ó, come! é por isso que eu digo Noélia, tem que abrir os olhos!* (Narrativa de Eliabe, 40 anos, obreiro auxiliar, sobre o dizimo)

A fala de Eliabe expressa a desnaturalização de um princípio considerado ainda, pela maioria dos assembleianos como inquestionável, o que nos aponta para uma nova construção de pensamento relativo ao tema e que o coloca na posição de “desviante”. Discorreremos a seguir, a luz da perspectiva beckiana as nuances relativas a construção dos processos de rotulação.

#### **1.4 A construção do desvio e dos desviantes na igreja Assembleia de Deus**

Na definição de Becker (2008), o desvio é uma situação possível a partir da produção de normas por um grupo que lhes atribui uma condição de legitimidade. Afastar-se delas caracterizaria uma condição de transgressão, potencializando a construção social do comportamento infrator e, e logo, do surgimento da figura do “desviante”. Estaremos considerando, neste trabalho, as ideias do autor para o entendimento das regras operantes e que possuem força de imposição, sejam elas formais ou informais, dentro de duas comunidades da AD/MM.

Nesta perspectiva, analisaremos a construção da classificação de condutas ou modos de ser como ‘desviantes, o inventário do definido institucionalmente como os âmbitos do ‘normal’ e do ‘desvio’ na situação/contexto/instituição selecionados. Isso implica no levantamento dos itens classificados como ‘puros’ ou ‘impuros’ na ordem simbólica da AD/MM, pensando o processo de classificação como concebido a partir da produção de normas e da relacionalidade entre o que é considerado ‘normal’ e o que é definido como ‘desviante’.

Uma prática considerada como desviante, em um determinado momento pode sofrer uma espécie de “assimilação” ou “normalização” (BIRMAN, 2006), o que nos leva a enfatizar o aspecto específico da análise e a ‘carreira’ moral de uma prática no conjunto de práticas inscritas no modelo de religiosidade considerado. Para entender a dinâmica de classificações do polo do ‘normal’ e do polo do ‘desviante’ e as suas eventuais transformações nossa atenção tem sido dirigida no sentido de identificar como os comportamentos e modos de ser são, ao longo do tempo, incorporados e desincorporados, por um lado, no regimento formal da igreja; e, por outro no que se pode denominar ‘regimento oculto’, que opera no registro do imaginário e do campo simbólico/moral da comunidade religiosa analisada, funcionando como um conjunto de normas tácitas, capazes de orientar as percepções dos membros no que tange às práticas definidas em torno dos dois polos citados.



Nosso recorte tem a intenção de abordar a heterogeneidade da comunidade selecionada para a pesquisa, sendo, portanto, necessário estratificar os participantes daquela, para tentar dar conta de algumas características potencialmente determinantes das especificidades em termos de modelos de normatização partilhados. Chamam a nossa atenção as tensões atuais entre as gerações no espaço da AD/MM. Entre os membros de mais idade, há um descontentamento acerca de como os jovens assembleianos vêm se trajando, dentro e fora da igreja, com destaque ao observado entre as fiéis – o uso de maquiagem, de ‘roupas justas’, ‘decotadas’ e ‘curtas’, de calça comprida etc. Entre os jovens de ambos os sexos há uma naturalização e mesmo uma reivindicação de transformações no que se define como ‘usos e costumes’ assembleianos.

Além das diferenças geracionais relativas às definições do ‘normal’ e do ‘desviante’, existem variações referidas ao nível de instrução, à classe social e ao gênero, o que aponta para a determinação situacional e interacional do delineamento do par citado.

Diante das situações de transgressão das normas nas comunidades da AD/MM, chegamos à conclusão de que, além da construção do ‘desvio’ mobilizar a rememoração de modelos de ‘desviância’ do passado, ela também atravessa os diversos estratos que compõem as comunidades religiosas, sendo refratada de modos diferenciados, levando em consideração as variáveis acima citadas. Assim, não há um único modelo de ‘desviância’ na AD, mas vários, produzidos a partir de diversos agenciamentos que a atravessam. As classificações de Becker quanto aos tipos de desvio nos parecem adequadas quando das situações encontradas durante a pesquisa de campo nas comunidades da AD/MM escolhidas.

Nesta perspectiva, alguns membros costumam ser percebidos como desviantes, e de fato, escancaram esta posição a partir do não seguimento de alguma regra, embora não se denominem “desviantes” por estarem movidos por uma concepção que destoa da convencional. Na classificação de Becker são os *desviantes puros*. Outros, não são percebidos como desviantes, e de fato, demonstram um comportamento conservador quando da preservação das regras de usos e costumes (*apropriados*), onde também demonstraram isto durante os acessos empreendidos aos mesmos durante a pesquisa. Já outros, que também não são percebidos como desviantes, exercem este status secretamente (*desviantes secretos*), admitindo durante suas falas as divergências desenvolvidas quanto algumas regras. Esta última situação é expressa, conforme encontrado, no nível do pensamento, que pode ser tão sofrido como agir, de fato, como um. Em se tratando deste tipo, no interior da igreja Assembleia de Deus, encontramos casos em que o fiel omite ideias que fogem da lógica da normalidade eclesial, onde ao mesmo tempo, mantém seu pertencimento, seja por algo

que está em jogo, como o desagrado familiar, seja por divergência apenas parcial quantos aos princípios pentecostais assembleianos.

Há casos em que o fiel, munido de coragem, expõe, para outros membros sua divergência acerca de algumas regras, como vivenciou a própria autora desta pesquisa, quanto ao uso da maquiagem. Neste caso, este que expõe é igualmente considerado um desviante, pois basta um único episódio de exposição para que a rotulação ocorra. Nestes casos, é possível, como afirma Becker, que uma vez exposto o desvio ou o pensamento desviante o membro fique “marcado”. Neste caso, a imagem construída versará sobre o desvio conhecido e reconhecido, e por isto rotulado assim, cristalizando a visão que se tem sobre este membro. Desta forma, a construção da imagem do mesmo girará sempre em torno deste desvio em particular, o que gerará a falta de credibilidade por parte de quem rotula. Se o caso for exposto para um líder religioso que tenha o poder de promover tal membro dentro da escala hierárquica eclesial, certamente será vetada esta possibilidade.

Foi o caso de um dos entrevistados, Eliabe, que foi peça fundamental nesta pesquisa, nos apontando membros dispostos a compartilhar de suas experiências religiosas nas comunidades escolhidas no tocante a algum desvio cometido. Mediante a virgindade como norma doutrinária, o mesmo relatou sobre suas dificuldades em manter-se fiel à regra, e embora a tivesse introjetado como princípio doutrinário, relatou que acabou recorrendo à prática sexual em duas ocasiões, com distintas mulheres, o que lhe fez sentir intensa culpa. Foi um *desviante*, até que resolveu contar seu “pecado” ao pastor de sua comunidade na época, recebendo a sua *disciplina*, sendo impedido de participar das atividades do grupo jovem por um período estabelecido pelo pastor.

Os anos se passaram, Eliabe se casou e tornou-se “auxiliar”<sup>16</sup> na igreja. Até recentemente exercia esse cargo. Como de costume, anualmente durante a convenção das AD’s em Alagoas, sempre acontece a escolha de novos obreiros para despontar na escala eclesial, e Eliabe nutria este desejo. Seu nome foi indicado pelo pastor local atual, mas grande decepção lhe ocorreu ao saber que sua indicação havia sido negada. Em sua ficha estava registrada o desvio de conduta, o pecado confessado há anos. “*Estava lá na minha ficha, Noélia! Meu nome não vale nada para a igreja. Eu estou manchado!*” Este episódio contribuiu para que Eliabe “entregasse” o cargo/função de auxiliar.

---

<sup>16</sup> Auxiliar é uma função similar a de um porteiro convencional. Os que são “separados” para esta função devem cumprir escala semanal nas portas ou portões da igreja, incluindo também a organização dos membros e visitantes em seus assentos e passar com as “salvas” para recolhimento de dízimos e ofertas.

Embora, do ponto de vista da comunidade em sua expressão formativa, materializada na liderança da AD/MM Eliabe seja rotulado como *desviante* e isso afete o pleito do mesmo a novas posições hierárquicas e possibilidades dentro da comunidade, já que ele tem sua imagem estigmatizada, distanciando-o do status de “membro exemplar”, a pesquisa mostrou que o desvio é relacional a algo ou alguém.

A rotulação enrijecida ou cristalizada acontece no senso comum dentro do universo assembleiano. Esta premissa fica clara em uma situação de conflito familiar presenciada pela pesquisadora, na qual Eliabe e sua esposa negavam à filha o desejo de utilizar franja. Para a menina de 9 anos a justificativa foi a de que cortar franja estragaria o cabelo e que ela era “muito nova” para fazê-lo. Em um momento propício, questionei a Eliabe como ele e a esposa construíam suas concepções sobre o tema do corte de cabelo desejado pela filha. Eliabe defendeu que o corte “franjinha”, como destacou, estaria associado à sensualidade, por isso não autorizou o corte, praticamente implorado pela pequena.

Neste episódio, eu pude notar um Eliabe impregnado da doutrina pentecostal, das concepções dos líderes e de uma grande medida da normatividade que paira sobre a maioria deles. É tanto que ele me dizia: — *Tem muita coisa que eu ainda não consigo vencer. Eu ainda tô muito preso à religiosidade!*

Eliabe explicava que mesmo entendendo que a proibição do uso era apenas de ordem religiosa, e que não acreditava que sua filha estaria desagradando a Deus ao utilizar a franja, algo o incomodava ao imaginá-la com o corte de cabelo. Os códigos culturais, as disposições ativadas, (LAHIRE, 2002) estavam nele, fortemente arraigados, o que explicaria a sensação de profanação ao pensar no uso da franja pela filha.

Nos momentos, durante a vivência no campo de pesquisa, inserida em um polo familiar de membros da Assembleia de Deus, que caracterizou o momento inicial da minha pesquisa, eu não podia deixar de ser afetada quando assistia à operacionalização da repressão e do controle imposto pelo sistema cultural assembleiano. Ver uma menininha entristecida por querer fazer algo que não tinha nada de errado fez-me estremecer, pois a imagem remontava à minha própria, na infância, quando experimentei tantos vetos, em razão das mesmas lógicas adotadas por Eliabe e sua esposa.

Como se pode perceber, falar de *desviância* requer o enfoque situacional, pois uma coisa é como um membro se percebe em relação a distintos temas, que o tornaria *desviante* em relação a uns e em relação a outros não. Outra bem diferente é a construção de sua imagem diante da comunidade de membros e líderes religiosos, pois nesta esfera, entra a

questão do poder, que pode gerar perdas ou ganhos mediante a exemplaridade ou desviância do membro.

Há ainda situações, como aponta Becker (2008), que realizar determinado ato torna-se um *desvio* e em outras, não. Ser membro e usar maquiagem em uma subcongregação em uma comunidade da AD/MM na periferia é diferente de usar maquiagem em uma igreja sede (igrejas mãe e de tamanho maior), localizada em um território mais centralizado em Maceió. Nossa pesquisa evidenciou que a coerção é maior em igrejas da periferia.

O fator econômico e também a escolaridade, parece, efetivamente, influenciar na intervenção sobre o comportamento dos membros. Em Maceió, temos o exemplo da AD no bairro da Jatiúca e Farol, ambos bairros valorizados economicamente, onde concentram-se o maior número de membros cujos trajes “modernos” e pintura se notam de modo mais evidente, enquanto que nos bairros do Benedito Bentes e Gama Lins, ambos periféricos, é possível notar uma paisagem eclesial inversa.

Mesmo em igrejas de periferia, como aquelas sobre as quais resolvemos nos debruçar em comparação com a igreja sede das AD/MM encontramos pontos de fricção relativos aos usos e costumes. A coerção permanece lá, mas algumas proibições têm perdido força, como é o caso da calça comprida para mulheres. Mesmo ainda sendo considerado um desvio, ela passou a ser utilizada fora da igreja, popularizando-se este uso pelo critério da funcionalidade:

- *Eu uso pra trabalhar. Para subir no ônibus é complicado com saia.* (36 anos, casada, membro da igreja no Benedito Bentes)
- *Para trabalhar não vejo nada demais!* (22 anos, casada, membro da igreja no Benedito Bentes)
- *A minha mãe usa pra ir pro trabalho, mas quando ela chega ela não usa mais não por que a gente é crente, né? a gente é diferente né?* (9 anos, membro da igreja no Benedito Bentes)

Embora seja nítida a perda de força da proibição do uso da calça comprida pelas mulheres, observando-se cada vez mais presente na vida das assembleianas, ainda permanece como regra operante, aplicada principalmente na periferia, por intermédio dos olhares, mexericos e vigilância mútua dos membros, principalmente os das gerações mais velhas.

Embora sejam as mulheres as que mais sofrem com a pressão de negação do uso da calça, por marcar o corpo, ou por ser considerada uma peça masculina, os homens também têm sido alvos da vigilância no tocante ao controle do corpo. Mediante as modificações no cenário da moda, há na atualidade a existência de calças *slim* e isso tem incomodado alguns líderes que consideram que não seriam adequadas ao homem cristão. A rejeição se dá pelo fato de marcar o corpo dos homens. Neste caso, não há uma proibição formal, mas sim a

produção do sentimento de vergonha, que pode potencializar a inibição do seu uso. Claramente, de acordo com nossas observações em campo, a estratégia da zombaria e da piada, mobilizadas em prol da manutenção do uso padrão: “— *Olha como ele tá arroxadinho que nem track(...)*” (risos)

Durante os anos em que a pesquisadora foi nativa, presenciou frequentemente outras mulheres assembleianas considerarem que “calça de homem” é folgada, que daria um tom de virilidade. A imagem da masculinidade construída, isto é, de um “homem de verdade” ou “homem com H”, conforme era expresso, se conectaria a trajes menos modernos, sendo básicos, simples e sem tanto detalhe. Em camisas, em calças, os tecidos em lycra e que se ajustam ao corpo continuam sendo, nas congregações da periferia, rejeitados.

Diferentemente do caso da calça comprida, em relação às quais as mulheres assembleianas que as usam seriam consideradas *desviantes puras*, confirmando a perspectiva de Becker, nem sempre a postura infratora de determinada crente se torna pública, implicando em punições formais diante da igreja-mãe, a sede das ADs em Maceió, principalmente quando a norma é formal ou infringe a doutrina. É comum que dentro da comunidade congregada ou círculo de crentes próximos ou circunvizinhos, este membro sofra com mexericos em razão de sua postura “inapropriada” ou “despudorada”.

Em uma linguagem local, isto é, das comunidades, esses fiéis que pensam de modo “liberal<sup>17</sup>” são vistos como “compactuadores com o mal”, sendo corrente a maioria considerar que, se escolheram pertencer à Assembleia de Deus, devem se enquadrar ao padrão definido pela instituição a qual estão vinculadas.

Algumas assembleianas, mesmo usando calças compridas, no âmbito das relações inter-membros defendem o oposto, mantendo a fachada de guardiãs do comportamento *exemplar* institucionalmente prescrito. Subjugam seus próprios comportamentos a essa lógica, racionalizando seus comportamentos, que devem se adequar às regras formais da AD/MM.

As discussões públicas sobre o tema dos usos e costumes costumam ser ocasionais, mas os resultados do embate ou debate sobre ele eventualmente se tornam dolorosos para estes sujeitos, que em geral preferem se omitir em razão do peso simbólico produzido pela decisão da exposição diante da comunidade religiosa.

Com Becker (2008) pensamos que a construção do desvio é um processo, tendo menos a ver com aspectos internos dos sujeitos e mais com as reações dos outros e os efeitos delas

---

<sup>17</sup> Expressão utilizada pelos líderes em referência ao perfil de assembleianos “contaminados” pelo mundanismo ou pela modernidade.

nas experiências individuais. A construção da imagem de um membro estará diretamente ligada aos critérios estabelecidos como “próprios” a um assembleiano. Os efeitos que “o conjunto de compromissos” para o cumprimento da “normalidade” dentro do sistema assembleiano constroem um membro *exemplar* e a figura do *desviante*.

Como nos lembra o autor citado, uma regra nem sempre terá eficácia universal. Antes esbarra em processos conflitantes dentro da experiência dos sujeitos. É o caso de um jovem assembleiano que decide sair de bermuda pela rua, ou ainda usar barba ou um corte de cabelo fora do convencional; ou da senhora ou de uma jovem que aparece com maquiagem em um dos cultos. A maquiagem é mais aceitável em jovens e as reações serão diferenciadas, o que aponta para a complexidade e variabilidade do *desvio*.

Algumas proibições já não existem do ponto de vista formal, mas continuam exercendo a mesma força em comunidades periféricas, nas quais o grau de coerção é maior. Às vezes a proibição que deixa de existir formalmente migra da formalidade para a informalidade, mantendo sua força em algumas situações e públicos específicos. É o caso do item 5 da Resolução de 1975, no qual é vetado alterar as sobrancelhas. Esta norma foi cancelada quando da formalização da resolução de 1990, mas sua força continua existente no nível da informalidade.

Para um pastor líder entrevistado, o liberalismo é a causa da mudança de comportamento dos membros.” — O liberalismo é um vento, e como vento, ele entra igreja! Pela janela! A igreja não tá livre! por isso temos que vigiar”!

Como vimos até agora, sobre o desvio repousa a ambiguidade, sendo um produto social, pode ser estudado em suas construções determinadas pelo contexto, pela geração, pelo gênero, pelo nível de instrução e pela tipologia da *desviância*, a qual implica eventualmente em uma hierarquização de “desvios”. Conforme discute Becker, ao realizar uma análise multivariada do desvio é possível entender as correlações entre os produtos finais dos desvios e as situações que o geraram, percebendo-se nuances, sejam elas contextuais ou motivacionais/sociais que dão corpo à relação entre ação infracional e a reação da comunidade a ela.

Uma variável que atravessa as supracitadas é a crença e seus desdobramentos na dimensão da experiência dos diversos perfis assembleianos. Essa variável remete aos ordenamentos simbólicos (DOUGLAS, 2010), sistemas de classificação, de representações coletivas (DURKHEIM, 2003), em suas capacidades de influenciar os agenciamentos da ‘desviância’ no espaço das AD/MM, mas não só. Nossa pesquisa aponta para a força da demanda racionalizadora, através das qual se busca o sentido da regra, sem implicar em sua

anulação. Posteriormente discutiremos, argumentando como polos aparentemente opostos podem estar imbricados nas dinâmicas de construção do “desvio” e da “exemplaridade” .

Para entender as produções do ‘desvio’ nas comunidades religiosas selecionadas, portanto, levamos em consideração as dimensões da crença (plano subjetivo) e também da experiência, cuja racionalidade tem se adentrado, mediante o regimento interno da igreja, no qual estão inscritas normas formais, no entanto, sem esquecer das normas informais também em operação no espaço das AD, pensadas como produtoras de lógicas intencionais e objetivas relativas à classificação e tratamento do ‘desvio’. É importante dizer ainda, que além das duas modalidades normativas, a formal e a informal, estão em operação ainda, na igreja, a força normativa doutrinária, cujo peso é tão evidente quanto os das citadas.

Abaixo, estaremos expondo as normas proibitivas pertencentes às modalidades citadas, que se tornam também, no nível da experiência, os ‘desvios’ mais comuns encontrados durante a pesquisa. Para tanto, resolvemos, por razões metodológicas, separar as normas por gênero, entendendo que, em alguns casos, o peso pode variar de acordo com este critério. Além disso, apresentaremos as tendências encontradas de perda da força imperativa, como também as normas que se mantêm estáveis.

É importante esclarecer que as classificações relativas à perda de força e a estabilidade se aplicam, estritamente, às comunidades onde a pesquisa foi realizada e para a amostra colhida, no intuito de extrair a percepção de como estrutura e agência produzem sentidos que oferecem norte às suas ações / determinações, no plano formal, mas principalmente informal, onde constam os desdobramentos elaborativos e subjetivos do qual também depende o plano formal, resultando em movimentos de transformação, em potencial, dentro do sistema cultural assembleiano.

<b>Norma - Regimento Interno</b>			
<b>Homem</b>		<b>Mulher</b>	
Cabelos crescidos		Vestimentas indecentes (que foge à ideia de pudor)	
Cortes extravagantes		Uso exagerado de pintura e maquiagem (cabelos, tatuagens e unhas)	
		Uso de cabelos curtos	
Mau uso dos meios de comunicação (internet, tv, rádio e telefone)		Mau uso dos meios de comunicação (internet, tv, rádio e telefone)	
Bebidas alcoólicas		Bebidas alcoólicas	
<b>Em estabilidade</b>	<b>Com perda de força</b>	<b>Em estabilidade</b>	<b>Com perda de força</b>
Cabelos crescidos	-----	-----	Vestimentas indecentes (que foge à ideia de

			pudor)
	Cortes extravagantes	Bebidas alcoólicas	Cabelos curtos
Bebidas alcoólicas	-----	Mau uso dos meios de comunicação (internet, tv, rádio e telefone)	Uso exagerado de pintura e maquiagem (cabelos, tatuagens e unhas)*
Mau uso dos meios de comunicação (internet, tv, rádio e telefone)	-----	-----	-----
-----	-----	-----	-----
-			

**Quadro 1: Elaboração própria com dados da segunda resolução da CGADB**

\*A perda da força imperativa deste item deve ser considerada relacionando-a ao tipo de congregação à qual a fiel é afiliada.

<b>Normas informais</b>			
<b>Homem</b>		<b>Mulher</b>	
Sexo oral (Não há consenso)		Sexo oral (não há consenso)	
Interesse em sexo		Interesse em sexo	
Praticar academia e esportes		Praticar academia e esportes	
Jogar Futebol		-----	
Cinema e parque de diversão		Cinema e parque de diversão	
Shows (mesmo gospel)		Shows (mesmo gospels)	
Uso de bermuda			
<b>Em estabilidade</b>	<b>Com perda de força</b>	<b>Em estabilidade</b>	<b>Com perda de força</b>
-----	Sexo oral	Sexo oral (não há consenso)	Praticar de academia e esportes
Jogar futebol*	Interesse em sexo	Interesse em sexo	-----
Cinema e parque de diversão	Praticar academia e esportes	Shows (mesmo gospel)	-----
Shows (mesmo gospel)	-----	Cinema e parque de diversão	-----
Uso de bermuda	-----	-----	-----

**Quadro 2: Elaboração própria, a partir de informações coletadas no trabalho de campo**

\*No nível da experiência, o Futebol ainda é visto com ressalva. Sua prática deve se restringir aos encontros de membros, em retiros, por exemplo. Conclui-se que não é a prática em si do esporte que é interdita, mas as pessoas como quem se joga, o ambiente considerado.

<b>Doutrinas proibitivas</b>			
<b>Homem</b>		<b>Mulher</b>	
Sexo antes do casamento		Sexo antes do casamento	
Sexo anal		Sexo anal	
Masturbação		Masturbação	
Músicas seculares		Músicas seculares	
Não “devolver” o dízimo		Não “devolver” o dízimo	
Homossexualismo		Homossexualismo	
-----		Liderar igreja e ter ministério	
Divórcio (com ressalva atual)		Divórcio	
-----		Corte de cabelo (curto)	
<b>Em estabilidade</b>	<b>Com perda de</b>	<b>Em estabilidade</b>	<b>Com perda de</b>



	<b>força</b>		<b>força</b>
Sexo antes do casamento	Divórcio	Sexo antes do casamento	-----
Sexo anal	-----	Sexo anal	-----
Masturbação	-----	Masturbação	-----
Músicas seculares	-----	Músicas seculares	-----
Não devolver o dízimo	-----	Não devolver o dízimo	-----
Homossexualismo	-----	Homossexualismo	-----
	-----	Divórcio	-----

**Quadro 2: Elaboração própria, com dados do campo de pesquisa e da interpretação mais comum da bíblia**

A construção da normalidade na igreja Assembleia de Deus / MM é realizada a partir do seguimento e subordinação da membresia às três modalidades de normas existentes apontadas no quadro acima. Sendo assim, os perfis que infringem alguma engrenagem do modelo, isto é, alguma norma, se configuram como membros desviantes. A percepção de existência de um “membro desviante” já é apropriada e mencionada pela instituição, já que nem todos buscam seguir um modelo ortodoxo à risca. Nossa tarefa é compreender, mediante esta investigação como se constroem essas experiências religiosas que se encontram fora dos trilhos da normalidade da instituição.

Conforme já apontamos, o desvio é um produto histórico e relacional, e seu estudo demanda uma sistematização e categorização de dados, o que faremos no capítulo 4. Por hora, almejamos que o leitor consiga perceber os movimentos dialéticos da instituição a partir de seus pontos de transformação e suas causas, e que, pensando a construção da individualidade no espaço das AD/MM, se compreenda como os fiéis, de variados perfis, elaboram ou reelaboram sentidos de suas experiências religiosas, ou o sentido de ser assembleiano.

O primeiro quadro foi construído com base na segunda, a mais atual resolução da igreja referida aos usos e costumes. Nela observamos um relativo afrouxamento das normas, realizado em razão de um cenário social específico. O princípio subjacente às mudanças feitas como resultado de reuniões de líderes, todos homens, é o de construir a identidade da instituição de acordo com o que a igreja entende como religiosidade “saudável”.

Desse último regimento, que data dos anos 1990, comparativamente, aos achados atuais desta pesquisa, pudemos notar, que de modo tendencial, na amostra selecionada, algumas normas têm perdido sua força operante. Conforme o leitor verá, quanto maior o nível de instrução, e mais jovem o/a fiel, mais é provável o questionamento das normas. Porém isso não é regra geral, pois sendo o desvio relacional, por vezes está presente em membros de outras gerações, segundo nossa pesquisa, embora seja regular a incidência do desvio na sua

forma pública em jovens, situação em que nos leva a observar com mais atenção a fim de entender a construção do *desvio* na AD/MM.

Temos, no quadro 1, a perda de força da proibição de “cortes extravagantes” para homens, a incidência cada vez mais regular do uso de roupas desenquadradas das classificadas como “decentes”, como a mini-saia em jovens e ainda o uso da calça comprida por mulheres.

Consideramos, nesta pesquisa, a incidência de infrações como pontos de transformação no nível da experiência. Pontos de transformação não assimilados, mas em potencial. Se considerarmos a primeira resolução, vemos que a mesma proibia o uso de pintura pelas mulheres, passando a ser permitido, desde que resguardada a “discrição”. No nível da experiência, essa nova imposição já vinha perdendo a força, conforme expusemos no quadro, o que nos faz pensar na plasticidade das resoluções que, tendencialmente, vão se adequando às dinâmicas sociais em curso nas comunidades religiosas.

No quadro 2, temos as normas classificadas como informais, por não serem, efetivamente, reconhecidas como aquelas que constroem a marca assembleiana, no entanto, não deixam de possuir igualmente força imperativa e um lugar dentro do sistema cultural da igreja. É importante que o leitor entenda que essas normas podem variar de acordo com o perfil do membro, com o tipo de congregação, com o nível de instrução, com a posição institucional e com o gênero que, efetivamente, colaborarão para a construção e aceitação / não aceitação das mesmas.

A existência das normas informais, por si só, deixa clara a atividade criativa exercida pelos membros de variados perfis, em seu desejo de atribuir sentido às suas ações.

No primeiro quadro, temos, aparentemente, um consenso sobre usos e costumes exemplares, mas as modificações realizadas indicam o contrário. Os constructos sociais, costumeiramente, são elaborados por vontades individuais diferentes e conflitantes. Sendo assim, é insuficiente concentrarmos apenas na estrutura normativa oficial, pois o impacto da norma se dá de diferentes formas nas vontades individuais, escapando do controle os comportamentos dos fiéis, à revelia de atas firmadas, resoluções *etc.*

Levando o acima afirmado, a fim de cumprir nossos objetivos de compreender as formas de elaboração institucional e reelaboração das normas e sistemas de classificações de comportamentos desviantes e exemplares no nível dos indivíduos, das experiências dos sujeitos que vivenciam a normatividade institucional, consideramos a heterogeneidade de possibilidades quanto a construção da ‘desviância’ na AD/MM, levando em conta as conexões entre agência e estrutura, e também a relação dos membros com os espaços fora da instituição

religiosa, bem como a necessidade da igreja se inserir no espaço público, embora mantendo ainda o discurso de cisão com o chamado “mundo”.

As normas informais mencionadas no quadro são as mais comuns nas comunidades escolhidas, mas há outras, construídas no cotidiano, novas regras, baseadas na interpretação de indivíduos isolados que influenciam diretamente os membros, principalmente, em razão de sua posição institucional. Sobre isso, nos propomos participar de algumas vigílias em que pudemos extrair, por meio da observação, a construção de novos delineamentos de comportamento, desde a defesa da forma de ‘orar’ ou como ajoelhar-se para tal fim. Nos dias em que fomos, o líder religioso, que ocupa a posição ou posto de presbítero, defendia que ‘deus’ não recebia orações por meio do pensamento. Seria preciso ‘clamar’ intensamente para que as mesmas fossem ‘recebidas’. A atmosfera do ambiente fazia, claramente, com que a premissa expressa se convertesse como uma norma. Afinal, se a mesma não fosse cumprida, logo, o objetivo de conexão e diálogo com a divindade não seria concretizado. Sem falar que a premissa não foi expressa por qualquer pessoa, mas por um líder religioso, que na escala eclesial fica abaixo apenas do pastor.

A sensação de estar “em falta” com ‘deus’ também foi potencialmente produzida. Os comentários e impressões de alguns membros após o evento, na saída da igreja, demonstraram o sentimento de culpa por não conseguir cumprir, por timidez, a premissa revestida de norma, o que lhes denotava estarem em desvio de conduta diante da igreja e da divindade. Essa foi uma experiência em uma das congregações e não podemos generalizar a existência dessa premissa em outras comunidades que também frequentamos.

Voltando ao quadro 2, observe o leitor que entre as normas informais descritas, a prática de sexo oral, ainda considerada um tabu, até mesmo em ser mencionada, tem perdido a força entre alguns assembleianos homens, enquanto que para algumas mulheres, a proibição ainda se reveste de força operante. Situação gerativa de conflitos conjugais, mencionada durante a entrevista, onde foram relatados a mobilização de lógicas e interpretações bíblicas para o debate e gerenciamento do conflito.

Semelhante à prática de sexo oral, o “demonstrar” interesse sobre sexo fora do âmbito do casamento também se configura como um ato desviante, em sua forma pública e na igreja. No entanto, os assembleianos homens que possuem uma relação de amizade, conforme relatos nas entrevistas, costumam socializar seus interesses sexuais, sobre se há dificuldades no matrimônio, principalmente levantando a “religiosidade” como um problema que afeta a sexualidade do casal. De acordo com os assembleianos entrevistados, as mulheres acreditam

que tal prática é pecado, como também costumam se evadir quando os parceiros querem discutir sobre o assunto.

O sexo ainda é um tabu para a maioria dos assembleianos e “falar” abertamente sobre o tema coloca o membro na condição de “despudorado”. Apesar disso, o tema da sexualidade matrimonial é incluído como um dos temas nas revistas de escola dominical. O conteúdo se apresenta de forma genérica, mas notamos a reação de desconforto do professor ao falar sobre o tema e dos alunos em ouvir, o que produz uma ministração ainda mais genérica e curta pelo professor da classe, na tentativa de fuga do assunto, além da inexistência de dúvidas e debates sobre o tema.

Com perda da *força operante*, temos ainda a prática de academia e esportes para homens e mulheres assembleianos, lembrando que essa mensuração se inclina aos casos encontrados onde buscamos extrair e analisar os sentidos imbutidos nas experiências encontradas. Curiosamente, entre os esportes, o jogo de futebol para homens é marginalizado. Essa prática só pode ocorrer entre assembleianos.

Passando agora para o quadro onde constam as doutrinas proibitivas, assim como nos quadros anteriores, a maioria dos itens permanece em estabilidade, porém, chama atenção a questão do divórcio. Durante a 40ª Assembleia Geral Ordinária da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, realizada no período de 12 a 14 de abril de 2011 ficou decidido que o pastor que for traído por sua esposa poderá casar-se novamente e manter seu ministério. Segundo a alteração do artigo que versa sobre a questão:

*O ministro vítima de infidelidade conjugal... poderá contrair novas núpcias, respeitados os princípios bíblicos, que norteiam a união conjugal”, conforme estabeleceu o Senhor, em Mateus 5.31-32 e 19.9 (“Também foi dito: Qualquer que deixar sua mulher, dê-lhe carta de desquite. Eu, porém, vos digo que qualquer que repudiar sua mulher, a não ser por causa de prostituição, faz que ela cometa adultério, e qualquer que casar com a repudiada comete adultério”; “Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar sua mulher, não sendo por causa de fornicção, e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério”). Esta decisão deverá regularizar a situação de ministros na situação. No caso de divórcio provocado por iniciativa da esposa, com base em 1Coríntios 7.15 (“Mas, se o descrente se apartar, aparte-se; porque neste caso o irmão, ou irmã, não está sujeito à servidão; mas Deus chamou-nos para a paz”), o ministro poderá permanecer ou não na função ministerial, a depender da convenção regional, da qual é filiado, mas com todo o direito de defesa, com condições de recorrer à mesa diretora da CGADB.*

O divórcio sempre foi um assunto não questionado pela igreja, pois, em geral a ideia de “edificar” o lar e lutar por ele a qualquer custo é presente, principalmente no que tange aos

esforços da mulher pelo lar. Sempre ouvi, quando era nativa a premissa de que independentemente do tipo de conflito entre os casais, “deus” poderia promover um “milagre”. A alteração em questão traz a baila um ponto de transformação em que, pela primeira vez o assunto é alvo de um processo de racionalização, em que uma situação, no caso, a relação matrimônio e ministério é questionada, fazendo com que o sistema da igreja se dinamize, afrouxando sua doutrina para o membro masculino, na situação em que for pastor.

Note o leitor que a ressalva empreendida sobre o caso de divórcio altera a dinâmica da igreja no quesito formal. Divorciar-se, na situação “permitida”, isto é, quando traído, não se vincula ao que outrora se considerava um desvio de conduta, e com isso torna-se perceptível a alteração na forma como a igreja funciona e se organiza, do seu *modus operandi* que cada vez mais deixa exposto preocupações com a relativização das situações do cotidiano dos membros, que potencialmente friccionam a estrutura por mudanças.

O outro item que tem perdido força entre os membros, expresso em relatos nas entrevistas é a “devolução do dízimo, cada vez mais questionada. A principal justificativa dos membros masculinos desviantes neste assunto é que o mesmo se deu em um contexto histórico específico, para um grupo específico, não se adequando, portanto, ao contexto atual, principalmente no formato monetário.

Segundo um dos interlocutores, já há diálogos informais entre os membros homens sobre uma possível ilegitimidade do dízimo, o que resulta no não cumprimento da norma de entregá-lo mensalmente. Os não dizimistas são rotulados, pelo grupo dos que defendem sua legitimidade, como ‘desviantes’, enquanto pelos que o questionam os não dizimistas podem ser rotulados de seguidores fiéis da “palavra”.

A perda da força operante de algumas normas, formais e informais, como também de algumas doutrinas há muito estabelecidas, por vezes é motivo de conflito interno. A AD/MM, como várias outras instituições, vive um dilema que é o de preservar a tradição, ao mesmo tempo que, em razão da dinâmica social, é interessante transformá-la. Os três primeiros itens da pauta da 40ª Convenção Geral da CGADB informam, por si só, uma crise identitária instalada:

- 1) Posicionamento da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) quanto à nulidade ou anulabilidade do casamento, união estável e concubinato, e a revisão do posicionamento acerca do divórcio, com leitura de parecer elaborado pela Comissão Especial designada na última Assembléia Geral Ordinária;
- 2) Ênfase aos princípios pentecostais, face à celebração do Centenário das Assembleias de Deus.

3) Perigos que ameaçam as Assembleias de Deus no Brasil: a) Mornidão; b) Modismos neopentecostais; c) Remoção dos marcos antigos; d) Omissão dos valores eclesiais.

As mudanças ocorridas na Assembleia de Deus, analisadas por nós como “pontos de transformações são notadas pelos representantes da instituição que se percebem como que “invadidos” por uma força externa, como um “vento” do “liberalismo” que entra pelas janelas, conforme expressou um dos líderes. Essa ameaça constante põe a instituição em uma posição entre manter e conquistar fiéis, e ainda conseguir se diferenciar das demais igrejas cristãs pela via normativa / conservadora, mas acaba por consequência, comedido, tendo que considerar o (re)pensar sua própria prática / sua dinâmica de funcionamento.

Além da autopercepção de mudanças pelos líderes, atribuídas, negativamente, pela via da membresia, essas alterações também têm chamado a atenção da mídia por meio de revistas e jornais de circulação, que reúnem, comparativamente, o antes e o depois no que tange as práticas de usos e costumes, conforme exposto no trecho da revista *Veja* nº 2167 de 25 de maio de 2011.

The image shows a page from the magazine 'ISTOÉ' with the date '25/05/2011 nº 2167' and a navigation menu. The main article is titled 'TÁ LIBERADO' and discusses the 'relativization of customs' in churches. It features two columns: 'ANTES' (Before) and 'HOJE' (Today), with a central image of two men in suits. The 'ANTES' column lists: 'Exigia-se dos homens roupa social, com terno e gravata. As mulheres deveriam vestir saia comprida e camisa de manga até o punho e com gola'; 'Maquiagem, tintura nos cabelos e adereços como brincos eram banidos'; and 'Ritmos musicais como samba e rock eram coisa do capeta, assim como ver tevê'. The 'HOJE' column lists: 'O coral toca músicas evangélicas em ritmos populares, como o rap, por exemplo'; 'As mulheres usam calça jeans, pintam e repicam os cabelos. Garotos com corte de cabelo modernos, como o estilo moicano, frequentam os cultos'; and 'A Assembleia de Deus é proprietária de uma emissora de tevê em Manaus e compra horários em outras emissoras, bem como em rádio'.

Apesar da divulgação destas informações, é importante lembrar ao leitor que tais mudanças não seguem uma lógica linear e ininterrupta nas comunidades da Assembleia de Deus por todo território nacional. Há diferenças de regionalidade e especificidades constantes em cada congregação vinculadas a marcadores / variáveis, mesmo em um mesmo estado, conforme revela a nossa pesquisa. É preciso levar em consideração o critério contextual e situacional, como também não esquecer que as mudanças não são plausibilizadas por todo

público dessa instituição de forma homogênea. A tarefa do analista social é identificar como ocorrem e quais as causas destas transformações, onde estão inclusos os pormenores pertencentes à complexidade com que se dá o sistema normativo da assembleia de Deus.

É importante ainda lembrar que a prática de um uso e / ou costume, por si só, não os torna liberados / formalizados como assim faz parecer a revista. Como exemplo disso, temos ainda a proibição de cabelos curtos pelas mulheres e cortes de cabelo “extravagante” / moderno para os homens assembleianos. A força imperativa pela instituição quanto a estas normas prevalece, enquanto que no nível da experiência pode variar de acordo com o perfil / modelo de membro, a considerar, de forma relevante o impacto do gênero e do critério geracional na compreensão do sistema cultural da assembleia de Deus.

## CAPÍTULO 2 - A QUESTÃO DE GÊNERO NA AD/MM: A DOUTRINA PENTECOSTAL VERSUS A EXPERIÊNCIA

### 2.1 A dominação masculina na AD/MM

Desde sua fundação em 1911, a igreja evangélica *Assembleia de Deus* ou *Ministério Apostólico e de Fé*, como era denominada na época, apresentou um perfil ao estilo patriarcal<sup>18</sup>. As nomeações para os cargos mais importantes na instituição desde sempre foram distribuídos entre homens, fato este muitas vezes justificado a partir das narrativas dos líderes que defendiam (e ainda defendem) que o homem foi criado primeiro que a mulher, e ainda por se constituir como “cabeça” do lar assim como Cristo o é da igreja. A referência para o argumento se encontra nas cartas do apóstolo Paulo, presentes no “novo testamento”.

Tais afirmações funcionam até hoje como premissas para justificar a posição de liderança do homem sobre a mulher, seja na igreja, onde as mulheres ocupam posições secundárias, seja ainda na convivência no lar, na relação matrimonial, esferas imbricadas conforme mostra a nossa pesquisa de campo. A ideia que tornam os corpos femininos alvos de maior controle consta na sociedade de modo geral. Nossa tarefa aqui será mostrar como esta relação ocorre e o que está intrínseco quando temos sobre ela a religiosidade assembleiana, onde consta no tecido do seu sistema cultural uma ênfase sobre um delinear de comportamentos.

No caso da mulher assembleiana, ela deve ser discreta, de fala breve, exercer o ‘pudor’ em toda a expressão do seu comportamento e se render voluntariamente e orgulhosamente a um sistema que diz que ela deve ser submissa e auxiliadora do homem. Esta relação pode ser verificada nas relações entre elas e os líderes, entre cônjuges, onde as vezes ocorre de a mesma se submeter ao líder religioso que é também seu marido, e ainda nas relações pais e filhas.

Alencar (2010) pontua que desde a fundação da igreja, a mulher enfrentou invisibilidade no tocante aos esforços que empreendiam no crescimento da instituição. Um dos fatos históricos, notórios desta observação é sobre o jornal mais importante da igreja até os dias atuais, o *Mensageiro da Paz*, que embora de autoria de Frida Vingren (esposa de um dos fundadores da igreja), seu nome foi completamente invisibilizado da literatura da igreja. Não se fala sobre Frida Vingren e sua atuação no processo de consolidação da igreja.

---

<sup>18</sup> Utilizamos este termo por entender que a cultura assembleiana potencializa e reproduz desigualdades políticas e sociais entre homens e mulheres.



Na atualidade, esta invisibilidade continua arraigada. Ao entrar nos chamados gabinetes pastorais das congregações, em Maceió, capital de Alagoas, onde iniciamos uma pesquisa sobre a noção e construção do “desvio”, foi possível observar nas paredes retratos do pastor presidente das assembleias de Deus em Alagoas e pastor local, cada um ao lado de sua esposa. O nome completo deles, iniciado do termo “pastor” se encontrava abaixo da fotografia, e o termo “e sua digníssima esposa” acompanhava o nome dos líderes. Desse modo, chama a atenção que a mulher não tenha seu nome descrito, já que ela se encontra na fotografia. O significante é o papel social de esposa, uma mulher que é a “adjuntora”<sup>19</sup> do homem, que deve ser sábia e edificar o lar, e dessa forma contribuir para a manutenção da posição social do marido, o pastor, (SILVA, 2017).

Para que possa pleitear esta posição (a de pastor) na igreja Assembleia de Deus, o homem deve ser casado, dentre outros requisitos. Isto lhe oferece uma imagem de governante e líder, e dessa forma, lhe dá condições de liderar um “rebanho de ovelhas do Senhor”<sup>20</sup>. — *O homem que não sabe governar a própria casa como pode cuidar da casa do Senhor?*

Observa-se, neste sentido, que a mulher é peça fundamental para a consecução de status dentro da cultura assembleiana. O homem “precisa” da mulher que na condição de governada expressa o quanto o homem está apto às tarefas eclesiais. Filosoficamente, isso expressa uma contradição dentro de um sistema em que o próprio dominante (o homem) necessita do dominado (a mulher) para a relação de dominação se realize.

Em termos de status social, de fato, o homem assembleiano pode alcançar mais privilégios que a mulher assembleiana, e isto se verifica na visibilidade e reconhecimento do homem que se dedica ao serviço missionário na igreja e tê-lo a si respaldado e naturalizado historicamente e doutrinariamente. Esta situação permanece em estabilidade, o que nos causa surpresa é um movimento por parte de mulheres “ativas” em algumas comunidades aprimorarem esta relação a partir da formação de nível superior que tiveram. Cursos como psicologia, história, música, serviço social e pedagogia foram evidenciados.

Algumas formações, como é o caso de uma “irmã” formada em psicologia tem sido aglutinada ao seu próprio *habitus* cristão, favorecendo a mesma uma maior visibilidade e aptidão autorizada pelos líderes para a utilização do conhecimento para a orientação de outras

---

<sup>19</sup> Conforme os textos bíblicos.

<sup>20</sup> Expressão nativa para os membros de determinada congregação.

mulheres quanto a questões de comportamento e leitura da palavra. Essas mulheres tornam-se, portanto, verdadeiros veículos da mensagem cristã.

Desde o início de nossa jornada em campo, observamos movimentos, seja na experiência religiosa de membros, seja expressa pela liderança durante as pregações, a valorização da racionalidade, da argumentação, da comprovabilidade. Ao mesmo tempo, como já apontamos que o estudo aprofundado da bíblia tem se instalado, onde o estudo teológico passa a ser mais buscado, há também, junto a esse processo, uma valorização das demais ciências. Os jovens que passam no vestibular costumam, atualmente, ser orgulhosamente apresentados diante de toda congregação, expressando reconhecimento.

O que queremos apontar com o exposto acima é que embora a relação de dominação se mantenha estável, um novo elemento surge, reconfigurando o sistema. Se antes tínhamos (e ainda temos) uma relação de dominação na qual a obediência e sujeição da mulher se dava de modo, por assim dizer, “mecânico”, apenas pela crença verticalizada, observamos agora o surgimento de uma sujeição movida pela criticidade e racionalização da própria sujeição, que passa a ser legitimada por marcadores de cunho intelectual, advindos, nos casos encontrados, da própria formação escolar superior. Nisto, perceba o leitor, estamos apontando para dois tipos de sujeição identificadas, uma sujeição que classificamos como “mecânica” e outra “racional”. Aos nos depararmos com casos em que a dominação não se expressava apenas de modo “natural” dentro do sistema, mas tomando agora uma forma mais complexa, apresentou-se a necessidade de categorização.

Em se tratando da gênese da sujeição ou submissão, razões históricas justificam a pregação ou disseminação entre a membresia da ideia de que uma “mulher de deus” deve ser submissa. Esse é um clichê que perdura desde a fundação. Na nossa pesquisa procuramos entender eventuais transformações relativas a esse tema.

Segundo Souza (2017), o cristianismo sofreu influência da filosofia clássica. Aristóteles atribuía à mulher o peso da culpa do pecado que os homens viessem a cometer. Para ele, estava intrínseco na mulher algo diabólico. Esta essência abominável supostamente carregada pela mulher estaria arraigada ao seu próprio corpo.

Nesta perspectiva, estaria Paulo, um dos apóstolos, carregado pelas ideias de Aristóteles e outros pensadores, o que o fez escrever a orientação de que a mulher deveria permanecer calada nas reuniões da igreja, e surgindo-lhe alguma dúvida, deveria perguntar ao

marido em casa. Embora esta premissa não tenha sido acolhida literalmente pela doutrina Pentecostal assembleiana, conforme sem dúvida, é uma evidência que pode orientar o entendimento sobre a gênese da condição subalterna que carrega simbolicamente e socialmente a “mulher de deus”, um ser que continuamente busca sua redenção por inaugurar o pecado da humanidade, e o faz carregando justamente esta posição. Para além disso, entender como um maior foco sobre a mulher se inicia é também compreender o que está intrínseco no que se considera um “desvio” na instituição, já que a condição de “mulher” e o “desvio” se encontram relacionados na instituição.

Mesmo que as ideias de vulnerabilidade e potencialidade da mulher em relação ao “pecado” ainda sejam existentes, ideias que se apoiam no fato de que foi “Eva” quem comeu a maçã primeiro, influenciando, na sequência, a queda do homem, percebemos, na linha histórica, rupturas e continuidades no que se refere à representatividade da mulher na igreja, tanto que em dias atuais, expressivamente, as mulheres passaram a ter um importante papel na igreja, em atividades que sustentam uma ética do dever, do trabalho, da disciplina, necessária ao crescimento da igreja.

Algumas mudanças estruturais já ocorreram na igreja Assembleia de Deus. Apesar disso, é curioso que seja sustentado atualmente, um discurso de estática, quando no nível da experiência a igreja tem tornado mais flexível a sua estrutura normativa. Exemplo disso têm sido a permissividade para assistir TV<sup>21</sup>, restringindo agora os canais e programações assistidas, conforme apontado na alteração regimental, o uso da calça comprida por mulheres que pela via informal já podem<sup>22</sup> ser usadas em ambientes de trabalho, embora ainda seja mais valorizado não utilizá-la; entre outros “desvios”<sup>23</sup> que perderam força para que a igreja pudesse absorver, sob condição, algumas demandas que lhe conferem a disputar membros dentro do mercado religioso e até mesmo a administrar conflitos.

Apesar das alterações sofridas, uma tradução literal da bíblia continua sendo adotada pela igreja, segundo Alencar (2010), seus escritos são vistos como divinos<sup>24</sup>, dados, universais e atemporais. Neste sentido, não se leva em conta o momento e o contexto histórico sobre os

<sup>21</sup> Há pouco mais de duas décadas, o membro que tinha uma TV em casa era mal visto pela liderança da igreja e demais membros. Isto porque a TV era considerada algo “mundano”.

<sup>22</sup> Essa permissividade da calça comprida não é algo hegemônico nas congregações. Isto vai depender do perfil do líder da congregação. Seu uso ainda é visto como tabu, de modo geral, pois é vista como uma peça sensual por definir o corpo e, em alguns discursos, vista como um item masculino.

<sup>23</sup> Estamos trabalhando na análise do que seria, de fato, um desvio para a igreja em questão, pois, em campo foram verificadas diferentes concepções entre a membresia sobre a condição desviante. Nos referimos aqui, por enquanto, de modo genérico, às infrações de normais “formais” e “informais” da igreja.

<sup>24</sup> Sob a noção de que deus nunca muda de ideia, e desse modo, é imutável.

quais se originam orientações e mandamentos bíblicos em relação aos dias atuais, assim como fazem outras instituições religiosas. A visão acerca da mulher dentro do universo assembleiano estaria arraigada a esta leitura. Embora, conforme já apontamos, o advento de um movimento de valorização da teologia tem se instalado na igreja, dando um tom racional às pregações, o que poderá impactar no futuro a sua doutrina. Referimo-nos a “tendências”.

*Tem que deixar as irmãs à vontade. As mulheres de antigamente andavam adornadas. (pastor, 37 anos)*

A narrativa acima é de um líder religioso, um pastor jovem e estudioso da teologia. Fica evidente que o mesmo rompe com a noção tradicional de ter sob o domínio as mulheres no que tange aos usos e costumes. Fica claro ainda o rompimento com o modelo tradicional de líder, expressando uma nova tendência de modelos de líderes potencialmente construtores de novas modelagens de membros, de acordo com um evangelho que rompe com a religiosidade assembleiana, a partir de uma percepção de ênfase racional, analisando o contexto histórico e questionando nas entrelinhas o porquê não usar isto ou aquilo hoje se “antigamente” eram utilizados.

Este pastor é um dos que têm sido alvos de críticas por modelos de assembleianos tradicionais. Em certa ocasião, pude presenciar as falas de um pequeno grupo em uma reunião em uma residência, relativas a ele: — *quem tá lá? Aquele galeguinho é? (risos) virou bagunça! É só falar de doutrina que o povo não quer saber! Tá faltando doutrina.*

A reunião parecia ser uma espécie de momento em que os membros “tradicionais” presentes, em sua maioria, mulheres, pois apenas havia um homem, dedicaram para fazer um apanhado ou análise de como a igreja vive uma crise de identidade, seguido de cantos no momento posterior. Eu não fazia parte da reunião, mas estava lá por ocasião de um tempo vivendo dentro do campo de pesquisa, momento do qual o leitor terá acesso com mais detalhes no último capítulo.

Como se pode ver, as mudanças convivem com as continuidades. Os pontos de transformação são claros, se citarmos a irmã que usa “franjinha” respaldada pelo cônjuge pastor, o pastor jovem que arrebanha as ovelhas a partir de uma percepção mais racionalizada, mas no mesmo sistema cultural preservam-se “evangélicos e religiosos”, que valorizam o rigorismo, junto a “evangélicos e não religiosos”, que têm desconstruído muito do que é defendido pelo tradicionalismo. Um tradicionalismo que nega qualquer margem de negociação principalmente ainda a mulher.

Os distintos modelos assembleianos são construídos sejam por uma tradução literal pelos mais antigos, numa constante reprodução de um tradicionalismo clássico que alcança também os jovens, seja por uma via racional que se configura em uma tendência atual de separar a própria religião, com todos os seus códigos de conduta de um evangelho que por muito fazia parte dela, tornando inédito a presença da racionalidade na construção da crença, não mais verticalizada / hierarquizada.

Como vemos, há a reprodução do sistema antigo, mas a reconfiguração deste sistema mediante a presença da racionalidade acaba por impactar diretamente a percepção sobre o lugar da mulher no mesmo, criando longe de uma liberação da dominação masculina, mas formas específicas de submissão como as citadas, modificando a dinâmica da igreja. A norma e o desvio são construídos dentro desta dinâmica de rupturas e continuidades, e para organizar os mesmos o critério situacional é de grande valia, pois se o desvio se constrói mediante uma reação a um ato construído como “infrator” na percepção daqueles que criam a regra, cabe analisar em quais as situações em que há ou não desvio, dentro de um mesmo sistema, mas de comportamento a variar de acordo, por exemplo, com o tipo de congregação.

Nas congregações em algumas periferias de Maceió, como as existentes nos conjuntos Benedito Bentes 1 e 2, notamos que o nível de coerção destinado a mulher é mais alto, se comparado à igreja sede, localizada no farol, e mesmo a sede, no bairro do tabuleiro do Martins. Nossa pesquisa tem apontado para a perda relativa de coerção em bairros periféricos como Santa Lúcia, onde encontramos casos de afrouxamento e permissão de maior espontaneidade quanto aos usos e costumes referidos ao vestuário de mulheres, justamente pela presença do mecanismo racional utilizado pelo pastor e sua esposa, que acaba potencializando um reordenamento expresso por modificações de modelagens já acabadas e previstas neste contexto geográfico.

De modo geral, já havíamos apontado para uma tendência para a relação direta de congregação periférica com maior nível de coerção do que nas centrais. No entanto, temos percebido que a introdução de mecanismos racionais na operacionalidade da normatividade proposta institucionalmente depende dos estilos dos pastores, que são realocados ora na periferia, ora em congregações do centro da cidade. Um pastor cujo perfil é o de recorrer à racionalidade como meio de conquistar a aceitabilidade da normatividade institucional da AD/MM pode atuar na periferia, e, em outro momento ele pode ser lançado num contexto

geográfico economicamente oposto, o que torna acessível a racionalidade para distintos públicos

A situação de renovação social nas congregações da periferia ocorre em constante atrito com uma cobrança social da manutenção do rigor. Ao mesmo tempo que uma “leveza” também a ser dosada na condução da congregação, obtida por meio de um jovem pastor é bem aceita por membros jovens e escolarizados, e mesmo por aqueles não jovens que em sua trajetória romperam com o velho tradicionalismo institucional em razão do acesso a mais tempo de escolarização ou pelo estudo teológico, é sempre válido lembrar que a mais significativa expansão da AD/MM ocorre mais intensamente na periferia dos espaços urbanos.

Os fiéis pertencentes a ela são aqueles que em geral são menos questionadores no que tange a assuntos doutrinários, mas ocorre também em razão da rotatividade de pastores a migração de fiéis que escolhem ser pastoreados pelo líder que encerra sua gestão em dada congregação, resultando agora a existência na congregação de fiéis de camada social mais elevada, o que acaba exigindo do líder um esforço de dosar seu discurso, de modo a nem “liberar demais”, nem “fechar” em demasiado. Nesse ponto, o objetivo é não perder sua identidade de igreja conservadora, continuando a agradar públicos já estabelecidos, mas também atrair fiéis pertencentes a outras camadas, o que é um desafio posto à igreja diariamente.

Em Maceió, repetindo o padrão de outras capitais, existem congregações em bairros centrais, mas é perceptível que o grande contingente de congregações está localizado na periferia. Segundo Mariano (2008), conquistar o público de camadas mais elevadas sempre foi e continua sendo um desafio para a Assembleia de Deus, em razão de sua pouca receptividade a um diálogo que foge à linha estática sustentada para si e que acaba por delimitar seu público, impedindo a instalação da pluralidade em seu interior.

Os próprios pastores da Assembleia de Deus percebem a variabilidade de posicionamentos entre si diante de questões doutrinárias e de normas, e uma justificativa muito conhecida é —*cada um tem uma ferramenta para trabalhar!* Isto quer dizer que a maneira que uma congregação será socializada e orientada dependerá do perfil do líder nela alocado.

Um membro jovem da AD/MM, filho de pastor, nos informou que na reunião de pastores este é um assunto que nunca entra em pauta, “a padronização da postura do pastor”, mas que parece existente uma atmosfera de tensão entre pastores velhos e jovens. Sobre usos como a saia, o mesmo membro demonstrou incômodo sobre uma falta de padronização, que, segundo ele, é generalizada na Assembleia de Deus, de modo nacional, regional e mesmo local, o que dificulta a manutenção daquilo que a igreja preza tanto, a saber, sua identidade, sua marca!

*—Não tem sentido proibir a barba, mas as mulheres tão aí, saia apertada e curta. (Jovem assembleiano, solteiro, músico na igreja)*

Os pesos e medidas recaem sobre ambos os gêneros, mais com maior força sobre a mulher da AD/MM. As interdições originárias pela via não racional são existentes, mas têm sido constantemente tensionadas pela racionalidade que passa a ser um dos elementos substanciais dos discursos contemporâneos de novos líderes e mesmo de velhos<sup>25</sup>; de novos modelos de membros e também antigos.

Nosso trabalho de campo indicou que a condição desviante não pode se resumir em uma fórmula simples de “desvio e “não-desvio”; “modelo” e “não-modelo”, padrão ou não-padrão. A estrutura dos discursos dos membros entrevistados nos apontam para a existência de mais de uma noção de “desvio” e de “não-desvio”, de ser um membro “desviante” ou uma “bênção”.

Utilizando o critério situacional, em congregações distintas, a percepção de uma mulher considerada uma bênção difere. A escolaridade, condição econômica, posição de prestígio na igreja, como no caso de esposas de pastores, presbíteros e diáconos influenciam nas diferenças quanto a elaborações das percepções sobre o modelo de mulher assembleiana. Uma situação de utilização de maquiagem por uma esposa de líder pode soar diferente da utilização por uma mulher que compõe o departamento de senhoras, por exemplo. No primeiro caso, a depender do perfil do rebanho, ela poderá ser criticada. Em outros, o uso pode ser legitimado, já que até mesmo o regimento interno já permite este uso.

A maior parte das normas referidas aos usos e costumes presentes no regimento interno da igreja se referem à mulher, porém sabemos, a partir do campo, que nem tudo que é lei lá o é nas congregações. Em muitos casos, como no da maquiagem, as normas informais têm maior peso, principalmente quando falamos de membros mais antigos, que internalizaram

---

<sup>25</sup> Já que esta racionalidade está também acessível para eles por influência ou por curiosidade.

que devem “*ser simples como uma pomba*”. Em certa ocasião, presenciamos o diálogo entre uma mulher assembleiana jovem e um homem assembleiano de 90 anos. Ela contava um sonho classificado por ela como “conturbado”, em que um batom e maquiagem apareciam para que ela os utilizasse. Sendo ele conhecido por interpretar sonhos, logo se posicionou: —*Isso é o inimigo tentando atrapalhar seus planos!*

Os planos aos quais o assembleiano de 90 anos se refere é o de a mulher se “aproximar mais de Deus”. O uso da maquiagem atrapalharia a comunhão intencionada por ela. Para a mulher “deus” havia dado a ele esta interpretação. Como vemos, há um trânsito entre as gerações, graças aos qual em alguns casos temos fricção, tensionamento, enfrentamento e um destoar de percepções, separando a crença da racionalidade, ou mesmo a *religião* do *evangelho*, mas em outros casos, temos uma homogeneidade e continuidade de percepções antigas, segundo as quais crença e usos e costumes se unificam, em um movimento de reprodução da antiga tradicionalidade.

Nesses casos, a sujeição “mecânica” é tomada como uma força maior, abstrata, da própria divindade, que legitima a proibição do uso de batom e maquiagem, já autorizado no regimento, por justificativas ligadas à sobrevivência da igreja em um mercado religioso crescentemente marcado pela concorrência entre propostas e modelos de religiosidade, conforme já discutimos.

Michel Foucault (1997) nos faria pensar que a estrutura, isto é, a tradição da igreja, cujo discurso é munido de uma “verdade” construída, e em muitos casos, banhada pelas chamadas “revelações”, tornaria a mesma relativamente rígida ideologicamente, mas passível de mudanças, modelando o “ser homem” e o “ser mulher” na instituição. Os discursos relativos aos gêneros na AD/MM, seriam compostos por elementos plausibilizados, os quais dariam vida aos tipos assembleianos, unindo, dessa forma, agência e estrutura.

—*Antes os crentes oravam e deus revelava. Hoje ninguém quer mais orar!*

A força do discurso, o poder que lhe é atribuído, somado às ‘revelações’ tinham e têm um grande peso e credibilidade, o que justifica o não questionamento daqueles que recebiam a mensagem. Era uma lei do “alto”. Não precisava fazer sentido. Seguindo o que Weber chama de *encantamento*, os membros eram tomados por uma atmosfera de um mundo de verdades perfeitas, tornando inviável e até mesmo “desviante” qualquer tipo de questionamento.



Poderíamos dizer que cada tipo de tecido social assembleiano moldaria os que compõem sua membresia. O homem socializado no início e desenvolvimento da AD/MM até os anos 1990 partilharia a crença em sua supremacia e liderança sobre a mulher e o lar, já que seu poder se estenderia para além da instituição. Em contrapartida, passaria a acreditar também que está subjugado e dependente da mulher em vários aspectos, inclusive para ser promovido na carreira eclesial, e nas tarefas do lar, acreditando alguns não terem habilidade para desempenhá-las, daí argumentando tê-la a mulher “naturalmente”. Muito disto ainda ocorre nas gerações socializadas mediante a exigência da explicação racionalizada dos usos e costumes. Com esta, o diferencial é se torna necessário algo convencer os membros que tal uso e costume faz sentido, correndo-se o risco de insucesso e rupturas ideológicas, dando margem à produção de outros tipos assembleianos, dotados de outras percepções desenvolvidas com base no critério de expectativa da justificativa com base na racionalidade.

Aquilo que consideram intrínseco à mulher é definido em termos de subalternidade em relação às atividades exercidas pelo homem. A mulher seria moldada para acreditar nisso, para servir, cuidar e reverenciar o marido, o chefe da família e “homem de deus”. Foram modeladas por discursos que a fizeram acreditar que desde a gênese da criação do homem, este seria uma espécie de líder a quem deveriam submissão, o que poderia justificar a razão pela qual a dependência do homem não é evidenciada nos discursos, antes é encoberto, implícito, camuflado, embora sempre estivesse lá, mas agora legitimado pela via racional, em casos encontrados, por mulheres.

Nas vezes em que algumas mulheres são referenciadas pela igreja em posição de destaque, normalmente as razões se devem a que as mesmas executam com afinco tarefas que contribuem ou contribuirão diretamente para a sustentação moral e espiritual do homem. Nesta perspectiva, são aquelas que oram incessantemente por seus esposos. O “cuidado” ou “zelo” pelo esposo, neste caso, tem um papel preponderante para que a esposa receba o status de “mulher valorosa ou virtuosa”. Dependerá disso a visibilidade que a mulher terá no ambiente institucional que é também estendido ao lar, uma vez que, por meio dos testemunhos de obreiros, suas esposas, por vezes são indicadas como as responsáveis pelo sucesso eclesial alcançado por eles.

Quando ocorre de haver um distanciamento ou não aderência das mulheres ao padrão, recai sobre elas o medo do que estariam pondo em risco, em se tratando da relação conjugal, dos cargos minoritários na igreja, etc., pois elas foram e são modeladas por discursos que as

fazem manter suas ações em função do que irão pensar ou julgar os maridos, os líderes religiosos, e mesmo “deus”. Nos termos de Foucault (1997), uma *tecnologia disciplinar* e os chamados *mecanismos de controle*, neste caso, religiosos, forjam a “mulher assembleiana”. Ela é criada para trabalhar em função da figura masculina, a receber reconhecimento quando cumprem a condição de sujeição, seja ela “mecânica” ou “racional (atual)” e a receber pouco empoderamento e autonomia. Suas opiniões devem ser as do marido. Aquelas que fogem a isto assumem uma condição ‘desviante’, de ‘não-sábias’ e ‘destruidoras’ do próprio lar.

Isso pode ser entendido porque a atitude de autonomia em relação ao próprio corpo, aos seus usos e costumes tensionam o próprio ideário de modelagem de membro da AD/MM tradicional, ao que “deve ser”. No entanto, a autonomia “autorizada” no que tange a um *assembleianismo* contemporâneo (ALENCAR, 2011) insere um outro olhar sobre a mulher e constrói novos rumos para ela dentro do “sistema cultural assembleiano”, mesmo em um lento processo social.

Sobre isto, na nossa pesquisa constatamos mecanismos como o de negociação<sup>26</sup> utilizado por mulheres que buscam, através dele, viver uma margem de autonomia dentro da condição de submissão, e através disso conseguir gozar de certa medida de liberdade sem tensionar bruscamente as estruturas mais rígidas da instituição, introjetadas nos seus maridos.

Apesar dos distintos mecanismos para um vivenciar de uma experiência religiosa mais “livre”, notemos que apesar de a mulher assembleiana da atualidade é aquela, em muitos casos com nível superior e atenta na mídia e tecnologias, e ainda inserida no mundo do trabalho. Isto favorece o processo dialético cujo percurso revelam os pontos de transformações na paisagem social e mesmo da representação da igreja assembleia de deus. Se antes, ao pensar nesta igreja, pensaríamos como a igreja das interdições ou do “não pode”, como pontua Costa (2016) e logo lembraríamos de “irmãs” cujas vestimentas recobririam todo corpo, através de golas, punhos e comprimentos em seus trajes, agora percebemos mudanças sensíveis quanto as exigências e permissividades para a mulher, graças a atuação da racionalidade que tem perpassado as experiências religiosas de líderes e membros.

O controle, no cenário atual, continua dispensado sobre as mulheres e mantém-se pela atuação das disposições incorporadas ou internalizadas (LAHIRE, 2002). Em alguns casos, mesmo mediante a presença da variável escolaridade num nível superior em que identificamos um *habitus plural*, o *habitus* religioso pareceu transpor o acadêmico. Este, se

---

<sup>26</sup> Ver Marinho (2015).

aliou ao primeiro, dando agora recursos intelectuais e algum empoderamento religioso feminino.

A formação / especialização acadêmica e conseqüente empoderamento adquiridos por algumas “irmãs” as dotam de mais recursos para torná-la uma mulher “virtuosa” e arrebanhar as outras por seus exemplos e referências.

Abaixo trazemos exemplos de alguns dos estudos temáticos de uma mulher destacada como referência na AD/MM e de conduta “exemplar”, que oferece às demais um norte sobre os caminhos que levam ao êxito feminino cristão. Por razões éticas, decidimos preservar seu nome. Sua formação é em psicologia e possui diversas especializações. A mesma promove diversos estudos que costumam unir sua formação a estudos bíblicos, especialmente debruçados sobre a conduta da mulher em face a sociedade e no elo conjugal.

A igreja Assembleia de Deus possui um canal digital, onde neste período de pandemia pelo novo Coronavírus, passou a ser a principal fonte de pregações evangelísticas. Trazemos do *site* oficial da AD/MM em Alagoas, o ‘adalagoas’, alguns estudos, divulgados como fonte de inspiração para o público feminino. Em sua maioria, os mesmos corroboram a visão de que a submissão da mulher ao marido agrada a deus, e de que as mulheres são as responsáveis pelo sucesso de seus maridos, seja na carreira eclesial, no matrimônio e na vida secular, de modo geral.

*Título: Ore pelo seu marido!*

*A mulher que ora pelo seu esposo demonstra um caráter de dependência total a Deus. A responsabilidade do marido com relação à sociedade e ao lar é muito grande e essa cobrança os pressiona a ponto de violar até sua integridade. Só o homem casado com uma mulher que ora vence tanta pressão. Assim como nós mulheres, os homens têm sentimentos e emoções, porém, foram criados em uma sociedade na qual “o homem não chora”, e é cobrado deles que sejam super homens. Ser responsável pelo o sustento da família muitas vezes leva o indivíduo à ansiedade, o que pode resultar em grandes males caso não seja tratada. A oração beneficia o marido e ajuda no crescimento da nossa fé. Nunca queira mudar o seu marido por força da carne, mas confie em Deus, pois Ele é quem realiza a mudança e orienta como nós devemos nos comportar. A oração transforma o marido em um homem companheiro, amigo e fiel. A responsabilidade dada por Deus aos maridos é de amar a esposa como Cristo amou a igreja, a ponto de se entregar e ser responsável por ela. (Ef.5.23). O seu marido precisa das suas orações.*

(Estudo disponível desde 29 de agosto de 2017 em [adalagoas.com.br](http://adalagoas.com.br))

Como já mencionamos anteriormente, há um movimento de fusão de conhecimento intelectual acadêmico à experiência religiosa, de modo a reconfigurar a “sistema cultural assembleiano” promovendo uma metodologia diferenciada para o delineamento de percepções e posturas da mulher assembleiana. Uma metodologia racionalizada e individualizante. No texto acima, alguns pontos chamam a atenção. O primeiro deles é que a obtenção do que é considerado pela igreja um marido exemplar deve-se à postura da mulher, através da oração. Note o leitor que temos aí o inverso dos meios racionais que parecem se manifestar especificamente na criação e maneira que esse argumento é apresentado à mulher, que é socializada, racionalmente, a acreditar que é parte primordial a sua responsabilidade pelo sucesso do seu casamento.

A escritora deste texto traz a baila o argumento de que a existência de uma cobrança social seja a responsável por um comportamento potencialmente “desviante” no homem, que pode desenvolver ansiedade e, conseqüentemente tornar-se não “exemplar”, porém, a oração funcionaria como instrumento *mágico* no sentido atribuído por Mauss, cumprindo a função de prevenção e resolução de comportamentos desviantes no homem. “*A oração transforma o marido em um homem companheiro, amigo e fiel*”.

Note que esse instrumento mágico substitui o enfrentamento da mulher com o homem, de modo que a direciona a divindade quando da apresentação de queixas, prevalecendo neste ponto uma lógica abstrata que é o oposto da racionalidade, claramente evidenciada no modo da apresentação de algum argumento, que se transforma em crença. No entanto, a necessidade da elaboração atual de textos como esse evidencia a tendência racional que sutilmente se instala no *modus operandi* do sistema. É preciso atualmente expressar as fiéis o sentido pelo qual devem agir da maneira que agem, ou melhor, ou da maneira como lhes é apresentada a maneira correta de agir.

Lembro-me de certa vez, enquanto nativa, ter utilizado alguns conhecimentos em ciências sociais mediante convite para uma palestra em uma reunião de mulheres na própria igreja a qual eu pertencia. O tema seria livre. Dotada dos dois habitus, o cristão e o acadêmico, ainda na graduação, escolhi discorrer sobre a naturalidade da existência do conflito que paira sobre todos os grupos e instituições sociais, já que há muito eu sabia que o mesmo era negado pelos religiosos assembleianos, que defendiam a conexão do mesmo com o “diabo”. Polarizando entre os dois *habitués*, ao mesmo tempo em que eu mostrava o caráter inevitável e natural do conflito na natureza humana, a partir de uma ótica marxiana eu

defendia que ele poderia ser melhor administrado ou mesmo evitado a partir de uma ótica cristã, o que hoje me soa curioso esta associação / fusão.

Naquela época, há uns oito anos atrás, a igreja já demonstrava a valorização pelo conhecimento racional advindo da ciência, mas com o exclusivo intuito de aprimoramento da experiência religiosa assembleiana. Do ponto de vista dos nativos favoráveis à incorporação do conhecimento científico à doutrina cristã Pentecostal, Deus criou o conhecimento e a ciência, dotando o homem de inteligência, e por esta razão a racionalidade passa a ser validada dentro do Pentecostalismo assembleiano. Passaremos agora para o próximo texto:

#### *Mulher Virtuosa*

*Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede o de rubis. (Pv.31.10). Muito se tem falado sobre a mulher virtuosa e quanto mais se fala, mais se acha virtude. Quem será esta mulher cheia de qualidades do bem e que nos leva a uma inclinação moral e espiritual? Quem será esta mulher com tantas virtudes, mulher que deixa marido e filhos orgulhosos? Passaremos a estudar a nora desejada, a esposa esperada a mãe exaltada. Desde o princípio, a mulher foi criada com um valor que excede o de rubis, não foi por acaso que Deus a criou por último, e que quando Adão contemplou a beleza de Eva recebeu a inspiração de poeta declamando: “Osso dos meus ossos e carne da minha carne”. Que bela recepção, toda mulher gostaria de ouvir um sussurrar com esta linda frase. Criada com o propósito de auxiliar, a mulher traz consigo um espírito de dinamismo, afetividade, delicadeza coroada por Deus para ser mãe. Por isso, é estranho encontrarmos mulheres grosseiras, pois o Criador planejou a mulher feminina, tanto fisicamente quanto emocionalmente. A mulher foi criada por Deus para ser adjutora (Gn.2:18), pois justamente o que faltava no homem, Deus colocou na mulher, completando o homem e formando o casal (1Cor.11:11,12). Não há nada de humilhante, pois o próprio Deus é o nosso auxílio (Sl.46.1, Sl.146.5). A função de Deus é a mesma da mulher: ser auxiliar. Feliz aquele que tem Deus como seu auxílio. Na língua oficial do Antigo testamento, a palavra auxiliadora é “ezer”, que significa “alguém que dá suporte a outrem”. Deus, em sua grandeza, estava dando um presente ao homem, uma auxiliadora, uma coluna de sustentação, uma adjutora (Gn.2.18). Um presente muito valioso, único, uma coluna para edificação da casa (Pv.14.1). Uma joia de muito valor que excede o de rubis (Pv.31.10). Ora, a serpente era a criatura mais astuta que o Senhor Deus tinha feito (Gn.3.1). A serpente era sagaz e invejosa, não tinha prazer na criação de Deus, e com a sua astúcia enganou a mulher que Deus criou para Sua glória, semeando o princípio da rebeldia na mente da mulher (Gn3:4). O trabalho de satanás é este, distorcer a palavra de Deus, assim como perdeu o direito (Ez. 28:15). Mas ninguém destrói o que Deus criou, o plano de Deus é perfeito e agora Deus mostra à Sua glória, a Sua grandeza, a Sua majestade, o Seu amor e o Seu perdão. Ele viu o coração humilde e arrependido de Eva e vemos isso quando nasceu seu primogênito (Gn. 4.1,25). Eva, apesar de ter pecado desobedecendo a Deus, mostrou-se uma mulher submissa, por isso Deus reconciliou e restaurou a mulher (Gn.3.15). Da mulher nasceu um que veio restaurar a própria mulher (Gn.3.16). Agora são raras como rubis. A mãe do Rei Lemuel colocou a mulher virtuosa acima do rubi: “o seu valor muito excede o de rubis” (Pv. 31:10). O rubi é uma pedra preciosa muito rara, de extremo valor e desejada por todos. É*

*muito difícil encontrar alguém dono de um rubi. Uma curiosidade desta pedra é que ela não se arranha e, depois do diamante, é o material de maior dureza. Sua cor é outra característica importante e a densidade relativa do rubi é maior que a do diamante, pois 01 quilate de rubi será menor em tamanho que um diamante do mesmo peso. Mesmo diante dessa raridade, o valor da mulher virtuosa muito excede o valor do rubi. Como o valor do rubi é muito grande, por isso poucas pessoas o possuem. Deus criou você mais valiosa que o rubi; e da costela que o Senhor Deus tomou do homem formou a mulher e trouxe a Adão (Gn.2:22), Perfeita, Única, Jóia, “Coroa de honra para seu marido (Pv.12:4). Você, mulher, é especial!*  
(Disponível desde 03 de agosto de 2017 em adalagoas.com.br)

Aqui temos a construção de um arquétipo da mulher, que na percepção cristã foi criada para ser “afetiva”, “dinâmica”, “delicada” e por fim, “auxiliadora” do homem. Esta é uma representação de nativos e nativas sobre si mesmos (as) através de uma narrativa, que de acordo com a abordagem compreensiva de análise utilizada por nós, muito informa sobre o modus operandi do “sistema cultural assembleiano”. Becker ( ), ao falar de *representação*, já apontava para a relevância a ser atribuída às mais diversas formas de falar sobre o social. Desta feita, esse texto nos aponta para o conhecimento de como é modelada a mente da mulher assembleiana e as formas de legitimação do tipo de “sujeição racional”, como classificamos. Segundo a escritora, a função de “auxiliadora” é dotada de nobreza já que a própria divindade “auxilia” o homem, no sentido de humanidade. A partir disso, é construído um discurso que evidencia “racionalmente” a naturalidade desta sujeição e a transforma em “posição de destaque”, estabelecendo certa visibilidade as assembleianas.

A subordinação, nesta perspectiva, é apresentada às assembleianas a partir de um sentido peculiar presente no interior dos princípios cristãos Pentecostais, que agora não somente cumpre a função de hierarquizar posições, mas tornar os envolvidos “conformados” e “satisfeitos” por meio do entendimento dos seus papéis sociais dentro do sistema atual. Assim como em outros momentos evidenciados no campo de pesquisa, com a convivência com nativos e observações diretas, o texto enuncia o sentido, a razão, o convencimento não mais verticalizado, imposto, mas o critério racional para tipos assembleianos atuais que precisam deste formato doutrinário para se inserir e, efetivamente, se sentirem pertencentes ao próprio universo.

Passemos agora para o próximo texto:

*O coração do seu marido confia nela, e não haverá falta de ganho”*  
(Pv.31.11)

*Confiança é a palavra-chave deste texto. Não é fácil adquirir confiança, uma vez que ela é resultado do conhecimento sobre alguém adquirido por meio da convivência. Deus em Sua sabedoria viu que não era bom que o homem vivesse sozinho e fez uma companheira para Adão (Gn.3:18). Infelizmente, Eva vacilou e confiou em suas forças e na sua beleza, pois, com certeza, foi agraciada por Deus de ser bela, criada pelas mãos d'Ele, feita especialmente para Adão. O profeta Jeremias fala da confiança em si mesmo quando diz: "Maldito o homem que confia na sua capacidade e em recursos humanos" (Jr 17.5). Com isso, aprendemos que a nossa confiança deve esta firmada no Senhor. Na vida da mulher virtuosa existe prioridade que não deve ser descuidada. Quando Deus decidiu em Seus planos deixar a mulher por último na criação estava mostrando a Adão que ele poderia ter tudo, mas não seria feliz se não tivesse uma mulher ao seu lado como companheira e amiga em que pudesse confiar. Deus deu à mulher uma capacidade tremenda de conquistar e vemos isto quando Deus traz Eva para ser apresentada a Adão. Ele apresenta uma mulher encantadora ao ponto que Adão declama uma frase de amor: "Osso dos meus ossos e carne da minha carne" (Gn. 2.23). Osso e carne de Adão, Eva agora estava recebendo de Adão uma palavra profética.*

*Analizando direitinho, chegamos à conclusão de que Adão não queria que Eva se distraísse no jardim, uma vez que ele já tinha vivido muito tempo sozinho naquele lugar. Não se sabe quanto tempo, porém, o bastante para perceber o quanto a solidão é difícil. Eva não se enquadrou no modelo de mulher virtuosa, uma vez que deixou Adão sozinho e foi conversar com quem não devia; ela perdeu a confiança. Deus disse-lhe: "Far-lhe-ei uma adjutora que esteja SEMPRE diante dele" (Gn.2:18). Eva saiu do seu lugar e sofreu as consequências da desobediência, que não foram poucas. Mesmo assim, ainda existem muitas mulheres seguidoras de Eva, deixando Adão e indo em busca de suas próprias conquistas e ideais no lugar de influenciar o seu marido, a Devoção Espiritual e a Fé. A Mulher deve ser a coluna de sustentação, sempre pronta para cooperar no plano de Deus para a construção da família (Pv.14.1). Toda mulher sabia edifica a sua casa, enquanto a tola a destrói com as suas mãos. Foi o que aconteceu com Eva e ela desmanchou sei lar com suas próprias mãos. Em um casamento, o mais encantador não é a beleza física, pois a Bíblia diz que é passageira: "Enganosa é a graça, vã, a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor essa será louvada" (Pv. 31.30). Encante seu marido com a confiança e faça do seu lar um abrigo de paz e alegria. Você consegue ser essa mulher virtuosa, sendo uma mulher de oração, deixando Deus dirigir a sua vida, buscando em primeiro lugar o reino de Deus e as demais coisas vos serão acrescentadas, inclusive o coração do teu marido vai estar confiado em ti e você não terá falta de nada. Não te faltará amor, nem carinho. Não faltará atenção, porque Deus está no controle de tudo. Diga: "Está escrito que eu posso fazer do meu lar um lugar de refúgio para meu esposo onde ele sinta se confortável!. Queridas, desejo que essa mensagem fale com você. Não se deixe vencer pelas palavras negativas, mas vença pela palavra de Deus. Foi assim com Jesus quando Ele foi tentado. Curve-se diante do Senhor!" (Disponível desde 03 de agosto de 2017 em adalagoas.com.br)*

*Ela faz bem e não mal, todos os dias da sua vida. (Pv 31.10)*

*Vivendo em um mundo de tanta maldade, a pergunta é: Como ser uma mulher virtuosa que faz o bem e não o mal todos os dias? Existe esta mulher? A felicidade é desejada por todos nós. Homens e mulheres vivem*

*em busca de quem os faça bem todos os dias. Nessa busca, os dias vão passando, como falou o Senhor pela boca do salmista: “Pois todos os nossos dias vão passando na tua indignação...” (Sl. 90:9). A vida passa muito rápido, não há tempo para pararmos diante dos nossos maus pensamentos querendo que o outro nos faça bem, mas devemos fazer o bem como diz a palavra de Deus. “E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido. Então, enquanto temos tempo façamos o bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé” (Gl 6.9-10). Não podemos esperar que o outro nos faça o bem. Devemos nós mesmos fazê-lo. O que muitas das vezes vemos são pessoas mal humoradas reclamando do casamento, em busca de um marido que lhe faça o bem. Entretanto, tudo vai mudar quando você começar a fazer o bem todos os dias. A mulher virtuosa busca fazer o bem sem a intenção de receber algo em troca, ela é bondosa e amiga, sabe dialogar com humildade independente do que o outro faz ou deixa de fazer. A Bíblia nos dá um exemplo lindo e seria bom que toda mulher lesse e relevesse a história do casamento de Leia com Jacó. Quando Leia procurou fazer o bem a Jacó, nunca foi amada mais sempre amou. O coração de Jacó estava em outra. Leia foi dada em casamento a Jacó, mas ela não queria aquela situação, pois era humilhada pelo descaso de seu pai e a ignorância de Jacó, mas o Senhor lhe abriu a madre (Gn 29:31). Quando o bem é feito, Deus se responsabiliza. A recompensa de Leia por fazer bem todos os dias e não o mal foi uma das mais lindas histórias da Bíblia. Nasce o seu primeiro filho: Rubens, Leia esperançosa pelo amor do marido (“Talvez assim me ame o meu marido”). Nasce o segundo filho: Simeão. “Estou ainda aborrecida, talvez Simão traga consolo”. Vem o terceiro: Levi. “Tenho lhe dado três filhos, agora sei que Jacó vai me amar”. O nome Levi significa: ligado, unido, mas deve ter sido amargo para Leia ver novamente o desprezo de Jacó, mas mesmo assim Leia nunca deixou de fazer o bem todos os dias. Não sei o que as mulheres pensam diante de uma história como esta, mas Leia foi sim uma mulher excelente e por causa disso Deus a abençoou com muitos filhos, dentre eles Judá, o quarto filho. “E concebeu outra vez e teve um filho, dizendo: esta vez louvarei ao senhor, por isso chamou o seu nome Judá; e cessou de ter filhos”. O coração de Leia era agradecido, amável, por isso Deus não desprezou e veio um filho em cuja linhagem veio o salvador, ela tinha motivos de sobra para ser amargurada, não é fácil viver com um marido que não ama, não vê as necessidades emocionais da esposa e não vê o lado bom, só o mal.*

*Queridas, comecem a mudar. Talvez até hoje seu discurso foi: “Faço com ele o que ele faz comigo”, mas a partir de hoje mude a fala e diga: “Mesmo ele não me amando, eu faço o bem todos os dias e não mau”. Que seja esse o teu texto áureo e verás que Deus não mudou e não mudará. Como foi com Leia será contigo, agradeça a Deus pelo teu marido, mesmo que seja um Jacó e tenha certeza que Deus está no controle de tudo. “Tornarei o seu pranto em júbilo e os consolarei; transformarei em regozijo a sua tristeza.” (Jr.31: 13).*

*Torne-se uma mulher que faz o bem todos os dias, esse é o segredo das bênçãos de Deus na tua vida.*

*(Disponível desde 22 de novembro de 2017 em [adalagoas.com.br](http://adalagoas.com.br))*

Para analisar este texto, em um primeiro momento, devemos considerar a representatividade da mulher que lança a ideia de que, independente do contexto, do



comportamento do marido, ele deve ser “amado”, mesmo na ausência de reciprocidade. Chamamos atenção para a posição institucional e formação escolar da autora, respectivamente, esposa do líder das assembleias de Deus e psicóloga, que a põe em posição de credibilidade diante de outras assembleianas no trato de orientações de como ser uma esposa que faz “o bem” ao marido.

Esse “bem”, no texto, carrega o sentido de “doação”. A mulher, neste sentido, deve doar-se independente das circunstâncias. Nessa lógica, a “recompensa” pela sua atuação deverá vir da divindade. No trecho *“Não podemos esperar que o outro nos faça o bem. Devemos nós mesmos fazê-lo. O que muitas das vezes vemos são pessoas mal humoradas reclamando do casamento, em busca de um marido que lhe faça o bem. Entretanto, tudo vai mudar quando você começar a fazer o bem todos os dias”*.

Podemos inferir que a mulher tem o “dever” de fazer o “bem”, enquanto que é facultado ao homem a postura comportamental à mulher, já que a submissão foi dada a ela pela divindade. Notemos que a lógica da submissão é sustentada pela compreensão desta premissa, pelo papel estabelecido de “adjutora” pela divindade. É responsabilidade da mulher a manutenção da estrutura matrimonial. Os argumentos que sustentam esta lógica de compreensão são retirados da bíblia sagrada, onde são narrados acontecimentos, que acabam sendo validados, numa interpretação onde se constrói a lógica de que não há outro caminho, a exemplo da situação de Leia e Jacó.

Atualmente, nas comunidades do Benedito Bentes 1 e 2, Santa Lúcia e Farol, o papel de submissão é tomado como componente de um papel social que adquire “valor” simbólico. Nessa linha, há investimentos, como expressa o esforço de autoria do texto acima para movimentos de fortalecimento dessa noção, corroborando e cumprindo a função orientativa e de caráter socializador por meio de estudos, palestras, textos, etc. que dão sentido e peso à ideia e necessidade de submissão importante para o bom funcionamento do “sistema” da igreja.

Esses esforços para que a mulher se revista do papel “natural” dado a ela pela divindade, acaba também sendo instrumento para sua visibilidade atual, em que elas mesmas acabarem conquistando espaço dentro da instituição para apregoar como devem “ser” ou se “comportar”. Participamos de alguns cultos de senhoras, e de outros “festivos” em homenagem ao aniversário do grupo de “louvor” que são integrantes. Um banner com o seguinte título “atrações da noite” exibia a foto das “irmãs” que iriam “pregar” e “louvar”

nestes dias. Prática muito recente na AD/MM, que retrata bem o quanto as mulheres vêm ganhando espaço de visibilidade pelo “valor” que adquire sua exemplaridade e submissão.

Em um desses cultos, nos chamou a atenção um “jogral” realizado por algumas mulheres, que levantavam placas com adjetivos representativos idealizados para a sua condição de “mulher” e do papel que devem realizar: “mulher fiel”, “mulher amorosa”, “mulher de força”, “mulher sensível”. O modo como levantavam as placas e a entonação que erguiam suas vozes reproduzindo tais características simulava o estarem em uma guerra, na qual lutariam com as armas representadas pela busca da realização das adjetivações selecionadas.

Ao mesmo tempo em que há uma valorização do sofrimento, há uma exaltação da submissão ou sujeição, que agora adquire um caráter racional, já que ela parte de um nível de compreensão individual, uma construção de subjetividades que se posicionam não enquanto grupo, mas individualmente dentro do grupo, transformando-se cada mulher em uma “peça” que deve ter um bom funcionamento, exemplaridade, dentro de uma grande engrenagem, o sistema cultural assembleiano. No tópico a seguir, o leitor terá a oportunidade de perceber como a exemplaridade por meio dos trajés é importante nas relações estabelecidas. Isso será demonstrado, principalmente, nas interações entre a pesquisadora e algumas nativas.

Discutimos até aqui como, desde sua origem, como a igreja Assembleia de Deus Ministério Missão construiu e distribuiu os papéis de gênero. Nesta pesquisa, também está incorporada uma categorização da condição da mulher de acordo com o estado civil, faixa etária, nível de instrução, posição institucional (se é casada ou não com um obreiro, o que lhe faria ter um nível maior de submissão), e o tipo da congregação de pertencimento, se central ou periférica, considerando também o tamanho desta.

A partir desta sistematização, analisamos como tem se dado a produção das experiências da desviância relativa à padrões ortodoxos, pois conforme já discutimos, mesmo a igreja propondo uma abordagem de isolamento em relação ao mundo, ela precisa dele para sua afirmação, (FONSECA, 2009). Com isto, queremos dizer que o vivenciar da experiência religiosa entre os membros não se dá único e exclusivamente a partir de um único *habitus*, o da igreja, mas outras variantes externas entram neste processo promovendo múltiplas concepções do vivenciar religioso / da experiência de pertencimento de ambos os gêneros.



### CAPÍTULO 3 – OS DILEMAS DO RETORNO DA EX-NATIVA AO CAMPO, COMO PESQUISADORA

#### Revisitando o lugar (des)conhecido

A ideia de retornar ao lugar (des)conhecido, desde a proposição da problemática de investigação, por vezes, ocasionou-me a sensação de apreensão e desconforto por eu não saber, a princípio, como seria recebida, nem como eu receberia o lugar. Aquela que rompeu com a igreja e sua doutrina, que se tornou “desviante”, passando a utilizar brincos, calça comprida e maquiagem estaria novamente lá, e eu já mentalizava os apelos para a minha reconversão.

Por conhecer o funcionamento do sistema de funcionamento de perto (já que foram quase duas décadas de pertencimento), diante dos assembleianos minha condição de divorciada e, principalmente por estar em trajes tão diferentes soaria para muitos como situações sequenciais do tipo “um abismo chama outro abismo”.

Por “investidas do maligno eu teria ‘perdido’ o casamento que tive”, teria me “desviado” da igreja, e por fim, agora, teria me colocado em posição de “mãe solteira”. Uma sequência de episódios considerados socialmente e pela igreja como não exitosos seriam vistos como consequência de uma vida “distante da vontade de deus”, como comentou um dos fiéis entrevistados, Eliabe, obreiro da AD/MM. De alguma maneira, segundo o sistema de pensamento dogmático da igreja em questão eu seria de algum modo responsável por tudo isso, por estar distante da igreja.

Diante das considerações de alguns, e tendo ciência de que ainda possuo as disposições referidas ao *habitus* assembleiano, embora, desativadas (LAHIRE, 2002), comecei a me sentir, de alguma maneira, responsável pelas situações mal sucedidas, embora problematizando para mim mesma que tais desdobramentos seriam apenas uma entre tantas possibilidades. Minha dimensão emocional, ao adentrar o campo, iniciou um processo de volta ao passado, momento em que era nativa, e a partir de então, percebi que o contexto onde eu estava “novamente inserida” provocava um movimento de reativação das disposições assembleianas.

Lembrei-me de como acreditava em ‘uma verdade’ e como por vezes as coisas pareciam mais “fáceis”, pois as respostas já estavam prontas. O lado mais emotivo, provavelmente potencializado pelas disposições do *habitus* assembleiano estava sendo remexido, causando-me uma forte sensação de culpa. Por outro lado, o sujeito Noélia

caracterizado pela fluidez e capacidade relativizante racionalizava, trazendo a minha mente a pergunta sobre o que significaria “dar certo” na vida. Para mim, os “erros”, “escorregos” faziam parte da vida e eu aceitava essa ideia. Mas não deixei de experimentar um imenso desconforto interno. Identifiquei em mim uma luta/um conflito de disposições, e, ciente disto, comecei a tentar construir racionalmente uma zona de proteção frente às pressões advindas do trabalho de campo previsto na pesquisa.

O objeto de estudo das Ciências Humanas é o próprio ser humano, dotado de imprevisibilidade e mutabilidade, e trabalhava para aceitar os conflitos e rupturas enfrentados no processo de enfrentamento dos desafios dos dias. “Estar lá” novamente ativava uma explosão de emoções e explicações que não mais tinham sentido para mim, pelo menos não mais na dimensão do consciente.

Essa situação de sentir novamente emoções anteriormente experimentadas, desativadas por um processo de racionalização atravessado graças aos processos vividos durante a formação acadêmica em ciências sociais, causou-me uma sensação de estranheza. Eu já tinha exercitado, na pesquisa realizada no mestrado, o estranhamento do familiar e a exotização do familiar (DAMATTA, 1978). Agora, eu estava novamente experimentando o familiar como familiar, no âmbito das emoções. Fui tomada várias vezes pelo sentimento de estar errada, de ser mesmo a responsável por rupturas sofridas e situações socialmente desqualificadas, por exemplo o ser “mãe solteira”...Sem dúvida o retorno ao ambiente dos templos e o contato com os fiéis assembleianos mexeram com o estoque de disposições constituído ao longo de minha trajetória biográfica.

Era perceptível e muito difícil experimentar os olhares de piedade de alguns ‘crentes’ conhecidos, bem como em outros, os olhares de decepção. Ele me diziam, mesmo sem nada falar, que minha trajetória seria marcada por fracassos, iniciada com minha inserção na graduação em Ciências Sociais, comprovando o quanto “filosofias mundanas” ou a “falsa ciência” teriam me “desviado”. Ouvi muitas vezes esses comentários durante o trabalho de campo realizado.

Com o início e durante o trabalho de campo, o perfil de mulher divorciada, de mãe solteira, a percepção de alguém que se ‘desviara do bom caminho’ ativava algumas emoções outrora desativadas e desnaturalizadas iam como que “ressuscitando” ou “acordando”. Confirmava-se o que eu previra: não seria fácil sair ilesa, do ponto de vista disposicional, do processo da pesquisa e da escrita da tese.

Comecei o trabalho de campo no início de 2019. A partir da sequência de acontecimentos, tais como o da gravidez não planejada e, no ano seguinte, em março, a explosão do novo Coronavírus, passei a residir com parentes crentes. Nessa convivência, sendo os membros da família que me acolheu potenciais intermediários para o acesso a outros crentes assembleianos, comecei a exercitar meu olhar e a audição para captar os elementos indicativos do sistema cultural assembleiano, que vinham quase sempre sem a intervenção ou provocação minha. Por intermédio da experiência de estar acessando o sistema assembleiano de dentro de um polo familiar, através do qual pude ter acesso a outras residências cujas famílias são também evangélicas assembleianas, fui construindo uma rede de informantes e minha reinserção no ambiente assembleiano.

Com as medidas de confinamento social devido à pandemia da COVID-19, os “cultos” da AD/MM passaram a ser exibidos no canal oficial “adalagoas.com.br”, e meus parentes costumemente se juntavam a outros crentes, em suas residências, para os acompanharem. Neles pude observar como as “pregações” enfatizavam temas escatológicos<sup>27</sup>. O novo Corona vírus foi interpretado nas mensagens dos pastores como um sinal de que o ‘fim do mundo’ estaria próximo, estando o ‘arrebato’<sup>28</sup>, próximo de acontecer. Em algumas pregações os pastores diziam que faltava apenas ‘a chegada do anticristo’<sup>29</sup>, um político que teria a intenção de controlar todas as nações do mundo e, e, de acordo com o livro de apocalipse, resolver por um tempo<sup>30</sup> problemas sociais como os da saúde, economia, educação, dentre outros.

Juntei-me aos meus parentes, estrategicamente, mostrando-me interessada em assistir aos cultos. Quase todos sabiam que eu estava fazendo pesquisa sobre algum assunto relacionado com a AD/MM. Mesmo assim, era perceptível a postura e olhares esperançosos de que eu retornasse para a igreja, me convertendo novamente.

---

<sup>27</sup> Estudo do que irá acontecer. Culminando no ‘fim do mundo’.

<sup>28</sup> Momento definindo pela Teologia assembleiana como aquele em que Jesus, ao retornar ao mundo, como juiz de todos, nas nuvens, atrai para si os fiéis, que vão ao seu encontro.

<sup>29</sup> Aquele que é contrário a Cristo.

<sup>30</sup> A resolução de problemas pelo anticristo se dará por três anos e meio, que se configura como a primeira parte dos sete anos de governo do mesmo. Após essa primeira fase, o anticristo revelará sua verdadeira face, impondo à sociedade outra fase, desta vez, de sofrimento. Nesse período, a igreja já terá sido levada da terra. Os teólogos pré-tribulacionistas, acreditam que a igreja será arrebatada no início dos sete anos, já os mesotribulacionistas, compreendem a partir de suas análises bíblicas que a igreja apenas “subirá” após a primeira parte dos sete anos.

Minha primeira oportunidade de adentrar no espaço desses cultos da AD/MM *on line* foi em uma noite de terça-feira, quando ocorreria um culto de doutrina<sup>31</sup>. Com os outros membros da família em que estava hospedada preparei-me para o sermão que o pastor presidente das AD's em Alagoas faria pelo canal. Todos estavam ansiosos, principalmente por ser o próprio pastor presidente quem iria “pregar”.

Chegando na casa de outros crentes, que já nos esperavam, iniciamos assistindo ao momento de “louvor”<sup>32</sup>. Logo identifiquei que eu teria que estar atenta a várias camadas do que estava acontecendo: o culto ao vivo que estava ocorrendo; o que acontecia na casa onde os fieis se reuniram (eu presente); os diálogos, comentários e opiniões; e as ressonâncias de tudo sobre minha subjetividade.

Fui tomada por um forte desconforto, principalmente pela possibilidade que pairava no ambiente, expressa por eles em eu ser ali a única que precisava de algum modo “mudar”. Eu era ali a “desviada”, e eu sentia claramente o peso disto. O ambiente ameaçava naquele momento o meu bem estar e eu sabia que teria de enfrentar muitos momentos assim para compreender o momento atual das dinâmicas de construção do *desvio* e dos *desviantes* na AD/MM. Questionava-me o tempo todo sobre as razões de me sentir culpada. Estar entre assembleianos que acreditam estar no “caminho certo”, vestirem trajes “santos” cobrindo parte considerável do corpo algumas vezes despertava em mim a sensação de estar “suja”, o que me colocava em um estado de alta vulnerabilidade. Apesar de em minha dimensão racional estar ativada, com a desconstrução e desnaturalização por ela possibilitadas, as minhas emoções expressavam o seu oposto.

Conforme afirma Lahire (2002), os estoques individuais de disposições estavam em processo de potencial reativação, gerando em mim sentimentos contraditórios, decorrente da fricção entre as disposições antigas, mas que me acompanharam por quase toda a minha vida e as novas disposições, adquiridas a partir da realização do mestrado em sociologia, quando passei a me debruçar sobre a minha própria experiência de ser jovem e mulher na AD/MM.

Voltando ao campo, fiquei atenta a abordagem dos louvores, como cantavam as moças e rapazes, obreiros e senhoras de modo geral, a como estavam vestidas. O “culto” ocorria na igreja sede, no bairro do Farol, liderada pelo pastor presidente. Eu sentia bastante dificuldade

---

<sup>31</sup> Os “cultos” na igreja Assembleia de Deus costumam ser temáticos. Os “cultos” de doutrina têm a função de trazer mensagens específicas de ensinamento quanto a postura / comportamento do crente no mundo secular e para com “deus”.

<sup>32</sup> Momento que antecede à leitura bíblica, com cânticos gospel e hinos da harpa cristã.

em fazer as observações, visto que os crentes nas bancadas só apareciam de longe em uma visão panorâmica e em número reduzido. Por decreto estadual, naquele momento, apenas 50% dos membros poderiam comparecer presencialmente. As “irmãs” que apareciam na tela, ao “louvar” em uníssono, quando recebiam oportunidade para isto, vestiam roupas de manga curta e saias na altura do joelho, algumas justas nos corpos. Elas, uma por vez, se dirigiam ao espaço, embaixo do lugar do púlpito, destinado aos cantores.

Naquele culto se confirmava nossa percepção anterior de que, se no momento da fundação da igreja, e mesmo há quase três décadas atrás, as ‘irmãs’ deveriam utilizar saias e vestidos longos e ainda mangas longas, hoje já se nota uma alteração, mesmo discreta. O “tradicional” adquiriu nova roupagem. Alguns traços tradição se mantêm, mesmo que os costumes e usos se modifiquem ao longo do tempo. Os obreiros que se posicionam no altar, estavam todos de terno, além do uso da máscara. Nas bancadas, de modo panorâmico, eu podia ver que os não-obreiros vestiam camisa ‘social’ de manga longa e calça ‘social’.

Naquele ambiente, senti, de repente, como se os brincos e o vestido de alça que eu estava portando estivessem me envergonhando. Fui tomada por uma sensação estranha, mediante a efervescência dos irmãos que assistiam ao cultos *on line* e dos que estavam lá, presencialmente. Senti uma necessidade de me esconder, de sair dali, pois me sentia meio que sufocada pelo peso de uma espécie de “culpa” que me era imputada pelo simples fato de estar trajada como estava.

Naquele momento eu era pesquisadora, mas também o alvo do culto, já que para os ‘irmãos’ eu era uma “visitante”, alguém que potencialmente poderia ‘me render’ e “aceitar” Jesus novamente. Em um determinado momento, durante o momento de um cântico que abordava a situação de Jó, um personagem bíblico que perde tudo que conquistara na vida, uma das “irmãs”, de 74 anos, solteira e com vestes tradicionais, presente na residência que estávamos, disse-me: “*deus está falando contigo no louvor!*”, fazendo referência à ruptura matrimonial sofrida por mim, além de outros episódios aos quais os assembleianos atribuem o status de “perda”.

Em outras ocasiões, ao ser questionada sobre a ruptura do casamento, repetia a explicação de que o fim do meu casamento para mim, não havia sido de todo uma perda. Porém, a crença dogmática os impedia de olhar para o evento de modo não desqualificativo. Experimentei várias vezes durante o processo de trabalho de campo realizado a força das disposições internalizadas anteriormente desativadas, o que poderia me fragilizar diante deles,



dando a ideia de que estava mesmo em posição de erro, necessitando urgentemente me reconverter.

Sempre senti a força, desde quando era uma membra da AD/MM, a forte capacidade dos assembleianos para acessar às subjetividades dos indivíduos, o poder que exercitavam de alcançar as camadas mais profundas do emocional dos ‘visitantes’ e afiliados. Acessar os ‘perdidos’ ou os colocados na categoria de ‘desviante’, pela via de um sofrimento que estivesse sendo experienciado sempre foi uma das estratégias observadas por mim durante todo o meu pertencimento. Tocar no assunto, mesmo que indiretamente renderia um “choro” quase que desesperado por ajuda. E eles tinham a solução: a “conversão” ou a “reconversão”.

O pastores ou mesmo os fiéis comuns, quando têm o objetivo de convencer visitantes ou ‘desviados’, quase sempre se posicionam como se tivessem uma mensagem da própria divindade destinada para aqueles. Essa mensagem recebe o título de “revelação”, seguida da frase: *“eu não sei por que eu estou dizendo isto!”*, mas implicitamente, se referem a estarem ali como um “vaso” ou um instrumento de deus, como portadores de um ‘recado’. Em outras ocasiões não chegam a se referir em recado, mensagem ou a estarem sendo “usados” por deus, mas conhecendo ou não a trajetória de um indivíduo-alvo, utilizam-se de uma entonação de voz incisiva, que denotam autoridade mística para a consecução do desarmamento e acessibilidade à dimensão emocional dos definidos como potenciais conversos ou reconversos.

Voltando à situação acima descrita, em que a ‘irmã’ comentou sobre como através do ‘louvor’ deus estava ‘falando comigo’, ao ouvir o que a “irmã” me falou, apenas sorri. Como observadora no recinto, eu não queria que as portas do campo se fechassem, por contrariar ou desconsiderar qualquer afirmação feita em relação a minha pessoa. Interessava-me colher a maneira como se comportariam eu estando ali, na posição de “desviante/desviada”, as afirmações que seriam direcionadas a mim.

No desenrolar do culto, ao ver uma determinada moça “louvar”, uma outra “irmã” na residência, disse: “essa não é a nora da irmã x?” Outra respondeu: “Sim, mas não é a primeira! Ele se casou, separou”. Em geral, o divórcio ainda é considerado tabu na igreja, porém já é algo que passa a ocorrer com mais frequência na atualidade. Na via contrária, a prática de convidar ao altar os casais que completam aniversário de casamento é uma prática comum. Principalmente os que completam muitos anos de casados, servindo de “exemplo” às novas gerações. No culto que acima começamos a descrever ocorreu justamente isso. Um

casal de crentes, cujo homem é pastor de uma das AD's foi referenciado como exemplo, recebendo as felicitações diante da assembleia presencial (e *on line*), por estarem casados havia 34 anos.

O pastor presidente perguntou a ambos se casariam novamente com a mesma pessoa. Os dois informaram que sim. Uma das irmãs na residência disse: “e eles vão dizer o contrário na frente de todos?”. Os demais crentes que assistiam riram. Todos rimos. O homem, afirmou, dizendo: “sim”! A mulher disse: “com certeza! Ele permanece o mesmo!” O pastor presidente completou: “homem é mais seco”.

Em outro momento no culto, o pastor fez referência às irmãs do serviço social da igreja, que teriam passado a tarde inteira cozinhando sopa para distribuição em trabalhos evangelísticos. Fotos foram projetadas. Houve a entrega de dois litros de sopa e cinco pães para cada família de baixa renda ou nenhuma renda, momento acompanhado de mensagens/pregações, para fins de conversão destas pessoas.

Voltando ao culto, a pregação do pastor presidente girou em torno da escatologia, mencionando a pandemia como sinalizadora do ‘fim dos tempos’. O mesmo, embasado no Apóstolo Paulo, destacou a igreja como sendo o “sal” da terra. Ele informou que, historicamente, o sal era muito valioso. Em uma época onde não existia geladeira e outros equipamentos eletrônicos para conservar alimentos, o sal era uma preciosidade. Completou ainda dizendo que a palavra “salário” vem de “sal”. Baseando-se nestas informações trazidas para os membros, o pastor defendeu que a igreja é o sal da terra, assim como nos escritos menciona Jesus. Para o pastor, a igreja está conservando o mundo por sua presença nele. Retirando-se a igreja, mediante o ‘arrebato’, o mundo irá “apodrecer”.

O pastor defendeu ainda que a presença da igreja incomoda a sociedade, o mundo, e disse:

*Querem nos calar, na política! Por que a corrupção não se instala de vez?  
Por causa do sal. Querem tirar o sal do meio! Ser cristão ofende o povo,  
incomoda! A presença da igreja impede os tapurus tomarem conta da terra!*

O pastor encerrou sua mensagem dizendo que por meio do ‘anticristo’, que dominará por sete anos, haverá uma aparelhagem política para ‘dominar o mundo’, e disse: “*o que está acontecendo hoje? Se a OMS disser algo, ninguém pode dizer o contrário, pois ela disse!*”

Após a pregação, anúncios foram feitos em tela de que diversas pessoas de diferentes estados estavam, uns, se convertendo, outros se reconvertendo. Foi listado o nome e o estado de origem. Para este fim, foram disponibilizados números de *Whatsapp*. Todos louvavam e agradecidos, oraram a deus, encerrando a reunião. Na residência em que eu estava presente foi feito o mesmo.

Em minha segunda ida à campo, meus familiares e eu (sempre com minha filha no colo) nos deslocamos novamente para o polo, onde mais uma vez assistiríamos a mais um “culto”, desta vez, “evangelístico”<sup>33</sup>.

De modo habitual, o “culto” se iniciou com cânticos (louvores) e leitura da bíblia, seguido de mais louvores, pregação e apelo à conversão/reconversão de almas. De igual modo, os membros chamados ao altar para “louvar” e transmitir rápidas mensagens se enquadravam, do ponto de vista dos trajés, no perfil ortodoxo de membros.

O pastor local foi o responsável pela pregação, com base em trechos bíblicos. Novamente, citando o problema mundial do novo Coronavírus, concentrou-se em associá-lo à “queda do homem” no jardim do Éden, defendendo, dogmaticamente, que todos os males do mundo, a exemplo da ‘homossexualidade’, seriam oriundos da desobediência do homem a “deus”.

O pastor criticou uma abordagem da psicologia que seria contrária aos princípios bíblicos. Para ele, caso seja preciso, o crente não deve ir a qualquer psicólogo, mas ir a um psicólogo cristão. Ainda se referindo ao homossexualismo e a diversos “pecados”, o pastor considerou que um psicólogo cristão diria: “*empregue força!* para sair do “pecado”, enquanto o psicólogo não cristão diria “*se aceite do jeito que você é!*”. Ao ouvir a expressão “empregue força!” e quando se referiu à abordagem da psicologia não cristã, fui tomada por um extremo desconforto. Naquele momento eu pensava sobre a intervenção dogmática na psiquê dos indivíduos membros, de modo a suprimir as identidades divergentes, a exemplo das dos homossexuais.

Há, segundo um dos meus interlocutores, a defesa de que “deus rejeita a prática, mas ama o homossexual”, e apoiando-se no versículo em que Jesus diz “quem quiser vir após mim, tome a sua cruz e negue-se a si mesmo”, afirma que é possível ser liberto, pois é uma questão de “escolha”.

---

<sup>33</sup> Culto destinação à pregação em prol da conversão de almas.

Experimentei como era difícil não reagir pessoalmente diante do que ouvia no campo de pesquisa. Por vezes eu os questionava sobre suas concepções e minha fachada de neutralidade ficava por um fio. Nestes momentos, eu percebia que ali, para além de uma visão já desnaturalizada, se manifestava o afloramento de uma militância, e eu precisava em primeira mão, coletar informações com o mínimo de intervenção minha, inclusive para garantir o não fechamento do campo à minha circulação, decorrente de um eventual recuo dos nativos. Nisto se concentrou uma das minhas maiores dificuldades em campo.

Completando sua pregação, o pastor defendeu: “você cresceu assim, mas não foi Deus quem te fez assim! Foi depois da queda! Assim como Jezabel incentivou Acabe a ser pior do que era!”

Essas duas situações fazem menção à crença da igreja de que a mulher é influenciada pelo que ouve e culpada, por sua vez, pela “queda” ou “pecado” de Adão, embora esta visão não possa ser generalizada a todos os assembleianos em sua totalidade, já que no nível da experiência, os sujeitos membros não internalizam apenas o *habitus* religioso assembleiano, sendo esse apenas um dos *habitués* adquiridos ao longo das trajetórias individuais.

Neste sentido a experiência religiosa seria apenas o resultado de um dos processos de socialização, com disposições específicas, mas que podem chocar-se com outras disposições advindas de outros processos de socialização, produzindo na experiência prática uma concepção específica e inovadora e que nada tem a ver com a previsibilidade que poderia se supor.

Temos caminhado, em termos de análise, embasados na ideia de que as experiências dos sujeitos e suas concepções provenientes dela são construídas nas relações de interação face a face, de modo contextual/situacional, perspectiva esta que representa melhor a paisagem social assembleiana. Neste sentido, indicamos a partir do campo que concepções como a descrita acima em que o membro deposita sobre os ombros da mulher maior responsabilidade pelo “pecado original” são específicas do grupo em razão de uma interpretação literal dos textos bíblicos, mas que, no nível da experiência, pode divergir.

Durante minha convivência como residente no campo, algumas situações revelaram o quão forte era o peso dos usos e costumes, principalmente sobre a mulher. Em uma ocasião específica, precisei ir à residência de crentes onde costumeiramente assistíamos cultos. Fui buscar objetos que lá havia esquecido. Bati no portão e fui atendida pelas duas senhoras que lá

moram. As duas vieram juntas atender o portão. Elas me cumprimentaram e me fizeram entrar pela porta lateral com acesso aos fundos da casa, sob a justificativa de estarem com visitas na sala.

Assim como me orientaram as duas, me dirigi para os fundos da casa e pude ver as visitas na sala, mantendo-me distante e sem contato com eles. Felizmente encontrei meu material próximo à cozinha, o que dispensou a necessidade de ir até a sala. As duas senhoras que me atenderam a essa altura já haviam se juntado às pessoas no recinto. Fiquei de longe observando e vi que eram crentes da AD/MM. Duas mulheres e um homem. Diminuí a velocidade com que eu recolhia o material, pois me interessava saber se algum conteúdo religioso seria tratado ali e consegui captar o teor da conversa: uma das mulheres discorria sobre o fato de um pastor ter informado a toda membresia local que se devem deixar as irmãs “à vontade”, pois as mulheres de “antigamente” se adornavam. Na conversa que escutei tangencialmente, ficou evidente que a valorização do rigorismo pelos membros ali presentes se chocava com o indício de afrouxamento proposto pela liderança local

Um dos trechos da conversa que escutei foi o seguinte: — *“o XXX está lá, como pastor, é?” (risos). Uma das assembleianas presentes respondeu: “—sim! Virou bagunça! —É só falar em doutrina que o povo não quer saber”.*

A conversa que acontecia na sala da casa que visitei para pegar algo que tinha esquecido, sobre os usos e costumes continuou, mais especificamente sobre maquiagem, joias e roupas. Não consegui acompanhá-la em sua totalidade. Logo se seguiram cânticos e louvores. Naquele dia eu fiquei sem saber se meus trajes foram impeditivos de acessar a porta da frente e passar pelos assembleianos. O fato é que foi a primeira vez que tive que acessar a casa pelos fundos. Saí dali pensando sobre o que eu havia visto: assembleianos tratando de outros assembleianos e resistindo a propostas de “afrouxamento” dos usos e costumes com os quais tinha se acostumado, o que me fez considerar a diversidade de possibilidades de relação entre instituição e indivíduos da AD/MM, no que se refere às transformações e permanências do sistema cultural assembleiano.

## CAPÍTULO 4 – TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS SOCIOCULTURAIS RELATIVAS À CONSTRUÇÃO DO “DESVIO” E DA “EXEMPLARIDADE” NA AD/MM

O paradoxo da “religião” versus “evangelho”: a emergência de um novo perfil assembleiano a partir dos distanciamentos geracionais

Neste capítulo, dedicamos nossos esforços para análise de uma amostra de 7 membros da AD/MM, constituída intencionalmente, estratificada por sexo, idade, nível de instrução, posição institucional e tipo de congregação. O leitor perceberá que na análise começamos dos membros da faixa etária da maior para os da menor, no intuito de observar os movimentos de desprendimento e/ou afrouxamento da ortodoxia, e de afirmação do “eu” em relação ao “nós” institucional.

Nesta perspectiva, será possível, com mais afinco, compará-los, e dessa forma identificar como ocorrem esses movimentos, evidenciando os pontos de afrouxamento e como o lugar de destaque das individualidades em relação à coletividade vai se tornando possível dentro do sistema da igreja. No conjunto dos entrevistados estão três casais, escolhidos pela acessibilidade, pela idade dos indivíduos e pela tipicidade, com o intuito de oferecer um painel da diversidade observada na AD/MM em relação às dinâmicas de (des)normatização de usos se insere na dinâmica familiar.

As experiências aqui relatadas são tomadas como ilustrativas de um cenário abordado pontualmente, não pretendendo possibilitar generalizações, pois estamos considerando uma abordagem micro, no âmbito das experiências, e que no máximo podem apontar para tendências/possibilidades, mas nunca para conclusões generalizáveis.

Ao mesmo tempo que indicamos a emergência das individualidades como o produto das transformações pelas quais passaram as sociedades englobantes e o subcampo da AD/MM, consideramos aqui cada indivíduo como uma unidade de análise, inspirados na perspectiva weberiana. Apontamos, a partir de suas experiências, como sofrem e exercem influência na estrutura, como são moldados e moldam a instituição de que fazem parte, a partir da dialética de resistência ou aceitação, de rupturas ou continuidades, e ainda a partir da situação em que, em alguns casos, uma camada do *habitus* religioso se sobressai sobre outras camadas de *habitués*, adquiridos ao longo e de acordo com as trajetórias individuais que nada mais é do que o conjunto de disposições adquiridos mediante o processo socializador (BOURDIEU, 2004).

Devemos lembrar que o processo de socialização (BOURDIEU, *idem*) se dá a partir de diferentes esferas que ultrapassam os muros da igreja, sendo as experiências religiosas atravessadas em graus diversos pelas experiências extra-igreja introjetadas/internalizadas nos atores sociais, os fiéis, à luz das quais os quais constroem sentidos, percepções e ações frente à normatividade da AD/MM. A partir de pontos das trajetórias individuais, pudemos extrair algumas gênesis elaborativas em torno da construção de modelagens de membros assembleianos, que informam uma tendência a um processo de *racionalização* da experiência religiosa cada vez mais presente no modelo de religiosidade aqui focalizado, na medida em que cada vez mais a balança “eu-nós” pende para aquilo que é individual, elaborando experiências religiosas assembleianas cada vez mais distanciadas do modelo originário da AD/MM.

Logo abaixo temos um quadro no qual descrevemos de modo sintético os perfis de cada indivíduo entrevistado. No curso de nosso trabalho temos mostrado o quanto os recortes de gênero e geracional possuem peso nas reflexões em torno do nosso estudo sobre as dinâmicas de construção do *desvio* e da *exemplaridade* na AD/MM.

Ser homem ou ser mulher, ainda costumam, dentro do ‘sistema cultural assembleiano’ definir o nível de coerção institucionalmente e coletivamente ativado, embora isso não ocorra de modo formal, mas informalmente, em meio à experiência cotidiana dos membros das comunidades analisadas.

A variável idade nos ajuda a compreender os processos gerativos da produção de modelagens assembleianas e suas transformações históricas, em cujo curso as individualidades passam a se construir como preponderantes, possibilitando comparar diversos momentos da história institucional da AD/MM, dos quais são marcos as mudanças nos regimentos realizadas em 1975 e em 1990, bem como as transformações realizadas no registro da informalidade bem como as referidas às doutrinas. Isto não quer dizer que estamos aqui considerando modelos homogêneos ligados a cada geração. Pelo contrário, estamos, de modo comparativo, chamando a atenção para algumas tendências encontradas no curso histórico e nas narrativas dos fiéis, além das informadas através dos documentos eclesiais acessados.

O “desvio”, que na nossa pesquisa é a expressão da presença e afirmação da individualidade construída no interior da igreja ocorre de modo relacional, em referência a

conteúdos ou práticas doutrinários e regimentais e atravessa todas as gerações, nem sempre assumindo a forma objetiva e pública, claramente expressa e objetiva (BECKER, 2006).

É importante deixar claro que a rotulação é um produto gerado a partir da reação às infrações a norma legitimadas institucionalmente e de modo diverso ao longo do tecido das comunidades religiosas da AD/MM. Pensamos as dinâmicas de construção dos comportamentos “desviantes” e “exemplares como os desdobramentos de rupturas e de continuidades, já que as camadas de *habitués* tornam-se mais ou menos flexíveis a partir de processos sociais não completamente planejados, conforme defende Elias (1991).

Considerando a dimensão estrutural, a alteração das resoluções demonstra uma dinâmica impulsionada socialmente, conforme mostramos. Porém, é importante considerar que às alterações e permanências da norma oficial não são vistas por todas as comunidades ou congregações, nem pelos indivíduos que as compõem a partir de uma mesma ótica.

Ao mesmo tempo que observamos movimentos de desprendimento e assimilação não conflituosa de mudanças oriundas de afrouxamentos dos regimes de usos e costumes institucionalmente estabelecidos, por outro lado temos também movimentos conservadores que as rejeitam, em diferentes medidas, não somente entre os membros necessariamente mais velhos. O *modus operandi* das normas também sofre as injunções da informalidade. De qualquer modo, como em quaisquer outras instituições, na AD/MM, em se tratando da normatividade, as rupturas convivem também com continuidades.

Quando nos referimos aos “desvios” nos referimos à dinâmica interna à igreja em que são achados elementos na manifestação de comportamentos, práticas, usos, pensamentos e ações que outrora já foram considerados “desviantes”, seja do ponto de vista formal ou informal. No caso da conversão do *desvio* em *comportamento exemplar*, no caso das normas informais se torna um pouco mais difícil precisar/ marcar no tempo o momento de sua transformação, o momento em que o sistema de representações e classificação social absorveu uma transformação, passando a definir alguma prática anterior proibida como uma permitida. No regimento oficial constam datas e se torna claro o momento em que o sistema se alterou, direcionando nossa atenção direta ao processo que o tornou possível e suas causas.

Além do gênero, da idade e dos registros da formalidade e da informalidade considerados, outra variável que interessa em nossa análise é o nível de instrução dos indivíduos participantes da AD/MM. De acordo com a nossa vivência no campo de pesquisa e



análise das pregações durante os cultos, o nível de instrução se correlaciona com o processo de emergência da exigência da racionalização no processos de aceitação dos modelos de usos e costumes institucionalmente estabelecidos, relacionando-se também com os movimentos na direção da intensificação do peso do “eu” no balanço “eu-nós” assembleiano. Processos de autonomização individual para os quais apontam as experiências sobre as quais nos inclinamos, além da própria manifestação pela igreja da valorização teológica e científica, e ainda argumentativa que tem fugido de uma interpretação meramente literal da bíblia. Apresentamos nossa interpretação de que há um processo de racionalização na agência e na estrutura. Se nas experiências individuais sentimos uma demanda por explicação lógica do sentido das normas como condição para obedecê-las, na estrutura identificamos uma preocupação explícita com o tornar compreensíveis as pregações, fugindo da lógica verticalizada de impor em convencer.

Ainda outra variável considerada na nossa análise é a “posição institucional” dos indivíduos. Ela pode potencializar o afastamento ou a proximidade dos modelos de exemplaridade institucionalmente propostos. Fazendo uma análise multivariada do desvio, a posição institucional mostra como o desvio é plástico/móvel, sofrendo a incidência da condição de pertencimento dos sujeitos-fiéis.

Finalizando o conjunto de variáveis consideradas como moldadoras das dinâmicas de construção do *desvio* e da exemplaridade, destacamos a localização das comunidades, sob a hipótese de que o nível de coerção social e a vigilância mútua exercida pelos participantes é maior nas que se localizam no centro da cidade e do subcampo do que nas que se localizam na periferia urbana e do subcampo.

Quanto a essa variável, nossa pesquisa foi desenvolvida em quatro congregações da AD/MM em Maceió: Benedito Bentes I e II, Santa Lúcia e Farol – as três primeiras localizadas na periferia urbana e a última, no centro da cidade.

A igreja no Benedito Bentes I, por muitos anos, nos foi familiar. Dos 15 aos 21 anos mantivemos vínculo com ela, integrando durante o período citado o conjunto/departamento de jovens da igreja, somente saindo dele aos 21 anos, por ocasião do matrimônio. Na época, no início dos anos 2000, a referida congregação apresentava uma estrutura simples, menos moderna. O telhado era de brasilit, as paredes não eram emassadas, usavam-se ventiladores, os bancos eram de madeira e a decoração do altar era realizada apenas com flores. O púlpito

era de madeira e o cenário se completava com uma cortina na parede que fica por detrás de onde ficavam sentados os obreiros, posicionados diante dos membros.

Essa descrição destoa do que temos hoje. Ao chegar lá para as observações e contatos para as entrevistas, encontramos muitas modificações. No prédio agora há uma laje e uma pequena galeria, para abrigar mais membros. As paredes estão emassadas e o tempo é refrigerado por splits. Os bancos são acolchoados, o púlpito é de vidro e a parede por trás dos obreiros são revestidas, observando-se um letreiro sofisticado do nome “JESUS”. Diferentemente da versão anterior, a entrada do templo também se alterou. Agora há uma grande porta de vidro, e os banheiros não mais são localizados dentro da igreja, mas fora, permitindo maior privacidade e conforto para quem vai utilizá-los. Nestes também se encontram os acabamentos e acessórios modernos.

Lembro que no início dos anos 2000, em que constantemente ia à congregação, que a propósito se configura como sede do conjunto, a atmosfera sonora era bastante diferente. Lembro-me de retornar para casa, por vezes, incomodada com o barulho dos “irmãos” que gritavam bastante por meio de “glórias” e “aleluias”. Na época, o barulho era imensamente valorizado. Nesse meu retorno como pesquisadora, percebi que houve uma diminuição significativa do que antes era considerado sinais de “avivamento”. Uma diminuição também foi observada no número de membros.

Se antes a igreja era super lotada, com assentos insuficientes, agora é bastante raro após sua modernização, encontrarmos superlotação. Essa ocorrência também favorecia a uma atmosfera de mais barulho, como se por estarem “amontoados” fossem mais “coesos”, mais “coletivos”. Podemos afirmar que, mesmo antes do período de pandemia, a tendência dos templos da AD/MM foi no sentido de uma maior organização dos espaço ao longo do qual os membros se dispõem durante os cultos, mudando drasticamente a arquitetura dos templos assembleianos.

À modernização física do templo correspondeu uma diminuição no eco de vozes ouvidas e nas performances realizadas por meio do “batismo com espírito santo e com fogo”. Numa ocasião rara em que algum membro se expressa com menos controle, observei a mobilização de um gestual de estranhamento por parte de outros membros, como se o comportamento mais expressivo tivesse atravessado um processo de gradual controle coletivo.

A congregação sede do conjunto Benedito Bentes II obedecia anteriormente os mesmos padrões da congregação do Benedito Bentes I, no período em que lá congregamos, durante os anos 1990 e nos anos 2008 e 2009, após o matrimônio. Observou-se o mesmo processo de modificação na arquitetura e organização do espaço mencionado em relação ao templo da AD/MM no Benedito Bentes I, bem como a diminuição da expressão sonora nos cultos. Todavia, nas visitas que fiz à congregação do Benedito Bentes II notamos um nível menor de controle mútuo. Este bairro sempre foi visto como a “periferia da periferia”, em relação ao Benedito Bentes I, por abrigar em si diversos conjuntos populares construídas pela prefeitura de Maceió, localizando-se também mais distante do terminal central de ônibus, localizado no coração do Benedito Bentes I.

A população do Benedito Bentes é bastante populosa e houve uma época em que o bairro quase foi emancipado de Maceió, mas manteve-se por razões, por nós desconhecidas, dividido em conjuntos I e II. Muitos consideram que viver no primeiro oferece mais qualidade de vida, por ser a estrutura do I conjunto mais organizada, com vias principais de acesso melhor definidas, existindo um espaço próprio para o mercado público, o que não ocorre no Benedito Bentes II, onde os feirantes tomam as calçadas da via principal, dificultando o trânsito e a circulação de pessoas, além do fato de uma maior incidência de criminalidade, presentes principalmente nos conjuntos habitacionais construídos pela municipalidade. Essas variáveis acabam por gerar um estigma e desvalorização do Benedito Bentes II. É comum encontrar moradores do Benedito Bentes I que evitam o contato com os ônibus que vêm do Benedito Bentes II, já que têm medo ou acreditam lá existirem mais “maloqueiros”.

Essa paisagem social parece também influenciar o ser a comunidade religiosa mais coesa em relação ao Benedito Bentes I, já que a demanda de moradores pela igreja é maior e abriga mais membros, dos quais grande parte são de camadas sociais mais pobres, embora no mesmo cenário religioso. É crescente a procura de jovens pelo nível superior de ensino, mas ainda é nítido que a “luta” pela sobrevivência no Benedito Bentes II mostra-se mais intensa do que no Benedito Bentes I, sendo mais difícil nesse bairro do que no Benedito Bentes I o acesso que a escolaridade de nível universitário, já que primeiro torna-se mais urgente a subsistência. É nesse contexto de alta vulnerabilidade social que se instalou a comunidade da AD/MM no Benedito Bentes II

Tivemos uma rápida passagem na Assembleia de Deus no bairro da Santa Lúcia, no fim dos anos 90, por ocasião de um período curto em que residimos lá. Assim como no

Benedito Bentes I e II, a estrutura física e a atmosfera sonora era praticamente similar. Uma congregação- sede lotada, sem muito conforto, mas que atualmente também se modernizou. A paisagem sonora era bastante acalorada, sendo os sons de ‘glória’ e de ‘aleluia’ reduzidos drasticamente atualmente, em razão da modernização. Também nessa congregação foi instalado ar condicionado. Embora possua um líder que “trabalhe” na contra mão da perda da ‘efervescência’ no modelo tradicional assembleano. O pastor que atualmente exerce a liderança já foi presbítero nos anos 2000 e congregado no Benedito Bentes I, na época em que lá também congregamos. Seu perfil é de um líder que valoriza o aspecto do que se conhece por “emocionalismo”, “fervor” ou “efervescência”, mas também é um teólogo, e por essa razão tem desnaturalizado algumas proibições. Essa postura se estende à sua família, esposa e filhos, em que para os mesmos é aberto o direito a uma maior autonomia no tocante aos usos e costumes.

Quanto à comunidade sede da AD/MM em Maceió, localizada em um dos bairros da cidade que concentram uma população de classe média da capital alagoana, a mesma também passou por um processo de modernização tanto físico quanto espiritual. Em seu interior é possível perceber acabamentos e mobílias ‘de qualidade’, no intuito de proporcionar conforto aos membros. Uma galeria foi construída para acomodar mais membros. Do ponto de vista cultural dos usos e costumes, considerando que é uma igreja-mãe, é possível verificar a existência de uma alta heterogeneidade. Ao mesmo tempo em que já encontramos assembleianas que frequentam o templo usando calças compridas, mesmo algumas de gerações anteriores à do início do século XXI, usando brincos e maquiagens em tons mais fortes, homens com barbas e cortes de cabelo modernos, encontramos também assembleianas e assembleianos bem tradicionais, que preservam as vestimentas do passado. Encontramos ainda membros em que parecem estar em posição intermediária, buscando um equilíbrio entre as duas situações anteriores.

Do ponto de vista da doutrina de usos e costumes, identificamos perfis divergentes em todas as congregações que foram alvo nesta pesquisa, porém, na sede da AD/MM, no bairro do Farol, chama atenção o fato de a heterogeneidade ser mais explícita, e, em certa medida, a abertura nos usos e costumes mais assimiladas do que nas outras congregação supracitadas.

Já há assembleianas que, mesmo fazendo uso de calças compridas e brincos, cantam nos departamentos. Esses usos anteriormente bastante vistos como *desvio* parecem ter se tornado menos importantes na identidade dos assembleianos dessa congregação. Por outro

lado, ainda percebe-se uma postura conservadora expressa implícita, já que os membros que recebem oportunidades para se expressar diante dos outros membros, todos sem exceção, se trajam nos moldes conservadores, como se a igreja tivesse afrouxado seus interditos no nível objetivo, mas do ponto de vista formal continuasse ligada ao modelo tradicional de usos e costumes.

No atual cenário do mercado religioso brasileiro, no qual temos cada vez mais forte o apelo à figura dos “indivíduos” moldados pela própria construção de si, que buscam seu lugar na sociedade por meio da construção de metas e finalidades com mais autonomia em relação às instituições religiosas, movidos por premissas da autovalorização, do sentir-se bem, do autocuidado e autoconhecimento, é preciso abrir as comportas para esse público, mantendo, no caso da AD/MM, moderadamente, o discurso de persuasão a partir de uma linha lógica, dotada de sentido, como o é a abordagem onde o líder capta a “essência” do vestir, o “pudor” por nós já discutida. No atual cenário do mercado religioso brasileiro, na igreja mãe de Maceió/Al já não importa se mulheres estão de calça, ou de brinco, ou mesmo de maquiagem, contanto que se use o “recurso à medida”, ao “pudor”, ao uso “não exagerado” e que não atraia olhares para si.

Muitos membros congregados nas AD/MM dos demais bairros onde realizamos esta pesquisa consideram sua experiência religiosa bastante discrepante e diferente da observada na AD/MM do Farol, dizendo que ao irem para lá em dias de cultos festivos ou cultos de doutrina, já que existe um trânsito dos fiéis entre suas congregações e a sede, no Farol, “se sentem como se estivesse em outro tipo de igreja”, como a igreja Batista. Algumas das congregações periféricas falam que sentem na comunidade do Farol um esfriamento, uma quase inexistência do que define a AD/MM como pentecostal, que são os “glórias” e “aleluias” em sua intensa sonoridade. Se temos a diminuição desta sonoridade nas congregações sedes dos demais bairros de Maceió, subordinados à igreja mãe no Farol, foi possível constatar esses relatos nos momentos em que frequentamos os “cultos” na mesma.

Diferentemente das congregações sede onde a arquitetura é padrão, as subcongregações não possuem a modernização observada nos templos das quatro congregações acima citadas (Benedito Bentes I e II, Santa Lúcia e Farol), realizada para oferecer mais conforto material aos fiéis. Em geral, são pequenos salões alugados e mesmo, casas populares também alugadas, que funcionam como “pontos de pregação”. Nesses pequenos lugares, de condições materiais precárias é possível identificar uma atmosfera

sonora com mais “glórias” e “aleluias”, uma maior coesão grupal e demandas menos formuladas relativas à racionalidade das pregações dos líderes, chamado nestas comunidades de “dirigentes”, em muitos casos um presbítero ou diácono.

Passamos agora a apresentar os perfis dos sujeitos entrevistados, preservando o nome original dos entrevistados:

Nº	IDENTIFICAÇÃO FICTÍCIA	SEXO	IDADE / (GERACIONAL)	NÍVEL DE INSTRUÇÃO	POSIÇÃO INSTITUCIONAL	TIPO DE CONGREGAÇÃO DE VÍNCULO
01	Isaac	MASCULINO	80	Primário	Obreiro / evangelista	Sede benedito bentes I
02	Madalena	FEMININO	69	Fundamental	Integra o conjunto de senhoras e é “visitadora” (realiza visitas aos enfermos e ao que “esfriam” na fé)	Sede Benedito Bentes I
03	Eliabe		40	Superior completo GTI	Professor EBD Classe juvenil	Sede Benedito Bentes I
04	Nínive		36	Superior Serviço Social	Violinista da orquestra	Sede Benedito Bentes I
05	Rubens		31	Superior completo Gestão financeira	—————	Sede Benedito Bentes II
06	Ester		24	Superior completo GRH e estudante de Pedagogia	Professora da EBD – Classe infantil Integrante do grupo de gesto Violinista da orquestra	Sede Benedito Bentes II
07	Paulo			Superior em música		Sede em Santa Lúcia

**Quadro 2: Elaboração própria, a partir de informações fornecidas pelos entrevistados**

O primeiro membro ao qual faremos referência, conforme exposto no quadro, é um senhor da idade de 80 anos, que interrompeu seus estudos ainda no chamado “primário”. O mesmo se converteu no fim da década de 50, ainda adolescente. Seus pais eram “crentes” da AD/MM e sempre levavam Isaac, desde criança. Pode-se dizer que a vida inteira de Isaac esteve marcada pela presença da AD/MM.

As razões que o levam a permanecer na instituição, de acordo com a entrevista está relacionado à um padrão ético conservador valorizado, embora o mesmo se sinta deslocado da igreja que tanto valoriza em razão das mudanças. Mais do que isso, Isaac pontua que não é bem integrado, denunciando que os cargos são objetos de privilégios, sendo dificultoso cumprir a chamada de “deus”, já que os homens a quem apelidou de “gravatinhas” dificultam o acesso. Para além disso, o mesmo também pontuou que suas convicções doutrinárias

divergem sobremaneira do que se tem hoje. Isaac critica as alterações regimentais, alertando que os “gravatinhas” prestarão conta à divindade.

Pesquisadora: — *O que foi que motivou o apreço pela AD/MM para congregar a vida inteira nela?*

Isaac: — *É mais sincera, entendeu? É mais cautelosa, ela gera mais bem estar da família e da salvação, do perdão, entendeu? Aí nós foi permanecendo na doutrina bíblica dada pela igreja. Agora tá tudo diferente!*

Pesquisadora: — *O que o senhor apontaria como diferente?*

Isaac: — *Atualmente é muita coisa, você vai ficar até assustada. Primeiro oh moça, é o amor, você ouve na igreja, você ama o seu irmão? Olhe pra o seu irmão e diga que ama. Você ama não sei o que. Isso não existe. Amar é chorar e sentir junto, e a igreja deveria ter. Tem que ter porque é bíblico. Aquela parte dos dizimos, “trazei todos os dizimos à casa do tesouro para que haja mantimento”, não é? Lá em Malaquias, capítulo quatro, né? versículo dez. A questão do dízimo continua, queira ou não que chova ou que deixe de chover, mas não tem mantimento. Falta o mantimento. Eles aponta que o mantimento é levantar prédio. Olha moça, tudo da igreja está escrito lá, no livro da vida e das obras. Eles vão dar conta da doutrina de uso.*

Pesquisadora: — *Me fale mais sobre seus incômodos em relação a doutrina de usos e costumes.*

Isaac: — *Estão remendando a coisa, dizendo que não é pecado as irmãs ou as moças usarem um negocinho transparente ou a roupinha que não seja assim tão indecente pode usar. A bíblia não diz isso não, ele está ensinando errado. Eles estão é citando agora um negocinho de batom roxo, a maquiagem. Assim eles liberaram. É, liberaram, mas na verdade não é a bíblia não manda não, é só doutrina de Jezabel.*

Pesquisadora: — *Existe algum texto na bíblia que o senhor possa citar sobre a maquiagem e vestes?*

Isaac: *Nas cartas de Paulo, o apóstolo Paulo. Olha, vou dá um geral em toda palavra. A bíblia escrita do velho ao novo testamento você encontra aquele versículo dizendo “não terás”, “não farás”, “não virás”, a palavra “não”. Você é professora, entende. A palavra não é pra não fazer. Na bíblia no velho testamento que trata da mulher e do homem, porque abominação é ao Senhor maquiagem. Olha o cabelo lá nas terras do Oriente e do judaísmo, a moça que cortasse o cabelo no caso fosse o que fosse era desclassificada e desconsiderada. Me desculpe, não cortava de jeito nenhum, e quanto a maquiagem é doutrina de Jezabel. A rainha Jezabel, a esposa, a rainha do rei Acabe, ela se pintava toda, se maquiava toda e ficava dando esse negócio de sinal para quem ela iria gostar mais. Aí ela ficava diferente o semblante de tanta pintura e maquiagem. E cabelo, a bíblia não manda cortar cabelo.*

Pesquisadora: — *E sobre a bermuda para homens, o que o senhor pensa?*

Isaac: —*Bermuda não. É um pedaço de roupa. E a mulhé também a mesma coisa. A mulher, ó, você sabe, nós vemos por aí, na rua uma mulher ou uma moça tanto faz com o vestido meio escandaloso. Fica todo mundo assim, né? olhando, principalmente os homens que é assim malicioso. Olha no caso acabou a compostura do vestimento. Na igreja, olha, de primeiro ô moça, a gente via na igreja, as vestimentas eram por aqui, outras era por aqui. As casadas, e as moças aqui, as mangas aqui no cotovelo, né? As casadas, a saia era aqui no final, abaixo do joelho. Era tudo coberto, hoje, me desculpa, quem tem olho vê até as mamas, tá fora do conceito bíblico. Olha menina, é por isso que eu não quero pedir igreja de ninguém. Não vão me aceitar. Você sabe de onde veio essas coisas? Essas mudanças? Do seminário. Do seminário, da teologia. Eles vão dar conta porque a bíblia não manda mudar. A bíblia ela ensina diferente, não é assim com essas mudanças, e isso é só coisa de homem”.*

Pesquisadora: —*Como deve ser a preparação de um líder?*

Isaac: —*Pra pregar e ser líder é a bíblia e a oração de joelhos e obedecer a Deus e amar o próximo, aí Deus dá graça pra tudo e ajuda.”*

Pesquisadora: —*O que pensa sobre o uso da TV?*

Isaac: —*A igreja ela liberou, mas tá errado, porque a pessoa fica embaraçado e confuso e atrapalha um pouco a crença. Não dá para o crente. Os meninos adolescentes no lar, aquela luta de judô. Criança aprende coisa feia. Você já viu aquela programação de jovem, a malhação? Não dá pra jovem. Mas assim essa liberação da igreja é tendo-se o cuidado de escolher as programações. Mesmo assim eu acho errado moça porque tem alguma coisa errada, vai estragando a espiritualidade do crente, a comunhão do crente com Deus, aí é por isso que você chega em algumas igrejas e o pastor chama alguém pra dar uma palavra, aí a pessoa abre a bíblia e lê um versículo, não tem nada pra falar. Tá vazio, tá cheio de outras, coisas home e mulhé e essas coisas procede daí das imagens.*

Pesquisadora: —*Vamos falar um pouco sobre o uso da calça comprida masculina slim e feminina que tem se tornado cada vez mais comum. O que o Senhor pensa sobre?*

Isaac: —*Errado! Pela bíblia tá errado. É só um modelo no caso do home, e no caso da calça pra mulhé não pode existir isso. A interpretação bíblica é que o Senhor Deus ele condena. Ele diz ‘não haverá’, “não é pra ter”, “não é pra vestir”, “trajear” traje do homem na mulher. Tem que ser uma coisa simples.*

Pesquisadora: —*Vamos falar um pouco das saias também, que estão cada vez mais diversificadas em longas, curtas, justas, etc.*

Isaac: —*Tá errado biblicamente. Escândalo. E as vezes são longas, mas são curtas (risos).*

Pesquisadora: —*E sobre os ritmos musicais. Cada vez mais observamos uma variação de ritmos, pagode, forró, Rock.*

Isaac: —*Errado! Deus não aceita não. A igreja, moça, a igreja veio do céu. Não foi numa noite que ele nasceu? Veio milhares de anjos enviados de Deus. Vieram louvar e adorar a Jesus. Tem que ter respeito. Tá tudo mudado. Não tem nada na bíblia. A igreja tem que*



*voltar pra começar tudo de novo pra agradar a Deus, não a homi. É po isso que eu não quero dirigir igreja de ninguém só se fosse minha, um ministério. Não tinha problema de eu fazer algum ministério. Olha, melhor dizendo, eu não sei se você crê, mas eu vou lhe contar e digo a milhares de pessoas. Acreditem eles ou não, mas Deus me revelou tudo em sonho, eu dirigindo um povo, assim eu, sozinho. Eu tava sentado numa pedra dessas pedra dura, alta, aí eu tava assim e eu vi aquela voz do alto do céu: “eu amo a tua alma” e eu dizia: “te amo oh Senhor”. Quando eu acabava de cantar um hino sozinho aí aquela voz dizia “eu amo a tua alma”, aí eu tava bem assim olha, de cabeça baixa e sentado ao sol e veio aquela vara de lá de cima e caía bem aqui. Aí eu segurava quando eu levantava assim a vista tinha tanta da ovelha moça assim na minha frente. Você sabe o que é isso? As ovelhas são as pessoas.*

*Pesquisadora: —Fale um pouco sobre seu ministério.*

*Isaac: — Você sabe por que eu não estou dirigindo? É eles com ciúme. Eles acham que a gente vai tomar o lugar deles. Eu já deveria estar exercendo há anos, mas eles botam pedra.*

*Pesquisadora: —O que eles dizem?*

*Isaac: —Nada, porque eu tenho testemunho. Então aí é uma questão assim de eles colocam no poder quem eles querem. Eu não me encaixo.*

Os fragmentos acima foram selecionados como as principais narrativas de Isaac, que tocam nas questões em torno das preocupações por nós colocadas quanto aos usos e costumes da igreja, que claramente passam a ser uma questão de ponto de vista no decorrer das transformações que passa a AD/MM, como acontece em toda coletividade, num movimento de inclinação que vai de uma coesão grupal para a construção de indivíduos, isolados, dentro do sistema religioso.

As transformações são tão evidentes que, assim como ele expressou, o mesmo se sente “fora”, como se não existisse mais lugar para ele, quase como se a emergência da construção de individualidades dentro do sistema religioso, a partir de sua pressão interna provocasse mudanças na estrutura, nas normas, fazendo com que o lugar não fosse mais reconhecido por ele e ainda, pouco a pouco, nem ele pela própria instituição na atualidade, passando o mesmo a ser destoante para as relações religiosas atuais, no que se refere principalmente, conforme expressou, no que diz respeito à inserção no ministério.

Pode-se dizer que Isaac é um membro “antigo”, que tem em si instrumentos considerados “ultrapassados” para liderar um “rebanho”, e por isso permanece à margem, sem oportunidades e visibilidade no interior da igreja. Isso fica claro quando expressa não concordar com nenhuma mudança, pois caso fosse líder seria ao modo tradicional-raiz, o que

poderia não ser interessante para a igreja, que tem flexibilizado em certa medida o conservadorismo nos usos para evitar a evasão e, ao mesmo tempo, pleitear novos fiéis.

Muitos membros criticam a ausência de padronização. O que é interessante a partir das nossas constatações em campo é que, por mais que os usos e costumes tradicionais sejam considerados ainda um elemento importante pela igreja, as proibições têm perdido o foco. Quando um “indivíduo”, nos termos eliasianos decide utilizar algo rotulado como “desvio”, mesmo se utilizando da negociação, quando utiliza apenas em espaços fora da igreja, ele simplesmente informa a sua individualidade, e parece que ninguém pode ir de encontro a isso.

Mesmo na igreja, é perceptível que “atentar” contra o “indivíduo”, expondo-o a partir de um “erro” ou “pecado” tem desaparecido drasticamente do cenário. Se antes tínhamos um ritual pelo qual o indivíduo, que na verdade era um “eu-nós”, quando de suas falhas, redimia-se voluntariamente diante da coletividade, hoje, temos um “evitar” desses eventos, o que possivelmente tem relação com a perda da força da coletividade, dando lugar agora ao indivíduo, às preocupações em torno dele, quanto a sua imagem e reações emocionais. Um sentimento de vergonha produzido vem à tona quando acontece qualquer exposição pública de algo considerado da esfera individual, deixando claro que o foco atual não é a coletividade, mas o indivíduo.

Nessa mesma lógica os líderes devem atuar para que os membros se sintam bem, acolhidos, para que retornem. Junto a esta lógica que vem se construindo e ganhando força, há ainda aqueles que, assim como Isaac, defendem uma religiosidade que não está a serviço do “homem”, mas de “deus”. A fluidez, a dificuldade de lidar com tantos dilemas que estão unicamente nas mãos dos indivíduos geram esse tipo de necessidade de respostas prontas e o minimamente ambíguas, para poder a religiosidade funcionar como um refúgio às mentes daqueles que buscam um apoio aos dilemas comuns à contemporaneidade (PAIS, 2006).

Na perspectiva de Isaac, exposta na entrevista, o indivíduo não precisa pensar tanto, pois “deus”, através da bíblia já tem todas as respostas de forma “clara”, “literal”, bastando então, obedecer. É um modelo de evangelho que consegue encontrar lugar em Isaac, primeiro, em razão de sua proximidade com os anos de fundação da instituição; segundo, porque o nível de escolaridade, tendencialmente se adequa ao modelo de religiosidade por ele alcançada, já que hipoteticamente, quanto maior a escolaridade, maior seria o nível de criticidade e do espaço para a individualidade. Isto se confirma, comparativamente às condutas de outros membros analisados e que possuem um nível de instrução maior, conforme o leitor verá

adiante. Isaac se inclina a um modelo de religiosidade verticalizada, no qual “deus”, por meio da bíblia “ordena” e os fiéis apenas obedecem, sem questionar.

Durante as entrevistas com Isaac essa verticalização ficou bastante nítida. Note o leitor que na maioria das respostas às perguntas a ele dirigidas, estão presentes expressões taxativas como: “*Tá errado!*”, “*Errado! Deus não aceita!*”. Desta forma, ele sentencia os eventos e inviabiliza qualquer abertura à relatividade, e nas entrelinhas informa ser esta inexistente e não conhecida e reconhecida por ele. Não há o que pensar, não há o que questionar. Os posicionamentos por ele expressos denotam a ideia de verdade absoluta. Quando ele diz “Tá errado! note que é produzido uma sensação de “fechamento”, como se para cada “problema”, houvesse uma fórmula, a resolução de uma fórmula, cujo resultado seria sempre exato.

Foi essa a sensação e o sentimento que tivemos ao entrevistá-lo. A maneira pela qual Isaac elabora o seu pensamento inclina-se para uma abordagem, por assim dizer, exata e absoluta.

Foi curioso entrevistar também a esposa de Isaac, Madalena, uma senhora de 69 anos, integrante do departamento de senhoras e “visitadora”, irmã responsável por visitar enfermos e fiéis que “esfriaram” na fé. Assim como Isaac, criticou as mudanças empreendidas pela igreja AD, e apenas no quesito “uso da TV”, ela titubeou, ao considerar que o fato de poder analisar as programações oferece uma segurança ao cristão, sendo esta mudança relativamente positiva.

Nossa maior curiosidade em relação a Madalena era compreender como ela se sente ao ser “mulher” na instituição, se sentia o peso das proibições, dos interditos. Conforme expressou, a mesma converteu-se na juventude, seguida da conversão dos pais. Ela era uma entre as seis irmãs. Seus pais sempre foram muito conservadores, conforme nos relatou, o que não lhes dava abertura para “experimentar” a vida fora de casa ou da igreja, até quando se casou com Isaac, aos 41, conservando a mesma dinâmica de vida que teve antes de se casar, já que Isaac também sempre foi conservador. Dessa forma, a família passou a ser uma extensão da igreja.

Ao interrogar Madalena sobre a sua experiência como mulher na AD/MM, as palavras “obediência” e “cuidado” estavam quase sempre presentes. Ela dava, constantemente a entender que seu papel enquanto cristã e mulher é “cuidar a partir da oração” e “obedecer a Deus”. Nisto se resumiria a vida de uma cristã. Madalena e Isaac não tiveram filhos.

A experiência sensorial tomar um lugar central na vida de ambos, que acreditam que é a partir da oração que “deus” se revela para os seus fiéis.

Pesquisadora: —*como tem sido sua experiência na igreja e como é ser “mulher” na AD/MM?*

Madalena: —*Assim, orar pelas irmãs. Se tem uma irmãzinha enferma, vamos visitar aquela irmã que está doente ou que está precisando assim de alguma coisa. Ajudar na igreja e principalmente oração, porque sem oração ninguém faz nada!*

Pesquisadora: — *Fale um pouco sobre o que você pensa sobre os usos e costumes da igreja.*

Madalena: — *Assim, eu era jovem. Lá em casa, o papai não queria que a gente vestisse roupa sem manga. Aí a gente se acostumou. A gente não era moça assim, de praia. Era tudo caseiro, porque ele proibia. A gente se acostumou presa.*

Pesquisadora:—*Quem, para a senhora, são membros exemplares?*

Madalena: —*Para ser exemplo tem que obedecer as regras da igreja. Obedecer ao pastor e principalmente a Deus. Não ser uma pessoa relaxada, que anda de qualquer jeito, que não tá nem aí pras coisas, que não obedece.*

Pesquisadora: —*E essa obediência é em relação a que? O que significa obedecer ao pastor e a Deus?*

Isaac: —*É que, olha moça, a biblia diz que na igreja há trigo e há joio, e, vamos dizer, graças a Deus você é trigo, você se veste direitinho, você opta por aquilo que é melhor, mas é lá mesmo no meio da gente que você é criticada, né? A biblia diz que o trigo vai ser recolhido como alimento, mas o joio vai ser queimado. O que Deus gosta é considerado como joio. Óia, repara aqui! Óia, o modo dos enfeites. Isaías, capítulo 3. 17 a 26. Olhe você pode ler, por favor? Aqui desse lado.*

Pesquisadora: —*Posso sim! “Portanto o Senhor fará tihoso o alto da cabeça das filhas de Sião, e o Senhor porá a descoberto a sua nudez, Naquele dia tirará o Senhor os ornamentos dos pés, e as toucas, e adornos em forma de lua, os pendentos, e os braceletes, as estolas, os gorros, e os ornamentos das pernas, e os cintos e as caixinhas de perfumes, e os brincos, os anéis, e as jóias do nariz, os vestidos de festa, e os mantos, e os xales, e as bolsas. Os espelhos, e o linho finíssimo, e os turbantes, e os véus. E será que em lugar de perfume haverá mau cheiro; e por cinto uma corda; e em lugar de encrespadura de cabelos, calvície; e em lugar de veste luxuosa, pano de saco; e queimadura em lugar de formosura. Teus homens cairão à espada e teus poderosos na peleja. E as suas portas gemerão e prantearão; e ela, desolada, se assentará no chão.”*

Isaac: —*Você tá vendo? Tá falando né? sobre esse assunto né? a igreja não deveria em tempo algum se desviar dessas coisas que é a palavra de Deus. Isaías era um profeta e Deus tava mostrando. Deus tava falando através de Isaías.*

A entrevista realizada com Madalena sucedeu à de Isaac. Ele ficou próximo de nós, e em alguns momentos participava, principalmente quando ela pedia que a ajudasse na argumentação. Dava para perceber a tamanha credibilidade dispensada às palavras dele, que como ministro do evangelho, tinha mais habilidade para “embasar” as respostas, conforme ela destacou.

A entrevista com Madalena nos apontou algo importante e por nós ainda desconhecido, mesmo no universo religioso de membros mais velhos. Por várias vezes estivemos refletindo sobre como a dominação às mulheres ocorre por imposição, em um movimento verticalizado, o que normalmente resulta em sujeição, neste caso, a do tipo “mecânica”. Porém, não havíamos ainda nos dado conta que é algo peculiar (mas sem generalizar) às mulheres assembleianas das gerações anteriores, cuja força da coletividade se sobressai sobre o seu eu, produto moderno, o não reconhecimento do peso da dominação exercida sobre elas. Não sentem os efeitos das cobranças. Naturalizaram sobremaneira a dominação que a coerção lhes é imperceptível, daí, a dominação ganha os sentidos de valor e honra, legítimos dentro deste universo. Vale notar a força da explicação durkheimiana do funcionamento dos fatos sociais, que articulam uma internalidade determinada pela exterioridade e a transformação da instituição e sua operacionalidade em uma segunda natureza, percepção posteriormente formulada por Bourdieu em sua discussão sobre o poder e a violência simbólicos. Claro que isso observado na entrevista que fizemos com Madalena não existe apenas na esfera da religiosidade aqui analisada. Todo o funcionamento da vida social se baseia nesse mecanismo de experimentação da imposição enquanto o exercício da natureza e de centro modo da ilusão de uma liberdade individual que se realiza tão mais profundamente quanto mais forte for a coerção social sobre os indivíduos exercida.

Em diversos momentos durante a entrevista, quando questionada se sentia algum tipo de cobrança da igreja de modo desigual aos homens e sobre questões de obediência, Madalena ou recorria a Isaac para que a ajudasse na resposta ou simplesmente afirmava não saber responder. As respostas ficavam para nós, meio insuficientes tendo em vista que ela parecia resumir tudo em “obediência” e não conseguia desenvolver um pensamento individual sobre si e sobre as regras operantes.

Aquilo me incomodava um pouco em meu desejo e visão pessoal sobre o funcionamento da instituição analisada, sendo difícil controlar o mal estar revelado na dificuldade de entender o porquê de não haver em nenhum momento da entrevista com Madalena ocorrido nenhuma narrativa que versasse sobre algum tipo de incômodo, mesmo nos momentos em que Isaac se afastou de nós. Analisando posteriormente a entrevista,

escutando-a novamente e com calma, identificamos que, na verdade, não há uma apreensão dela acerca da dominação masculina. Ela é um “eu-nós”. Seria, na verdade, estranho se ela a identificasse, já que na verdade seu *habitus* se constitui no “grupo”, inviabilizando um olhar de si, de modo periférico. Sua inserção no sistema cultural da igreja não a moldou para o questionamento, não a configurou, não a “programou” para reconhecer o peso da dominação, assim como um computador reconhece aquilo para o qual foi projetado.

A ausência de experiência além do espaço da igreja, a coerção do pai, mantiveram Madalena encerrada em um ciclo homogêneo, duro, e em razão disso, não se identificam desprendimentos consideráveis e que indiquem que um “eu” independente do que recebeu enquanto sua natureza segunda se forjou nela. Isso ficava claro a cada vez em que fui à sua casa, já que estava vivendo dentro de um polo familiar que me dava acesso direto a ela. Por vezes, Madalena e Isaac estavam dentro de casa e eu escutava da casa conjugada de uma de suas irmãs os sons de “aleluia”. As vezes apareciam repentinamente lá, sinalizando sua chegada pelos pensamentos altos que eram constantes: “glória”, “aleluia”. O arquétipo do “nós-sembleiano” era constantemente mobilizado, fazendo parte, constantemente, de sua vida e da de Isaac, pois são, na verdade, suas próprias vidas.

Durante a entrevista com eles, me senti grata por estar com trajes formais e sem maquiagem, com exceção do brinco que julguei não precisar tirar. Diante de membros da AD do tipo de Isaac e Madalena, um decote ou uma saia acima do joelho, ou mesmo um batom, são considerados ofensivos.

Cada vez mais, a partir da experiência do polo familiar, nos dávamos conta de que os nativos demonstravam maior abertura quando nos trajávamos semelhante a eles. Denotava respeito a eles e ao ambiente. Por essa razão, ao identificar essa forma de funcionamento, estrategicamente, resolvemos nos enquadrar, para que se ampliasse o nível de abertura do campo.

Durante a entrevista Isaac por vezes pedia-me desculpas ao citar algo que considerava “pecado”, pois sabia que eu não era um deles, entretanto, tentava contornar quando dizia —*você até que se veste direitinho!* Essa situação revelava o quanto, assim como eu, eles também eram afetados por minha presença, o que exigiu de mim ser mais “comedida” em meus trajes e apresentação de mim.

O cuidado de não utilizar trajes, acessórios e pinturas consideradas “profanas” às pessoas e ao ambiente durante o período no campo acabou por afetar meu íntimo. Era estranho para mim ter que guardar, mesmo que por um tempo, os trajes com os quais eu passara a me identificar, preservando apenas os “menos” ofensivos aos nativos. Essa medida

estratégica que fui naturalizando soava como se a minha liberdade, por hora, estivesse enclausurada. O peso de estar diante de assembleianos tão “antigos” denotava-me a sensação de estar diante de tipos de sujeitos que podem ser definidos pelas novas gerações enquanto ‘desviantes’. Muitas vezes tive a impressão de estar tendo acesso a pessoas de uma época longínqua. Aos poucos fui tendo evidências de que esses tipos assembleianos nos quais o “nós” opera tão poderosamente talvez estejam passando a ser raros, do ponto de vista da linearidade e verticalidade com que expressam suas condutas.

Analisaremos agora, a experiência religiosa de Eliabe, um ex-obreiro e professor de Escola Bíblica Dominical (EBD) que possui formação superior em Gestão da tecnologia da informação. Ele é filho de dona Teresa, uma senhora de 61 anos, de baixa escolaridade e que se converteu ainda na adolescência. Por termos vivido durante todo o trabalho de campo na casa de Eliabe, que se tornou um mediador ao acesso a outros membros, por observação, identificamos que sua mãe demonstra pensamentos e comportamentos bastante convergentes com o núcleo duro da igreja, assemelhando-se o seu comportamento ao de Isaac e Madalena. Ele é da mesma geração de Madalena. Possui 62 anos e teve como o ápice dos estudos escolares o equivalente ao atual ensino fundamental inicial.

Assim como o casal, ela não concorda com as mudanças realizadas no regimento e considera que o “evangelho” atual pregado não é “sadio”, conforme expressou. Como exemplo, chegou a verbalizar que assembleianas que usam calça são “crentes fajutas”. Por razões de ordem pessoal ela se recusou a nos dar uma entrevista.

Tendo sido moldado por um tipo de religiosidade ortodoxa, mas nascido na década de 80, Eliabe cresceu no momento histórico cujas discussões sobre o afrouxamento nos usos e costumes eram intensas, tendo sua expressão máxima nos anos 90, mediante a intensificação do pluralismo religioso no Brasil.

Eliabe, durante a adolescência e juventude não sentia tanto o peso de questões mais objetivas como são os trajes, com exceção do uso de bermuda, que gostava de usar, mas por ser assembleiano, negociava o uso. Algumas questões o incomodavam, principalmente quando da descoberta de sua sexualidade na puberdade. Isaac, por não ser ainda casado na época não havia iniciado uma vida sexual. Foi então que iniciou a prática da masturbação, considerada um tabu pela AD/MM. Isaac devia, não somente manter-se casto, mas também não podia tocar seu corpo. Segundo ele, instalou-se aí um conflito.

Em um determinado momento, ainda na juventude, tornou-se o que chamou de “um mastubardor compulsivo”, rompendo ainda, posteriormente, o interdito que ampara a virgindade. Nessa época, apesar de ter infracionado as regras da instituição, Eliabe ainda

pensava-se por meio do “nós” assembleiano. Para ele o mais importante era redimir-se diante do seu principal referente, a igreja. Foi aí que, quando cometida a prática da masturbação, Eliabe resolveu confessar-se ao pastor, que logo o disciplinou, o afastando das atividades da igreja.

*“Eu sofri, Noélia. Sofri muito. Eu pedia perdão a deus querendo me libertar. Pra mim eu tava cometendo um erro horrível. Eu procurei o pastor e disse a ele.”*

Eliabe corre para o seu referente, o nós, como numa tentativa de restituir-se subjetivamente enquanto nós, enquanto aquele que deseja regenerar partes perdidas, apagando as máculas. Nesse momento, Eliabe não tinha consciência de si, não do ponto de vista da construção de sua individualidade, que já manifestava-se na prática pelos impulsos. Quase em lágrimas, expressiu a frase acima. Foi aí que senti o peso da tentativa e fracasso da repressão em seu corpo, em seu semblante. Aquilo havia se tornado um trauma. Mesmo após romper com um pensamento conservador nesta área que lhe afetou diretamente, Eliabe continua a viver um drama relativo a mesma área, pois segundo ele, casou-se com uma mulher “religiosa”, e por assim ser, não consegue realizar de forma plena os seus desejos sexuais. Práticas como sexo oral, o sexo anal é tabu em seu casamento, por serem consideradas pela esposa como práticas de uma prostituta, conforme expressou, lamentando. Até mesmo a prática do “beijo colado” é ainda uma luta travada para a sua consecução.

Além dessas questões, também costuma se sentir reprimido pela mãe e esposa por gostar de praticar corrida. Em geral, costuma sair escondido, sem avisar ou quando a esposa não está em casa. Também gosta de falar com alguns vizinhos sobre futebol, o que também é visto como negativo pelas duas.

Eliabe teve a presença de seu pai até a adolescência. Após isso, passou a ser socializado, no ambiente familiar pela mãe, tia e sua irmã mais velha, o que segundo suas falas, pareciam exercer dominação e controle sobre ele, da mesma forma que notamos também um grau de sujeição dele em relação à esposa, que parece liderar o lar em maior grau em relação a ele.

É somente após os trinta anos, e já casado, conforme relatou, que decidiu estudar a bíblia e outras vertentes teológicas por si só, sem a interferência de um líder assembleiano, o que lhe dotou de uma visão crítica sobre algumas práticas sexuais, hoje não consideradas pecado, e ainda sobre o dízimo, que afirmou não ser de acordo. Sobre isso, Eliabe continua “devolvendo” o dízimo por vontade da esposa. Antes disso, seu olhar interpretativo era orientado pelos pastores que passavam pela igreja em suas gestões.



Eliabe aponta que quando decidiu estudar a bíblia por conta própria foi se redescobindo e se desprendendo do que denomina “religiosidade”. Nesse momento parece narrar uma experimentação da religião, de fora, onde agora passa a ser protagonista e de um nível de desprendimento do núcleo duro. Isso fica nítido quando desconstrói algumas questões que antes eram consideradas por ele “pecados”, como no caso das questões sexuais e do dízimo, onde suas percepções se encontram modificadas.

*—Antes eu “engolia” tudo que os pastores falavam. Hoje eu não engulo mais!*

Queremos apontar para o fato de que, embora Eliabe tivesse realizado práticas rotuladas pela igreja como “desvios”, suas concepções ainda eram movidas pela estrutura do “nós” assembleino, o que o fazia sentir culpa pelas “transgressões” praticadas.

Eliabe percebia seus impulsos, mas anteriormente considerava legítima a repressão deles, incluindo a possibilidade da esposa se liberar para práticas sexuais mais diversificadas e a correção pela igreja. Apesar de querer, considerava que sua esposa estava correta nas interdições, o que o fazia pensar que ele estava em corrente pecado.

No capítulo em que falamos sobre a “dominação masculina”, citamos alguns incômodos de Eliabe, que segundo nos relatou, passaram a ser existentes após uma chamada “libertação da religiosidade”. Incômodos que são existentes, mas que são ainda reprimidos por receios de rupturas que o enfrentamento a eles pode causar dentro da conjuntura na qual se insere. Dessa forma, tornou-se um assembleiano avesso ao assembleianismo nas questões citadas. Não as torna pública. Dessa forma, direciona-se para algumas “linhas de fuga” no intuito de lidar com a força de suas desnaturalizações. Dessa forma, já que não se considera realizado sexualmente, consome pornografia e continua praticando a masturbação; já que não concorda com o dízimo, se cala diante da esposa e apenas entrega o dinheiro, buscando pensar que apenas cumpre um combinado com ela, mas sem valor simbólico.

O “despertar” para uma consciência de ordem individual tornaram as práticas anteriormente rotuladas por ele como “desviantes” um mero “ponto de vista”, o que expressa a força da individualidade construída, separada de um “nós” que o fazia sofrer e sentir contínua culpa. Em contrapartida, o mesmo Eliabe preserva ainda a ideia de que sexo antes do casamento é pecado. O rito de passagem continua sendo importante, mas, ao mesmo tempo, hesita quando considerou ser a experimentação importante, mesmo antes do casamento, no intuito de se ter certeza se haverá satisfação.

Analisamos que a polarização demonstrada no diálogo de Eliabe reflete movimentos de desprendimento incompleto, onde se acham linhas restantes conectadas à base do núcleo

assembleiano e a parte da camada em desprendimento, o que o faz oscilar no momento em que é questionado sobre o assunto.

*Pesquisadora: —Considerando que você tem filhos, você é a favor ou contra o sexo antes do casamento?*

*Eliabe: —Eita, agora você me pegou! Sou. Bom, mas, bom... hum.. é importante saber o desempenho da pessoa né? falaria pra minha filha fazer, se ela quisesse, mas usar preservativo.*

Assim como já expomos em outro momento do texto, o mesmo Eliabe que a partir da construção de uma experiência religiosa à margem da igreja desnaturalizou a marginalização das práticas mencionadas, performatizava, em outros momentos, um assembleiano conservador, com elementos e argumentos semelhantes aos de Isaac.

*Pesquisadora: —Observei que sua filha pediu pra cortar uma franja e você disse “não”. Fiquei curiosa. Por quê?*

*Eliabe: —É que a franja deixa sensual.*

Nesta ocasião eu estava presente. A esposa de Eliabe argumentou para a filha que a franja estragaria o cabelo e só poderia ser cortada quando fosse atingida a idade adulta. Percebi que Eliabe e a esposa estavam tentando justificar a proibição, mobilizando diversos argumentos “criados” no momento do conflito, o que me fez querer entender mais sobre a interdição levantada por eles.

As proibições são constantes dentro do polo. Por vezes notava que Eliabe, na dimensão da ação com os seus se mostrava com um perfil bastante diferente do evidenciado na entrevista. Revestia-se de maior conservadorismo, nitidamente performatizado pela presença da esposa e as vezes da mãe, que lhe impunha coerção. Por outro lado, eu precisava entender como a esposa de Eliabe construía o seu pensamento sobre o desvio, pois me soava complexo, já que ela mesma usava franja e calça.

Ní nive, esposa de Eliabe tem 36 anos e foi criada em um lar evangélico. Sempre participou de igrejas Pentecostais. Na infância, fez parte da igreja de Cristo Pentecostal no Brasil, e logo depois, da AD/MM em Benedito Bentes I, onde ainda reside. Formou-se recentemente em serviço social e, na igreja, é violinista da orquestra.

Em nossa análise, ela é um “tipo” assembleiano desprendido, em certa medida, do núcleo duro, porém pudemos identificar que a forma como ela elabora os argumentos sobre as práticas que considera “exemplar” ou “desviante” acaba adquirindo em seu discurso uma conotação similar de conservadorismo.

Analisando seu perfil, é como se estivéssemos diante de uma conservadora da época atual na qual evidenciamos mudanças, em um processo de reinvenção de si, expressos pela

valorização da ciência e argumentação consistente das pregações, pela negociação do uso da calça e da franja, pelo reconhecimento e legitimidade das mudanças em relação aos usos — muito embora justifique que “as proibições por décadas eram uma proteção a mais em relação à modernidade”, que aparece, ao ser mencionada, com sentido negativo, que contrasta com o modo como lida com os valores, no trato com sua família.

A postura conservadora fica clara, quando, por exemplo, fala com desagrado sobre a associação que considera existir entre o universo da música e a influência da moda nos membros, pontuando que os músicos, mesmo os assembleianos “se deixam levar”, “se modificam para parecer com os músicos que são do ‘mundo’”.

*Nínive: — O mundo da música geralmente é assim: pra atender ao público eles se vestem diferente, às vezes falam diferente. Isso eu acho eu acho que eu acredito assim que pelo que eu percebo, o pouco que eu tenho conhecimento assim mesmo antes de entrar na orquestra, eu percebo que a música ela envolve, a música ela chama atenção, a música ela tem algo assim, muito assim atrativo, e ela tem isso, né? Aí eu percebo assim que quando é o músico, ele, principalmente os cantores, né? Eles adotam o estilo pra chamar a atenção do público. Então muitas vezes os que são fãs, eles acabam é querendo se vestir da mesma forma, eles acabam querendo, sabe, falar as mesmas coisas, entende?*

No trecho acima, Nínive discorre sobre atrair novos fiéis seguindo critérios que ela considera “mundanos”, equiparando-se a igreja com o chamado “mundo”. Sua preocupação se volta para a perda da essência assembleiana, que deve expressar a valorizada “diferença” frente a esse “mundo”. Nesse ponto, mesmo tendo a vivência da música, Nínive, quanto às práticas de usos, busca se posicionar “fora” do grupo, tendendo a observá-lo e criticá-lo como se fosse “de fora”.

Chamou-nos a atenção quando, durante a entrevista, expressou:

*Nínive:—Eu sempre escuto que há uma diferença entre louvar e cantar. Eu sempre escuto na igreja, assim que música é louvor. Louvor pra quem? Então assim, música dentro da igreja é algo assim diferenciado.*

*Pesquisadora: — Então o que você considera problemático?*

*Nínive: — Essa mudança eu acho problemática. Assim: os músicos da igreja querer adotar as posturas, as vestes, o linguajar dos músicos do mundo. Eles tão ali pra chamar atenção e tem a questão do mercado, né? Eles têm que vender, então acho problemático os músicos da igreja se comportarem igual.*

Em outro momento, Nínive criticou:

As igrejas hoje, com a modernidade, têm umas músicas boas, músicas assim que têm mensagem, têm mensagem bíblica e outras não, é mais assim falando só de si mesmo, exaltação a si mesmo.

No trecho acima, Nínive se refere à um tipo de religiosidade e “adoração” que se volta ao indivíduo, às necessidades desse indivíduo, ao pedido e clamor por bênçãos. Do ponto de vista de Nínive, o indivíduo está se colocando no centro, quando, segundo ela, o centro “deveria ser deus”.

Nesse ponto, ela encarna o tipo assembleiano tradicional, defendendo que o “eu” deva ser suprimido em razão daquilo que acredita e que se materializa a partir da sua experiência religiosa na AD/MM. Veremos a seguir que a sua posição geracional permite a ela um processo de ressignificação fazendo-a aderir a certos usos considerados pelos tradicionalistas como “desvios”, mas dando aos mesmos um tom de conservadorismo e tradicionalidade.

Nínive utiliza argumentos lógicos, similarmente encontrados nos discursos de Isaac e Madalena. Mas, apesar disso, é como se Nínive estivesse localizada exatamente no meio de duas zonas, em um ponto a partir do qual ela tenta extrair de cada uma das posições extremadas a melhor forma de se viver, “retendo apenas o bem”, conforme pontuou, como se tentasse apenas “sobreviver” dentro das mudanças que afetaram a igreja, tentando, para este fim, construir um pensamento lógico.

Quando questionada sobre o uso da calça comprida, a ambiguidade aparece, na medida que ela estabelece limites territoriais e estéticos de uso. Para ela, é preciso identificar onde e como usar uma calça comprida. O seu uso vem acompanhado com uma argumentação de base lógica, a qual demonstra o fluxo da construção de sua individualidade, que é costurada pelo apego às raízes da AD/MM, ao que viveu desde sua infância.

*Nínive: — Sim, se eu vou usar é porque é um avanço e vai trazer um benefício pra todo mundo. Agora tem cor, isso muda, o microfone muda, um aparelho que era assim muda, é uma roupa que era desse modelo muda. Agora o que não muda são coisas assim que e o que a gente não aceita que a igreja não aceita é que tem coisas que não podem mudar, são leis naturais e fixas e querer mudá-las seria como mudar a as leis da natureza. Então, é mais a questão das leis naturais de Deus, as leis fixas. As vestes de homem são vestes de homem, e vestes de mulher, são vestes de mulher. Querer mudar isso é querer inverter papéis, inverter e isso é querer mudar.*

*Pesquisadora:— Quais seriam as roupas de homem e quais seriam as roupas de mulher?*

*Nínive: — Olha, não, porque uma saia na nossa cultura é de mulher. É porque não é na verdade assim: a calça não era considerada roupa de homem, né? Só que...Só que eh existe uma calça de homem e calça de*

*mulher. Então a calça de homem ela tem um padrão mais folgadoinho, mais aquele alinhado assim digamos daqui pra baixo mais solto assim...E a calça de mulher ela é um pouco mais justa. Mas, assim, é, mas existem calças de mulher que são muito justas e que, tá, eu não condeno a calça, eu uso. Não condeno, mas assim, só que assim.. às vezes eu uso e fico dependendo da blusa porque às vezes eu poderia usar uma blusa mais comprida que eu acho que o sentido é esse: não marcar demais e não chamar atenção.*

Nínive faz uso da calça, mas apenas para ir ao trabalho, o que não considera um problema, tendo em vista que defende seguir o princípio do “pudor e modéstia”, como defendido pelo pastor líder da AD/MM na palestra que ofereceu aos membros, citada acima, neste trabalho.

O grande problema “dito” nas entrelinhas é o expressar da sexualidade. Em vários momentos da entrevista Nínive faz parecer que o corpo deve ser escondido. O “exagero” mencionado sugere que ela considera errado o uso de calça comprida quando mostra muito o corpo, já que se deve “esconder” o corpo, principalmente o da mulher, que seria o agente responsável por despertar sensações consideradas pecaminosas.

*Nínive: — É, eu acho que a mulher ela tem essa, é..., a mulher ela tem essa parte mais de digamos assim, o corpo da mulher é bonito, ele chama atenção por causa dos atributos, né? Que ela tem e tal. Às vezes umas cheinhas, umas mais magrinhas. Eu acho que pra num cair num, num né? Num problema assim, talvez, constrangedor, é que eu acho que nunca se liberou a calça. Aliás essas coisas, essas coisas não são ditas mas assim eu acho que as pessoas, eu acho que as pessoas também têm que ter bom senso, daí é só ver o tipo de roupa, né? Mas as pessoas são livres, né? Pra usar o que quiserem.*

Na perspectiva de Nínive, o corpo, quando exposto constrange. Ela considera que ele precisa ser escondido. Ela alude à produção do sentimento de vergonha, construindo assim uma percepção negativa do uso de calças justas. Para ela, a depender do “formato” do corpo, torna-se um desvio. Além disso, observe o leitor que mais uma vez encontramos uma tentativa de compreensão e justificação dos mecanismos da imposição estrutural, da instituição, como que a partir de um olhar “de fora”. Ao longo da entrevista ela vai construindo as razões pelas quais permanece na AD/MM, os modos pelos quais ela vai produzindo sentido para suas ações, suas escolhas.

*Nínive: — As mulheres... eu acho que é natural da mulher, ela tem aquela vaidade, ela tem esse traço de querer sempre mais. Eu acho que seria problemático liberar calça na igreja, eu acho; eu acho que talvez seja por isso que ainda não seja permitido. Por que assim, de repente vai chegar uma mulher com a calça bem apertada e assim, engorda, emagrece. Então, assim, eu acho que é por isso que a saia é melhor.*

Para Nínive, é a calça apertada, a que delinea o corpo, o problema. Dessa forma, considera que as mulheres não devem usar calças apertadas nem esmaltes escuros. —*Eu acho que é o esmalte, eu acho que o exagero é o esmalte escuro*—. A ideia é “nunca” chamar a atenção de outros, especialmente dos homens.

Para Nínive seria um erro usar calça no interior da igreja, embora saiba que isso não é mais regra na igreja sede da AD/MM em Maceió, localizada no bairro do Farol. Nessa igreja a proibição da calça não é expressa no regimento interno, mas figura como um item das normas informais.

Nessa mesma perspectiva, é tomada por Nínive a defesa do tradicionalismo, rejeitando a mencionada “modernidade”, mas utiliza linhas de fuga no momento em que usa esmalte “branco”, um corte de cabelo com franja, esta posicionada de forma “lateral”, que para ela é bastante diferente da usual “franjinha”, por ela rejeitada, por julgar “engraçada” se usada por mulheres adultas.

Ao mesmo tempo que rompe em alguns pontos com a tradição, ela produz pequenos tradicionalismos às suas práticas, justificando pertencer a uma geração distante dos primórdios da AD/MM em que as “irmãs” não cortavam o cabelo e não usavam calça.

O discurso de Nínive se modifica no momento em que sua filha pede algo que está se tornando comum na instituição, no caso, o uso da franja. Ela determina que sua filha use o cabelo longo, ainda bastante valorizado na igreja, sem franja, use vestido abaixo do joelho, onde costuma mandar sua sogra, a mãe de Eliabe emendar uma bainha a mais, tornando o vestido mais “composto”, além de sempre pedir para folgar os vestidos que, vez por outra, ganha de parentes.

Nas lojas populares de *shoppings*, nos deparamos com a dificuldade de Nínive encontrar algo para a filha, pois as seções de vestuários não fabricam peças do tamanho que julga ser melhor para a filha. Analisando essas tentativas, já que pudemos observar de perto, é como se tentasse impedir que novos padrões se instalem em sua família, já que valoriza a tradição, a precisão, o controle e a disciplina. Isso fica claro no modo como constrói seu raciocínio, com base em critérios lógicos.

A exemplaridade para Nínive, onde encontramos elementos novos, como o uso da calça, franja “lateral” e esmalte “branco”, ao mesmo que se torna um ponto de vista, isto é, relacional, reconhecendo a disparidade com que se desenha os usos e costumes entre as gerações, impõe a força do conservadorismo, de elementos antigos de seu núcleo duro, por

exemplo, a noção de “exagero”, tornando o que compreende por “não exagero” uma doutrina a ser seguida a partir de um instrumento de medida, o pudor.

Note o leitor, que Nínive, neste aspecto, o das mudanças empreendidas por ela a partir da aglutinação de três práticas, uso da franja lateral, o esmalte branco e calça comprida utilizada no trabalho, afasta-se do núcleo duro, expressando a construção de sua individualidade a partir do desprendimento deste núcleo, em contrapartida, ressignifica o “novo”, o que seria “desviante” para os moldes tradicionais e conservadores, como se afirmasse a legitimidade de uma nova tradição. Como se afirmasse que as mudanças verificadas na sua geração não foram mudanças, mas a mesma tradicionalidade expressa em outra época, de modo diferente. Essa divisão fica nítida a partir da ciência por ela mencionada:

*Nínive: — Então assim, se lá não é pecado eu não vou julgar, se existir senhoras na minha igreja que elas são antigas e elas só usam blazers, saias de linho, aquela coisa bem, bem fechada eu não vou desrespeitar, né? Vou respeitar. E elas me respeitam. Agora aquilo que chama atenção eu acho a igreja ainda cai em cima. Porque tem muitos irmãos que preservam aquelas roupas. Tem muitos irmãos, principalmente as senhoras. Elas usam as roupas mais de antigamente.*

*Pesquisadora: — Você se sente desviante nesse aspecto?*

*Nínive: — não! mas, geralmente eu uso uma manguinha. Mas veja, eu na igreja me encontro com essas irmãs. Elas se encontram comigo. Eu não uso as roupas que elas usam, até porque a gente também tem que ver as idades, né? Às vezes independente de religião, eu num vou me vestir como uma criança. Criança não vai se vestir como adulto; uma senhora não vai se vestir com uma jovenzinha, geralmente tem mudanças. Por exemplo, na época dessas senhoras, na época em que elas começaram a vestir as roupas, elas eram jovens ainda e elas preservaram. Há uma época que os homens usavam boca de sino, veja, é nessa linha, o que eu tô tentando defender. Há uma época que você olha pras fotografias você vê homens com aquelas calças tudo boca de sino e outras épocas já tinha calça assim Coronha se o homem for pegar com uma roupa dessa é estranho porque as coisas evoluem. Então assim, a moda influencia todo mundo, não só a igreja. A igreja tem que sobreviver. Então assim, questão de sobrevivência. É, se for manter o padrão antigo a igreja não sobrevive. É porque o padrão antigo não é um padrão só da igreja, se você olhar as mulheres de antigamente, é o padrão de todo mundo.*

Nesse ponto específico, o afrouxamento comentado por Nínive se relaciona com ela se sentir “autorizada” pela época a utilizar um tipo de vestuário com um tom mais “leve”, de modo que as “irmãs” da igreja sejam capazes de identificar as diferenças entre as gerações e seja mantida a harmonia, o equilíbrio na convivência, já que de ambos os lados, busca-se preservar as concepções coletivas de pudor, também na maneira de se vestir. Com isso, a

defesa de que a igreja não impõe modelos, impõe a compreensão, o sentido de “como” vestir-se. É isso que Nínive defende.

Em algumas ocasiões, na tentativa de explicar seu desagrado com a franja, esta posicionada para “frente”, Nínive utiliza como instrumento decisório a noção de “função”, de “necessidade”.

Pesquisadora: — *Você considera o uso de franja, pecado?*

Nínive: — *Bom, pelo menos eu na minha visão eu acho um pouco engraçada. Tem uma irmã que tá enferma né? Ela usou. Ela deixou porque ela teve um problema de saúde, parece que o cabelo dela caiu, ela cortou, mas parece que cresceu e agora ela tá sem franja. Mas, pecado não, eu acho engraçado.*

Conversando com Nínive, encontramos um nível de criticidade. Ela é capaz de comparar contextos históricos em relação ao vestuário, o modelo das pregações, escolher o que vai ou não vestir segundo critérios individuais. Todavia, ao seguir a lógica do “certo” e “errado” propostos institucionalmente, a experiência religiosa por ela vivida termina tendo pouca margem para a negociação. Ao mesmo tempo que a noção de pudor construída e defendida pelo pastor traz criticidade, argumentação e racionalização, por outro, por definir critérios rígidos, acaba por, de certa forma, determinar o modo pelo qual, principalmente, as assembleianas devem se trajar.

Analisando fragmentos da entrevista com Nínive, escolhidos para tratar da construção do “desvio”, de como ela constrói seu discurso em torno da questão dos usos e costumes, nos levam a pensar sobre a existência de uma experiência religiosa assembleiana com desprendimentos parciais de camadas de *habitués* religiosos disponíveis na AD/MM. Observamos a existência de “fios” e “elos” que unem Nínive diretamente ao núcleo duro da igreja. Nos referimos a “fios” e “elos” em razão do fato de que a geração de Nínive se encontra em uma liminaridade, pois diferentemente de Isaac e Madalena, constrói sua experiência religiosa marcada pelo protagonismo individual, embora haja a presença de um grau considerável de conservadorismo.

Ao mesmo tempo que ela passa a se perceber enquanto indivíduo, relativizando alguns usos e costumes, demonstrando a dimensão relacional do *desvio*, no que tange às vestes e outras mudanças ou inserção de novos elementos no sistema cultural da igreja, sendo de uma geração mais nova do que a do casal supracitado, apresenta mais empoderamento pessoal em relação às “irmãs” mais velhas. Ao mesmo tempo em que ela sustenta as preocupações com o “esconder” o corpo historicamente encontradas na AD, elogiando ainda o disciplinamento dos



corpos, adota comportamentos que se aproximam dos observados entre jovens entrevistados, de idade média de 20 anos.

A posição institucional de Nínive pareceu pouco influenciar suas ideias, a não ser quando ela pensar suas divergências em relação aos perfis localizados dentro do universo musical da AD/MM, marcando sua posição de não “contaminação” com a tendência de adesão a elementos “mundanos”, mesmo quando utilizados para fins proselitistas.

Seu nível de escolaridade parece inseri-la numa disposição para a racionalização e criticidade, para pensar suas práticas e as de outros membros sob a chave do questionamento, construindo uma experiência e pensamento de nível complexo, distando da “simplificação” e concepção marcada pelo fechamento e “exatidão” presentes nos discursos de Isaac e Madalena, que possuem apenas o nível fundamental de escolaridade.

*—Eu sei que tem coisas que da palavra de Deus que é mistério, só Deus no por vir se ele quiser ele revela, né? É. Mas assim, eu tô satisfeita com a igreja porque atualmente por conta dessa questão de que tá havendo o ensino da palavra de Deus, e eu acho que não precisa ser... ah eu só vou entender a palavra se eu for formado, e eu também não preciso assim, é... me desviar só porque eu tô estudando, me formando. Eu vejo que às vezes tem até debates mesmo da categoria da minha profissão. Tô perto de te concluir, mas ainda não fechei. Ainda tô nos detalhes finais do trabalho. Mas às vezes você se vê tão encurralada em alguns debates que é como se a gente tivesse que abrir mão da própria fé pra poder seguir a profissão entende? Sei. E a profissão que eu segui é... na realidade eu não escolhi diretamente essa profissão, eu eu entrei na faculdade por conta da música... eu queria música. E eu não queria música pela questão profissional, né? Só que eu acabei em outro curso. Então, hoje eu entendo que esse curso não tem nada a ver com caridade. É, tem a ver com política pública. A caridade é da pessoa, de um grupo de pessoas e a igreja também pode participar. Certo. Né? Mas a política tá envolvida no direito. No direito das pessoas. Então assim, eu consigo ver isso, eu consigo separar, mas às vezes eu não consigo entender porque eles querem, é como se fosse uma imposição, mas eles querem que a igreja se acabe... é, não são todas, né? Mas é a igreja ou algum outro tipo de instituição? Eles falam muito dos cristãos... eu num preciso me formar pra me desviar. Pra que isso?*

De modo diferente ao encontrado nas entrevistas com Isaac e Madalena, cuja experiência religiosa é mais previsível, mecânica, do tipo, “deus manda e eu obedeço”, Nínive tende a pensar logicamente sobre sua própria experiência, dotando-a de um conservadorismo que, para ela, possui racionalidade e por isso dá sentido à existência, tanto que, enquanto mulher, não se percebe em desvantagem do homem. Talvez exercer dentro de seu lar um papel de maior liderança em relação a Eliabe, tendo uma trajetória marcada por uma submissão feminina, aliada ao fato de que sua criticidade começa a ser formulada após os trinta anos de vida, após sua graduação, e em virtude de decepções com a igreja, fator responsável por seu desencanto pela consecução de cargos, vistos hoje como irrelevantes à

sua experiência de vida e trajetória, na trajetória de Nínive as rupturas convivem com as continuidades, diferente do que observamos nos próximos três casos que analisamos.

Em nossa análise levamos em consideração as trajetórias e os contextos específicos por entender que as estruturas, ao mesmo tempo que influencia, é pela ação dos atores sociais influenciada. As individualizações são produtos de uma engrenagem processual que altera a disposição e o posicionamento dos indivíduos dentro de sistema em que se localizam.

Da geração de Isaac e Madalena, para a de Eliabe e Nínive, notamos cisões evidentes, marcando a emergência/maior força das individualidades dos segundos em relação aos primeiros, que são modelos ainda existentes e menos propensos, tendencialmente, a desenvolverem uma relativização do que se considera “exemplaridade” e/ou “desviância”. O mais comum, é encontrarmos nos perfis da geração da qual fazem parte o primeiro dos casais supracitados pensamentos estabelecidos, “exatos” e bastante “previsíveis”.

A própria “tolerância” e assimilação de novos usos por atores da geração mais antiga atualmente ainda presente na AD/MM, geram, quando ocorrem, uma associação desqualificadora entre idade, sexo e eventuais casos de performatização de condutas construídas pelos mais próximos do modelo originário como “desviância”, como na frase que escutamos em alguns diálogos entre irmãos mais velhos: *“Tão velha, em vez de se vestir direito!”*

Observamos entre os mais jovens uma tendência de maior “autorização” a cometer certos desvios nos trajés, por exemplo, muito embora são também cobradas pelas lideranças das congregações locais, mais forte quando se tratam de igrejas de bairros periféricos, tanto no que se refere ao imaginário dos membros que exercem uma intensa vigilância mútua, quanto ao fato de nelas atuarem pastores cujos perfis apresentam menor flexibilidade normativa.

Nas congregações da AD/MM de bairros periféricos de Maceió, observamos margens menores para a ‘desviância’ em geral e também quando consideramos os jovens, se comparadas com a igreja sede.

De modo tendencial, entre os jovens entrevistados encontramos um processo de individualização mais intenso do que entre os irmãos mais velhos entrevistados, bem como uma disposição para “ignorar” as “perseguições”, — *ainda bem que a gente não tá sozinho!* — mesmo “sofrendo” com os conflitos provenientes do embate com o modelo hegemônico dos usos e costumes na AD/MM, conforme veremos no que diz um casal de jovens que entrevistamos, os quais passamos a analisar.

A princípio, analisamos a partir dos dados de campo, que a emergência das individualidades que acaba pondo em cheque os padrões ortodoxos da igreja, que corrobora para a dinâmica de relativização do que seria “desvio”, tornando este um mero ponto de vista, ocorre de diferentes formas, segundo os distintos processos de socialização e das distintas especificidades das trajetórias.

Nos caso específico das juventudes da igreja, definidas na igreja como a fase anterior ao casamento, considerado um rito de passagem para a idade adulta, do ponto de vista empírico, o “lugar” ou os “lugares” onde o indivíduo está situado oferecem zonas de abertura ou “tentativas” de fechamento ao pleno desenvolvimento e expressar das individualidades, no sentido de permissividade ou “tentativa” de bloqueio.

Algumas variáveis são latentes nesse quesito, como o perfil da família dos jovens. Em alguns casos, a família exerce poder coercitivo para o direcionamento socializador impositivo à padrões mais rígidos do que os da congregação quando gerida por um pastor “flexível”; em outras ocasiões, a família é extensão da igreja que se reveste de autoritarismo.

Pode ainda acontecer de haver perfis familiares não seguidores fidedignos dos padrões ortodoxos, demonstrando assim, uma margem de autonomia e maior expressão da individualização pelos membros, impondo-se, afirmando-se perante a coletividade, um “nós” familiar versus um “nós” Assembleia de Deus, funcionando ambos, de forma quase que dissociada.

*No meu caso eu não vejo nem tanto que é tipo a igreja que está fazendo, entendeu? É mais a minha família que é dessa forma. Porque eu vejo pessoas na igreja que elas usam numa boa batom pra ir à igreja. Vão de maquiagem. e, tipo, lá fora usam as roupas que querem, entendeu? Sem nenhum problema. O negócio tá mais tipo em relação a minha família, que é mais, tipo, conservadora. A igreja vai se ajustando ao líder. Cada líder que entra ali, ele vai orientar o rebanho de uma forma diferente.*

A narrativa acima é de Ester, de 24 anos, que, para a igreja, deixou de ser jovem há três anos, idade com a qual se casa com Rubens, de 31. Adotada na infância por uma família de evangélicos composta por uma mulher, mãe solo, com quatro filhos, é a filha caçula. Formou-se em Gestão de Recursos Humanos e cursa atualmente Pedagogia. Integra três atividades na igreja, ocupando as funções de violinista da orquestra local, professora da EBD de uma das classes infantis e de integrante do grupo de gesto, um grupo composto apenas por meninas que, ao som de cânticos, fazem coreografias.

De acordo com Ester, seu vínculo com a igreja se constrói com base na dimensão da sociabilidade, um dos fatores que dá sentido à sua experiência religiosa, seguido da valorização da mensagem Pentecostal. A emoção, a efervescência, as pregações acaloradas, mas “comedidas”

desprovidas dos “gritos”, foram evidenciados como fator atrativo a Ester, favorecendo sua permanência na instituição.

*Ester: —Hoje eu não tenho não vontade de sair não da assembleia não. Certo, não, eu sou o pastor que tá. Eu até pensei em mudar, mas, porque assim, eu vou pra igreja pra receber a palavra, entendeu? E também lá eu tenho muitos amigos. É! Lá nós dois temos amigos. Eu tenho muitos amigos lá, entendeu? E tipo os conjuntos que eu também participo. O gesto, a orquestra, a EBD. Quando eu fui pra uma igreja Batista, a mensagem era muito calma. Eu lembro que eu fiquei com muita vontade de cochilar, entendeu? Eu, assim, o pastor falava e eu não conseguia prestar atenção.*

*Rubens: — Do jeitinho que eu mais gosto. (Risos)*

Criada em um lar conservador, Ester, aos 16 anos, por ocasião de viagens à casa de parentes em Junqueiro, município localizado no interior do estado, e visitas que fez à igreja AD/MM lá localizada, conheceu Rubens, um jovem que havia migrado há seis anos de uma igreja batista para a AD, o que tornou o perfil do mesmo aberto a usos e costumes divergentes em processo de naturalização na assembleia.

A ruptura da família de Rubens com a igreja batista se deveu ao que classificou como “tratamento agressivo” do pastor a seus membros. Foi aí que sua mãe resolveu “visitar” a AD, permanecendo então lá.

Ao namorar Ester e mediante a decisão de morar em Maceió, em uma casa alugada onde passou a morar sozinho, ainda durante o namoro, Rubens sempre a ajudava nas linhas de fuga às normas, em sua opinião, muito mais cobradas por sua mãe, do que pelo pastor em exercício na época. Sempre ocorria, ao ir trabalhar numa empresa de *telemarketing*, de a mesma colocar uma calça comprida na bolsa, indo do trabalho à faculdade. Na verdade, Ester, desde a infância sempre quis, conforme relatou, usar calça. O trabalho e os estudos foram subterfúgios e oportunidades para que ela fizesse os usos reprovados pela sua mãe, enquanto evangélica da geração mais antiga. Ester argumenta que se sente mais “normal” ao fazer usos de itens de vestuário destoantes das normas “mais rígidas” da igreja, mas ressaltou o quanto tem percebido uma zona de mais flexibilidade dentro da igreja, apesar de Rubem defender que o problema é que a igreja é composta por muitos velhos, membros antigos.

*— Logo no começo assim quando eu comecei a namorar com a Eliane eu andava muito apertado, muito arrochadinho... (risos) e o povo ficava olhando assim, aí foi fui deixando né? E a questão de bermuda na igreja, às vezes, sem ser culto, às vezes a pessoa vai lá, pra o ensaio, esperar a Ester. Não entra! Não entra não! Não entra porque ele não quer, entendeu? Dizem que não pode. A pessoa já fica com*

*receio. Agora sim, é... depende muito dos irmãos mais velhos, porque a igreja Assembleia, ela é cheia de irmãos mais velhos. Na Batista tem muitos jovens.*

O que conforta Ester é saber que eles não estão sozinhos, mas contam com a presença de outros membros que pensam igual a eles, pertencentes às novas gerações. Isso lhes oferece, conforme analisamos, um sentido de classe, de organização que potencializa “força” para estar lá, mediante o embate proporcionado pelo choque entre as gerações.

Sobre a sensação de “normalidade” mencionada durante a entrevista, Ester diz:

*Ester: — Às vezes é porque os pais não permitem. É. Por conta da tradição dos pais, mas eu acho que dentro deles tem aquela vontade. Eles queriam. É. Queriam usar uma causa aí pro colégio. Sentir mais normal entendeu? Mesmo quando eu era mais nova eu sempre tive vontade entendeu? De usar uma causa pra ir pro colégio. Eu também tinha essa vontade. Sempre. Tipo, é como eu falei: me senti normal, entendeu? E tipo tinha pessoas da minha igreja que estudavam comigo e os pais deixavam numa boa. E tipo, não é todo mundo que pensa dessa forma, é algumas pessoas mesmo.*

*Rubens: — Já vieram pregar no meu pé porque eu deixo ela usar. Aí eu digo: que foi? É a vontade dela.*

Rubens se refere, nesse momento, que sofre na igreja, por seu perfil mais “liberal”, uma “pressão”, por não exigir da esposa uma “sujeição mecânica” da mesma forma que outros homens na igreja, que costumam fazê-lo em prol do controle do corpo das mulheres, fazendo parecer que ele é desprovido de “pulso”, enquanto homem. Isso fica explícito na situação descrita a seguir:

*—Óia, acho que foi ano passado, eu acho. Aí minha mãe chamou o Rubens. Aí foi na hora que ela falou que ele devia botar mais pulso sobre mim. Aí ele comentou: Que tipo de pulso? Ela é livre e pode fazer o que quiser.*

Questionamos a Rubens se ele percebe uma zona de privilégio por ser homem:

*Pesquisadora: — Rubens,, você considera haver uma zona de privilégio maior que a Ester dentro da igreja, pelo fato de ser homem? Me fale um pouco sobre essa questão. No sentido se considera ser menos cobrado ou não.*

*Rubens: —É... eu vejo que pega no pé mais da mulher, entendeu? Assim, acredito que na igreja Assembleia ela é, sobre a questão da mulher, ela é um pouco preconceituosa. Machista. Acha que a mulher nem poderia subir no púlpito. Eles deixam claro porque que eles pensam assim porque Jesus só teve discípulos, entendeu? Homens. É mais os senhores mais antigos. Mas a gente vê que tem muitas mulheres de referência na bíblia.*

Ester: —*Enfim. Mas, assim, tem um versículo na Bíblia falando sobre o homem e a mulher, né? Que Jesus fala que o homem deve amar a a mulher e ela ser submissa ao marido, e o homem amar sua esposa, dando a sua vida por ela, entendeu? Ai a gente tava até um dia desses na escola bíblica, a gente conversando que Deus deixou o homem mais submisso à mulher do que até ela mesmo a ele porque o fato de dar a sua vida é uma inclinação muito maior né? Muito maior entendeu?*

As narrativas acima foram sequenciais. Ester complementou a fala de Rubens no momento em que conversávamos sobre submissão e privilégio em torno do gênero na AD. Note o leitor, que, mais uma vez, temos uma postura de “análise” e crítica aplicada à bíblia. A valorização do estudo da bíblia e o rompimento de uma leitura meramente literal podem ser evidenciados. Do ponto de vista da escolaridade, os quatro possuem nível superior, que parece influenciar no sentido argumentativo quanto à construção de suas experiências religiosas, independente se para reforçar o *habitus* assembleiano “tradicional” em seu núcleo duro, como no caso de Nínive, ou distanciar-se dele de modo mais evidente, como nos casos de Ester e Rubens.

Nesta perspectiva, se comparados ao primeiro casal que analisamos, Isaac e Madalena, fica nítido o desprendimento de *habitués* em Eliabe e Nínive e a posição de Rubens e Ester já distante do núcleo duro da instituição, sendo também marcante os processos de empoderamento individual nos dois casais.

Em se tratando do tipo de submissão que opera na relação de Nínive e Eliabe, de acordo com as observações durante o convívio, é aberto a Nínive uma larga margem de autonomia, proporcionando-a movimentar-se com mais fluidez dentro da lógica de submissão, mas, neste caso, ela fecha essa margem por entender que alguns usos, como o batom, ansiado por Eliabe, é um desvio de conduta cristã. Neste caso, poderíamos aqui falar de uma sujeição racional, embora Nínive comporte-se dentro da lógica da sujeição mecânica, acerca dos usos e costumes, que como já pontuamos, reveste-se de uma individualidade ressignificada aos moldes do núcleo duro da igreja, bastante presente em seu inconsciente.

Em se tratando da submissão, é possível perceber, no caso do último casal, que a mesma possui um significado muito mais espiritual do que prático, objetivo, na medida que os papéis homem / mulher posicionam-se com “aparente” igualdade tendo em vista o processo de socialização de Rubém fora da Assembleia, que se une ao contato “diferenciado” de Éster com as normas da instituição, mesmo já que faz parte de uma geração mais nova da AD/MM.

O conceito de *Contato original*, de Karl Mannheim (1987), auxilia no entendimento de como as novas gerações acessam a tradição que lhes é transmitida por sua linhagem, por seu círculo de convívio. Segundo o autor, o contato original é um fenômeno pelo qual os “novos indivíduos”, num contexto moderno são socializados com elementos “antigos”, mas passando a assimilar de modo diferenciado a tradição lhes transmitida. Podemos analisar que a maneira pela qual os elementos tradicionais serão internalizados e os efeitos dessa internalização serão também peculiares e também distintos entre as gerações, de acordo com os aspectos situacional e contextual.

Isso pode explicar o porquê, por exemplo, de Éster perceber como “não familiar” a preocupação considerada “exacerbada” com que se manifestam as imposições no ambiente familiar ou por ocasião de estar a congregação sob a gestão de um líder mais rígido, bem como seu questionamento desde a infância do porquê não poderia usar calça comprida. Para ela não fazia sentido, e ainda não faz.

Éster e Rubem veem como necessárias as mudanças, porque, segundo eles, “são outros tempos”. Nesse sentido, seria equivocado dizer que eles desnaturalizaram algumas regras e concepções que lhes foram passadas por familiares membros antigos, pois na verdade, é possível que, assim como pontua Mannheim (1987), nunca tenham internalizado o modelo tradicional que lhe foi apresentado.

No caso de Nínive, é perceptível que “mudanças” adquirem, em algumas práticas, uma conotação negativa. Em alguns momentos, tivemos a impressão que as não mudanças ou defesas de preservação são experienciadas com sofrimento, assim como também nos momentos em que defende que o corpo deve ser escondido. A sexualidade nos pareceu ser uma dificuldade para ela. No entanto, pelos limites formatados para este trabalho, não exploraremos esta questão, mas apenas aponta-la como possivelmente existente.

Por percebermos isto, em um determinado momento da entrevista, pedimos para Nínive desenhar o corpo masculino e feminino e nos dissesse logo após o que vê. A resposta de Nínive foi “sexo”, associando diretamente o corpo humano ao sexo. Em todo o seu discurso, Nínive defende que o corpo deve ser coberto com roupas que refletem “pudor”. Podemos pensar que como as dinâmicas de construção do desvio variam no tempo e no espaço, e ainda ao longo dos contextos e situações, as definições de pudor também possam ser vistas relacionalmente, embora um núcleo duro, ligado ao modelo originário de AD/MM atravesse as gerações.

Nínive e Eliabe estão mais próximos do núcleo supracitado do que a geração de Ester. Os três sujeitos oferecem indícios de que de que a socialização atravessada desde a infância até a idade adulta, produziu a internalização da normatividade assembleiana, embora desnaturalizadas, no caso de Eliabe, na idade adulta. No caso de Nínive, parece, como dissemos, que não ocorreu uma desnaturalização, mas uma ressignificação de práticas, do ponto de vista fundacional, no que se refere à relação entre o profano e o sagrado, como visto no caso do uso do esmalte branco e da calça comprida.

A intensidade com que o contato de Nínive e Eliabe com a tradição da AD parece ter ocorrido de forma mais intensa do que no observado no caso de Ester. A relativização de práticas relativas ao modelo originário dos usos e costumes assembleiano aponta para conflitos existenciais e experienciais decorrentes de terem sido criados nos moldes ‘tradicionais’ e depois se perceberem não tão ‘tradicionais’ como o esperado. No caso de Ester, que sempre foi da AD, não é perceptível esse conflito interno ou externo, deixando expresso, com clareza que ela não vê muito sentido na tentativa de imposição pelos líderes ou membros antigos das mesmas práticas relativas aos usos e costumes em que foram socializados para as novas gerações.

*Pesquisadora: — Você considera estar em desvio por praticar usos que membros antigos e sua mãe não concordam?*

*Ester: — Deus não iria fazer isso com a gente, entendeu? tipo ah... você tá usando uma calça, você vai pro inferno. Pra mim pecado é você mentir, ‘cê roubar, entendeu? Você magoar alguém, isso é pecado. Entendeu?*

*Rubens: — e às vezes, tipo, ficam frisando muito nessa tecla, acaba afastando as pessoas do verdadeiro evangelho.*

O aspecto geracional, junto à escolaridade de ambos parecem estar associados ao estranhamento em relação ao processo socializador que Ester e Rubens construíram, tanto na dimensão familiar, quanto religiosa, na igreja. Eles permanecem na AD por fatores tais como a sociabilidade, enxergando a igreja como muito mais que um espaço religioso, mas um lugar onde encontram os amigos; o emocionalismo e a efervescência Pentecostal. No entanto, eles experimentam a “intensidade” e a valorizam, mas consideram que ela deve ser experimentada agora através da plausibilização provida por argumentos lógicos, que contribuem para o sentido dado à experiência religiosa.

*Ester: — eu acho muito interessante é os assuntos abordados quando eles estudam; o que realmente aquele texto quis dizer, de fato, E não vem aquela mesma palavra de que, pô, ah, foi assim...! Não.*



*Tipo, esse pastor X mesmo, ou até o nosso pastor mesmo, eles estudam antes, aí a gente sabe o que significa essa palavra, o que Jesus quis dizer, entendeu? Então acho muito interessante. De acordo com o pregador também é. Tem muitos que usam a teologia para se beneficiarem, pra dizer que ele é o tal ali, entendeu? Na verdade, pra chamar a atenção. Eu penso assim, porque eu não gosto daquelas gritarias não. Agora sim, se for aquela teologia pra ficar dizendo, olhe meus irmãos veio do hebraico, veio de não sei o que, não sei o que, eu acho desnecessário. É desnecessário, é muita informação. Muita informação. Isso. É. Essa parte aí já num acho legal.*

Pesquisadora: —*Qual é a parte que é legal?*

Rubens: — *A parte que é legal é como a Ester falou, é o conhecimento, passar pra gente o conhecimento e não chegar lá e ficar se engrandecendo, falando difícil. E outra, você tem que saber falar na igreja porque tem vários níveis ali, tem pessoas que não estudaram, entendeu? Tem pessoas que mal terminaram a quarta série, então você não pode usar palavras tão difíceis porque nem todos vão entender. Mostrar o conhecimento, mas adequando ele a diferentes públicos.*

Diferentemente das gerações mais antigas em que se valorizava um tipo de mensagem verticalizada, descida da divindade até o líder, o pastor, conforme acreditam Isaac, Madalena e a mãe de Eliabe, os assembleianos “desconstruídos” esperam o entendimento daquilo que é disseminado nas “pregações”, objetivando a busca pelo sentido, para dar sentido às suas experiências religiosas, às suas ações.

*Nínive: — A Assembleia de Deus rejeitava os estudos. Já agora não. Eu entendo que pra você pregar a palavra de Deus você não precisa ser doutor, né? Você precisa pregar a palavra e ler e estudar pelo menos, né? Mas ultimamente graças a Deus tá vindo, é..., pastores que são doutores, que são profissionais. Porque tinha irmãos que nem se preocupavam em estudar a fundo o texto. Aí já vinha dizer aleluia, glória a Deus, pronto. De repente, no final, cadê a mensagem? Tá entendendo? Então é essa preocupação do pastor atual.*

A economia dos bens religiosos costuma funcionar, da mesma forma que em outras esferas, como a puramente econômica, sob o efeito da relação entre oferta e demanda. Temos, cada vez mais, no interior das congregações a valorização do conhecimento, tanto dos pastores/pregadores, quanto em termos do incentivo às novas gerações para que estudem e façam universidade. Tendencialmente, é possível que cada vez mais “as revelações” ‘desinformadas’ percam a força, assim como já está ocorrendo. A partir dos membros com quem tivemos contato, ficou evidente como a prática da pregação ‘sem conteúdo’, com

argumentação considerada fraca tem sido rejeitada, expressa pela descrença dos fiéis que as descrevem, de modo desqualificador, como “profetadas”. Nas entrevistas observamos uma tendência na direção de uma atitude de esperar que o que não passa pela formulação místico-racionalizante, perde o poder de conquistar a aceitabilidade dos fiéis mais instruídos.

*Rubens: —Teve um tempo que eu, assim, quando eu tava voltando da igreja eu recebi até uma profetada, como dizem: “Você vai ser um missionário, óia? Foi. Dizendo que eu tinha um chamado. Mas missão você não pode fazer em qualquer lugar? É em qualquer lugar. Não qualquer lugar que você for. Assim, se você for com pouca criticidade, já vai colocar, pronto, na cabeça: agora eu vou ter que ser mesmo o que o pastor disse que eu ia ser.*

Da mesma forma que as revelações e pregações percebidas como carentes de estudo prévio perdem a credibilidade, a imposição de usos como o da proibição de cosméticos e trajas considerados como “desvios” são objetos de questionamento de jovens, como no caso de Ester, cuja percepção destoa das mulheres de gerações mais antigas.

*Pesquisadora: —Ester, muito curioso, assim, ver as tuas fotos nas redes sociais. Eu vejo que tem dois cenários lá completamente distintos, tipo assim, quando você tá com a sua família e quando você tá na igreja.*

*Ester: a minha mãe, a maioria dessas fotos, a minha mãe não vê porque ela não tem Instagram. Mas sempre tem alguém que vai e mostra a ela. Já aconteceu de alguém da igreja perguntar a ela bem assim: “a sua filha tá desviada, é? Aí lá vai minha mãe, meu Deus! O que é Instagram? O que é Instagram? E procurou o meu primo, aí falou: “meu filho, você tem Instagram? Você sabe o que é? Aí ele pegou e mostrou meu Instagram pra ela, né? Aí ela viu minhas fotos, aí ela me chamou pra conversar, e chamou o Rubens. Depois de casado já. Acho que foi ano passado, eu acho. Aí chamou o Rubens. Aí foi na hora que ela falou que ele devia botar mais pulso em mim.*

Da mesma forma que acontece com Ester e Rubens, outro jovem que entrevistamos disse enfrentar coisas semelhantes, decorrentes do embate entre novos e velhos assembleianos. Aqui o chamaremos de Paulo. O mesmo tem 21 anos e é formado em Música. Nascido em lar “evangélico”, é filho de pastor e afirma que é bastante observado pelos membros das igrejas por onde acompanha seu pai.

Paulo sempre foi apaixonado por música, desde a adolescência, adquirindo este gosto na igreja. Aos 16 anos, já tocava não somente na AD, mas em outras igrejas, com a banda musical que integrava. Aos poucos, ainda com essa idade, afirmou que por observação,

começou a ver com estranhamento o fato de que em outras igrejas os ‘usos e costumes’ serem diferentes, mas ainda assim sentir Deus, se sentir bem. Foi aí que narra que iniciaram os questionamentos:

*Paulo: — eu comecei a pensar porque eu vou em uma igreja eu sinto que Deus tá ali, todo mundo tá ali barbado, as minas tão de calça, de brinco e eu sinto que Deus tá ali; e porque na Assembleia de Deus condenam isso numa forma que parece que você vai direto pro inferno? Aí comecei a pesquisar. Comecei a buscar e tive essa experiência muito cedo de rodar muito... eu rodei Alagoas todinha tocando igrejas diferentes e tal, e comecei a pensar que tava alguma coisa errada e foi aí que comecei a estudar e tal e aí conheci essa questão dos usos e costumes, que eu via mas não tinha esse conhecimento que na igreja tinha usos e costumes. Eu não conhecia esse conceito e aí foi quando eu, é, comecei a bater de frente com muita coisa. Não falando só na minha cabeça da igreja. Eu via lá, meu Deus, uma menina com a saia curtíssima, curtíssima, curtíssima...mas sei lá, um dia antes eu tava jogando bola de short, obviamente na rua e o irmão passou e sei lá falou: “ah, pode não, pode usar bermuda não”. Eu ficava, meu Deus, como assim? Uma bermuda fechada que não mostra absolutamente nada, jogando bola na rua, uma um lazer, uma criança praticamente, um adolescente... e uma menina que tá dentro da igreja com a saia curta, que dá pra ver tudo.*

Durante a entrevista, Paulo demonstrou incômodo com a despadronização emergente da AD/MM, que gera uma desorganização, contradições e cobranças que julga não fazerem sentido. No caso do uso da saia “curta” criticada por ele, evidencia-se muito mais uma crítica de a mesma ser aceita por ser “saia”, dando a ideia de “não importa como” comparada ao uso de bermuda. A falta de sentido, advinda para ele da diversidade de práticas eventualmente reconhecidas em muitos momentos é trazida ao debate, à crítica. Paulo não apenas quer identificar o sentido das práticas, mas exige esse sentido quando cobrado ou repreendido por usar barba.

*Paulo: — aí você tem aquele cuidado todinho com a baba. Você chega na igreja e o cara vem e fala pra você que tá errado. Não tem lógica! É uma coisa que eu comecei a bater de frente a partir de meus dezesseis anos foi a questão da barba. Comecei a usar barba e já comecei a receber crítica. Aí eu percebi que muitos pastores e presbíteros e tal usavam bigode. Porque ficou o mesmo, a mesma pessoa que dizia, Paulo, tira essa barba e não sei o porquê usava um bigode horrível, um grande! Aquele bigode grosso, feio. Eu dizia, cara, qual é a lógica disso? Não tem lógica! É o que eu tô dizendo desde o começo dessa conversa. A minha questão, minha briga é*

*questão de lógica. Tudo que eu penso é baseado em lógica. Eu sempre vou comparar uma coisa a outra, e eu nunca vi lógica nisso! Teve um pastor que teve coragem de dizer Paulo tira a barba e deixa o bigode, aí eu disse como assim pastor? Ele: “Sim! É não porque os costumes da Assembleia de Deus e não sei o que...” Eu falei ah tá, eu é pecado ou errado eu deixar cabelo aqui (na área acima dos lábios superiores) mas não é pecado deixar o cabelo aqui (na região abaixo dos lábios inferiores e ao longo da mandíbula). Falei: “não pastor, perai! O senhor tá me dizendo que eu não posso deixar cabelo aqui, mas eu posso deixar aqui. Alguns centímetros de diferença? Ele: “é não, é porque a Assembleia de Deus fala...” “Não, pastor, o senhor tá errado. Eu sinto muito! Aí foi uma briga... Tive que sair da igreja por conta disso, porque ele se sentiu.*

Observe o leitor que Paulo constrói uma experiência religiosa conflituosa com membros antigos da AD/MM por não aceitar “verticalmente” a norma informal operante, como evidenciado na interdição do uso da barba. Alguns membros, segundo ele, cobram o comportamento diretamente ao pai dele, que há algum tempo passou a ser pastor, e consequentemente, o pastor dele. Entretanto, conforme nos relatou, seu pai sempre informa aos membros que está seguindo a mesma dinâmica da sede, o que faz com que a reação desses membros seja contida.

De modo geral, Paulo diz que é estigmatizado por ser músico, informando que os membros fazem uma relação direta entre isso e “ter uma mente propensa para ‘desvios’”. A rotulação, conforme Becker (2008), ocorre em razão da legitimidade atribuída a regras construídas por um grupo dominante na AD/MM. Nesse cenário, onde usar barba e bermuda é um desvio, Paulo se mantém reativo e adota uma postura de enfrentamento.

*Paulo: —Eu converso com essa pessoa e essa pessoa não tem um conhecimento, base pra debater comigo. Daí não fico calado. O pastor ele tem que ter argumentos que tenham lógica, para ter o que me ensinar. Se ele não sabe me ensinar eu vou bater de frente. Foi aí que eu bati de frente, falei: “pastor eu quero que o senhor abra a Bíblia agora, (muita gente olhando no final do culto), eu quero que o senhor abra a Bíblia agora e me prove que eu não posso usar essa barba. Ou isso é isso é conversa? Eu vinha de casa do Benedito Bentes, longe! “Venho de ônibus, gasto passagem, gasto dinheiro com comida. Mas aí eu entro com o saxofone pesado, com um monte de coisa. Eu venho com essa bolsa, com esse sax pesado. Tem vez que eu venho pra cá de tarde pra ensaiar, eu passo a tarde toda ensaiando com fome e toco a noite com o maior amor e prazer do mundo e a igreja nunca*

*na vida me deu um real. Então, ok, eu entendo se o senhor não quiser que eu continue aqui ok? mas a questão é que, tipo, é a minha profissão e a profissão que eu quero pra minha vida. Então se eu toda vez que houver alguma coisa dessas eu baixar a cabeça e apenas obedecer, sem base nenhuma, eu vou me ferrar completamente o meu pensamento, né? Então eu disse: “pastor, o senhor está errado. Me perdoe se eu estou errado e enquanto o senhor não tiver uma base pra debater comigo sobre isso, bíblica, eu não volto mais aqui. Pronto. Nunca mais eu voltei e ele nunca mais falou nada e até hoje as pessoas falam disso de lá os colegas de da orquestra de lá falam sobre isso que eles dizem: “Paulo, você foi o único até hoje que teve coragem de debater com ele”. Hoje ele não tá mais lá, ele saiu, mas ele passou acho que questão de acho que ele passou umas cinco horas lá. Bem recente, passou cinco anos lá e ninguém aguentava mais. Só que ninguém teve coragem de de enfrentar ele e até hoje.*

Paulo e Ester são da mesma geração, uma que começa a experimentar o *contato original* (conforme MANNHEIM, 1789) a partir de uma atitude que considera arbitrarias algumas imposições tradicionais legitimadas de geração a geração. Note que, a partir da fala de Paulo, não apenas ele, mas outros jovens também reconhecem e se inserem no registro conflituoso com que se configura a noção hegemônica de ‘desvio’ na AD/MM. Os assembleianos mais jovens tendem a não perceber como pecado ter barba ou usar bermuda, enquanto que os mais velhos, tendencialmente, consideram esses usos como ‘desvios’.

A posição institucional de filho de pastor e músico insere Paulo em uma zona de ambiguidade. Alguns pensam que, por ele ser o filho do pastor, os usos considerados não exemplares são tolerados pelo pai. Outros, percebem que a resistência de Paulo não se deve a privilégios, mas por defender o que acredita. Paulo relatou que quando está na igreja em que seu pai é seu pastor procura separar os papéis. O fato de ser filho de pastor, coloca sobre Paulo uma coerção maior do que seria colocada sobre um jovem filho de outro membro qualquer. A posição de filho de pastor torna-o um alvo de mais pressão para a “exemplaridade”. A representação social que o grupo faz de ‘músico’ ativa uma expectativa de comportamentos mais livres.

Além do uso da barba, da bermuda e, muitas vezes, do cabelo “alto”, “cheio”, outros usos são problematizados por Paulo como “normais”, dentro de uma concepção racional, como é o caso do uso de brinco e de tatuagem:

*Aí eu vou entrar em outra agora: a questão que eu também bato muito, a questão da tatuagem. Eu não tenho tatuagem e não sou contra a tatuagem,*

*até porque eu sou muito, muito de boa, muito de boa em relação a isso. Brinco, que que cê acha do brinco pra homem? Pra mim é questão de exagero. Usar um brinco tipo, um desse aí, uma argolinha e tal, eu não vejo problema nenhum até porque eu conheço homens que usam brinco que são dez mil vezes mais cristãos, mais crentes do que homens que são aqueles homens de terno e gravata. Eu não vou lembrar agora, mas que falam que “não marque seu corpo”... Se você for ler o contexto completo na bíblia não tem nada a ver com tatuagem. Não tem absolutamente nada a ver com tatuagem.*

*Eles marcavam o corpo com algo propósito que eles tinham naquele tempo, não lembro o que era. E aí? E aí? Brinco por exemplo, mutilação, né? Num tem lógica. E a questão da tatuagem, o único versículo que fala sobre tatuagem é esse, e esse versículo não é sobre tatuagem. Então, não tem lógica.*

*e aí, se a pessoa se aprofundar muito nessa questão da tatuagem você vai ver que não tem nenhum problema. É a questão do de você ter a sabedoria. Se eu, ah... não preciso botar uma tatuagem aqui e fizer a tatuagem no meu braço, o Satanás, aí obviamente eu estaria errado. Obviamente estaria errado. Mas se eu faço tatuagem, sei lá, vou ter um filho, boto nome do meu filho aqui no meu braço. Eu vou estar errado? Eu não considero que eu estou errado. Eu acho que tem uma coisa tão vaga e aí as pessoas, elas batem muito em uma questão e não percebem que esquecem outras várias questões. Porque a beleza, o brinco, ah, brinco é mutilação, tatuagem, tá modificando o corpo. Ah, beleza. Aí você nasce, cresce com os dente tudo troncho e aí você vai ter que botar aparelho. Então quer dizer que o aparelho é um é um tipo de mutilação, um tipo de mudança de corpo também, se você vai ah... eu tô com sei lá você que faz tem alguma coisa no corpo que não lhe faz bem, você precisa ajeitar e tal... e você vai mexer no seu corpo, você tá mexendo no seu corpo, então não tem uma lógica. Eu não consigo olhar a lógica disso, não consegui também uma lógica desse povo que mexe em algumas coisas do corpo, achando normal, mas falam de outras coisas, mas esquecem que fazem essas coisas que pra eles é normal, que pra mim é a mesma coisa.*

O exemplo do vivenciado por Paulo indica que, que há um estremecimento da ortodoxia não apenas, mas fortemente, por via das novas gerações, que se localizam longe do núcleo duro da instituição, formulando de forma distinta a tradição da AD, inclusive ao terem acesso a uma maior escolaridade, cada vez mais incentivada pela própria instituição.

Retomando a posição de Isaac dentro do sistema cultural da igreja, vimos que ele se sente deslocado, como se não houvesse espaço, encaixe, por não reconhecer os novos elementos culturais, as mudanças provenientes dos afrouxamentos da norma na década de 1990, e as modificações informais constantemente observadas. Por outro lado, o leitor viu que, em razão de fatores de modernização, Isaac relatou que o que tem para oferecer como “líder” não seria aceito na atualidade, pois vai contra as mudanças que, na sua concepção, atingem o que “deus” é.

Curiosamente, as gerações se posicionam dentro do sistema, como se ao mesmo tempo tivesse espaço e lhe coubessem, mas ao mesmo tempo, precisam conquistar a partir da resistência, um lugar. Uma consciência de faixa etária é gerada. Conforme disse Ester, “*não estamos sozinhos*”, o que dá margem de força para que as novas individualidades sejam desenvolvidas. Nos referimos a “novas” em razão da existência de individualidades “intermediárias” como consideramos aqui o estágio em que se encontra Nínive, um tipo de assembleiano nem totalmente preso ao núcleo, nem totalmente desprendido dele, ou da socialização experienciada nos moldes desse núcleo, já que sua geração dista consideravelmente da gênese assembleiana.

Nessa perspectiva, é como se estivéssemos falando em termos biológicos de processos de divisão celular, que ocasionam, por sua vez, as transformações que lhes são próprias. Nessa linha, consideramos que o sistema cultural da AD/MM passa constantemente por transformações, e as variáveis gênero e geração incidem no esboço das tendências para as transformações

Secundariamente, mas não de modo menos importante, a escolaridade, a posição institucional e o tipo de comunidade considerada – observando-se uma tendência a níveis maiores de coerção quanto mais periféricas e menores forem as congregações –, incidem sobre as dinâmicas de reprodução do sistema sociocultural assembleiano e nas definições do que será visto como práticas desviantes e exemplares.

## Considerações finais

A partir dos dados de campo apresentados e analisados sob à luz das abordagens teóricas escolhidas, consideramos que a igreja AD/MM, como um “sistema cultural”, tem sido perpassada por um processo de transformação que tem como fator potencial um processo de racionalização e individualização por meio do *processo social* em constante emergência, próprio nas sociedades ocidentais, cujas individualidades se desenvolvem e se tornam operantes, o que ativa mecanismos de reorganização e remodelação desse sistema, inicialmente constituído por estruturas por assim dizer, “duras”, “ortodoxas”, mas que em razão da presença de novas demandas das “individualidades”, que resultam nos novos e distintos modelos assembleinaios, que, principalmente perseguem a busca do sentido das ofertas simbólicas da fé, é tensionado ao afrouxamento, no intuito de “resolver” e lidar com as novas demandas, inevitavelmente, reordenando o seu sistema.

A dinâmica potencializada pelo *processo social* que coloca as individualidades em evidência tem, tendencialmente, tornado as experiências dos indivíduos na igreja cada vez mais diversificadas, expressas pela relativização da exemplaridade e / ou desviância em torno dos usos e costumes legitimados pela igreja em seu regimento interno, em sua doutrina, e ainda por via informal, de acordo com o perfil da igreja. Diante disso, o processo de rotulação é construído por diferentes variantes, sejam elas geracionais, de gênero, de nível instrucional, em relação à posição institucional e tipo de comunidade, considerando sua localização geográfica e fator sócio-econômico.

Os dados de campo analisados mostram que a dimensão geracional influencia diretamente o processo de desprendimentos de *habituses* em indivíduos socializados em um momento histórico em que as pedagogias familiares e institucionais eram mais coercitivas, diferentemente do que acontece com as gerações atuais em que não podemos falar em desprendimento, mas em “posição” e “localização” que produz o estranhamento de elementos normativos ortodoxos anteriores, já que nem se localizam perto do núcleo e ainda foram socializados por pedagogias mais “frouxas” ou que perdem sua eficácia, no caso da existência concomitante de modelos familiares conservadores. Neste caso, as rupturas têm convivido com as continuidades.

A análise das experiências dos membros escolhidos para compor nossa amostra, revelou três modalidades de (re)configuração do sistema da igreja. Na primeira delas, a partir do casal mais antigo, é nítida uma experiência religiosa que possui moldes que perseguem a



“exatidão” de condutas pela ausência de criticidade. Neste período geracional, nos anos 40-50 as mensagens religiosas ortodoxas eram mais “eficazes” em sua aplicabilidade e internalização pelos membros. Isso é expresso pelo comportamento evidenciado durante as observações e pelas narrativas dos membros entrevistados enquadrados neste período.

Na segunda modalidade que expressa uma “re”configuração no “sistema cultural assembleiano” identificamos uma experiência religiosa mais complexa, onde é perceptível uma tentativa pelos atores de equacionar, “desta vez” a construção autônoma de suas concepções em torno da norma, frente a contrastes em relação a socialização conservadora que receberam. Evidenciamos o desabrochar de novos elementos culturais, desta vez, heterodoxos, aglutinados, produzidos pelo afrouxamento de um “eu-nós” presente em toda a sociedade e suas instituições, potencializando desta forma, o questionamento de padrões ortodoxos. Neste período, nas décadas de 80-90, destacamos o pluralismo religioso ocorrido, que potencializou alterações, até mesmo, na resolução original da igreja, formulada na década de 1970.

Por fim, temos as gerações bem próximas e nascidas nos anos 2000, em que podemos evidenciar um desconhecimento e estranhamento de padrões ortodoxos anteriormente aceitos até mesmo pelas gerações dos anos 80-90, quando algumas “imposições” sem críticas, ainda se sustentavam quanto aos usos e costumes. Nas gerações atuais, nota-se uma alta medida de autonomia em relação às construções em torno de si e do que consideram *exemplar*, ainda que sobrevivam, já que é um processo, alguns elementos antigos retidos pelo processo de socialização familiar, mas de modo menos rígido e menos abrangentes.

“Linhas de fuga” são ativadas pelas gerações mais jovens no embate com as gerações anteriores, como mecanismos para moldar a experiência religiosa no formato que julgam ser saudável e fazer sentido e, ao mesmo tempo, conter o choque/atrito com membros antigos principalmente os pertencentes ao rol de familiares.

Na expressão emergente das individualidades que se contrapõem ao “nós” originário, é perceptível a valorização da ciência e dos estudos teológicos, vistos como que cumprem a função de tornar esclarecedor o sentido das mensagens e de padrões de usos pelas novas gerações, que têm, cada vez mais, buscado construir suas percepções em torno dessa questão de forma protagonista, sem a interferência dos seus líderes religiosos e da família.

O processo social da emergência de individualidades, curiosamente, ativa reconfigurações poderosas que são capazes de colocar, subjetivamente, “às margens” do sistema, membros ortodoxos que têm, cada vez mais, se sentido “fora” dos laços sociais coesos, anteriormente, valorizados, trazendo agora para o centro do sistema, um modelo de religiosidade e de membros cuja composição é a heterodoxia, expressa por uma maior margem para a construção de percepções quanto aos padrões objetivos de usos e costumes, e mesmo quanto a sua experiência religiosa subjetiva, na recepção das pregações. Com isso, membros e lideranças se movem a uma inclinação de ajustamento, onde oferta e demanda são equalizadas em razão das novas necessidades dos fiéis que passam a agenciar o sistema na atualidade.

## Referências

- AGIER, M. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *In: Mana* (Rio de Janeiro. Online), nº 7, ano (2), p.7-33, 2001.
- ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- BANDINI, Claudirene Aparecida de Paula. Religião e relações de Gênero: Um olhar sobre as transformações de identidades e práticas sociais de líderes femininas pentecostais. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, ano.II, n.5. Set.2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.
- BECKER, Howard S. **Outsiders**. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 [1963]
- BECKER, Howard. “Falando da sociedade”. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Huicitec, 1993.
- Bíblia de Estudo PENTECOSTAL**, versão Revista e Corregida, por João Ferreira de Almeida, Editora CPAD (1995).
- BIRMAN, Patrícia. O Espírito Santo, a mídia e o território dos crentes. *In: Ciências sociais e Religião/Ciências Sociales y Religiión*. V. 8, p. 41-62, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. A economia dos bens simbólicos. *In: Bourdieu, Pierre. Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. 11ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2011. 157-194.
- BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo. *In: O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um Século de Conflitos, Assimilação e Mudanças (Pentecostalism and “Historical” Protestantism in Brazil: onecenturyofconflicts, assimilationandchanges. *HORIZONTERevista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 9, n. 22, p. 504-533, 2011.
- CARVALHO, Virgínia Donizete; BORGES, Livia de Oliveira; RÊGO, Denise Pereira. Interacionismo simbólico: Origens, pressupostos e contribuições aos estudos em psicologia social. *Psicologia, ciência e profissão*, 2010, 30 (1), 146-161.
- Censo Brasileiro de 1990 A 2010**. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (**IBGE**). Documentação do **Censo 2010**.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

- DAMATTA, Roberto. **O Ofício do Etnólogo ou como ter *anthropological blues***. Rio de Janeiro: Boletim do Museu Nacional, 1978.
- DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. [Tradução de Paulo Neves]. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.
- FONSECA, André Dioneu. **Identidade, prática e representação**: reflexões sobre a contribuição da Nova História Cultural ao estudo do movimento pentecostal. Outros Tempos, Volume 7, nº 9, julho de 2010 – Dossiê estudos de gênero.
- FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. *In: Foucault, Michel. Vigiar e Punir*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo no Brasil. A Assembleia de Deus. *In: Nem anjos nem demônios*: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis. Vozes, 1989.
- GUERRIERO, Silas. A atualidade da teoria da religião de Durkheim e sua aplicabilidade no estudo das novas espiritualidades. *In: Estudos de religião*. V. 26, p. 11-26, 2012.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 6º. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HEGEL, G.W. F. **Princípios da Filosofia do Direito**. S. Paulo, Martins Fontes, 2000.
- LA BOÉTIE, Étienne de. **Discurso da servidão voluntária**. Tradução de Casemiro Linarth. São Paulo: Martin Claret, 2009. Título original: Discours de la servitude volontaire.
- LAHIRE, B. Esboço de uma teoria do ator plural. *In: O homem Plural*: os determinantes da ação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- LAHIRE, B. Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. *In Sociologia, Problemas e Práticas*, Nº 49, 2005, pp. 11-42.
- LEACH, Edmund R. **Sistemas Políticos da Alta Birmânia** - Um Estudo da Estrutura Social Kachin. SP: Edusp, [1954] 1996.
- LIMA, Rita de Cássia Pereira. Sociologia do desvio e interacionismo. *In: Tempo Social*. V. 13, p. 185-201, 2001.
- LOPES, Marcelo. **Metanoia pentecostal**: sinais de uma primavera educacional nas Igrejas da Assembléia de Deus no Brasil. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG, 2018.

- MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico Ocidental. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. *In: FORACCHI, Marialice Mencarini (org.). Sociologia*. São Paulo: Ed. Ática, 1982.
- MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. *In: FORACCHI, Marialice Mencarini (org.). Sociologia*. São Paulo: Ed. Ática, 1982.
- MARIANO, Ricardo Mariano. Entrevista publicada em **O Estado de S. Paulo**, 13-11-2017.
- MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. *In: Rever – Revista de Estudos da Religião*, dez., 2008, pp.68-95.
- MARINHO, Noélia Nunes. **A experiência de ser jovem e mulher em uma igreja tradicional protestante**. Dissertação. (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais, Maceió, 2017.
- MARTINS, Eduardo Simões. O medo como fonte de persuasão, manutenção e crescimento dos neopentecostais. *In: Kínesis*, Vol. I, nº 02, p. 22 – 34, 2009.
- MAUSS, M. 1974 Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *In: Sociologia e Antropologia*. V. II. São Paulo: Edusp.
- MENDONÇA, Antonio Gouveia. A Experiência Religiosa e a Institucionalização da Religião. *In: Estudos Avançados*. V.18. Nº 52. p. 29-46. São Paulo: 2004.
- NOVAES, Regina. C. R. Religião e política: Sincretismos entre alunos de Ciências Sociais. *In: Comunicações do ISER*, Nº 45, 1994, p.62-74.
- OLIVEIRA, Rok Sônia Naiária. A indumentária e os usos e costumes defendidos pela igreja Assembleia de Deus (1975-1999). *In: Conhecimento histórico e diálogo social*, Natal, 2013, pp. 1-13.
- PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. *In: ALMEIDA, Isabel Mendes de & EUGENIO, Fernanda (orgs). Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª. Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, pp. 1-15.
- Resolução de Santo André. Transcrição integral *In: DANIEL, 2004. P. 438*.
- Resolução do 5º ELAD, publicada na revista Obreiro Nº 11 de junho de 2000. Transcrição integral *In: DANIEL, 2004. p. 579*.
- SCHUTZ, A. 1979. **Fenomenologia e relações sociais**. 1ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979.

SOUSA, Bertone de Oliveira. Religião e negação da Modernidade: A leitura Fundamentalista da Bíblia nas revistas de Escola Bíblica Dominical da Assembleia de Deus. *In: Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010.

SOUSA, Sandra Duarte de. Religião e identidades de gênero. *In: Revista religião e sociedade na américa Latina*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2017, pp. 15-21.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. *In: COHN, G. (org.). Coleção Grandes Cientistas Sociais - Weber*. São Paulo, Editora Ática, 2004.

WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. *In: COHN, G. (org.). Coleção Grandes Cientistas Sociais - Weber*. São Paulo, Editora Ática, 2004.

WEBER, Max. **Sociologia da dominação**: Estruturas e funcionamento da dominação. *In:*

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**, v. 2. Brasília/DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 1999.

WEISS, Raquel. Durkheim e as formas elementares da vida religiosa. *In: Debates do NER*, N. 22, p. 95-119, 2012.

WERNET, Augustin. **A Igreja Paulista no Século XIX**. São Paulo: Ática, 1987.